

Maria das Graças Tavares Rodrigues

ANEXO AO PROCESSO Nº 261/97 - CM

DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM: 25/10/2001

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A Subjetividade Invertida O "Sumiço da Flor" na Teia
Semiótica da Episteme Cognitiva. A Realidade
Representacional na Escrita de Crianças

Tomo II

Marília
2001



Maria das Graças Tavares Rodrigues

A SUBJETIVIDADE INVERTIDA: O “SUMIÇO
DA FLOR” NA TEIA SEMIÓTICA DA EPISTEME
COGNITIVA. A REALIDADE REPRESENTACIONAL NA
ESCRITA DE CRIANÇAS

Tomo II

Orientador: Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira

Marília

2001

1410001323



Parte 3

Resultados e discussão



FIG. 1. EL INTERIOR DE LA TIERRA, SEGÚN LAS IDEAS DEL SIGLO XVII. Grabado antiguo que representa lo que su autor llamaba sistema ideal de canales hidragogos subterráneos y de hidrofilacios, reproducido de la obra de A. KIRCHER, *Mundus subterraneus*, publicada en Amsterdam en 1664

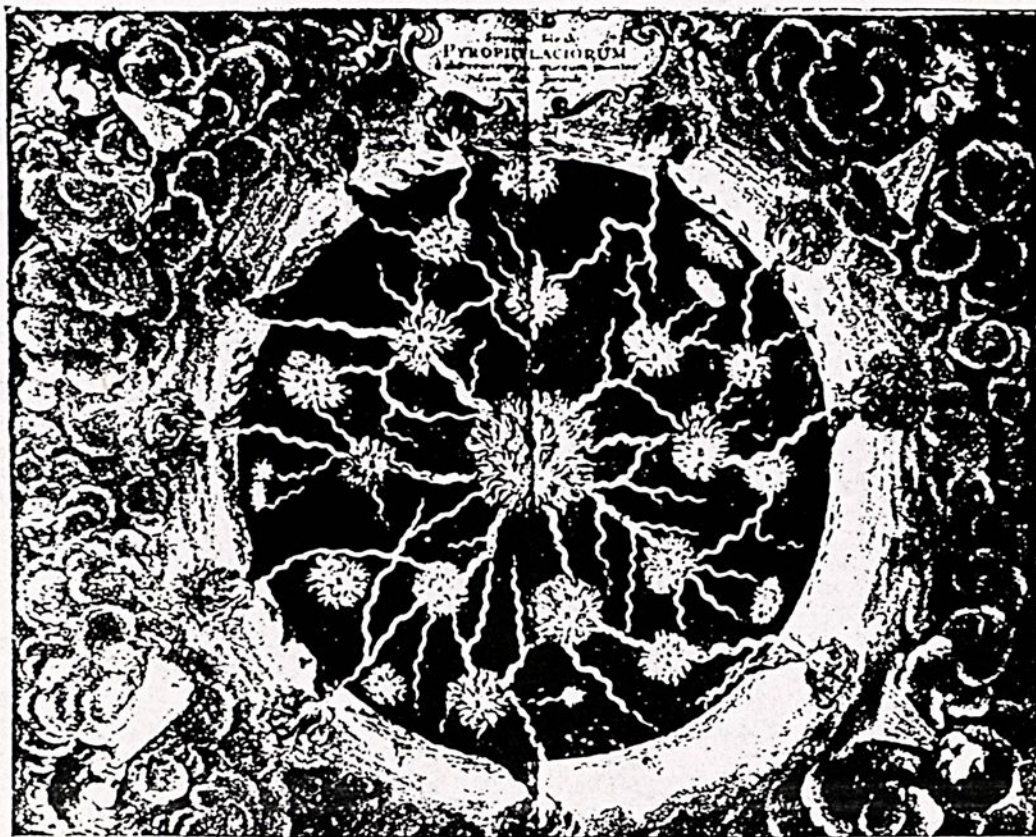


FIG. 2. EL INTERIOR DE LA TIERRA, SEGÚN LAS IDEAS DEL SIGLO XVII. De la misma obra, este grabado nos muestra el sistema ideal de los llamados pirofilacios, cavernas dilatadas, llenas de fuego, que se suponía existentes en el interior de nuestro Planeta, con múltiples ramificaciones, y cuya manifestación exterior eran los volcanes

Apreensão de signos simbólicos como possibilidade de transcriptanalíticas

Sistematizando os procedimentos de análise dos textos temos por considerar como agentes construtores da presente investigação: o produtor da pesquisa a demandar a atividade escrita dos pequenos autores, representados por crianças em desenvolvimento escolar, em seu ambiente e experiência cotidiana de leitura e aprendizagem e em intertextualidade, correlata o leitor crítico, o pesquisador.

A abordagem dos textos estabeleceu-se, segundo se projetou na introdução, com um delineamento que valoriza os novos aspectos dos estudos com resultados de procedimentos retrospectivos, possibilidades realizadoras com que surgiram dos textos de crianças de sete a oito anos, considerados em suas expressões afetivas e cognitivas, sob a gramaticalidade de um discurso que se mostrou em modalidade de linguagem mais rural que urbana, focalizando conteúdos com pregnância no domínio da ecologia.

Os aspectos de similaridade, encontrados ao plano das inferências no nível de hipóteses, em condutas de linguagem, importaram, reconhecidamente, potencializados aos reconhecimentos e na possível aproximação com aquelas tendências psicológicas, as quais, segundo os estudos clínicos modificados de Piaget, espontaneamente se manifestam em crianças de 7 a 8 anos, naquele período de desenvolvimento ulterior.

O período em questão, correspondente ao operatório concreto, apresentou-se, destacadamente, naquele trabalho, ao caráter de prevalência nas formas de linguagem, a intensidade coercitiva da heteronomia nas regras, e em funções das decalagens cognitivas, traços de transdução e finalismo, resquícios, do período pré-operatório e do egocentrismo intelectual o qual, à concepção evolutiva conceitual, ante qualquer aprendizagem nova grassa o período seqüente do raciocínio operatório.

Verificaram-se em algumas crianças traços da dimensão dialógica do pensamento, a fala interior em franca atividade de aproximação cognitiva do eu com a própria alteridade. Evidenciou-se uma ordem temporal que, ao mesmo tempo



individual sugeriria a epistêmica, porque referenciada na língua local, para ressignificar como uma modalidade de representação de esquemas de linguagem inerente ao originalmente consensual também no plano coletivo face e solução da equivocidade a surgir da modalidade mais técnica. Em que pesem fatores de reverberação social de processo evolutivos, envolvendo a possibilidade de cofocalizar o nível diacrônico ao sincrônico à língua portuguesa, também em uma ordem de singularização, ao mesmo tempo ao caráter apelativo e constataativo à existência, enfim à condição aos limites da consciência face à alteração necessária naquela qualidade e sentimento lingüístico.

A questão imediata que se projetou da leitura intensiva dos textos das crianças de 9 a 12 anos foi a dificuldade de buscar argumentos explicativos para as necessidades vinculadas a uma significação, em uma base mais complexamente distensiva. Para essa aproximação, promoveu-se uma revisão em fundamentos pertinentes à questão da inteligibilidade, a uma incursão nos aspectos acadêmicos e semânticos da linguagem mais específicos em domínios correlatos para uma prospecção apreciativa dessa questão, enquanto implique um referencial de filiação ontológica na interpretação da realidade. Para realizar minimamente essa tarefa complexa, na interpenetração das relações com esse objeto exigiu-se um dimensionamento heurístico baseado nas estratégias criptoanalíticas, destacadas por Roman Jakobson como pertinentes aos modos lógicos decifrativos do simbolismo inerente, e excedente à atividade nas realizações organizadora realizações da linguagem nas transcodificações. (JAKOBSON, 1972)

Jakobson ressaltou, na complexidade do exercício de conjugar aspectos para determinação da natureza semiótica da linguagem, algumas linhas projetivas a serem positivamente adotadas em estudos lingüísticos. Da sua posição teórica de um binarismo opositivo básico, pode se definir significativamente um espaço de percepção. Da natureza de uma estrutura ativa constituidora de possibilidades conceituais de entrada em representações pelo pensamento, vão dando-se significações em nível injuntivo, podendo ser ressaltadas como presença ou ausência de algo. Tais restrições permitem uma posição focal objetiva para suportar a análise dos textos quanto aos possíveis indicadores de conjunto de significados, isolando-se tendências dessas materializações e analisando-as como possibilidades de transcodificação.



Observando-se os níveis de completude em que se manifestam, à percepção da sucessividade às manifestações lingüísticas admitidas, como alguns percursos recortados à ação organizadora, como dimensões sýgnicas exteriores, em progressão realizativa levam a outras possíveis regularidades, mantidas ocultas mas consistem nos esquemas operacionais, as quais, contudo, podem ser tratadas nessa vinculação, por sua natureza coesiva. O pensamento verbal tomado conforme os critérios da acepção piagetiana, permitiu referenciar conjecturas sobre a retratibilidade à reserva orgánsmica de potencialidades energéticas envolvidas em sua dinâmica funcional. Trata-se de percorrer alguns percalços no extenso e acurado sistema de sustentação da codificação biológica, à base da estrutura psico-lógica dos esquemas sensório-motrizos os quais interiorizados, suportam o progresso da atividades intelectuais.

A complexidade desse modo de querer, saber, estar e ser na comunicação discursiva consiste em um efeito total de coerência na implicação, da estrutura relacional e de um certo caráter retrátil, uma certa resistência à incompletude e incerteza, à infinidade diversidade e relatividade semântica, estabelece-se culminantemente por vias de ações intelectuais aos traços de descontinuidade, paradoxalmente em plena continuidade genética de acabamento sistema de pensamento.

Sob um sentido de alguma forma unívoco, sob a aparente fragmentação da rede de conexões, observa-se contudo, um sentido sintático das significações na própria funcionalidade, determinando-se na significância correlativa. Puderam ser inferidos, nos textos construídos pelos sujeitos, alguns aspectos significativos que se acompanham dessa incompletude à dimensão incoativa, uma estrutura indiciária para a atividade cognitiva. Às formas determinadas à semiose lingüística algumas dessas dubiedades são expressões de atividades epilingüísticas. Apontando para espaços de integralização conceitual à linguagem comum demandam ser depreendidas categorias quando ocorrem destacamentos, abscissões, ao que leva ao rastreamento de sistemas cognitivos surgindo como possibilidades às ações, significando face ao objeto, à secundidade e em efeitos proposicionados às instanciações sýgnicas, à terceiridade.

Nos textos que se seguem configuram-se os esforços de apresentação e correspondência pelas crianças das transformações sensíveis. Trata-se, considerando-se em uma esfera tipológica de manifestações textuais, do plano diáfono da competência narrativa, de como, por essa interatividade à escrita, às manifestações discursivas vão-se expondo as dificuldades, com as transformações dos estados de consciência às ações e reações, à causalidade, à transitividade, a organização lógica no tempo e espaço, as quais significam, em um quadro mental de aproximação a transigência da básica definição para o desenvolvimento definicional ou distanciamento, à alteridade ou a qualidades cibernéticas. Quando nas relações do eu com o objeto, é envolvido pela indeterminação o interpretante, afetado em nível de relações de primeiridade as que o seduzem em que prevalece o referente às descrições mais ou menos figurativas paralelísticas, se o compelem à representação diagramática nas narrativas nas evoluções.

Neste nível mental fronteiro, a competência do falante necessariamente mostra-se já elaborativa, demarcando-se, portanto, nas formas de desempenho e nelas a condição expressiva reveste-se das energias miméticas como organicidade para dar-se apreciação da relação por secundidade, em nível mais acabado para a qual o interpretante, é autor, agente e sujeito na esfera de comprometimento das formas mediativas, à semióticas da réplica, para aportes da cognição do leitor, então nos estados correlatos de consciência em nível do envolvimento experiencialista pessoal e enquanto movimentos inferenciais enquanto pesquisador.

Apresentam-se a seguir os procedimentos com os quais o objeto foi tomando consistência tendo em vista a valorização de um eixo de positivities e negatividades, sob um contexto de questionamento direcionado às possibilidades sintéticas, envolvendo os objetos do pensamento reflexivo quando contrapostos a resultados desejáveis como coerência e coesão epistêmica, referenciabilidade humana aidética: ao sabor das "verdades", as quais, enquanto intuições são derivadas da lógica sensório-motora a qual suporta a realidade parafuncional simbólica, significados à ausência do objeto, que surgem ao exercício inteligência praxica, às perturbações, resolvidas quase imediatamente pelas coordenações das ações. Fisiologicamente invasivas da memória as imagens enquanto reconhecimento, compreensão das quais



uma consciência pode auferir da compreensão alguma inclusividade geral, que seja primitiva na pretensão à intencionalidade. Marcaram-se como efeitos de receptividade, enquanto movimentos harmônicos no mundo, esses conceitos importam na lógica da ação que, se deflagra ao remoto da organização biológica, na assimilação do objeto e um esquema de ação. Nessas estruturas nunciativas, elas oriundas mesmas das assimilações em seu potencial transformativo ulterior, do seu prolongamento na compreensão, a síntese interiorizada, funcional, energética afetiva, subsumindo às imagens mentais, a serem evocadas e transformadas nas assimilações representativas com as quais o conceitos são de extensão.

Nas enunciações, do ponto de vista lingüístico, pode-se dizer que os autores significam o objeto do signo, por condutas de fala que envolvem na semiose comunicacional, à interação leitor-texto. As aspectualidades semântico-pragmáticas dessa organização e transformação, importam enquanto lógica conceptual nas estruturas comunicativas, o que permite caracterizá-las como transientes representativos ao exercício da língua naquelas enunciações verbais.

Comunicam através da complexidade do pensamento verbal, na prevalência do conceito, às orientações socializadoras da inteligência apresenta-se, contudo, conforme o nível do desenvolvimento de uma estrutura mental relacional para essa faixa etária, o que permite admitir as formas variantes identificadas ao exercício progressivo das implicações, às coordenações e combinações possíveis à filiação de esquemas pré-operatórios interiorizados. Conferindo-se na linguagem as aspectualidades funcionais como formas comunicativas, como apelatividade expressividade, informatividade ao discursivo uma modelização por raciocínio indutivo dedutivo, ao qual um sentido lato corresponde, na extensão promovida da organização mental à coerência que se apoia nas interdependências, na coesão complexa inter e intraesquemas, ao que subsumem das estruturas anteriores, a cuja interpenetração se revitaliza em relações equilibratórias.

Considera-se desse pensamento signo as mesmas complexidades organísmicas às enunciações os quase-interpretantes nessa relação, suportada à linguagem em formas de uma terceiridade degenerada, às interfaces das resistências conceituais, básicas nesse nível de desenvolvimento. Traduzem, à mediação, no



desempenho secundidade, um nível ao qual o conhecimento se traz no signo para o interpretante e poderá para esses ser potencializado ou não em seus efeitos aplicativos de uma lógica em assertividade significação à continuidade da cadeia semiótica, no signo ulterior.

Como quase-interpretantes do signo, na coleção de enunciações verbais, são veiculadas e amalgamadas formas nas atualizações da leitura, no plano epilingüístico, as possibilidades hermenêuticas, representativas na exteriorização signica, do pensamento verbalizado dos autores ante o objeto dinâmico, o sumiço da flor. Apresentam-se, sob aspectos formais de materialização, no arranjo componencial e substancial dos signos lingüísticos na semiose da escrita. Como predicamentos, ao domínio de efeitos de significação emergentes, são projetados e ou referentes a objetos ao concreto, níveis de interpretabilidade, da atividade geral, da mente, da inteligência na expressividade semiótica da integralização fisiológica, em aspectos hermenêuticos estruturais da homogeneidade e heterogeneidade.

Nas enunciações verbais que os autores comunicam os saberes sobre o objeto, articulando-os nas possibilidades propositivas da língua enquanto relações regradas em um sistema cognitivo ativo, no qual as estruturas operacionalizam espontaneamente em potências de realidade e estando existencialmente em desenvolvimento.

Encontram-se em núcleos de resistência, as contradições, conflitos, através da complexidade da reatividade desenvolvimental que suporta material e substancialmente o pensamento verbal. Isso se manifesta prevalentemente na estruturas superficial e profunda da língua forma de modulação gramaticalizada de um raciocínio quase dedutivo, como expressão de uma estrutura operatória-formal, ao que redunde em conhecimento lógico matemático, implicando o sentido na atualização da fala.

Sendo desse pensamento-signo, as mesmas expressões vinculadas por enunciados são elas mesmas no nível dessa tradutibilidade os quase-interpretantes dessa relação intelectual básica com o universo complexo, ao limite do objeto e do interpretante dinâmico com o imediato. Expõem-se individualmente diferentes níveis de consciência a partir das quais, no entanto, pode-se supor um estado mental unívoco



para as derivações do saber e do conhecimento enquanto se apresentem explicativas como estruturas afetivas.

À intencionalidade com a qual, contudo, estará aquele conhecimento sendo ampliado pelos autores mediante esse desempenho e vontade cooperativa, como uma forma inteligente, um quase interpretante, terceiridade à linguagem nesse nível de potencializando-se cada vez mais, embora por motivações situacionais conforme seja a talidade nesse efeito mental. Destacam-se nessa perspectiva as hipóteses relativas às significações, ao que demandem coordenações dos sistemas em aspectos de apreensão de signos naturais correlacionados interpretativamente aos movimentos mentais no tempo cosmológico integrado. Nesse sentido e com Piaget “sou inteiramente da mesma opinião que Chomsky, a linguagem é um produto da inteligência e não a inteligência um produto da linguagem”. [PIAGET, 1983. p.215]

Legitima-se na extensidade da linguagem uma condição interativa desse aprofundamento ontológico e epistemológico, ao que se faz parasitário e silencioso para recobrir reflexivamente conforme os espaços se façam abertos, a incompletude que se grafa como caso, singularizada na conjunção dessa fala imensa para a fala de si mesmos, indetermina-se de forma difusa enquanto se possa conceber na escrita condições de verifuncionalidade em dois modos ambivalentes, ao sujeito empírico e metafísico, à observação e interpretação.

Tais são as expectativas às instâncias nas quais se espera poder expor-se e simbolizar como um reconstituídor da fala, original, ao amálgama plasmado como imagem sentido da representação subsumida à escrita que se consome na evocação da mesma interação que a captura multirreferenciada indiciadora da relação cognitiva cósmica.

Admite-se como atividade reinventiva da identidade humana sua dinâmica própria na paisagem natural evolutiva, na qual os elementos podem ser reconhecidos e pressupostos adquo enquanto compõem em conjunto a possibilidade de inteligência compreensiva na interioridade e exterioridade do pensamento, com recepção a objeto concretos ou formais, conforme o objeto dinâmico se venha expressar nas ambiências e do ambiente natural e no que significam quando criam interpretantes dinâmicos, efeitos concretos das condutas de linguagem e práticas a

própria ciência possa conduzir a representatividade interpretante face ao objeto imediato.

Na conduta de linguagem, abrem-se possibilidades aos modos de realidade e porque são signos, de alguma forma tornaram-se relevantes na teia semiótica. Desses aspectos insistentes enquanto se processam como sistemas orgânicos dentro de um quadro de assimilação mais instintiva e funcional no geral, acham-se instanciados na compleição volitiva e afetiva da complexa cumplicidade assertiva da consciência, determinando-se dessa cognição as orientações da inteligência e a plasticidade realizativa do pensamento na conduta.

Das formas mentais que ocupam a espacialização cognitiva, procedem esforços de detecção de movimentos e volumes das peristalses orgânicas do pensamento. Nas inerências materiais dessas expressões e competências semióticas a apresentarem-se na expressão pancrônica autorizada da linguagem, advêm da interpretação no exercício funcional da lógica gramatical. Sob o ponto de vista pancrônico de Saussure pode-se elevar dos esquemas mentais à linguagem o objeto de pesquisa ao caráter elucidativo admitindo-se para o plano de explicação como fatos concretos e evolutivos, organicamente cofocalizando sincronia e diacronia. Dessa intencionalidade naturalizada os efeitos comunicativos são abordados conforme parecem modificadores sígnicos materialmente exteriores e imanentes nos estados da consciência. Nessa potencialidade criativa e competência informacional, pode-se tentar reconhecer como o estatuto universal admissível a um uso da língua, conforme se faça exhibir na conduta em falante nativo.

Esses relatos de vivência correlatos são importantes enquanto marcam, semioticamente a relação pragmática do pensamento e à linguagem à qualidade de sintomatologia proporcional na forma implicativa zoosemiótica. À produção de modos de significar pela autoria, são interpretantes enquanto sua emergente ou latente assertividade implica a expressão dos espaços de transformação cognitiva. Na reconhecimento mesma, em sua limitação, ao alcance lógico da integralização assertiva dessa gratuita ao risco da observação, espontânea na ação cooperativa de consignificações, à linguagem e às relações socio-interativas enquanto sentimento de pertença e plano de manifestação da personalidade, na dimensão lingüística, enquanto

uma relação de interface dialógica entre a fala e a língua um objeto de fundo e extensão antropológica nessa relação de conhecimento sob o crivo nocional epistêmico contemporâneo de uma subjetividade perdida.



As hermenêuticas como objetos inteligíveis na expressão do pensamento

A produção discursiva desses sujeitos exibe uma tática de rodeios da cognição para cujos esboços se desenvolvem, na representação, diagramas mentais tracejados, de modo a se caracterizarem como semanticamente injuntivos.

A compreensão desses caracteres semióticos implicou recursos heurísticos na própria atividade de interpretação sempre que o pesquisador foi levado a níveis de reconstituição conceitual no conjunto dos trabalhos apresentados pelos sujeitos, as dificuldades de diferenciar em seus aspectos tipologias o que significa como reflexo sobre o que é qualidade e quantidade conexional para a expressividade à reversibilidade e à irreversibilidade.

Avaliando constantemente as observações interpretativas, por níveis de discernimento de fundamentos ideológicos, o envolvimento na interação com o fenomenológico, levou ao constante ajuste dos resultados, ante tais experiências com imagens, no nível formal da linguagem.

A partir de um domínio lexical permitiu-se inferir desse contato marginal com a realidade ao concreto das ações referenciáveis, nesse plano de desenvolvimento das relações comunicativas. Desses rodeios e paralelismos transpostos a imagens, das bases fenomênicas, impuseram-se assimilações funcionais reprodutoras e reconhecimento. Essas experiências demandam uma apreciação qualitativa, uma cognição sintática semântica de sua intensidade. Esse plano teórico constituindo-se como assimilação representativa às projeções, como imagem-conjunto correlata ao movimento que se constitui na experiência da natureza do descontínuo ou ao contínuo implica em extensão e compreensão na construção do pensamento

Cabe diferenciar conceitos enquanto filiação na descritividade e ser na complexidade signifique informação resolvida à linguagem. Permite-se assim presumir, aos esquematismos vivos da linguagem, a abrangência significante de domínios latos de significação os quais tomados na estrita relevância de perspectiva, extencionável dos modos da realidade que surjam como interpretantes, na conduta implicados na

conduta pragmática de composição da subjetividade e possivelmente resulte em um quadro proporcionado ao caráter definicional do objeto ecológico desejado.

Partindo, portanto, deste signo mais desenvolvido, conforme orienta a acepção peirceana, a qual se apresenta também por um delineamento assertivo, pode ser suposto minimamente abrangente, para uma argumentação em que uma retórica especulativa, é presumida para tais inferências sintéticas. Dando-se abertura ao objeto: consideram-se as formas remáticas como interpretantes às complexidades da cognição, ao propósito nos arranjos das redes sígnicas extensíveis aos enunciados verbais desses sujeitos.

Quando consideradas de uma perspectiva dinâmica no cotidiano naturalmente as formas organizadas dessa sintaxe enunciativa parecem ser transvestida de valores estéticos e éticos, tornam-se os espaços recognitivos à percepção. Enquanto modos de aproximação representam à terceiridade quando demandam, à reação, a secundidade experiência interiorizada e cognitivamente implicando o complexo difuso, uma estrutura viva de compreensão de um tempo com intuição filosófica, compreendido. Essa dimensão tomada como suporte do signo epistêmico para o qual o trabalho de reflexão busca resgatar o interpretante envolvido, permite supor que o conhecimento seja construído do sistema de degradação dessas nuances desse pensar em conformidade.

Para Peirce a semiótica parece ser inerente às formas de decodificação. Como no espaço denotativo a compreensão possível da palavra enquanto reduto de informações naturais e ao conotativo a extensão nas formas ideológicas as articulações das cadeias sígnicas podem ser consideradas nos aspectos na semiose como relações triádicas de comparação, de desempenho e pensamento.

Tratando-se de uma condição da sensibilidade mimética básica a ser observada na natureza semiótica dessa assemelhação inteligente, a própria inteligência, se exhibe, a criação é representatividade construídas por ações de investidura energética nas quais se esforça e resiste à compulsão que potencializa. Pelo exercício de reconhecer inapelável na consciência o pensamento à força compelida à fatualidade no existencial. Da capacidade de representação, que se faz aprendizagem do objeto parece que vem determinar-se o novo interpretante lógico mediador futuro na cadeia sígnica

representado. Em perspectivas dessas abstrações, estabelecem-se possivelmente a imagem-sentido na expressão conjunta possível a determinar-se dos vínculos subjetivos no nível do simbólico, considerando-se como palavra enquanto realização de um dizer da mente, gema de verdade, interpretante na conduta da possível subjetividade cognoscente na naturalidade cosmológica do pensamento densidade referencial, concentrado das propriedades organizativas e adaptativas da inteligência verbal.

Atribuindo o mesmo sinal a coisas semelhantes não mais a coisa singular mas o que lhes é comum, o conceito. E apenas obtemos este conceito designando-o pois em si mesmo não intuitivo, carece de um representante intuitivo a fim de poder aparecer-nos. Assim o sensível descortina para nós o mundo do que não é sensível. [FREGE, 1993, p.190]

Sob o ponto de vista dessas aspectualidades diretivas, elegendo-se como objetos de estudo as representações verbais da linguagem de sujeitos entre nove a doze anos, pode-se a esse período, quanto ao desenvolvimento cognitivo na caracterização da teoria genética piagetiana, compreender o estágio das operações concretas (7 – 11 anos). Fase mental que vai ser fronteira, em que a abstração reflexiva com o estágio dos operações formais (12 anos em diante), está em aparente desenvolvimento. Em bases desses indicadores cognitivos de refinamento nos esquemas verbais, podem-se avaliar, nas produções lingüísticas nessa faixa etária, aspectos importantes desse esquematismo.

Em tipificações expressivas dessa progressiva aproximação ao acabamento formal, por uma capacidade de explicitação e obscurecimento, tomam-se como possivelmente explicativas as tendências inferenciais consideradas relevantes ao efeito de comporem-se as linhas mentais para o entendimento, em categorias ao domínio de significação. Em ações cognitivas, que por envolverem tais esquemas, evolutivos se intelectualmente por modelos caracterizam-nas ao exercício do raciocínio

indutivo e , formal, à autonomia mais ágil atualmente flexibilizadora para proporcionar a abertura ao possível, as transposições mentais.

A abstração reflexiva caracteriza-se por uma capacidade de implicar o sistema cognitivo à impregnação do caráter dinâmico nas reversibilidades, nas mutações, havendo abertura abstrativa lógica para um jogo hipotético de transformações associativas, fundado assimilações nas conservações às quais bases semióticas das estruturações psicológicas para as quais a estruturação das relações representativas presumam-se ativadas pela inteligência no âmbito da esfera comunicativa da linguagem que as vincula ao complexo da memória, dela mesma emergindo conforme um sentido entre espiritual e corpóreo enquanto significamente reflexivo.

Tais são as condições que se apresentaram preliminarmente para compreender e fundamentar a qualidade da observação abstrativa na cognição nessa fase de pré-adolescência e levá-la para tentar interpretá-la ao modo peirceano de referenciação.



Referência epigenética da gramaticalidade mental

Os textos sendo considerados no conjunto das inferências como um signo desenvolvido no modo de expressão desenvolvimental piagetiana para crianças de 9 a 12 anos, constituem-se em uma fonte dessa representatividade ao alcance plural das significações. À conformidade em que se faz conferida, concretamente suposta como traço ao fenômeno básico da informação, sob a materialidade, a representação pode ser considerada na ação à especificidade das condições mediativas relação, ao interno-externo para pensamento-linguagem ao contemplar, interagir e avaliar o signo nessas produções.

Permite-se assim, ao suporte do envolvimento na qualidade material surgida na íntegra da atividade lingüística, referenciar em procedimentos de metaanálise a hermenêutica semiótica correlata. O modo real possível, concreto é determinado dessa interpretação, ao produto da experiência da lógica relacional enquanto na vinculação do sentido idealmente cognitivo.

Dessa fragilidade paradoxal, na inquacetante possibilidade na gramaticalização cósmica ser e estar ecologicamente tomando-se como hipótese presumida que à organização ecossistêmica um modelo cognitivo e evolutivo se faça emergir dos processos determinados e determinantes, e se faça de alguma forma renovado, perdurando à externalidade, aos mesmos efeitos internos intervenientes da continuidade de vivência dos processos de degeneração na qualidade material concebível a uma constituição orgânica contemporânea nas cristalizações e recristalizações, trocas de energia sujeitas da mesma entropia nos fenômenos cíclicos de natureza biogeoquímica, na qualidade dessa submissão morfoclimática à representatividade da identidade cultural na linguagem.

Uma operação à escrita apoia-se em caráter interrelacional, para o que signifique à coerência e à coesão das ações mentais e práticas; trata-se portanto, de efeitos totais e nessas integralizações se conserva um fator ativo invariavelmente unificador na macrofuncionalidade.



Supõe-se que sob o ato inteligente da assimilação, da qual biologicamente se constitui o sistema da escrita, haja uma fonte viva geradora dessa motivação ao entendimento, com o qual tenderá a se organizar o campo semântico representativo do domínio da integração verbal e não verbal do “sumiço da flor”

Para o domínio perceptivo e sentimental de permanência ou não da significação importa observar como os esquemas estão envolvidos, como se desenvolvem qualitativamente e se aplicam as classificações e as interações relacionais, ao qual se conservou de interessante na lembrança para esses sujeitos e os moveu a significarem, anteciparem e a participarem na própria ação comunicativa da linguagem. Admite-se a possibilidade de que a causalidade complexa esteja inerente ao processos conexionais propiciados pela linguagem.

Ao estágio das operações concretas a criança organiza mais livremente ao sabor das assimilações que as movem nas interações. Entre 7 a 11 anos a criança pode realizar “operações de classificação” e dimensão ativa se pode supor que os esquemas de sua estrutura psicológica estejam qualitativamente se desenvolvendo expressivamente aos modos dessa coerência, sistemas físico e psicológicos.

Nesse sentido a gramaticalização significa à linguagem à condição metacognitiva da sucessividade aos signos pictográficos sensoriais, enquanto apercepções construídas conforme o nível das ações possam ser consideradas comunicativas. Ao caráter de maior ou menor perda ou ganho de autonomia com que se manifestam as relações, copulativas e disjuntivas no conjunto dos processos observados como tendências que se desenvolvem de ações incoativas ao entorno do elemento significador, conforme dimensão originária potencial da epistemologia genética referenciado em Piaget, de Hume.



Das experiências piagetianas à construção intelectual infantil do objeto

Com estudo sobre o desenvolvimento da inteligência física na criança, de Jean Piaget (1983), e sua colaboradora, Bärbel Inhelder, pode-se referenciar-se da quantificação das grandezas contínuas, as alterações dos estados de consciência identificados ao longo do desenvolvimento da criança. Trata-se de acompanhar um processo complexo, progressivamente mais amplo, de diferenciação, observável na atividade relacional com o objeto.

Os esquemas de assemelhação inteligente e de comparação entre partes materiais levaram os pesquisadores a concluir que acabam sempre em uma estrutura operatória de maior equilíbrio, garantidora de reconstituição do todo sistema de transformações. Uma vez adquiridos na ação os esquemas de quantificação lógico-numérica, a criança, desses esquemas de maior generalização passaria a aplicá-los a outros objetos materiais. É exatamente na importância do entendimento do processo de constituição dos patamares psicogenéticos de ampliação do conhecimento como construção racional do mundo que então vai residir o interesse crescente por esses estudos piagetianos.

Tendo em vista os esquemas assimilativos, as explicações causais, entende-se geneticamente como se produzem os fenômenos na realidade, na interação a subjetividade relacional apoia-se nos demais envoltórios energéticos do esquematismo vivo como organismo diferencial na espécie manifestativa da inteligência.

O relato das experiências piagetianas com crianças de 5 a 12 anos sobre fenômenos físicos, tem sua tônica nos diversos patamares cognitivos os quais ao longo do processo de aquisição da noções de conservação caracterizam a organização do possível, ao sentido de maior ganho intelectual com a estruturação progressiva da reversibilidade. É possível observar como ao longo do desenvolvimento dos esquemas de quantificação intensiva, solidariamente, os realizadores da quantificação extensiva adquirem em níveis de superior estabilidade.



Vê-se assim, que do ponto de vista da conservação da matéria e do peso, a criança volta a passar, no plano do pensamento conceptual e reflexivo, por fases análogas às que atravessara, do ponto de vista da conservação do objeto, no plano sensório-motor. [PIAGET, 1970, p. 345]

Um dos aspectos mais importantes nessa reflexão piagetiana sobre a cognição infantil estabelece-se quanto ao valor epistemológico implicado na compreensão ao contínuo à construção da lógica relacional objetiva e relativa operacional, à extensão ganhos na estrutura do mundo físico enquanto matéria e forma à substância.

Por um conjunto de esquemas interrelacionados, vão-se constituindo, ao longo do desenvolvimento, estruturas cognitivas progressivamente com maior probabilidade na equilibração de fatores endógenos e exógenos e em plena interação com os sistemas de transformação, observando-se uma correlação aperfeiçoada pela inteligência. Importante é considerar como alguns planos básicos de regulação das tensões diferentes nas composições são residuais e emergentes. Trata-se mais de dimensões conveccionais vetorizados, dadas às multiplicações nas escalas de permanência funcional dos esquemas na ação e da representação. Essa orientação fundamental, não deixa de ser constituidora da identidade ulterior direção.

Ao sentido conjunto manifestam-se nas grandes invariantes cognitivas, ao conjunto das grandes invariantes cognitivas, surgem na construção das operações físicas, tornando-se referenciais. Para estimar qualitativamente entre os elementos objetivo na relatividade no desenvolvimento da inteligência e a estruturação do conhecimento do mundo, o estudo das reações e condutas infantis tornam-se extremamente importantes à mudança de estados de consciência.

Na experiência física piagetiana de transformação do material do açúcar se põe a questão da construção de sua permanência conduz ao conhecimento de como deste processo se vêem constituir conceitualmente socializados os objetos do mundo.

A experiência piagetiana relativa ao processo de construção intelectual infantil, quanto à percepção das sucessivas transformações da matéria por ocasião de um processo de dissolução do açúcar em água, revela a construção das realidades físicas

centra-se na estrutura funcional envolvida na aquisição de esquemas operatórios, com o efeito de maior abertura da condição de reversibilidade e cada vez mais probabilidades diferenciadoras de suas parcelas. As operações físicas compostas resultam numa construção racional, uma lógica desenvolvida, ao conjunto das manifestações dinâmicas ordenativas do mundo, uma ação compreensiva e extensiva adaptada às complexas interrelações causais.

Considerando o desenvolvimento das noções de conservação da substância, do peso e do volume físico, pode-se constatar naquela experiência a importância de um estágio intermediário, fundamental, pois anunciador, por essa concepção de esquemas antecipativo na percepção de sucessão processo de constituição das operações físicas. Trata-se do surgimento no raciocínio da criança de um modelo representacional combinatório que se vai proporcionar às transformações materiais: o atomismo. Em diversos níveis evolutivos da cognição podem ser encontrados esboços dessa orientação intelectual dispersiva para representar, contudo em bases paradoxais a coerência, ao conjunto das transformações, evoluindo a identidade relacional como tal aos múltiplos dos processos.

A aquisição de uma noção de conservação é solidária a um nível melhor de compreensão do atomismo, ao longo da experiência da correlativa composição. Observa-se na interação de fatores externos e internos, a condução dos esquemas de constituição das noções de conservação e do atomismo que a experiência contribui, mas são os esquemas dedutivos que vêm estruturar e completar os dados perceptíveis, com as possíveis generalizações considerando-se ainda ativos fatores funcionais de regulação orgânica para o que se realize a assimilação seja realmente adaptativa. Os métodos de coordenação das qualidades perceptivas expressam-se em planos evolutivos da quantificação. Verifica-se que há progressão no desenvolvimento dos conceitos proporcionando-se a níveis de estabilidade internas da realidade física.

“ no plano da reflexão, a previsão torna-se pouco a pouco, uma função da dedução, em vez de precedê-la uma coordenação de classes e de relações lógicas assim com a dedução propriamente dita”. [PIAGET, 1970, p. 346]

Assim, tendo em vista as manifestações do raciocínio infantil diante da experiência espontânea da dissolução, do açúcar em água, às quais Piaget dedicou recursos metodológicos obtidos em estudos anteriores, para abster-se de deformá-lo, limitá-lo e até influenciá-lo, podem-se destacar alguns aspectos ilustrativos das colocações anteriores, nas próprias postulações infantis da permanência da matéria e da hipótese atômica de partículas invisíveis de açúcar no líquido à equivalência inicial. (PIAGET, 1983, p. 163)

Progressivamente observa-se que a criança deixa de abusar das pré-ligações por admitirem uma probabilidade calcada no resultado precedente, ou seja, constrói-se uma estrutura operatória, controlando-se reversivelmente os processos de transformação. A gênese das atividades relacionadas à dedução e à experiência segundo a concepção piagetiana perpassa por um processo de descentração diferentemente nivelado quanto à resistência do egocentrismo ocasionado. Culmina na construção de um grupo de operações físicas, ou seja, o sistema baseado no egocentrismo das relações iniciais acaba por integrar-se ao sistema de composição geral das transformações físicas.

O conhecimento das dimensões qualitativas causais e temporais ao sentido compreensivo resultam das atividades com operações reversíveis, constitui-se em um importante objeto de estudo no sentido de se avaliar qualitativamente em termos cognitivos a percepção da sucessividade do raciocínio no homem, situando-se objetivamente no espaço dessa exteriorização, as suas conquistas conceituais importam no espectro possível dessa previsibilidade conquistada arduamente da ação humana com das relações universais o que implicou em termos explicativos e constataativos, do exercício de sua própria racionalidade, ao espírito, da necessidade de questionar o que resta às transformações reais, estados, virtualizáveis formas na matéria, como unidade informacional ou pensamento contudo à pulverização do núcleo da subjetividade dual.

Transpondo-se as condutas espontâneas infantis estudadas por Piaget e sua acepção verbalizada, para a pertinência teórica signica de Pierce, tendo em vista o caráter marcador conceitual dos grãos de açúcar dispersos, aos do esvaziamento da flor, indica-se em sua filiação genética pelos sujeitos estudados, multirreferenciada enquanto possível pensado tanto tempo ao sincrônico quanto diacrônico.

À uma ordem de racionalidade evolutiva ainda pouco conhecido, os desígnios no todo, impõe-se como objeto de interpretação essa natureza dualística da determinação enquanto domínio de uma pertença conceitual explicativa. Enquanto generalidade inclusiva, referencia-se contudo a uma organização cognoscitiva na qual inscrevam-se as ações em sua complexidade, constituída como subtemáticas das assimilações na estrutura relacional ecológica.

Como objeto semiótico esse multidimensionamento implica a função narrativa e remete à intertextualidade à filiação da expectativa saussuriana de inserção lingüística em um universo semiológico mais amplo. Os elementos de base teórica peirceana são abarcadores de possibilidades de explorações das metaestruturas na linguagem via memória, no possível do caráter ser manifestado por recursividade e em sua significância. Nos limites dessa contemporaneidade ao pensamento verbal, socializado, os centros importam constituídos para os níveis simbólicos.

Tendo a via cultural lingüística como matéria de representação, importam as dimensões hipotéticas na interpretação, dos níveis do pensamento referenciado como conjuntos significativos de idéias evocadas compostas aos planos dessa homogeneidade e diversidade que se fazem possíveis como operações na mente, contudo como dinâmicas ao contínuo, jamais são redutíveis ao estático e classificativo constituem aspectualidades de transigência às subjetividades humanas e não humanas no complexo da interação da estrutura cognoscitiva relacional.

A perspectiva piagetiana com ênfase nas estruturas mentais sob a dinâmica da inteligência viva pode revolucionar mais uma vez a cultura educativa cofocalizando-se aspectos fundacionais de sua concepção da originalidade da cognição da infância. Sob a epistemologia genética, a cognição na infância afirma-se como uma fase do desenvolvimento humano na qual se consolidam as atividades auto-regulativas desencadeadas, em biogenéticas no seio da constituição da estrutura biológica concernentes na estrutura dessa evolução temporal. Nessa dimensão, reveste-se de importância para sustentar a compreensão do processo de inteligência esse domínio nitidamente implicado como nova perspectiva do conhecimento: a experiência infantil da representação da causalidade enquanto resposta oferecida à necessidade pragmática,



como conjunto das formas de sensibilidade ativadas às contingências universais delimitativas.

Tais são os signos nos movimentos cooperativos complexos do avançar da inteligência e como idéias essas construções importam nos novos signos desenvolvimentais a surgirem no âmbito da descoberta, em padrões das leis dessa lógica relacional, por meio da qual desenrolam-se relações inclusivas e de pertença sutil, ao quantum que se faz abstraível à externalidade com índices dessa alienação na subjetividade. Pode-se assim, talvez, aproximar-se do complexo sustentável da dinâmica viva na espaço temporalidade. Há portanto adesão a uma dimensão paradoxal em que se dissipam e se esgotam as referências no processo mesmo em que se faz comunicar e dar-se à explicação, essa mesma evidência total que se suporta funcionalmente nos termos piagetianos é predecessora figurativa da ulterior transformação.

A instigação intelectual provém do processo de dela se fazer sujeito. Ao buscar-se a melhor forma ou abster-se dela como de signos da realidade na consciência, significa disponibilizar-se ao acoplamento possível na comunicação que surge dos níveis de sugestibilidade de sentido, inscrita materialmente, como função da inteligência afeta no signo. Encontra-se uma sensibilidade dinamicamente comprometida à recepção acomodativa, equilibratória contudo, em subsistemas de informação de grade de escala, em relevâncias da organização viva.

A capacidade prospectiva infantil constitui-se numa preciosa manifestação da cognição enquanto sistema humano numa composição mais integralizada à base interativa, psicogeneticamente significativa nas articulações das ações às bases fenotípicas dessa economia, resistência ou prodigalidade natural.

Enquanto vinculador de bases lógicas mais pertinentes à explicação nas composições relacionais, ao domínio significativo do “sumiço da flor”, esse eixo de enunciação de realidades coordenativas se manifesta numa paralaxe, nesses modos de inferência mental que se caracterizam pelas evocações no esquematismo da narrativa. Com essa dimensão lógica interpretante do signo pensamento verbal à ação à linguagem, a unicidade comunicativa expressiva do processo assimilador à consciência dá-se aproximação ao real, virtualidade no natural ou social.



Com as modificações da consciência surge o caráter explicitador, como manifestação da ação inteligente ao trabalho da linguagem, afeta à instanciações do pensamento conceptual socializado, com as determinações dos efeitos de sentidos nos signos aos suportes dos sistemas físicos e formais, conectando-se assim centros de identidade das propriedades quase mentais.

As crianças apresentam as características que Piaget aproxima ao pensamento operatório concreto à transigência do período operatório formal. Esse plano conceitual significa na apresentação de uma atividade verbalizada por um caráter discursivo mais intelectual, logicidade ao geral e objetivo. Na dimensão circular de todo início de processo adaptativo ao objeto, pode-se estimar a resistência oferecida pela própria atividade assimilativa nos aspectos conservados aos processos inferenciais com os esquemas cognitivos e afetivos funcionais ao seu estado.

A criança apresenta inclinações explicativas dessa causalidade complexamente mais refratária ao que é comumente a identidade ao real, o que significa maior descentração subjetiva, reciprocidade, troca nas interações, maior flexibilização nas condutas e perspectivas, enfim esquemas mais diferenciados dirigidos esforços sistemáticos nas experiências.

Nesses textos crianças de 11 e 12 anos manifestam-se modalidades de um raciocínio já por proposições, na dimensão formal lógico implicativa, e pode ser estimada na estrutura superficial da linguagem, na externalidade pelo emprego de conectores lingüísticos instrumentos como gramaticais, surgidos à gramaticalização mental, ao esvaziamento as conjunções e outros subordinantes. Esses argumentadores lógicos integrantes, finais, condicinais, temporais, conformativas e consecutivas, conferem o nível teórico e pragmático interpretante dos pequenos intérpretes, produzidos face ao objeto dinâmico do signo na expressão da atividade mental correlatas com a linguagem. Certos advérbios, preposições locuções, verbos relacionais, copulativos recobrem instanciações cognitivas mais primitivas, noemáticas sincréticas.

Explicitados na estrutura material à escrita expressam à possibilidade de coesividade, a natureza da racionalidade vinculativa, quase causal à destinação que surge nas relações que envolvem do interpretante ao representâmen no objeto do signo.



Na medida em que há legibilidade, equivalência objetiva, há o efeito mental da organicidade possível na linguagem. Sendo representacional traduz uma abertura da consciência para a operação mental reflexiva, suportada na estrutura assimiladora relacional.

Essa dimensão contextualizante, à função reprodutora admitida ao encadeamento semiótico admitida ao surgir dos esquemas à centralização cognitiva pontuada no referente, ao mundo concreto, à externalidade sígnica, constitui-se na internalidade como uma aplicação indutiva do pensamento, algo surge cognitivamente representado do interpretante do exercício referencial à de aprofundamento à realização materialidade, na reatividade experiencial suportada nos signos lingüísticos.

Podem-se observar esses aspectos com essa intensidade formal e conceitual pertinente aos textos 100, 108, 112, 116, 134, 144, 151, 153.



O sítio

Quando eu fui no sítio, eu fui no Pé de Mangueira, chegando lá eu pisei no espinho e levei uma mordida de abelha. Daí eu Percebi que eu tinha passado uma experiência incrível, porque eu nunca tinha levado Picada de abelha Pisado no espinho de uma vez só. Agora quando eu vou no sítio, eu fico Bem longe do Pé de mangueira para não Levar outra mordida de abelha e Pisar no Espinho. Lá no sítio tem muitas árvores mas a que eu mais gosto é a goiabeira.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Marlene 25/11/98

Regiane P. S. O.
11 anos série 5º "C"

Num dia bonito eu e minha amiga estávamos brincando na rua. Derrepente tive uma idéia que tal irmos pegar a minha bola e irmos brincar na rua. E minha amiga respondeu:

__Não, vamos fazer uma experiência vamos pegar uma bexiga e enxemos de água. vamos pegar um relógio colocar do lado da bexiga com água quem escutar o barulho ganha e fala do que quer brincar. Passaram alguns minutos minha amiga foi a vencedora. E disse: __Já que eu ganhei vou escolher irei pegar duas flores e eu disse:

__Por que vamos brincar disso, porque eu acho que é interessante. Eu disse. Para que? Nós vamos brincar disso. Para nós desenvolvemos e sabermos mais da natureza.

E eu disse mas como, quando vou saber disso.

Depois. Começaram a brincar e as petalhas das flores avoavam.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Marlene 25/11/98

Michele C.
11 anos série 5º "C"

Quando eu estava em meu sítio na grama verde pisava, brincava com as flores, com as folhas verdes da árvore grande, eu ia sempre ver plantações de algodão, e o picão voava com o vento, petolas de rosas no chão.

Estou falando isso porque gosto das experiências que passo. Vocês vão para um lugar calmo para que vocês sintam o ar puro, limpo e vocês ficaram saldaveis.

Eu sei que sofri muitas vezes, só que quando chegava alguém essa pessoa conversava comigo e depois me convidava para brincar eu ia e eu e essa pessoa brincávamos com todas brincadeiras possíveis e depois chegava o final da brincadeira e ficamos sorrindo e o outro dia e mais um para se brincar.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Marlene 25/11/98

Vanessa B. N.
11 anos série 5º "C"

Piaget refere-se às defasagens em extensão para explicar, nas manifestações da conduta, dificuldades com atribuição as “identidade substancial” nas formas “residuais” ou “sobrevivências” dos primitivos processos de objetivação, aspectualmente, animismos, artificialismos, fenomenismos, dinamismos reencontráveis nas fases iniciais de construção de um objeto novo. As defasagens em compreensão serão mais complexas porquanto:

(...) a construção do objeto se manifesta-se como um processo contínuo que se desenrola sem pausas durante a evolução da razão e se encontra até nas formas superiormente elaboradas do pensamento científico, mas também como um processo que repassa, incessantemente, pelas fases análogas às da série sensório-motora inicial. [PIAGET, 1970, p. 344]

Nesses textos pode-se observar como são marcantes ainda aos modos tendenciais às noções internalizadas os dinamismo, o fenomenismo, o artificialismo, o animismo, difusos sobrevivendo sob os esquemas à estruturas operacionais, a assimilação funcional como terceiridade ao remoto organicismo da manifestação inteligível do pensamento na natureza deflagrada na integralidade da conduta na abertura operacional concreta à integralidade da linguagem, ou seja, da atividade representacional ao sentido antropológico dessa expressão física, cultural e social.

As determinações cibernéticas das expressivas impressões orgânicas das crianças ao fenômeno “sumiço da flor”, objeto dinâmico faces ao qual os interpretantes dinâmicos, nos efeitos de sentido representam do signo o que se percorre nas manifestações evocativas, de sugestão e sedução ao gerar sentimentos, percurssivo ao sentido sensório levou ao criar e fazer no intérprete o desenvolvimento evocativo na resposta energética do esforço, da manifesta volição nos sentimentos o interpretante dinâmico tem o poder representativo informativo na potência indicativa e apelativa pensamento do signo.

Nessa fase do desenvolvimento as crianças, segundo Piaget, as crianças costumam expressar na orientação da atitude pragmática social por valores éticos e morais caracterizáveis pela relação de confiabilidade gratuita, sob a tônica da

sensibilidade à solidariedade, reciprocidade além de um alto sentido crítico apreciativo das nas trocas intersubjetivas.

Essa compreensão contudo poderá ser potencializada explicada pelo grau de atenuação flexibilizado da “mística da autoridade” que predomina nas crianças mais novas, nas quais ressalta na conduta ao caráter heterônimo das regras, mesmo no nível da realidade lingüística, ritualismo exagerado conferido a palavras e objetos na expressão ideológica sejam quais forem as suas fontes reprodutoras dessa observação, instituições, a própria escrita e o próprio ato de nomeação.

Os valores laicos, o relativismo e a diversidade parecem conjugáveis e desdobráveis com um ganho objetivo que resulta das proposições das vivências, das coordenações mais gerais das próprias ações por vias interativas tanto da experiência física como lógico-matemática. Ao sentido contextual da interação verbalizada, potencializa-se a projeção na expressão criativa da equilibração, mas como processo amplo e contínuo no qual a autonomia se faz conhecimento adaptativo. Esta surge no fluxo da consciência como idealidade subjetiva evoluindo ao prolongamento da inteligência viva, na assimilação, reconhecendo significa, representa a realidade.

Nesses textos essa qualidade de consistência se apresenta à própria diversidade na dimensão construtiva, simultaneamente simbolizante e simbolizada e pode ser apreendida na base espontânea da relação de convivência dessas fidúcia que surgem da relação específica na natureza íntima da interatividade verbal, ao possível no pensamento socializado a identificação intersubjetiva, à representatividade aos signos na solução de si mesmos.

Essa ação comunicativa se manifesta exemplarmente nesses textos em que as crianças se fazem acompanhar de amizade, esforço de cooperação e se mostram altamente observativas nessa inteligência discriminativa de estados afetivos relacionais. Na expressão superficial dessa linguagem detecta-se como função referencial, emotiva indutiva natural e fática, não deixando contudo de se exhibir nessas condutas um hábito francamente vivenciado e na familiaridade lingüística à experiência colateral e pragmática impressões e sentimentos contextualmente identificável o plano em que as sensações surgem enquanto essa consciência se exterioriza.



Essas formas gramaticalmente fluem pelo uso intenso de pronomes possessivos, nas marcas flexionais, de gênero e número nominal e verbal prevalecendo referencialmente a primeira pessoa do singular e plural e terceira pessoa relacionalmente afeta na familiaridade e na identidade sexual do falante, no realce a se conferir de do uso de substantivos próprios e comuns. Desse modo os vínculos geracionais tornam-se extremamente significativos na conexão ecológica pertinente com cultura e natureza para a identidade. É o que se pode pensar a partir de usos freqüentes do pronome relativo, que e quem.

E eu meu primo fomos andar no mato e nos vimos picão preto e grudou em nossa calça e caminhamos mais e vimo a flor do picão branco e pegamo para ver ela é muito macia e bonita e macia e nos a assopraro e ela saiu nos ares é muita e muito bonito ver ela sair no ar e espalhava nos ares e o vento levou

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Sidnei da Costa Tessari 27/11/98

Fábio J. D.
10 anos 3ª

Brincadeira divertida

Numa quarta-feira à tarde eu minha irmã e minhas primas foram brincar de de barro e enfeitar com rosas.

Quando já era hora de entrar para jantar deixamos as rosas em cima dos bolinhos e fomos para dentro de casa.

Na quinta-feira cedinho tomamos café e fomos ver se as rosas tinham secado ao chegar lá vimos que as rosas tinham secado.

Pegamos todas as rosas secas e jogamos e colocamos outras rosas.

Então fomos brincar com os bolinhos

Fizemos bolinhos bem molhados e colocamos no sol para secar.

Elas ficaram super duras só que se cai no chão ela se quebra.

Sabe se não houvesse flores a brincadeira não seria tão legal.

Brincar com flores é a melhor brincadeira que já brinquei com minhas primas

Minhas primas se chamam: Luciane e Adriane e minha irmã Patricia.

Fim

E.E. "Coronel Antonio Luciano da Fonseca"
Professor: Luiza M. Correa de Abreu 27/11/98

Bruna P. G.
10 anos 4º B

Num dia bonito eu e minha amiga estávamos brincando na rua. Derrepente tive uma idéia que tal irmos pegar a minha bola e irmos brincar na rua. E minha amiga respondeu:

— Não, vamos fazer uma experiência vamos pegar uma bexiga e enxemos de água. vamos pegar um relógio colocar do lado da bexiga com água quem escutar o barulho ganha e fala do que quer brincar. Passaram alguns minutos minha amiga foi a vencedora. E disse: — Já que eu ganhei vou escolher irei pegar duas flores e eu disse:

— Por que vamos brincar disso, porque eu acho que é interessante. Eu disse. Para que? Nós vamos brincar disso. Para nós desenvolvemos e sabermos mais da natureza.

E eu disse mas como, quando vou saber disso.

Depois. Começaram a brincar e as petalhas das flores avoavam.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Marlene 25/11/98

Michele C.
11 anos série 5º "C"



É possível apreender na interação corrente com os textos dos alunos como a continuidade parece prevalecer ao sentido comunicativo sendo possível assim supor a evolução do representâmen, orientada desse contexto ao conjunto, desse signo mais desenvolvido, às determinações sintáticas conferidas às formas sequenciais lingüísticas que o constituem à expressividade isomórfica dessa representatividade gramatical à face semântica. Os enunciados assertivos são recursivamente apreciáveis à solução hermenêutica dessa interpretabilidade remática resultam desses atos de fala individuais na estrutura de conjunto e conservam a matriz compreensiva mesmo social de entorno, bem como a grade de intensidade das assimilações ao todo.

Contudo a atenção à mobilidade em aspectos não completamente orientáveis embora afeta à situacionalidade não os enclausura, sendo a “presentidade” uma dimensão real ao contínuo dessa vitalidade, importante à desenvolvimento ao sistema cognitivo infantil ao entorno, ao que se projeta na coerência da preditibilidade cultural um no dinamismo de inerência ao caráter de desenvolvimento de unicidade ao contínuo.

Nesses textos as crianças combinam elementos e ingredientes dando-se à aplicabilidade, quase um um valor cognitivo da atividade de percursão contínua e construtiva, mas situável ao caráter demonstrativo, ao tempo experiencial contudo, apenas se pode estimá-las ao seu potencial criativo, subsumindo-a na assimilação funcional, prazerosa, nessa vitalidade que se renova gratuitamente à cada nova leitura e irradia-se e degrada-se ao conjunto das atividades.

Interessante se faz notar como se imiscui cognitivamente possibilidade de uma explicação mais efetivamente operacinalizável ao lógico formal para situações de simplicidade no cotidiano e complexas a causalidade, a qual se faz as relações de referencialidade significativa ao uso gramatical da conjunção causal. Manifestam-se contudo estados mentais colaterais a esse domínio interpretativo pois de alguma forma lembram ao efeito psicanalítico e inflação efetiva yunguiana observada ao próprio esquematismo funcional dessa representatividade, a linguagem ela mesma. É o que se pode ressaltar dessa marcante figurativa presença de hipérboles, sinestesia e cenestesias e gramaticalização, e à função de realce e ou na ordem sintático-semântico com pronomes e advérbios de intensidade e adjetivação correlata.



A sensibilidade entre afetiva e lúdica contamina essa leitura relacional determinada ao fazer volitivo contextualizado de vivências, as quais no conteúdo ainda que fictício se correspondem, à identidade expressa conforme essa expressividade pelo pronome relativo **quem**, o qual se encontra também na relação tendencial para os produtos cognitivos da experiência física a projetividade da compleição da subjetividade no complexo do antropológico saber. Se a intertextualidade se faz contexto abrangente o possível para lembrar efeitos totais de significação, estas enquanto providas de recortes autobiográficos ressaltam a importância desses vínculos paradoxais os quais se explicam na relação motivacional flutuantes tanto artística quanto científica do possível conhecimento da situacionalidade dos conteúdos da consciência. É o que se presumiria de uma cognição ao espírito infantil um Shelley.

Sobre Shelley as irmãs e o irmão olhavam-no como a um mágico, cujos dedos podiam tirar de um cadinho toda espécie de formas e de cores fantásticas, pois vivia constantemente a fazer experiências com substâncias químicas e invenções elétricas. Mais interessante, porém, do que seus dedos mágicos, era a sua língua mágica. Sabia contar as mais estranhas histórias e inventar as personagens mais curiosas – feiticeiras, gigantes, duendes e fantasmas, homens-cobras que viviam debaixo da terra e que, à noite, quando todos dormiam, serpenteavam pelo chão rumo ao seu jardim, e silenciosos esqueletos de barbas brancas que, durante a noite, agitavam suas foices como relâmpagos, e cujo rei era o Pai Tempo. [THOMAS, H e Thomas, D.L., 1958, p.138]

Entre o adulto e a criança poder-se-ia afirmar com Piaget a projetar um realismo cósmico peirceano “se a criança tem consciência dos mesmos conteúdos que nós, ela os localiza, contudo, de maneira diversa”. [PIAGET, 1926, p.106]

Desses gestos decididos um interpretante global volitivo ao hábito, terceiridade, que se generaliza aproxima-se assim o signo não mediado de uma face poderosa de crença mágica do contínuo se presentificando e arrebatadora das repetições presumíveis um clima dessa sedução a magia por comando, por participação substancial nas intencionalidades. Na própria operação de contar a formalização retoma o caminho simbólico.



*É asoobra e ela voa mais ainda so quando que se pego que para de voar.
Os meninos fecam brincando de quem conseguir pegar ela mas é dificil
porque quando você vá pegar ela com o ar que foi na mão ela voa muito mais de
que já estava voando.*

Mas para catar tem outro problema a altura

Mas o voô dela não faz barulho não precisa de gasolina so precisaode ar.

EE Gabriel Monteiro da Silva

Professora: Magali 13/04/99

Duran

11 anos 5ª série "A"

*Um dia eu estava na casa da minha vó quando eu vi ema plantinha igual a
um algodão e eu a peguei e eu assoprei-a e ela foi subindo, subindo até que ela
desapareceu eu não à vi mais.*

*Um dia eu fui no sítio e la tem paineira e caiu no chão e eu fui pegar, e
quando eu abri estava cheio de algodão dentro e com o algodão eu fiz bonecos e
muitas outras coisas da paineira.*

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes

Professor: Geralda 25/11/98

Ana P. M.

11 anos série 5º "D "

*Peguei uma folhinha verde e coloquei em um copo com alcool, deixei o copo
uma noite em "reposo", e a hora que eu fui olhar a folha ela estava banca e o
alcool estava verde, e isso se chama Clorofila*

The And!!!

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes

Professor: Geralda 25/11/98

Pamela R. C.

11 anos série 5º "D "

*Um dia eu estava no sitio do meu tio Roberto, trabalhando na granja. Na
hora do almoço, o filho dele Junior me convidou para fazer uma experiência.*

*Nos lavanos um vidrinho de plastico, com dez centimetros de altura,
colodamos no vidrinho um pouco de cloro granulado, colocamos dez ML de
remedios para pintinho, e dez ML de oleo de freio.*

Tampanos o vidrinho e ele explodio.

*Dai eu olhei para baixo e vi que os pedaços do vidrinho tinha virado uma
flor.*

Porque quando misturamos os ingredeentes eles começarão a ferver.

Pra que

Eu queria ver o que acontecia

Quando

No ano passado

Onde

No sitio do meu tio

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes

Professor: Geralda 25/11/98

Paulo R. V.

12 anos série 5º "D "

Um dia eu estava andando pela estrada e encontrei um algodãozinho e eu peguei e assoprei e ele se esoparamou no ar e ficou a voando e eu fiquei brincando de pegar aqueles algodãozinho.

Para mim é divertido e legal e eu pegava e assoprava ele avoava de novo. Por que ele é muito leve e ficava flutuando no ar e indo cada vez mais longe até que caiu um caiu dois e foi caindo tudo no chão.

E eu fui pegando um por um e fiquei assoprando novamente e depois eu assoprei tudo e fui jogar bola.

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Luiza M. Correa de Abreu 27/11/98

Diogo S. A.
4º B

Quando eu acho um picão eu brinco com ele eu asoplo ele e depois saio correndo atrás dele para pegar eu consigo pegar um dia meu amigo foi tentar pegar um picão que estava voando mas ele não conseguiu porque ele saiu voando para o céu e nunca mais voltou.

Um dia fui em uma fazenda cheia de picão eu meu amigo saimo correndo e asopro um helicopitero pousou la na fazenda e voou tudo para o céu.

E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Ricardo
11 anos 5º A

Esse tipo de picão é legal porque se você assopra-lo ele sai voando por ai com a ajuda do vento e ele voa por toda parte como se fosse um pássaro livremente e qual quer barreira que ele encontra em seu caminho ele para. E por exemplo: Uma arvore, canaviais, etc. E quando o vento para eles ficam ainda um pouco voando até caírem.

E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Anderson
11 anos 5º A

Um dia andando encontrei um picão voando ai perguntei pra mim mesmo como sera que ele voa ai lembrei que outro dia assoprei um será que é aquele que assoprei ou o vento trouxe até aqui há sim esse picão que se vaga por ai a procura de um outro lugar veja ele está indo embora vamos pegalo antes que suma e nunca mais o encontrem talvez ele vai pra china ou talvez ele volta da onde veio talvez veio de lá é mesmo coisas boas sempre acontecem acho que o picão é parente da paineira, ou do algodão, que nem do outro dia. Eu Brincando com uma paina é muito legal. há eu vou prá casa isso é que eu vou fazer.

E.E. Escola Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Bruno D. M.
11 anos 5º A

Ao fazer se extencional à memória, nas narrativas de vivência ou fictícia colateralmente às tendências potencializadoras dessa expressão protagonizam em que agentes humanos e não humanos são evocados e ou imaginados como fatos de identificação complexa, os quais à referência extralingüística procedem como típicos do contexto cotidiano de vida das crianças na região. Assim os alunos de Torrinha designam, recriam situações a aspectos dessa referência complexa à topografia, lugares amplos, pastagem, culturas locais, atividades agrícolas, a pecuária além de representarem com maior liberdade e diversidade o espaço aberto ao entorno, enfim ao domínio dessa vivida inclusividade micromorfo climática subjetiva e intersubjetiva em que as crianças se envolvem. Fazem uso do falar local e do espírito movido aos significantes da ruralidade, centrados na natureza tendencial dos laços e relações familiares.

Predominando a função referencial contudo eivada pela expressão de simplicidade e intimidade, comunicam valores familiares compartilhados do viver em cidade pequena do interior paulista, sendo constante e recorrente a funcionalidade apelativa afetiva de modo a capturar a orientação interativa parafrástica na própria leitura sem contudo dirimir a potencialidade polissêmica, a causalidade ao gosto focal, a ludicidade e o realismo entre mágico, de essência ou intelectualizado.

Desses traços intelectuais consistem os efeitos de significação dos quais os textos a serem assim apresentados sugerem possíveis representações ulteriores de signos, na cifragem das palavras ao pensamento organismos desenvolvimentais, porquanto ao campo semântico lexical dessa gramaticalização consistindo dos conteúdos de consciência infantil ao “sumiço da flor”.

As referências que se propõem às palavras ocorrem organicamente relacionáveis aos atos, operacionáveis, dessas designações. Aspectos contextuais remotos dessa causalidade são tópicos na sinalização são pragmática e ideologicamente desenvolvidas à informação física e cultural no emprego de palavras ao partirem de enunciados descritivos ao que consistem e correlacionados e significam intersubjetivamente e nisso podem ser reconhecidos.



A escola e o jardim

Numa manhã com sol na escola eu fui. Lá estava a professora Luiza, conversando com a Diretora, depois que ela terminou de conversar ela foi lá comigo. Luiza falou que a aula hoje ia ser especial.

A hora que entramos na classe, estava cheia de flor. A professora falou:

— Hoje iremos fazer um jardim lá na minha fazenda. Nós fomos de caminhonete.

Chegando lá a professora mostrou todos os lugares, aí fomos fazer o jardim. Terminando de fazer a professora encheu o balde de água e molhou todas as plantinhas eram tão pequeninas.

Vomos andar de cavalo, depois fomos na mangueira ver os animais Depois a professora deixou nós nadar, comemos comida. Depois ela levou nós para casa.

Depois de passar um mês as flores ficaram enormes e bonitas. Cada vez nos plantavam. O jardim ficou tão enorme que encheu a fazenda.

A professora falou:

— Quem sabe vocês podem morar comigo.

Aí ficamos um mês lá e foi muito bom.

E.E. "Coronel Antonio Luciano da Fonseca"

Professor: Luiza M. Correa de Abreu 27/11/98

Carina A. M.

10 anos 4º B

A Violeta

Um dia de muito sol, num dia maravilhoso eu acordei e fui tomar café da manhã, era um dia lindo, como estava muito calor fui nadar na cachoeira do Mira. Lá eu vi uma flor que se chamava Violeta, ela é linda a cor dela é roxa nas pétolas, amarela no polém, marrom o cabo e verde a folha. Então eu colhi aquela flor e levei para minha casa.

Lá na minha casa eu plantei aquela flor e até o dia 15 de Julho está planta viveu. Quando ela morreu eu fiquei muito triste e então naquele dia eu á joguei no rio e ela foi embora. Aquela flor era muito importante para mim então outro dia fui a cachoeira de novo e colhi outra.

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca

Professor: Luiza M. Correa de Abreu 27/11/98

Daiane C. T.

10 anos 4º B

A planta

A planta tem que ser conservada e muito tem que ser aguada

E bem bonita quando a gente agoa penetra na raiz e cresce ate lucar ciando mais tem gente que joga lixo em simo das plantas alem de prejudicado prejudica a nos

E a todos pruriso eu queria diser para de jogar lixo em cima da planta qualquer pode prejudicar voce Então poriso peque e coloque dentro da lata de lixo e da para o lixeiro nos ta fazendo nossa parte e eles ta fazente o desels como sera nosso mundo assim

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca

Professor: Sdnei da Costa Tessari 27/11/98

Rafael Q. M.

9 anos 3º A

A Margarida

Quando eu fui no sitio da minha melhor amiga eu encontrei uma linda margarida no caminho. Eu e ela fomos lá dentro de casa e pegamos um vaso e plantamos ela, e trouxemos pra Torrinhã, e todos os dias nós molhávamos margarida.

A margarida creceu e existe até hoje em casa.

Ela está muito bonita. A margarida está em casa porque a mãe da minha amiga não quer plantas, mas mesmo assim continua sendo minha e dela.

Nós gostamos muito da margarida mas um dia vamos ter que largar dela.

Fim

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Luiza M. Correa de Abreu 27/11/98

Aparecida P. B.
10 anos 4º B

Um dia eu estava indo para a escola e pisei pelo um matinho eu pisei e grudou na minha roupa e demorou para eu tirar.

Quando eu estava indo e eu vi uma plantinha ela era branca quando o vento bateu nela ela começou a se soltar e foi para longe e começou a voar longe e tinha uma largata ela estava comedo

A lagata estava forma . o casulo.

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Sidnei da Costa Tessari 27/11/98

Sidnei
9 anos 3º A

Picão

É uma planta que dá geralmente na roça no meio de plantações de milho, arroz etc...

Ela gruda na roupa e não desgruda fácil ela agarra e não solta.

Quando os agricultores vão quebrar milho ou então cortar arroz voltam para suas casas cheio de picão.

Ele voa e desaparece o ar e depois de alguns minutos ela cai no chão. Tem pessoas que brincam com o picão eu por exemplo peguei uma bolinha de isopor e enchi de picão a bolinha ficou parecendo um ouriço.

E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Juliana Z.
11 anos 5º A



Picão

*Um dia eu estava andando em uma serra e enchi de picão a minha roupa.
Catei picão também andando no café. As vezes vejo a flor do picão branco a gente bota nela ela sai voando a klometro de distancia.*

As sementes as vezes o passarinho come o fruto e leva a semente pro bico ela cai no chão e o vento leva ela e nasce e se torna em uma grande arvore existem milhares de arvores em nosso Brasil.

*E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Sidnei da Costa Tessari 27/11/98*

*Leandro M. O. N.
9 anos 3º A*

O picão de espinho e a flor de picão branco

Um dia eu fui passear na serra para catar cacho de banana, com o meu pai, e grudou picão na minha calça.

Eu aprendi na escola que a flor do picão branco, o vento bate nela e ele voa a quilometro. As vezes eu acho a flor do picão branco e assopro e ela voa e cai no chão e nasce de novo. E é muito legal quando ele voa.

*E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Sidnei da Costa Tessari 27/11/98*

*Samuel Z.
9anos 3º A*

A folha de picaõm

um dia, eu e meus amigos fumo na escola crícula com onibus demorrou um pouco, mas chegemo de tudo nos se conhecemo daí noi fomo com uma sacolinha na mão e achemo um monte de folhas e a professorá falou eu truisse ma linha e nem meu amigo campanheiro, falou:

praque professora e ela respondeu porque vocês vam perto de um tamque e o felipe falou:

professora eu posso farar: pode e ele falou: mas porque sim e nós vimos eu encontrem'no se garra, muitos bichos e, muita folha, achei uma folha e eu não sabia que era de picaom e o felipe falou: não, não meche tabaõm aludexei queto e mois fumo lá em fora.

*E..E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Sidnei da Costa Tessari 27/11/98*

*Paulo C. M. C.
9 anos 3º A*



Os alunos da E.E.Gabriel Monteiro registram à escrita esse fazer cognitivo substancial ao sistema de extensividade da significação sob a trama descritiva, narrativa, argumentativa e conversacional as conexões são diagramatizados à linguagem ao caráter rígido vago ou ocasional tomados das relações sociais e urbanas. São marcadamente referenciais as tomadas seletivas de elementos potencialmente representativos, ao léxico menos ao agenciamento da espacialidade física e mais às funções comunicativas que remetem a temporalidade pontual, enquanto elos sociais tomam-se significantes às concentrações e trocas simbólicas do significado. Há referências dúbias, mais para sugestivas que envolvem o sujeito em uma perceptiva mais estática ao contemplativo de uma espacialidade mais urbana e menos identificatória, contudo, complexamente posicional na compleição assertiva da alteridade simbólica à correlação total da secundidade com sinais secundários. Nos textos um quadro inferencial dessas possibilidades. 155, 156, 158, 159, 192, 198, 199.

As crianças da E.E.Abel Augusto Fragata procederam à dialogia porquanto ao eu, ora altera, ao resgate remático de fatos altamente identificados com elementos da natureza combinados às ações humanos enquanto experiência de contrariedade, conflito ao afastamento do objeto querido ao sentido das possibilidades dessa solução. Enquanto receptivos ao eu que se anuncia resolutamente para buscar disponibilizando-se ao entorno diverso do objeto escolhido.

A vaguidade confere-se do que não pode corresponder porque excede as condições existenciais polifônicas e polissêmicas ao momento, à significação ainda imperfeitamente aprendida enquanto escapam brutalmente as possibilidades parafrásticas na descodificação, resta contudo seu sentido evolutivo, atribuição final, enquanto tema puro, ao Signo. Esse nível mais elevado de concentração simbólica, fonte da criatividade enquanto fazer funcional da vida, assimilação e fruição, ao sentido dessa participação gratuita na integralidade do pensamento, enquanto fruir do conhecimento da necessidade de entendimento, desse envolvimento vital presente ao contínuo da consciência enquanto equilíbrio, paradoxalmente, ao surgir, desdobra-se na cognição, na produtividade, às inferências, ao desenvolvimento.



O tema é um sistema de signos dinâmicos e complexo, que procura adaptar-se às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. [BAKTHIN, 1995, p.129]

Ao conjunto dessas formas enunciativas, desses esforços volitivos orientados ao todo, podem-se estimar as significações às formas lingüísticas mais aproximativas progressivas às interpretações do sentido, para uma expressividade na regulação realizativa do signo; enquanto se apóiam na funcionalidade comunicativa poética literária, mais ficcional, vai predominando a tendência para aquele nível de redundância e, que permite ao repetir-se no novo como instrumento adaptativo para solucionar a continuidade no enfrentamento da assimetria. Ao fluxo simbolizante com que se processa na referencialidade possível marcado arqueologia cultural estimável à discursado no tempo, imemorial ao desvio dessa potencialidade. Esse aspecto evolutivo à significação epistêmica remete às formas lingüísticas enquanto reserva das possibilidades tendenciais, à experiência fundamental nas tomadas assimilação esquematizante, operacionalmente enquanto explicitude nos gêneros na internalidade, significam à nova transformação do objeto ao qual tomado ao mesmo, no contínuo, um fazer diverso.

Resguardada, o potencial emocional e energético sendo forte a compulsividade, dá-se a sugestibilidade por recursos metafóricos, ao limite desse estranhamento e da solução transpositiva do mistério, em enigmas; da incompletude; a intraduzibilidade; o tangível perceptivo não a esgota a indeterminação, corrente na Uníversalidade como potencial genético renovação, de regeneração, infinitude, mas ainda continuidade, anunciando-se a fonte restauradora abduativa.

Há a figuração dessa sensibilidade receptiva por recursos do imaginário e identificados na disponibilidade memória, à conservação na viva expressão na subjetividade gramatical às descrições mais estáticas, dimensão mimética. A abertura ao acaso, no sentido mais simples dessa autopoiesica o mais primitivamente próximo da experiência na natureza afetiva da afinidade metavivencial, sugestão de uma assimilação em que acomodação se faz por “rodeios”, circularidades, ao fenômeno da

vida da renovação mágico, tão próximo ao fisiológico; enquanto ao psiquismo. Assim o ir e vir se coloca à base das descrições dinâmicas no nível dessa atividade, nas formas tomadas às alegorias, às fábulas, às lendas, onde o efêmero, o vago e o difuso, indetermina-se do singular enquanto concentração simbólica do mistério envolvendo tudo nas coisas, seres brutos e seres vivos.

Peirce propõe “significação” e “aplicação” nos termos tradicionalmente designativos para conotação e denotação.

A aplicação de um termo é a coleção de objetos com os quais ele se refere; a aplicação de uma proposição é os casos em que ela se mantém válida. A significação de um termo são todas as qualidades que são por ele indicadas, a significação de uma proposição são todas as suas diferentes implicações.
[PEIRCE, 1995, p. 146]

Nos enunciados verbais em que a flor é designada como termo, nome observa-se enquanto de classe de objeto que uma inclinação afetiva significa para a seletividade aspectos distribucional; provém dos modos de raciocinar dessas crianças, a impressão dimensão volitiva, interpretante, bastante marcada pela forma fácil de fazer-se-á sua realidade operacional. Às imagens perceptivas criadas à recorrência de vocábulos com forte sugestão sensorial pode-se compor do efeito inteligível.

Embora seja de uma base de predominância mais rica e elevada nas composições das escolas de alunos de Torrinha, também são encontrados em textos das escolas de Marília, traços indicando essa possibilidade de atribuição de um nível de evolução da generalidade mas já propositiva, com assedividade natural menos para a flor, complexamente derivativa como uma imagem apresentada intensa combinando emoções e sentimentos criados por analogias e metáforas possíveis espécimes particulares em seus contextos culturais.

Nesse sentido o ícone mental, ou idéia da proposição “sumiço da flor” envolve esse complexo representativo. Como um sujeito-índice, composto de índices, apresentado, muitas vezes sob a cópula, importa contudo como menos presentificada às

condições físicas morfoclimáticas naturais durante uma atividade escolar, representando essa condição às alternativas da tradição sócio-cultural.

Entre os enunciados declarativos pode-se notar que o “sumiço da flor” estabelece-se segundo uma iconicidade mental composta da grande totalidade das grades dessas possibilidades pensadas e vividas pelos alunos no contexto escolar. Os índices constituem complexamente a potencialidades icônicas do “sumiço da flor”, para essas crianças consistem das formas de pensar à experiência de secundidade, segundo a inteligência recognitiva. Lembrando Peirce, é indicial tudo aquilo pelo que elas distinguem como aquela flor, exposta naquele intervalo e momento. Uma vez que se adote o seletivo universal tudo, pode-se pensar em dois ícones alternativos representando no padrão o que constitui o símbolo flor como traço assertivo escolhido. Para essas crianças pode-se apreciar proposicionalmente a partir dessas enunciações, apresentando-se os signos como indiciais segundo a escolha se faça casual e desejada para o ícone.

Predominam ao caráter dois valores distribucionais as idéias de diversidade e os juízos conservam algo da matriz dinâmica motivacional daquele esquema das paralaxes de movimento para a identidade dos fenômenos, enquanto consistem as ações representadas naquelas situações, noções comuns imediatas o que se presentifica às crianças nas afinidades relacionais ao suporte material dos sistemas cognitivos humanos e não humanos. A linguagem das crianças expressam consistentemente aquele “caráter intelectual de uma coisa” que para Peirce significa na identidade humana enquanto expressão orgânica do pensamento. (PEIRCE, 315)



Pertença inclusividade

A Pãina

Uma vez peguei uma pãina e assoprei e aqueles pelinhos brancos voaram e eu me imaginei voando também.

Imaginei ir para o paraíso onde tinha um monte de pãenas que eu assoprava e a gente voava mais longe ainda.

Fomos parar no universo, mas num universo diferente, onde tinha todas as espécies de plantas se como rosas, margaridas, pãenas. E daqui a pouco me imagino afogando com as plantas e acordo vendo as pétalas de rosas cobrindo o meu rosto.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: GERALDA 25/11/98

Edson B. C.
11 anos série 5º "D "

Um dia eu estava na casa da minha vó quando eu vi uma plantinha igual a um algodão e eu a peguei e eu assoprei-a e ela foi subindo, subindo até que ela desapareceu eu não à vi mais.

Um dia eu fui no sítio e lá tem paineira e caiu no chão e eu fui pegar, e quando eu abri estava cheio de algodão dentro e com o algodão eu fiz bonecos e muitas outras coisas da paineira.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: GERALDA 25/11/98

Ana P. M.
11 anos série 5º "D "

A plantinha

Um dia eu estava passeando, pensando na vida. Então derrepente com o ar frio do vento apareceu voando vários galhinhos de algodão.

Eu adorava aquela plantinha porque ela é bonita, e também quando alguém sopra ela, ela sai voando como vários passarinhos.

Eu acho bonita porque de noite quando ela está voando, parece vários pontinhos brilhando para o além.

Por isso, essa é minha plantinha preferida.

Fim

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: GERALDA 25/11/98

Cintia G. S.
11 anos série 5º "D "

O vento trouxe

Um dia bem de manhã encontrei uma folha esquisita cheia de furos era um tipo de uma avore pequena, primeiro eu pensei não vou pegar, depois acabei pegando começou queimar eu comecei a gritar minha mãe veio correndo e me levou para o hospital.

Passaram um ano eu estava no quintal da minha ávo, eu encontrei uma palmeira, primeiro eu perguntei para minha ávo e falou que esse podia porque essa não queima esse voa! voa! E quase nunca cai. Eu estava curioso eu peguei e asoprei para ver o que ia acontecer ele voa chegou no céu eu comecei a brincar até o dia acabar.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Hugo S. B.
11 anos série 5º "D "

As plantas

Um dia eu estava andando de bicicleta e trombei numa árvore cheia de espinhos. Me arranhei inteiro, fique todo machucado.

Depois de 1 mês, fui num sítio de um primo meu. Lá encontrei uma planta branca, era uma paineira, assoprei ela, que saiu voando. Depois fiquei imaginando para onde aquela paineira ia parar.

Quando eu estava indo embora, uma paineira passou voando na minha frente, e pensei novamente

Acho que a paineira deu a volta em todo o sítio. Cheguei em casa e dormi pensando em plantas e mais plantas.

FIM

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Vinicius
11 anos série 5º "D "

Um dia fui na casa de meu avô e peguei uma flor vermelha que solta um leite mas eu não sabia que aquele leite queimavam mas como eu fui muito curiosa eu coloquei a mão e aquele leite começou a queimar minha mão.

Um outro dia encontrei em casa uma flor totalmente branca mais o que eu não sabia era que não podia pegar nessa parte branca e eu fui lá e peguei nessa parte branca e a florzinha começou a espatifar e eu comecei a correr atrás dela ela foi subindo, subindo até que desapareceu.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Érika C. F. G.
11 anos série 5º "D "

A florzinha que aprendeu a voar

Um dia saindo da escola, vi uma plantinha ela era tão bonitinha que consegui pega-lá, e eu sei quero assoprei a plantinha e ela se despedaçou inteirinha, fiquei triste.

Mas não muito, porque aquela plantinha voou e voou que eu segui ela, voou mais ainda, e eundo dava para subir, então tive uma boa idéia que subi num muro e eu não sei como fui parar bem longe do chão porque eu acho que o vento me levou, achei muito estranho, mas eu voei junto com ela, lá de cima vi a multidão de pessoas e até minha casa, me deu desespero e chorei.

Que depois quando acordei estava em minha cama.

E lá vi que era uma lembrança do meu sonho

FIM!!!

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Dayana F. P.
11 anos série 5º "D "

Um dia eu estava brincando e achei uma flor chamada "picão", peguei aquela flor e asoprei ela. Aquela flor saiu voando até cair em uma possa de água.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Marlene 25/11/98

Luis G. P.
12 anos série 5º "C "

um dia eu estava brincando e derrepente caiu um picão bem pequeno em meu cabelo, e depois eu olhei para trás e vi mais um monte e fui seguindo estes picões e achei um pesinho e levei para mim brinca com ele. no outro dia eu achei mais quatro pezinhos de picão e quando eu acho pe de picão eu pego ele e giro com a mão para ele se soltar e muito legal.

E.E.Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Débora L.
11 anos 5º A

E o vento o leva por aí

Em um dia de sol, ando por aí vendo plantas e a minha frente uma planta que não avia visto algo como aquele, uma planta branca eu fiquei a olhando e o vento soprou e a planta foi se desmanchando, suas pétolas voando por aí e fico pensando aonde ela vai, dava volta ao mundo? Pelos planetas? Eu não sei o que dizer mas é lindo olhar a natureza voando, voando.

Eu vi mais uma florsinha e a catei na mão assoprei e ela foi subindo, eu fui embora para casa pensando aonde estará a florsinha que eu assoprei

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Flávia T. S.
11 anos série 5º "D "

O vento trouxe

Um dia bem de manhã encontrei uma folha esquisita cheia de furos era um tipo de uma amore pequena, primeiro eu pensei não vou pegar, depois acabei pegando começou queimar eu comecei a gritar minha mãe veio correndo e me levou para o hospital.

Passaram um ano eu estava no quintal da minha ávo, eu encontrei uma palmeira, primeiro eu perguntei para minha ávo e falou que esse podia porque essa não queima esse voa! voa! E quase nunca cai. Eu estava curioso eu peguei e asoprei para ver o que ia acontecer ele voa chegou no céu eu comecei a brincar até o dia acabar.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Hugo S. B.
11 anos série 5º "D "

um dia eu estava brincando e derrepente caiu um picão bem pequeno em meu cabelo, e depois eu olhei para trás e vi mais um monte e fui seguindo estes picões e achei um pesinho e levei para mim brinca com ele. no outro dia eu achei mais quatro pezinhos de picão e quando eu acho pe de picão eu pego ele e giro com a mão para ele se soltar e muito legal.

E.E.Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Débora L.
11 anos 5º A

Liberdade, autonomia, alternativa

Elton e o Picão

Um dia Elton estava brincando de bola, ele chutou a bola bem longe, quando ele foi buscar, ele viu um picão.

O vento epalhou o picão para todo lado, Elton ficou reparando o picão, mais ele lembrou que tem que voltar a jogar bola e ele voltou normalmente.

*E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98*

*Elton P.
12 anos 5º A*

Esse tipo de picão é legal porque se você assopra-lo ele sai voando por aí com a ajuda do vento e ele voa por toda parte como se fosse um pássaro livremente e qual quer barreira que ele encontra em seu caminho ele para. E por exemplo: Uma árvore, canaviais, etc. E quando o vento para eles ficam ainda um pouco voando até caírem.

*E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98*

*Anderson
11 anos 5º A*

Intuição do vácuo

O Picão

Um dia estava andando no meio do pasto e eu vi um pé de picão.

Meu amigo bateu a perna e o picão caiu na grama, mas o vento fez o voar, voou voou até um lugar que não tinha vento e desmanchou.

Eu achei outro pé de picão e pequei para brincar com ele.

Eu assoprei e ele foi voando embora até desmanchar.

*E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98*

*Fabício
12 anos 5º A*

As idéias predominam em enunciados dêiticos implicando a tematização do conhecimento formal, o espectro nocional da geometria.

Eu acho que é um diamante brilhante com várias partes trincadas e nesses trincados que sai a luz bonita e debaixo dele tem um monte de andorinha levando o diamante.

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99*

*Tamyris M. F.
10 anos 5ª série "A"*

O entrelaçamento entre o científico e o mágico pois à operação de contar de Piaget ainda como sinal e causa e não serve somente para obter algo mas como fórmula tática total para solucionar dubiedades. O hábito generalizando-se "se torna primeiro um meio de decisão, depois um signo e por fim um procedimento mágico" [PIAGET, 1926, 114-115]

A florzinha que aprendeu a voar

Um dia saindo da escola, vi uma plantinha ela era tão bonitinha que consegui pega-lá, e eu sei quero assoprei a plantinha e ela se despedaçou inteirinha, fiquei triste.

Mas não muito, porque aquela plantinha voou e voou que eu segui ela, voou mais ainda, e eundo dava para subir, então tive uma boa idéia que subi num muro e eu não sei como fui parar bem longe do chão porque eu acho que o vento me levou, achei muito estranho, mas eu voei junto com ela, lá de cima vi a multidão de pessoas e até minha casa, me deu desespero e chorei.

*Que depois quando acordei estava em minha cama.
E lá vi que era uma lembrança do meu sonho*

FIM!!!

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Dayana F. P.
11 anos série 5º "D"*



As plantas

Um dia eu estava andando de bicicleta e trombei numa árvore cheia de espinhos. Me arranhei inteiro, fique todo machucado.

Depois de 1 mês, fui num sítio de um primo meu. Lá encontrei uma planta branca, era uma paineira, assoprei ela, que saiu voando. Depois fiquei imaginando para onde aquela paineira ia parar.

Quando eu estava indo embora, uma paineira passou voando na minha frente, e pensei novamente

Acho que a paineira deu a volta em todo o sítio. Cheguei em casa e dormi pensando em plantas e mais plantas.

FIM

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Vinicius
11 anos série 5º "D"

Um dia eu estava brincando e derrepente caiu um picão bem pequeno em meu cabelo, e depois eu olhei para trás e vi mais um monte e fui seguindo estes picões e achei um pesinho e levei para mim brinca com ele. no outro dia eu achei mais quatro pezinhos de picão e quando eu acho pe de picão eu pego ele e giro com a mão para ele se soltar e muito legal.

E.E.Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Débora L.
11 anos 5º A

As plantas

Um dia eu tava brincando na rua quando um picão voando pela rua, e também uma flores e caiu em cima de uma paineira.

No outro dia a flor estava em cima do tijolo.

O algodão com todo aquele vento e o algodão começou a voar todos os algodões voaram

Eu fiquei olhando para o céu e cada vez mais foi subindo.

No outro dia tinha um monte de algodão dentro da aréa, e como estava muito vento a minha mãe centou bem na direção do vento e ai quando bateu um vento foi tudo na cara da minha mãe.

Fim

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Joselaine C. A.
11 anos série 5º "D "

Os alunos tanto da E.E.Lázaro Franco de Moraes bem como da E.E.Gabriel Monteiro e E.E.Abel Augusto Fragata também se dispersaram em versos e neles conseguem reunir os conceitos mais significativos que compõem a esfera lexicomática. Essas categorias de correlação associativa sintética da sua distribuição nacional como núcleos que só são referenciáveis em textos individuais parece significativa do ponto de vista estrutural como formas interpretantes volitivas de um certo controle de processos de revestimento de propriedades ao limite substantivos concretos e abstratos e verbos.

Os verbos indicando movimento vão se desenvolvendo ao campo eicotemático contudo ao limite das descrições, pontualmente em centralizações, recantos dessa expressividade, mais ou menos estáticos, guardadas as aproximações, as figurações opositivas dos processos. Expandindo-se a expressividade nesse fio poético, declamatória, nas recitações como quadrinhos ao estilo popularesco das formas e modinhas às festas folclóricas. Essa afetividade espontânea surgindo na qualidade primitiva dessa aproximação infantil consiste na gramaticalização, atenuações e realces por diminutivos, aumentativos, possessivos incertos apresentando-se nas formas de linguagem, encenativas, gesticulatórias, por semas gradientes sensórios, inerentes como processo de metaforização nas lexemas. O crescimento da função apelativa, em expressividade da afecção dessa latência co-textualizada, tanto à internalidade quanto à externalidade. Parece haver um ponto concentrativo básico, conjuntural, nessas realizações poetizantes compondo-se uma tessitura que embora assemelhativa, acaba por desconcertar o leitor por uma familiaridade direta e tão ingenuamente convincente como nível tão íntima e interpretante energético, volitiva. Assim as idéias tanto se confrontam, como se fundem à vívida dimensionalidade analógica que subsumem. Desses traços comuns e antitéticos indicam-se modos coordenativos tangenciais à consciência, subjetivamente tornando-se assimilações e acomodações às estruturas e saberes pertinentes.



Funções comunicativas estéticas e emotivas

Minha saudade

*Eu sinto saudade de um pé de maga.
Dodo dia eu ia brincar depaixo do pé que fazia sombra
Quando tinha maga eu ia xupa maga e também não deixava de brinca
Teve um dia que eu tinha mudado até hoje eu me lembro dessa árvore.
Meu pai prantou outra árvore e eu brinco de dia na sombra desta árvore*

*E.E. Abel Augusto Fragata
Professor: Olinda 30/09/99*

*Willian F. L.
4º série "B"*

Eu e a paineira

*Um dia eu estava andando por um
pasto quando eu vi uma paineira,
pequei pelo cabinho, levanteio para
o alto, assoprei, e tantan tantan,
ele saiu voando, voando
Eu segui ela só que quando ela
chegou num rio eu não avi mais,
voltei para casa e dice para a minha
mãe.
R: eu fiz isto por que eu queria me destrair um pouco
R: para me destrair
R: quando eu era um pouco menor, por volta dos 9 ou 10 anos ele foi para o
espaço.*

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*José A S.
12 anos série 5º "D "*

Minhas experiencias

*Um dia eu sai de casa e fui na casa de minha tia, onde tem um jardim.
Lá eu peguei uma paineira e soprei, ela saiu voando para o infinito.
Naquele mesmo dia, eu fiquei brincando com todas as plantas, e foi muito
legal.
Em casa tinha muitas paineras, e eu ficava assoprando para ver até onde
elas iam.
E até hoje eu não sei ao certo até onde elas vão.*

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Paula P.
11 anos série 5º "D "*

A flor

*La em casa tem flor
e a minha mae cuida
dela com muito amor*

*Eu gosto de flors
mais umas são
uns orrores*

*minha vó adora flors
ela leva até para
os cantors*

*Minha gosta de cantos
Mais adora plantas*

Fim

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*João P. M.
11 anos série 5º "D "*

E o vento levou

*Um dia peguei uma planta
se chamava "picão".
Soprei ela, bom muita força,
e sumiu na imensidão.*

*Então fiquei pensando
"Onde ela vai parar?
Será que alguma fazenda
ou no fundo de um mar?"*

*então peguei um aoutra,
assoprei de novo.
Saiu devagarinho, redonda
e até parecia um ovo!*

*E, então me perguntei:
"Como ela voa assim?"
isso acho que não vou saber
é uma história sem fim!*

FIM

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Pedro C.
11 anos série 5º "D "*



Eu e minha paineira

*Eu ia todos os dias no sítio
para assoprar as paineiras.
Eu assoprava e corria atrás,
até onde fosse.
Era legal ela ia sumindo céu
afora.*

*Eu ia no sítio e quando eu
andava descauso as urtigas
deiscavam meus pés todos vermelhos
e cossando.
Eu pegei uma urtiga espremi com
limão ficou amarelo.*

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Pedro C. D. C.
11 anos série 5º "D "*

*Uma planta nasce no meu quintal.
Não sei que tipo de flor é e nem da onde veio.
O que é isso um animal ?!
Ou é apenas uma planta no meu chão,
Chão do meu coração.
Percebi que também era uma vida
Não humana, mas vegetal.
Comecei a cuidar dessa planta como se fosse minha própria filha, filha
minha, filha minha...
No outro dia amanheço com a maior alegria
E quando chego no quintal, cade a florzinha ?!...
...Foi levada pelo vento,
que silencia o meu tormento.*

Fim

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99*

*Jéssyca B.
10 anos 5ª série "D"*



Enigmas seguem a assertividade nas reposições interpretantes
sugestivos e instintivos

*Ele some por aí...voando, o que será? Uma flor, um passára...não sei.
Ele pode ser tudo o que queremos que imaginamos.
Estou curiosa porque ainda não sei o que é.*

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Luciano M. M.
11 anos 5ª série "A"

*Eu me lembro dessa flor quando estava brincando e peguei na minha mão e
caio muita florsinha.*

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99

Juliana R. M.
10 anos 5ª série "D"

*Era uma vez uma uma flor quando você sopra ela desmanca
A flor é Branca ela desmancha.
Ela solta um monte de florzinha
Eu acho que uma flor.*

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Daiana C. S.
11 anos 5ª série "A"

*Era uma vez um passarinho que vivia numa flor.
Sá ele vez sua própria casinha teve seus filhotes nesta casinha dentro da flor.
Saia todos os dias atrás de comida para seus filhotes.
Até que um belo dia veio uma menina e rancou a casinha do passarinho.*

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Aline D.
11 anos 5ª série "A"

*Esta coisa lembra sobre uma flor:
Lembra também de uma natureza feliz
Lembra também dos animais.
Ela é uma flor dourade e cheirosa*

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99

Lincoln V.
10 anos 5ª série "D"



Funções comunicativas à referencialidade viva

A dorme-dorme.

Uma vez eu e meus primos fomos ao sítio, em baixo da serra e brincamos de fazer expedições e no caminho achamos uma plantinha.

Que parecia uma folhagem e começou a fechar, derepente nossos pés estavam todos firados e vimos que a plantinha tinha espinhos.

Fomos mostrar ao meu tio e ele disse que era a dorme-dorme.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Araceli S.
12 anos série 5º "D "

Essa flor me lembra de uma planta dormideira que eu conheço e é da cor verde.

Isso deve ser uma flor branca que sota pedacinhos de flor.

Me lembra uma flor igual essa que eu já vi.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 07/04/99

Bruno F. R.
12 anos 5ª série "F"

Certo dia fui olhar as rosas do meu jardim encontrei uma flor muito esquisita

Nela estava uma abelha esperta. Aquela flor era muito linda.

Essa foto me lembra do filme vida de insetos.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99

Gabriela P.
10 anos 5ª série "D"



Essa mostra antológica correspondendo em possibilidades de palavras os estados tendenciais da consciência relacionando e distribuindo por formas, números em um sistema nocional cíclico, a fragilidade na expressão da resistência e sensibilidade configurativa estética em cor, odor, dor em que se pode presumir à natureza dos aquênios, ao caráter de endurecimento nos signos exteriores às palavras “espinhos”, penas, peles, à atividade orgânica, nas tectrizes mentais ao objeto.

Os efeitos de identidade na significação mascarados nessas expressões organismicas, são relevantes enquanto interpretantes daquele caráter cognitivo cósmico do então pensamento. Enquanto se referenciam como sistemas informacionais analógicos, nas formais conceituais à consistência de conteúdos significativos à consciência, justificam-se e ampliam-se na mesma condição e situação correlata referencial à identidade da flor, à mente das crianças e do intérprete pesquisador, importantes como esquemas deslocativos em um sentido axiológico desenvolvimental, nessa projeção como imagem-signo diferencial evolutiva, nível do possível a ser feito.

As crianças demonstram maior descentração, flexibilidade e autonomia nas ações e a menor heteronomia nas regras, a anterior mística da autoridade embora da alguma forma se proporcione às regras de conduta social enquanto convencional está ritualidade, não as leva a justificações dessa imanência nas relações, ao contrário preponderam às referências extralingüísticas as relações de convivência marcada pelos valores de reciprocidade. Contudo, não se assegura a conduta mais objetiva, pois saindo dessa contextualidade, penetra-se nessa participação primitiva do pensamento. Apenas iniciada evolui para a intensidade emotiva. De início, ao entorno das formas lúdicas e estéticas pode-se observar desenvolverem-se as “provas” solucionadoras das dubiedades e conflitos e a linguagem apresenta-se marcada correlativamente aos esquemas evolutivos, à assertividade possível ao mesmo potencial representativo à operacionalidade, numérica, porque maiêutica, epistêmica.

Nessas condutas de linguagem, à expressão medieval dessa extensionalidade maior dos esquemas podem ser compreendidas como elementos de expressão composição encenativa entre a cognição ao ritualismo recorrente. São

importantes à leitura esses traços em que se relacionam cor, número e forma à simplicidade, complexidade dos sistemas posicionais. As afinidades internas dessa realização bioquímica à expressão do limite do sofrimento, como a “seca fisiológica” o reotropismo, trocas energéticas harmoniais.

As crianças apresentam-se com o domínio mental à suficiência da interpretação discursiva, à mediação de componentes lógicos investidos da exterioridade, internamente avaliam as transformações à subtração e ao acrescentamento dessas possibilidades. Por um raciocínio suportado em hipóteses à proporção de elementos de assertividade, nessa crença na correlação na representatividade mais geral para as realidades, sejam nas mesmas possibilidades exteriores ou fictícias em que o eu dialoga com a nova e antiga natureza de que consiste.

Na explicação que as crianças cooperativamente propõem ao pensar para a significância biológica na unidade realizativa de mediante capacidade funcional fertilizativa à reconhecida da flor, do picão, as imagens capturam o leitor, diagramatizando-se o fenômeno da propulsão aos transbordamento qualitativo dessa explosividade espontânea ao tempo de presentificação, objeto imediato de um observacional abstrativo gratuito o objeto dinâmico àquilo comum no qual ser e estar significados, “sedere” e “estare” ao passado como possível contemplar agir. Com ela na evocação de formas intimidade revivida às sensações e ao sentimento, nas intensidades e na conservação. Nas imagens efeitos mime-se, a potencialidade platônica e a cromogenia significante aristotélica.

À realidade mnêmica, na iconicidade semiótica da idealidade na possível abertura da reserva e efeito dessa gestalt natural potencial da prodigiosidade, o inesperado da natureza na possível área dessa encapsulação, exteriorizam-se na simetria harmônica à gestalt na natureza viva do sistema cognitivo na qualidade depurativa a ser tomada no nível de afecionalidade dessa realidade categorial infra-lógica no intérprete, um dimensionamento intervalo dessa recorrência e na sua excedência, às estimativas para um período de retorno, tomados à resistência da frágil expressão orgânica interativa humana à resistência corpórea a compreensão invasiva na realidade.



“A metáfora aparece assim como uma estratégia do discurso que, preservando e desenvolvendo o poder da linguagem, preserva e desenvolve o poder heurístico desdobrado pela função.” [RICOEUR, 1983, p. 09]

A possibilidade desse espalhar informacional capaz de arrebatrar e sortir efeitos desse aquecimento afetivo e intelectual longínquo na forma e tempo estimáveis ao que suas características queridas ao puro pensar, parece permanecer na potencialidade dessa legitimação do signo na cadeia semiótica, a natureza da flor em seu campo semiótico.

Ressalta dessa elaborações assemelhativas centradas no signo naturalista a realidade de princípio ao simbólico da palavra, o poder vinculante, observável à base de realização química dos ingredientes expansivos da matéria quando periodicamente tomados em suas possibilidades fragmentativas, conforme essas manifestações se fazem à significantes referencialidade que as crianças apresentam nas lexias, na fixação da gramaticalidade enquanto signo sintático semântico e pragmático à representatividade em desenvolvimento nesses textos.

Com essas matáfrases, nas transposições de frases e percursos textualmente significativos, a compreensão brota como explicitação dessa racionalidade enquanto efeito de sentido ou orientação, uma narratividade de cognição total; emerge uma concepção cosmológica que embora imperfeita às possibilidades dessa interpretabilidade da unidade na diversidade.

Assim os modelos geométricos na estrutura de cristalização na relação com refringência da luz são aspectos sensíveis significantes á gramaticalização, adjetivação e substancialização, vocábulos formais como brancura, brilho, estrelas, diamante, sol.

A subjetividade uma vez compreendida como noção cultural e natural não completamente definidora embora construtiva da identidade humana impõe-se à reflexão por estar forma significativa de transcendê-la às implicações semióticas de um processo incessantemente acomodativo.

A orientação da identificação derivando como propriedade estruturante do entorno evolutivo e integralizador de variantes interacionais, assinala-se do efeito de relevância dessa conservação imbuída de necessidade compositiva, ao progredir com o signo, ao princípio ativo de consciência.

Essas recorrências no âmbito da metalinguagem são sinalizadoras de movimentos e processo assimilativos passíveis da leitura da organização, naquele desempenho, na leitura cognitiva sentimental as categorias incomensuradas assimiladas semiologicamente ao infungível.

Enquanto se proponha como processo dialógico a subjetividade epistêmica se exhibe nas transversalidades relacionais possíveis dessa cognição entrelaçamento do estático pontual e o contínuo de que Saussure apropriou-se como o valor vital do inesperado potencializador, presentidade reveladora na organização relacional, unicidade e diversidade marcada na singularidade significativa na possibilidade de transitividade. Na heterogeneidade dos sistemas sólidos que constituem a subjetividade a possível reflexão tipológica das características cibernéticas materiais de origem, assinalaram-se medidas perceptivas, geodésicas quânticas na complexidade das transformacionais isentrópicas, isentálpicas, reomáticas, mesmo que se entendam como noção conceitual resultante de processos imperfeitos porque imprecisos e antagônicos na escala transcendente dessas correlações de periodicidade.

Rosa

*Estava andando e vi uma rosa estava murcha eu peguei um regador e alquei ela.
Ela ficou feliz eu também ela era muito bonita ela chamava muita atenção cada dia que
passava ela ficava mais bonita, eu fiquei muito feliz com ela peguei ela e dei para meu
namorado ele ficou muito feliz, eu também e foi assim por diante.*

*E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Luíza M. Correa de Abreu 27/11/98*

*Daiani P. S.
10 anos 4º B*

*Eu penso que este de pode ser uma poema só que não pode ser uma
poesia porque ela tem uma coisa que eu não consigo entender que a poesia é tão
boa que parece so que está flor é um exemplo de harmonia e amor com está flor um
coisa da vida e muita amo-.*

Esta flor parece, com eu conheço lá perto da minha casa.

Eu gostei tanto dela que eu levei embora

Para minha casa e prantei ela e águei ela e a tudo.

EE. Gabriel Monteiro da Silva

Luzia G.

Professora : Magali 28/04/99

12 anos 5ª série "B"

Dessa vibrante interatividade material ao ingrediente simbólico talvez o diálogo íntimo de Goethe Van Gogh com cadeira, as flores, sapato, das coisas ao entorno à contaminação das circularidades inerciais das formas artísticas e do also ours. "We are afraid that this Van Gogh experience may become universal and this."

Dessas transigência criativas enquanto hermenêuticas de "pertinência semântica", "apercepções" na instanciação da iconicidade, a assemelhação sendo já cognitiva se desvela como lógica interativa. "Entre ambos, pensamento e poesia, reina um parentesco profundo, porque ambos se oferecem à linguagem e se prodigalizam por ela" [RICOEUR, 1983, p. 476]

A distância "lógica" não impede a aproximação de prolongamentos mentais irradiados como núcleos de assertividade originários das palavras signos. São interpretantes energéticos às expressões das assimetrias plurais e dessa velocidade transcendente ao máximo angular do amparato cognitivo do espírito humano lógicos aos efeitos dessa interpretabilidade "Assim os aquênios [do lat. Achaeniess] são aproximáveis dos fogos de artifício.

Os aquênios no tipo de fruto miúdo, seco, ideiscente provido de uma só semente, a qual se acha inteiramente livre no interior do pericarpo fino, e que é característico da família das compostas, como margaridas, girassóis, embora apareça irregularmente em muitas outras. O que geralmente é chamado de flor em plantas da família dos girassóis e em alguns outros grupos é na verdade uma "inflorescência" e as inflorescências podem ter muitos metros de altura como algumas palmeiras. Os carocinhos do morango e do figo são aquênios, a matéria ao pensamento transformacional cosmogônico.

Analogicamente, os fogos de artifícios são representantes de algumas das possíveis aquisições nas realidades transmetamórficas entre a infinidade de magia e a ciência, porquanto a fragmentação inesperada das baladas moldadas no tamanho de um caroço de uva, secadas ao sol, expressão de um aprofundamento à exterioridade naturalmente semiótica.

Ao efeito de coerência total dessa exteriorização criatividade e harmonia gestáltica, abre-se aberta na interioridade e exterioridade uma possível forma de ser existindo quais se oferecem do desvelamento ao contínuo, ao “ser” realizando-se para qualquer estar, depura-se e esvanece mas não se perde na temporalidade. Os efeitos estéticos integralizados como domínio dessa captura surpreendente compostos volitivamente na necessidade expressiva da cognição ativada no clima infantil.

Na disponibilidade gratuita a essas crianças, essa sugestibilidade pode ser vivida como um primeiro material, como incandescência e recristalização, e às emoções à naturalização sintética naquela integralidade de sentimento amorosidade e sofrimento à exteriorização simbólica.

Seriam essas talvez as metáforas sentimentais à iconicidade das realidades físicas, do pensar profundo, vinculado na mais alta significância formal teórica mediada das termoregulações e das estruturações efetuam diagrama à inteligibilidade dos movimentos moleculares na mesma materialidade abduzida.

O calor, a cor, as radiações, como agente potencializador natural das gradiências de quantificação nas exterioridades, são complexidades posicionais valorizados por Einstein (1981) Bachelard, (1965) como movimentos na realidade da substância e experiência profunda quanto na profundidade transformações de estados da matéria. Desencalagem, transformação ao suporte da propriedade ígnea, o possível no encalado à ação atmosférica líquido, gasoso. Irradiando-se em luz, ao ‘brilho’ às partículas observáveis, síntese na difusão, no efeito dispersivo degradando-se na resistência e do comprimento de onda envolvido no fenômeno. Exterioriza-se como “brancura” torna-se dessa sensação quando absorve todos os comprimentos da onda.

O calor é fundamental e as ondas luminosas são produções caprichosas na intensidades e magnitude, no tempo e espaço local suportado à qualidade material dos elementos que as constituem funcionalmente.

“Os fogos são brancos reluzentes quando as baladas conseguem emitir, ao mesmo tempo, ondas de todos os comprimentos, com todas as cores do aspecto”...”Quando se fornece muito calor a uma substância, é como se ela sobrecarregasse, recusando a energia extra, desenvolvida em forma de luz. É o

fenômeno de um ferro em brasa" [ALCÂNTARA, M. R. 1990, p.24-26]

Na coordenação simples os elementos entram uma só vez na formação e agenciamento desses grupos categorias à função espacial e temporal. Tais isotopias são as linhas funcionais cognitivas sugeridas como solucionadoras enquanto representam conjuntos funcionalmente significantes às incógnitas racionais. À imagem dessa periodicidade com que se apresentam à decomposição em seus harmônicos potencialmente correlacionáveis às transformações podem ser metáfora do pensamento.

Os ingredientes da matéria são apercebidos, sintonizados enquanto reserva de potência energética projetada em seus próprios parâmetros realizativos a sistemas cognitivos humanos e não humanos.

O calor liberado enquanto significação à expressão da entropia se tornaria o suporte referencial da materialidade organizada em todo o entorno dessa adequação, à equipotencialidade cognitiva harmônica e diversa dessa gestalt a forma equilibrada dos "sumiço da flor", sendo no sentido sensorial e visto como, ao modo cognitivo de Wittgenstein, a qual enquanto desdobramento semântico significa também è assimilação funcional pura à aplicabilidade biológica piagetiana pois "este poder é um aspecto da operação propriamente semântica que consiste em perceber o semelhante no dissemelhante" [RICOEUR, 1983, p.8]

Essa metáfora dor real representação conforme representa na criada interpretante diagramação contextual da leitura desses textos das imagens correlatas na agentes deflagradores da explosão, nas fragmentações do fusível è interioridade e dos exterioridade de tempo, numa suporta-se sensibilidade corpórea sutil, como a da flor movimentação a duração a incorporável no contínuo, enquanto possibilidade liminar. Na natureza balsâmica ou agressiva conhecentada "queima" na potencialidade dessa reserva vivida curativa ao pensar as transformações estados da consciência, como natureza relacionais inteligível. Nessas operações deflagradas as naturezas radiativas eletro-magnéticas são explicadas aos ritos na cognição epistêmica.

A interface filosófica entre o realismo mágico e o realismo científico em espaços cognitivos abertos e concretos entre ficção como efeitos do cuidado estético

mantido ao sincronismo do desdobramento orgânico à integralidade do suporte material conservando a ética cognitiva. Aristotélica

“ a suspensão da referência lateral é a condição pela qual pode ser liberado um poder de segundo grau, que é propriamente a referência poética. É necessário então, não falar apenas de duplo sentido, mas de “referência desdobrada”, segundo uma expressão recolhida em Jakobson” [RICOEUR, 1983, p.9]

Deste modo toda espécie de proposição ou não tem sentido ou tem por Objeto, uma Secundidade concreta. Este é um fato que todo leitor de filosofia deveria ter sempre em mente, traduzindo toda proposição abstratamente expressa em seu significado exato como referência a uma experiência individual. [PEIRCE, 315, p.82]

O sistema de gráficos existenciais, que é capaz de expressar toda proposição do modo mais analítico que se desejar, expressa uma asserção ao ligar uma replica individual à folha individual, e tal possível ligação é exatamente aquilo que o interpretante de uma proposição representa antes de enunciar-se a proposição. [PEIRCE, 18995, p.315, p.82]

Nos textos que se seguem pode-se observar como a partir do domínio mais espontâneo do sensível os juízos perceptivos determinam-se por formas figurativas por efeito de busca de contensão de uma espacialidade intangível, dimensão enunciativa descritiva, inserida basicamente na narrativa.

Na investigação da natureza criptoanalítica da cognição infantil, podem-se destacar nos aspectos de desempenhos textuais, conteúdos vitais, entre mágicos e místicos. Com a literariedade, há o distanciamento do Objeto, nos temas verbais sob os quais por um modo comunicativo de atuação mimética, são transpostos para leitura semiótica intersubjetivamente realizada ao apoio das imagens, diagramas, metáforas. Nas obras de interpretação desses sistemas de interação ou na sua crítica, elucidativa a linguagem literária é buscada cada vez mais complexamente para que esse núcleo sólido do distante e do longínquo possa ao expressar-se e traduzir-se em representatividade técnica códigos, e em multimídias lingüísticas, como a escrita, registra-se através da conservação dessa possibilidade e à compleição decodificadora n

aforma medieval dessas operações mentais reversíveis, entrada do pode a entropia decresce projetivamente, semi-reversível evolutivamente. Nessa concepção realista a natureza inteligente desse indiciamento se atém como imanência e aparência encontrando-se à própria narratividade traços dessa codificação à complexidade reversível da própria interface da experiência como esquematismo na extensionalidade mimética, isotopia na leitura do mundo , à própria narratividade, fânerons.

A possibilidade aberta é de se estudar mais e procurar níveis de aproximação aos planos dessa inteligibilidade, em que se exteriorizam atividades sígnicas, afetadas desse modo de seduzir livremente esse Signo Remático que se sabe poder propiciar a direção na informação, ao ser desejada, por os padrões , e formas e ritmos , ou seja da natureza desse aliciamento básico com o cosmos enquanto locus que sendo perceptível, plausível ao espaço de suficiência cognoscitiva ao potencial de eficácia no preenchimento interior, e dessa assertividade que modifica, criar e conduzir ao crença, fonte disseminadora de signos dentro de um universo de complexidades interativas, tangencia-se por signos indiciais prenhes de suas próprias modificações.

Um Rema é um Signo que, para seu Interpretante, é um Signo de Possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de Objeto possível. Todo Rema propiciará, talvez, alguma informação, mas não é interpretado nesse sentido. [PEIRCE, 250, p.535]

Esse modo de ser do Signo pode ser apresentado como pensamento desenvolvido tanto à acepção peirceana quanto piagetiana da cognição que à mentalidade infantil signifique enquanto subjetividade epistêmica nascente. Na dimensão retórica dessa presente investigação observativa, envolvem-se como índices e como ícones de tipo especial. Estes são discutidos enquanto aspectos restritivos, porque se tratam de **seletivos universais** (Peirce, p. 290). Transduzidos, ao caráter do improvisamente lingüístico no modo cotidiano, em sua expressividade, como níveis apreensão ou afetação nas diferentes escalas da sintaxe mental dessa manifestação, resultam em uma classe de paisagem de fanerons, nessa de cultura de valores são interceptáveis pela intertextualidade lingüística que se alega em seus congêneres degenerados. Observam-se como processos codificantes desenvolvidos, paralelos nos

seus diversos níveis mentais e fisiológicos de fixação na memória pela função semiótica, curvando-se ao ritmo que ocupam espaços aos das possibilidades gerais de sua singularização inserção benéfica das subjetividades.

Tais ícones e índices demandariam pois, formas congruentes enquanto provêm de um modo de realidade que mereceria estudos mais aprofundados enquanto uma sintaxe como conviria às possíveis relações triádicas peirceanas, considerados os seus correlatos primeiro segundos e terceiros, questão que não poderia ser esgotada em uma abordagem tão preliminar como o desse trabalho que mal consegue firmar-se às bordas do espaço inferenciado que se pode precipitar de dissoluções de movimento caótico do universo compondo nas redes de interconexão básicas das relações uma base dilutiva em que harmonize equivalência radial em os nossos anseios de compreensão.

Essa dimensão importante quando relacionada ao desempenho tem sido positivamente vinculada a metodologia dialogantes para propiciar possíveis regularidades às intrincadas relações que se sugerem da diacronia na sincronia as condições disponibilizadas pelos hipertextos (Kato, M., Abaurre) poderia no momento ser retomada semanticamente no conjunto das estruturas das competências chomskianas. Procedendo como relações semiotizadas ao intermédio de manifestação da competência lingüística do pequeno escritor dos textos como formas das competências hermenêuticas, das vias léxicais do ouvinte e falante nativo. Caso possam ser aferidas como teor indicativo de adoção de uma postura racional, abstrativa, dos sujeitos poderiam levar a produzir materialidade argumentativa para estudos dessa natureza inferencial. Na ordem das estruturas léxicas importariam enquanto levassem em centralidade a inclinação para a análise, estágio que se definiria ao modelo criptoanalítico e decotificador de Roman Jakobson. Atenderia a enfoques piagetianos para o desenvolvimento do raciocínio aos critérios propostos à máxima da afiação, ao sistema de definição *cos-cotaris* de Peirce para fins de clarificação de idéias, do acabamento epistemológico possível às explicações ontológicas.

Se um Signo é algo distinto de seu Objeto, deve haver, no pensamento ou na expressão, alguma explicação, argumento ou outro contexto que mostre como, segundo que sistema ou por qual razão, o Signo representa o Objeto ou conjunto de Objetos que representa.

A investigação procedendo por aproveitamento, em observação preliminar, a resultantes cognitivos prévios oriundos de pesquisa precedente em nível temático análogo, permitiu constituírem-se blocos temáticos cujas centralizações derivaram de domínios relacionais ao conteúdo, sendo possível deduzir de aspectualidades marcadas das relações inferenciadas, figurativamente implicadas sob a atividade de representação mais geral com a palavra natureza e dessa forma a tematização de aspectos extensionais e compreensivos nessa possível expansividade evolutiva.

Como conjuntos significantes, foram tomados os modos veiculativos da inclusão de um objeto natural como a flor no domínio prospectivo do formal por via do exercício da escrita, ou seja, podendo-se estimar a qualidades na cognição infantil em situações de abstração reflexiva na qual o sujeito pode por recursos semióticos tomar de empréstimo à memória, evocados aos esquemas às representações perceptivas, as apercepções desenvolvidas.

A subjetividade epistêmica pode ser assim inerida como dimensão comunicativa como um espaço informacional à intertextualidade interativa, a modificações pela inteligência enquanto essa demanda uma causa e temporal esquematismo desenvolvido ao próprio saber fazer semiótico, ao real possível ao complexo subsumível nas representações gerais.

Em toda asserção podemos distinguir um elocutor e um ouvinte. Este último, é verdade, necessita ter apenas uma existência problemática, como é o caso durante o naufrágio, quando um relato do acidente é fechado numa garrafa e jogado ao mar. O "ouvinte" problemático pode estar na mesma pessoa do "elocutor", como sucede quando mentalmente registramos um juízo a ser mais tarde lembrado. [PEIRCE, 334, p.90].

Tendo em vista os aspectos metodológicos e casuísticos delineados, apresentam-se os textos dos alunos que compõem o corpora da pesquisa. Ao serem analisados, pretendeu-se caracterizá-los por recortes de contextos verbalizados que se fizeram significativos como implicação do "dizer" à significação determinação futura

da conduta das crianças. Categorizando por conjuntos de textos pelas afirmações copulativas e disjuntivas de alguns ângulos dessa prevalência qualitativa ao modo simpatético, instintivo ao casual, ao estranhamento, conflito, desmontagens na orientação do raciocínio dos sujeitos nos quais experienciaram a transformação de um objeto, e naqueles os quais a orientação da inteligência pareceu se colocar ao modo mais formal, a de um científico, que se refira ao que continue na acepção peirceana, de lei quando se disponham mental e espontaneamente a completar da experiência o que sabiam da transformação de um objeto.

Nas descrições comumente são firmados alguns pontos cognitivos de referência na relatividade, da ação assimiladora, reprodutora da regularidade dos movimentos. Os deslocamentos espacial e temporal, são aos modos interpretantes. Nesse sentido, é que se presumiram hipóteses sobre tais maclas semióticas aos efeitos mentais tomados na relação mais perceptiva, emocional interpretação determinada ao objeto dinâmico, porquanto signos demandados de conteúdos vagos, ao pleno, mais sentido enquanto afeto ao domínio fronteiro ao contínuo, ao objeto imediato o interpretante emocional, interface do inacessível porque único, semel, interpretante interno ou imediato. Ao sensível, perceptível contextualmente suscitados como experiências abstrativas sob os implícitos e explícitos da narratividade mais ou menos ao motor vital primitivo e originária, desse interesse volitivo. Mínimamente liga-se ao saber fazer à espontaneidade ao modo menos descentrado dos recomeços ou mais complexa ao fazer formal elaborado à pertinência das suportes corporais psicologicamente ativos em crianças de 9 a 12 anos.

Ao modo possível, ao custo elaborativo da existência, interpretantes energéticos do signo, manifestações do sujeito psicológico e empírico, enquanto relacionáveis em complexo quadro esquema, em espécie de diagrama quando então submetidos a movimentos mentais comprometidos à catexis, às pulsões, afetiva base fisiológica, assimilação funcional fronteira ao esforço para adequar aos externos impulsos internos associáveis.

Observam-se nos traços verbalizados um modo de discernimento cuja natureza se configura significativamente de sua caracterização pelos sujeitos. Observam-se como os fânerons potencializam operações platônicas, ou seja, como esses

sujeitos, na simplicidade volitiva ao cotidiano escolar captam e expressam idéias, advindas a formas de sua própria experiência pessoal. Reconhecem-nas às texturas das imagens mentais evocadas a dimensão figurativa indiciam ao que se compelem conjuntamente compelem à analiticidade face ao descontínuo conjuntamente na estrutura profunda da memória à narrativa, as imagens ganham ao fundo sejam acústicas expressão à semiótica da trama ao simbólico na linguagem, ao mundo sintético das metaforizações no pensamento ao continuum temporal ganhando a extensão conforme uma recursividade de escala graus de distanciamento e proximidade. Pode-se também inferir através das manifestações discursivas como os sujeitos juizando apõem e avaliam similitudes com recursos analógicos por esforço confrontativo.

A dimensão retórica tornou-se também um eixo diretivo da atenção e da avaliação interpretativa enquanto face expressiva da abstração reflexiva, da gramaticalidade fala provedora de dados sintáticos intencionais, os quais tomados como interpretantes operacionais quase-lógicos, bastante explorável com a pertinência teórica para uma função estética mais ampliada porquanto o objeto artístico no que signifique na semiose da criação vinculável à linguagem. A experiência criativa assim sendo no objeto dinâmico efeito mental para signos amplos, estabelece-se mais determinativa à conduta no escopo da manifestação expressiva e do entalhamento das formas de determinação do pensamento para sujeito. Como uma tentativa de representar, o Objeto sob uma mentalização de compleição lógico condicional constrictiva, da conduta, dotada altamente de suficiência mediadora contudo para se constituir algo pregnante inteligível na consideração relacional do signo na própria natureza, no Objeto, face à cadeia interpretante, ao que represente ao valor em propósito axiologicamente ao interpretante final..

Mas, para que algo possa ser um Signo, esse algo deve representar como costumamos dizer, alguma outra coisa, chamada seu Objeto, apesar de ser talvez arbitrária a condição, segundo a qual um Signo deve ser algo distinto de seu Objeto, dado que, se insistirmos nesse ponto, devemos abrir uma exceção para o caso em que um signo é parte de um Signo. [PEIRCE, 1995]

Considerando como base de possíveis inferências as explicações indutivas que se recolheram das expressões verbalizadas pelas crianças, à escrita, colocou-se essa disponibilidade de estudá-las por procedimentos em paralelo em que signifiquem às inferências hipotéticas que se estimaram nas primeiras parte do trabalho. Desse modo ensejou-se completar essa abertura receptiva ao surgimento de uma hipótese explicativa, mais integrada para tentar entender na cognição da criança acessar o que não se tem permitido ao adulto a consistência dessa humanidade de fato.

As funções comunicativamente da linguagem são estimadas ao espectro mais abrangente das possibilidades conexionais inerentes ao pensamento ao escopo interativo de abertura de estados de consciência no homem. Estados de consciência significam manifestações simbólicas as quais para Peirce caracterizam-se por dimensões narrativas dos ritmos processuais da vida, expressão orgânica mais geral do pensamento.

À coerência dessa linguagem mais geral, enquanto considerada ao estatuto-pancrônico e enigmático da inteligência no universo, a linguagem humana apresenta-se como uma ação efetiva de imersão e elaboração total no desconhecido. Potencializada como uma extensa estrutura funcionalmente assimiladora, compreensível na sua possível unidade comunicativa como conhecimento, a consciência no sistema semiótico se faz caracterizável atualizando-se como mente.

“[...] a consciência é usada para significar o conhecimento que temos daquilo que está em nossas mentes, o fato de que nosso pensamento é um índice de si mesmo na base de uma completa identidade consigo mesmo.” [PEIRCE, 585]

O significado, o simbolizado consiste nas ações e operações da linguagem do simbolizante.

Nas descrições que entremeiam tipologicamente por planos sintagmáticos as narrativas, as crianças demonstram flexibilidade do raciocínio, capacidade de observação abstrativa e operativa. Contudo algumas manifestam-se ainda mais com realismo, o bastante para se prenderem muitas vezes mais a uma dimensão focalizada no objeto aspectualidade mais conforme a reprodução de esquemas subjetivas, aspectos conferidor de um certo ilogismo à sintaxe, contudo

parece servir-se dessa matéria diegética, fonte energética em apoio para o imaginário, saltos fantasiosos recamados de conhecimento abstrativo empírico ao preenchimento simbólico, em planos de possibilidades representativas que resultam ulteriores. Podem ser percebidos em autoria dessas crianças que demonstram, nos textos, capacidade de ir além do tangível e mesmo disponibilizarem-se ao intangível, admitida a causalidade no conhecimento sensível, circularidades à causalidade estrita que deriva da assimilação esquematizante, imitação interiorizada que torna possível à expressão-autônoma do ajuste equilibratório, à exigência de serem presumidos e desenvolvidos como modelos hipotéticos à solução em respostas dessa hiper-reatividade na dinâmica total adaptativa. Esses valores são estimáveis em estruturas delicadas “ormatus facitis” dessa excedência hiperativada dos esquemas semânticos deslocativos, dessa expressão evolutiva amétrica ao semi-reversível passível de resposta na temporalidade, desse desdobramento, na linguagem imaginária, passível de manifestação em qualquer contexto pedagógico. “Tal vestimenta não pode ser arrancada inteiramente : pode apenas substituída por algo mais dicéfano” PEIRCE apud JAKOBSON, 1970,p.156.

As estrelas

Quando vejo um quadro tento imaginar o que será, uma árvore, uma flor, um coração? Não sei será que alguém sabe? Não sei, quem desenhou não sei, será que foi uma pessoa com uma grande imaginação? Não sei, mas si de uma coisa que parece estrelas, isso eu sei.

EE Gabriel Monteiro da Silva Karen Keiko C. Hashimoto

Professora: Magali 28/04/99 11 anos 5ª série “B”

É uma linda flor podendo ser margarida, violeta, girassol, ou outras mais.

Saindo várias pétalas, voando sem pensar em nada, deixando o coração ter liberdade

E a paixão de voar sempre voando, voando

As pétalas lindas, não sabendo o que acontece. Tudo. O vento cada vez mais rápido indo contra elas. Pode ter qualquer cor. O que não a impeça de sempre estar voando, voando e sempre voando.

EE. Gabriel Monteiro da Silva

Edson Avelino da Silva Jr

Professora: Magali 28/04/99

11 anos 5ª série “B”

A rosa

Oi pessoal, vou falar um pouco com vocês sobre a rosa ela é muito bonita e cherosas eu adoro rosas.

— E vocês também gostam de rosas?

A rosa é perfumada porque foi a natureza que deu o perfume.

— Olha gente, um dia eu achei uma semente no meu quintal, eu não sabia semente do que era, mas valeu a pena eu plantei e depois de um bom tempo nasceu uma linda rosa

E daí em diante cuidei muito bem dela.

*E.E. "Coronel Antonio Luciano da Fonseca"
Professor: Luiza M. Correa de Abreu 27/11/98*

*Bruna A.
10 anos 4º B*

O Picão

Um dia estava andando no meio do pasto e eu vi um pé de picão.

*Meu amigo bateu a perna e o picão caiu na grama, mas o vento fez o voar,
voou voou até um lugar que não tinha vento e desmanchou.*

Eu achei outro pé de picão e pequei para brincar com ele.

Eu assoprei e ele foi voando embora até desmanchar.

*E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98*

*Fabício
12 anos 5º A*

Quando eu acho um picão eu brinco com ele eu asoplo ele e depois saio correndo atrás dele para pegar eu consigo pegar um dia meu amigo foi tentar pegar um pição que estava voando mas ele não conseguiu porque ele saiu voando para o céu e nunca mais voltou.

Um dia fui em uma fazenda cheia de picão eu meu amigo saimo correndo e asopro um helicoptero pousou la na fazenda e voou tudo para o céu.

*E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98*

*Ricardo
11 anos 5º A*



As símiles e metáforas, compõem o cenário conexional raciocínio cada vez mais hipotético quanto gerativamente mais indutivo a formas representacionais correlatas. As expressões significadas dessa capacidade subsunçora interiorizada na assimilação reprodutora e inovadora duplamente podem ser pensamento verbal estimadas ou nas proposições hipotéticas que se desenvolvem no modo de experiências lógico-matemático.

Esse trabalho propôs uma série de procedimentos formais orientados para apresentar uma reflexão mais aprofundada de certas questões que demasiadamente intrigantes têm sido insuficientemente demarcadas. Demandam, sobretudo nesse momento de desvinculação dos paradigmas, uma posição mais desafiadora, importando mesmo uma certa mobilidade entre o externo e interno, o micro e o macro como princípio interpretante, uma matriz independente e autônoma para deslizar na relatividade, à binariedade na organização e à indeterminação nos conceitos e objetos de um mundo que se organiza dinamicamente em constante transformação.

Considerando as condições com as quais se pode iniciar essa ascendência propositiva, tendo em vista ajustar, o desejável teórico à experiência vivida, em um contexto afeto a todas as contradições de uma época singular para todo o gênero humano, sob o signo das incertezas geradas das conquistas tecnológicas e científicas significa exarcebar mais da subjetividade a patologia das catastróficas crises globalizadas.

À anulação do caráter merino da vontade, que embora sob as perdas das virtudes rotineiramente sacrificadas ao farisaísmo perverso no cotidiano, presas das prepotências das cirandas financeiras, dos efeitos inevitáveis nesse material convulsivo acirramento ao estágio de ultracapitalismo internacionalizado.

Surge como que um desvio dessa expressão orgânica ao horizonte fantástico do pensamento: investigar nas mesmas subjetividades como possibilidades pode surgir e transcender à realidade, no ser ao eu que sugere através desse real próprio do conhecimento.

Dessa definida condição originária, dessa quase necessárias tendências forma, da linguagem expressa e as quais o mundo dá testemunho tanto de força, e

fragilidade e resistência ao acaso, buscou-se a nova linguagem preambular na sua feição.

Para um tal empreendimento filosoficamente, crença que a subjetividade infantil ajuizou possível reconhecer as pontes cambiantes de tipologia significações oscilatórias ai apóio do conhecimento da subjetividade acadêmica: Dessa humilima pretensão de pensar possível a base dessa integralidade nas ações ao esforço do trabalho científico, ao sabor dessa situação contextual, permitida ao pensamento verbal ganha-se uma espacialidade cognitiva menos limitada, mais global e local, contudo, bastante desestabilizada nas vias perceptuais de fato nas interações, evocadas nas diversas qualidades e naturezas como que se manifestem abstrata, concreta, ecológica, fenomenal, enfim “primitivas” e “derivadas” enquanto possa comprometer uma estrutura evolutiva relacional para uma intencionalidade participativa, cooperativa, porquanto psicológica e sociologicamente operatórias nos domínios de investigação a que se propõe, mencionando cláusulas desse acordo comunicativa à sua própria linguagem inferencial.

Nessa proposição legitimada, por força desse intrigante momento, acadêmico, apresenta-se para efeitos metodológicos, a partir de estudos prévios, um conjunto de questões significativas ajustadas como uma espécie de tecido contencioso e bastante agravado em seus caráter perdulário dos objetos essenciais do conhecimento. Aspectos polêmicos aos quais, ao contexto de busca de novas causas epistemológicas e significações para a subjetividade, se concede lugar a um vazio a ser privilegiado para recolher os produtos possivelmente encontrados como mais equânimes à nova racionalidade. Ao que se propõe ressignificar em função de contrapontos experienciais, as próprias dificuldades são possibilidades para um efetivo saber axiológico a ser investido como uma intuição filosófica para atos e valores humanos complexos. A hipótese que se propõe a defender com esse estudo é o da possibilidade de uma metalinguagem de ressignificação do estatuto ontológico da subjetividade.

Categorias e análise

Na seleção e distribuição dos textos, ao serem analisados alguns aspectos, foram especialmente considerados por um critério de consistência à base das observações e qualificam-se enquanto suas possibilidades de relevância às categorias que resultaram como referenciais para a leitura em análise. Trata-se desses efeitos que estão aos modos prosográficos à intencionalidade de ilustração, lugares concentrativos nessa linguagem mais ampla, enquanto também abarcadora de signos não verbais cuja expressão resta dessa dimensão supostamente lógica quase tanto teórica e quanto praxica. Ao suporte inferencial afeto ao estudo da representação nesses domínios sígnicos, interpretantes que surgem e se desenvolvem na semiose escrita por qualidades cibernéticas determinado-se ao acompanhamento e harmônico dos fenômenos mentais, determinados pelo objetivo dinâmico. Atendendo a um modo significativo em qualidade, concretude e razão ao interpretante, no qual o representâmen se define o que se significa conferir sentido sem contudo e deixar de integrar-se ao eixo das significações, na cadeia semiótica. Sendo impossível contudo esgotar-se na intencionalidade o caráter da espontaneidade e inquietação manifestando-se em criatividade infantil, em alguns aspectos prevalescentes, ao que predomine à instanciação possível dessa afinidade eletiva, ao que se encontrou concordante à trama do complexo à secundidade.

O conjunto dos textos importou, portanto, como possibilidade catalizar uma significação e de registrar como movimentos tipológicos o que se manteve à estreita vinculação dos domínios da literariedade e da literalidade.

Enquanto os eixos de significação são valorizados à maior prevalência da dimensão retórica e referencial, vinculam-se as alternâncias assim os movimentos persuasivos à causalidade indireta, aos planos evocativos que envolvem interpretantes emocionais e energéticos, pelos aspectos expressivos de compulsividade correlata, ao drama, ao lúdico, ao humor, ao lírico, ao poético, ao irônico, como “saber fazer” e saber “ler” o mundo pelos esquemas de linguagem como determinadores da conduta por centros de formação de identidades correlativas e informação de modelagem à

interpretabilidade e estabilização das emoções humanas. Estas instâncias cibernéticas se fazem acompanhar dos efeitos, nas singularizações, das interiorizações perceptivas elementares das quais possam ser transformados recriados na inteligência naturalística da assimilação funcional, sintonizadora às sutis afinidades e ordens apelativas que as envolvem ao sentido geotropológico as biopsicas das fisiologias animais e aos hábitos aos instintivas, aos perceptrons enquanto vegetativas.

A literalidade enquanto questão verbal das relações mentais associativas com o real envolve os núcleos lexicais sob os quais se supõe situadas ao referente, extra-lingüístico externa e aos modelos expressivos culturais para efeitos de apoio metalingüístico, e a literariedade se supõe nos aspectos internos, à operacinalidade dos esquemas evocativos na memória, ao fenômeno da atualização, da narratividade como fluxo da consciência ao que se reporte à fala ao das associações metais à representatividade semiótica da língua coletiva estruturas na pragmática a atividade significativa para organizar aspectos temáticos essenciais da experiência, lingüisticamente a essa aplicada, se compreende sob a referenciabilidade denotativa ao espectro possível do significado das idéias de realidades, recortadas por um determinado esquema de assimilação e coordenação cujo efeito experiencial signifique essa compleição cognitiva interrelacional.

Aspectualidades sutis nas condutas de linguagem em que o princípio essencial da matéria ressalta ou mantém-se, na memória e que sob o ângulo de observação dos sujeitos surge ao contexto de reconhecimentos interiorizados a cuidade de alta qualidade resolutiva, compreensiva dos esquemas e sensórios, imagens mentais enquanto à evocação do “sumiço da flor”.

A “natureza invisível” é representada por um quadro composto de unidades semânticas nas quais a relação do objeto predicado é englobante nos múltiplos e variados contextos, de modo qualitativo ao qual de uma intrigante geografia vem a ser admitida pelo sujeito como seu interpretante. Para essa realidade abstrata medida interna avaliativa da qual resta a primeiridade as intensidades, dar se de uma ordem abstrata da qual fractalidades presentificada insinua-se a dimensão total a positividade negativa como as aspectualidades sensórias como possibilidade ou existência, ao sentido concreto ou fictício. Das qualitativas concentrações na qual há



delimitação das naturezas ou potências apofânticas são correspondentes, a consistência interna, como qualitativas quali-signos.

Nesses textos escolhidos apresenta-se semioticamente na escrita sujeitos se representa em algo que se pode senão, capturar e reter por sentimento cognitivo mas não se pode completamente explicar em seu desdobramento identidade sim mas à deriva volitiva individual do sujeito.

Nesse modo de ver o nível de conhecimento por eles conferidos aos estados da matéria e às leis nelas envolvidas tem-se os centros dessa fixação originária da consciência na leitura, enquanto ao presente re-apresenta-se no objeto dinâmico ao interpretante capturado para ser entendido ao propósito a positividade negatividades desse interpretante reproduzido como signo e resta dele como “interpretante em si próprio”

O tempo-espaço implicado geografia comunicada para ao extralingüístico como fenômeno natural de “sumiço da flor” em que suportadora, material e cultural da potência atualizável em que a intensidade dessa materialidade evanescente dá-se a conhecer na consciência que significa por modos sîgnicos, que ressaltam cognições nas estruturas narrativas enquanto ao signo são proporcionadas à memória evocativa a partir de um modelo gramaticalmente universal considerando-se a unidade da experiência mental na linguagem.

A cognição apresenta-se, para aplicar a acepção peirceana da racionalidade, entre palavra e pensamento no nível discursivo, em suas ações sobre a linguagem em adequação aos conhecimentos desses sujeitos sobre o objeto, aos efeitos de finalização objetiva, nas prescrições da prática lingüística importam para da leitura na coesão e referida à consistência compósita por esses elementos nela incorporados cognoscíveis coerência textual. Em muitos textos, manifestam-se essas possibilidades as quais lingüísticamente reportam a noções mas não se constituem propriamente em argumentadores, senão da assertividade cooperativa, quase propositiva que se imiscui das relações lógicas semi-acabadas. As operacionais estruturas lógico-formais deixam-se penetrar em seu sentido em momentos em verdade dessas em que flutuações na adoção de pontos de vista diferentes se manifestam pelos esquemas narrativos mais

compreensivas nas suas subjetivações nas qualidades psicológicas relativas potencialmente empíricas, naquele nível de desenvolvimento.

Em níveis esquemáticos pode-se a estrutura alonga-se prospectivamente das referências da vida sensível porquanto conhecimento e atividade como efeitos cognitivos da percepção, enquanto pensamento nas relações do eu, da personalidade viva na consciência originárias internalizadas. Às possibilidades dessa incorporação na vivência lingüística na língua nativa enquanto esfera das automatizações, às bases fisiológicas as internalizações significam enquanto conservam o princípio germinativo dessa representatividade. Enquanto unidades de informação, semanticamente deslindáveis, os processos lingüísticos se marcam por princípios de aprendizagem provindos da atividade relacional entre processos perceptivos e estados de consciência, aspecto da facial cognição.

Ao conjunto das redundâncias se conforma uma base física originária e uniforme e força volitiva os redutos das identidades. As significações na consciência bloqueiam a expectativa por moverem-se os centrômeros e inferências metaconstrução. À organização espacializa-se uma "rugosidade", uma unidade centrômera nessa cognoscibilidade geodésica deflagrada ao indiciamento pontual qualitativo na lógica de um espaço que faz do tempo uma variável incorporada na linguagem, na palavra.

O conhecimento como efeito da sensibilidade transformadora emerge como um saber fazer que se recobre aos poucos de uma concentração residual ao saber experiência cognitiva mais geral ver, sob as intensidades de um realismo menos são envolvidas ao procedimentos olhar prosaico detalhes e interioridade central de possível uma singularização no cotidiano escolar.

Sob as ocasiões os movimentos mentais, metacognitivos manifesta-se o princípio narrativo potencializador tecendo os fios projetivos para a geometria de uma rede sustentadora da geografia dos estados relacionais do ser dos sujeitos. A provisoriade virtual tem seu peso, nessa fase de desenvolvimento contudo, arremata-se inevitavelmente ao vínculo orgânico universal, que caracteriza todas as possibilidades transpositivas das narrativas humanas, espécie de princípio de moralidade à coerência natural que permite ludicizar com ao intérprete assertividade e propósito sítio imaginário



entre os falsos abismais. Destaca-se com a queda consciência cifra na representação o caráter essencialmente humano entre representâmen na semiose comunicacional na relação significativa com os objetos, ao domínio de qualquer memória viva ou cristalizada. O pensamento está na linguagem como nas unidades narrativas há um nível de representatividade dessa aproximação ele mesmo didático no aprendizado lógico de forma pouco caótica. A tendência à organização de uma fala sensível à interação de elementos bem mentalizados e as pequenas situações cotidianas, desencadeia-se ao básico das conveniências primeiras leque das elaborações simbólicas, sob os efeitos na linguagem de realidade se conserva o sentimento.

Nesses comentários por um ludismo lógico marginal pode ser associado a feixe básico de possibilidades semânticas atualizadoras que se pode classificar figuras de linguagem. As coisas referidas como flor em formas narrativas são interpretantes desses modos de fala íntimos. Ao sentido da consciência lingüístico amplo no contacto, a extensão cosmológica e não apenas restrita, embora matizado. Ao reflexionante significa enquanto provisão de elementos de potencialidades sociobiomorfológicas durativo abstraídas ao esquema na inclusão paisagística organicamente localizável. O ludismo traduz-se pelo fluir solto das representações e caracteriza e vincula as assimilações fisiológicas as fontes dessa criatividade inferências na familiaridade da linguagem.

A seguir apresentamos os textos desses sujeitos enquanto suportam semioticamente instâncias dialógicas, cooperativas na interpretação. Como objetos passíveis dessa qualidade na análise, centralizam-se os aspectos segmentais menos logocêntricos, buscando-se o aprofundamento das relações com o interpretante enquanto investimento de um propósito, dimensionam-se os níveis remáticos, estratos dessa heurística inferencial positiva e negativa. A superficialidade é diagramática ao léxico distribucional, a qual poderia alentar os critérios reducionistas dos quais contudo se quer manter a necessária distância, foi estimada como suporte no efeito de naturalização do desempenho. Para tanto os textos foram agrupados por sua relação tipológica, sendo privilegiada uma terminologia de análise próxima à da literatura para efeitos de textualidade que se mantivesse em equilíbrio o conhecimento com das especificidades lingüísticas preferencialmente ao modo expressivo dessa fase de desenvolvimento, resguardando-se ao estilo das crianças.



As enunciações puderam assim abrir novos espaços dialógicos e levaram à capturação das unidades base da língua sob um eixo entre o arbitrário e o motivado ao interpretante crítico.

Aspectos cognitivos e afetivos na comunicação.

Para Piaget a cognição e a afetividade não se separam, e a consciência a conduta relacional desse plano dimensiona-se, ao sentido ontológico da concepção da explicação, pode ser teoricamente assemelhado ao de Peirce, para quem o pragmaticismo deve abranger tudo, completamente, dando-se, na semiose, o significado real de qualquer conceito, o envolvimento integral das determinações da Mente.

As funções intelectuais desenvolvem-se criando, fazendo novas pontes de ligação e consolidando-as nas estruturas, ultrapassando a esfera pessoal, tendo em vista serem expressões sociais da organização biológica. As categorias que advêm dessa condição antropológica, na esfera das correlações em sistemas de combinações, abarcam as categorias inerentes à configuração que resulta estruturada, nas interdependências ecossistêmicas. Contudo, território instável das naturezas equilibratórias compatíveis às propensões dinâmicas, são conferidoras de valor de coesão e coerência e ao acabamento final, referenciam-se como formas relacionais as palavras, ao sentido bakhtiniano, as funções reguladoras das funções assimilativas e acomodativas das qualidades culturais, cibernéticas biológica e psicologicamente representativa nessa fluência e organicidade total da linguagem.

O beija-flor

Um dia um beija-flor estava voando por aí e viu uma flor chamada crista-de-galo uma flor muito linda.

Aí, o beija-flor parou e pensou: será que está flor tem mel eu vou ver se tem quando o beija o beija-flor foi ver ver a flor era totalmente ruim e sem mel.

No outro dia, o beija-flor estava voando por aí e viu outra flor chamada margarida aí ele parou de novo e pensou será que está daí tem mel tomara que está flor margarida me da sorte, aí ele foi ver.

Aí, ele falou: Sim esta flor tem mel vou ficar o dia todo chupando está flor.

O beija-flor ficou dia e noite sem parar de chupar a flor e assim foi chupando cada vez mais flores assim ele viveu feliz para sempre

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 28/04/99

Andressa M. F.
11 anos 5ª série "C"

A receptividade simbólica tem essa concentração regulada e capturada aos sistemas oscilantes como **neumas** nas frações e efeitos ontocronográficos, preservados e desenvolvidos, **Punctum e Virga**, nas formas prosódicas disposicionais paralelas ou ao cone de vez, ao fluxo dos esquemas gnosiológicos à escrita, nas formas relacionais sígnicas à língua assim vivva. Sutis e enarmônicas assinalando-se em ritmos e movimentos positivos outros; enquanto prosae surgidos à fruição de uma maiêutica imaginária na emergência da identidade à consciência e da criatividade opeativa do encontro ao objeto na interação vivida de interface com as bases transformativas e comunicativas naturais, além e aquém das “alfabéticas”, infralingüísticas como as qualificam Granger (1970) Levy (1998).

Da inteligência e da consciência enquanto transcendem estados discricionais flutuantes à teia interpretante na captação simbólica adequadora e fixadora dos signos, na verdade, o “Rosário de Capiá” ressignifica o mesmo na “imersão em poesia pura” à qual se resgata oportunamente de modo geral, um princípio científico de pensar a identidade à espécie, uma maiêutica na linhagem edesiástica dessa orientação geral ao domínio da metáfora aristotélica, “species et genus, genus et species, genus et genus, species et species”, conectadas no desdobramento de compreensão e ligamento no entendimento das categorias epistêmicas, na natureza conjuntural e ampélea da subjetividade cosmica desconhecida, complexa e incomplexa. “Que linda obra prima de observação da natureza agreste em correlação com a emoção humana”, mas na “língua original” e corrente. (LOBATO, 1950)

O capiá é um capim alto que produz como semente umas contas azulegas muito lustrosas e duras, com as quais na roça se fazem os rosários. Parece que já nascem para isso, pois apresentam um furinho dum extremo a outro muito próprio para receber o fio de linha (LOBATO, 1950, p. 33-34)

Temos que estudar essas variações em vez de tontamente condená-las, pois condená-las equivale, por exemplo, a condenar os anéis de Saturno em nome dos planetas que não possuem anéis; ou as caudas dos cometas em nome dos astros suras; ou as sementes da paineira por virem ao mundo envoltas num algodãozinho em nome das sementes de capiá que vêm nuas”. (LOBATO, 1950, p.32)

Os sujeitos exprimem uma preocupação tipo de uma atenção ansiosa, metacorrelata mas crítica com o que eles próprios se afirmam, contrapondo ou apondo explicações, confrontando ou esforçando-se em demonstrações figurativas, recursos para talvez atrair, seduzir e convencer o leitor de que algo, uma realidade de qualidade inexprimível o seja como algo que se marca como único se fazendo interessante, uma reação como que James as lembra e evidenciou bastante nas dimensões semióticas efarmônicas das emoções. A esquematização tem bases compostas cognitivas e afetivas ao ponto de o texto constituir-se um elo a demarcar-se, em uma cadeia de significações, representativamente da situação vivida para a qual ele deva informar, comunicar pistas ao leitor. Os sujeitos assim, compõem um texto enunciativo epistrófico uma dimensão do que eles próprios parecem descobrir e fruir no exercício da reapresentação.

Dessa forma registra-se a observação de um momento de fragmentação, perquirido no esquematismo da memória e vem mesclar-se com um conjunto de explicitações e de relações opositivas, auto-correções, vacilações, significando a mesma enquanto quadro coeso mas aberto, relacional, ou seja, disposto a avaliação do seu fundamento quanto à natureza de sua permeabilidade e resistência, à harmonização aos processos nas relações monádicas, diádicas, triádicas.

À função lógica das contrasenhass comunicativas ativadas no processo cognoscitivo, a tessitura da organização semiótica a natureza de interface **prosa**e humana , a operatividade simbólica ao sistema cognitivo com reestruturações dedutivas em uma espiral de complexidade figurativa, rastreáveis na assimilação funcional da inteligência na reversibilidade viva em quaisquer comunidades na natureza , signo pensamento à flor.

As práticas sociais, códigos e padrões são constituídos concretamente e na mesma orientação em comunidade comunicativa dessa natureza semiótica, evoluindo na plasticidade funcional. Ao modelo cognitivo da antelação, ao gosto e sentimento do sagrado e senso estético assertivo dessas crianças, a iconicidade mental na vontade comunicativa às indagações causais, as mesmas estruturas práticas do pensamento–signo reservadas às lígulas das colunas protodóricas, dos hipogeos ornados às formas lotiformes e papiiriformes, tão emblemáticas à flor sagrado do lotus e do papiro ao canelados e capitéis na forma arquitetônica ao pilar desse conhecimento.



*Eu relembro a paz e a sorte. Ela é uma plantinha que fica voando pelo céu.
Dizem que quando você pega ela, você faz desejo e ela realiza.
E quando você pega ela se desmancha, porque as peninhas dela é leve.*

Fim

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99*

*Edmar dos Santos
11 anos 5ª série "D"*

Pelinho da Sorte

*Para mim traz Sorte porque outras pessoas dizem que é pelinho da sorte.
Eu um dia eu desejei 1,00 que meu me deste, e o desejo se realizou numa
sexta-feira de manhã.
Eu fui lá com o pelinho da sorte e meu pai me deu 1,00 real. E assim que eu
chamo de pelinho da sorte porque é uma lembrança muito inesquecível.*

Fim

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99*

*Ingrid Asseff
10 anos 5ª série "D"*

*Eu acho muito bonita essa flor.
Ela mi lembra o dia que minha irmasinha morreu saiu dessas florzinha.
Foi o dia mais triste da minha vida.*

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99*

*Priscila Regina
10 anos 5ª série "D"*

Pelinho da sorte

*Um dia eu asoprei e passou três dias.
E eu pedi para o meu pai sorvete e ele levou.
Ele da muita sorte e eu asoprei denovo e eudivi outra sorte.
E eu pedi outras coisas para ele e aí foi continuando.*

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99*

*Pedro Guilherme Ides
11 anos 5ª série "E"*

Essa dimensão tanto em seu caráter de singularidade e significância
pode ser apreciada em análise nos textos que se seguem.

Um dia eu vi uma planta parecida com o algodão eu a peguei levei: em casa e o meu pai disse:

*Essa flor se chama paineira assopre ela.
Eu assoprei ela, a paineira se fez em pedacinhos.
E até hoje eu me pergunto para onde ela foi.
Eu fis essa experiencia porque eu queria saber como a planta iria ficar.
Eu fis essa experiencia para ver o que acontecia.
Essa experiencia aconteceu em 1995.
Aconteceu na casa da vizinha
Eu queria saber em que lugar do universo esta essa planta.*

FIM

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Rafael C. S.
12 anos série 5º "D "*

A Pãina

Uma vez peguei uma pãina e assoprei e aqueles pelinhos brancos voaram e eu me imaginei voando também.

Imaginei ir para o paraíso onde tinha um monte de pãenas que eu assoprava e a gente voava mais longe ainda.

Fomas parar no universo, mas num universo diferente, onde tinha todas as especies de plantas se como rosas, margaridas, pãenas. E daqui a pouco me imagino afogando com as plantas e acordo vendo as petalas de rosas cobrindo o meu rosto.

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Edson B. C.
11 anos série 5º "D "*

A paineira

Uma bela maha eu estava brincando de bola na fazenda de meu avô, o lá eu achei uma paineira e eu a a assoprar e ela voo.

Porque o vento estava muito forte

E eu assoprei para me divertir

Isso foi a uns rtes meses atrais

Eu adorei essa brincadeira e sempre gosto de brincar com elas.

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Renata
11 anos série 5º "D "*

Quando eu era pequena, eu costumava pegar paina e assoprar na cara do meu irmão e meu irmão ficava bravo. Ele pegava outro paina e assoprava na minha cara, as painas iam subindo até sumir no céu imenso.

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98*

*Luis A. P.
12 anos série 5º "D "*

Dessas manifestações de inteligência, estimando-se enquanto sistema de operacionalização e distribuição de complexidades desenvolvimentais de natureza semiótica nas crianças, torna-se possível propor uma diagramação do caráter referencial a projetar-se da natureza sêmica daquelas relações. Trata-se de considerar uma rede de esquemas perceptivos, intelectuais e afetivos encadeando-se sob tendências que se desenvolvem das operações concretas que vão até mais ou menos 9 anos para as operações formais passíveis de serem caracterizadas, a partir de onze anos, explicativamente, pela possível tradutibilidade das modulações das coordenações gerais dos esquemas. Às aberturas da reversibilidade, demandada por condutas, enquanto procedimentos de experimentação, ao pristino, os interpretantes lógicos das estruturas para o raciocínio científico altamente lógico-matemáticos, tendo em vista o sentido generalizante do esquematismo total. São, na exterioridade, conferidores das novas condições de interferências, inovadoras dadas as descontinuidades observáveis ao objeto dinâmicos, às aprendizagens nas instabilidades ao contínuo, ou seja, a interioridade, à aspectualidade abduktiva correlata a que concerne. Tomando-se por abdução enquanto plano correlacional à possibilidade de manifestação do raciocínio desses sujeitos, à conseqüente extensividade lógica significam à interioridade e a exterioridade por meio de efeitos à aporias e subtrações que se fazem necessárias, como se pode indicialmente contextualizar nos textos.

A natureza simbólica constitui-se da narratividade, compõe-se de todas as semióticas especializadas nesse percurso existencial, enquanto os registros factuais, por sua vez, são constituídos de compulsões, desencadeados às intensidades. Nesses pontos compensatórios, dessa inextrincável conexão estimáveis como fortuitas ocasiões à semiose. Ao continuum do pensar ao eu, ao *hoc et nunc* piagetiano, aos esquemas conceituais evolutivos de acabamento, dá-se através da abstração reflexiva uma possível liga à terminalidade horizontal e vertical, à força consecutiva de processos equilibratórios de compensações mais gerais. Em planos semióticos dessa indutividade os múltiplos tracejamentos, espaços cognitivos ressignificações, subtraíveis dos laços performativos e nessa pragmaticidade revestidos por uma espécie de *decus est* conferidor de um estatuto de reopsicofisiológico, legitimidade enquanto se possa traduzir na legibilidade, semiótica, estética uma solução da cognoscibilidade



enquanto modo concreto da realidade contemplativa uma diagramação paisagística fruída exarcebada, no nível e predativo fixativo do simbólico enquanto padrão sintático semântico para o pensamento verbal. As próprias compreensões epistemológicas podem assim hipoteticamente compor-se dessa expressão das semióticas especiais tanto quanto as literaturas exigem, assim em aspectos dessa construção, em esboços que as constituem, no tempo e espaço cognitivo e da contextualidade exterioridade podem ser definidos nas hermenêuticas utilizadas ao longo do desenvolvimento.

Nas comparações o que se faz é comparar representações dos sentimentos. Ou, em segundo lugar, a idéia pode ser a de um evento singular ou fato que é atribuído ao mesmo tempo a dois objetos, tal como uma experiência, por exemplo, é atribuída àquele que experimenta e o objeto experimentado. [PEIRCE, p.194]

“Mas raramente se exige grande exatidão, pois se não se localiza com precisão o signo, facilmente se chega bastante perto de seu caráter para qualquer propósito normal da lógica”. [PEIRCE, 265, p.59]

À filiação ontológica da normatividade, pode-se pensar licenciosidade pedagogizante que parece nascer, de entremeio, às intensidades psíquicas ao entusiasmo dessas culminâncias cognitivas em realizações por afinidade afetivas dos sujeitos ao exercício dessa competência, às condutas simpráticas, as quais disseminando-se por modos uma retóricos perlocutórios, paralelismos, formas sintéticas mentais, quantificam tipos isomórficos qualitativos contensivos dessa redundância na realidade de modo de destinação da conduta futura.

Essa termos finais que concernem a sintaxe e semântica de veiculação da mente ao objeto, essa relação em abrangência de uma linguagem um ludismo cósmico pode ser inferido como manifestação indagativa à superfície de uma

espacialidade que se constitui em torno de algo. Um contexto que se abre à significância que resta ao ritmos cíclicos dos apegos perceptivos.

Quando estão próximos à afecção sensível dos objetos, como aspecto relevante da recepção, à apelatividade à lexia proposta, os sujeitos assumem como interpretantes seus próprios atos como confirmativos, dada isenção intencional de que estavam investidos nessas relações. Ocorre uma significância ao ciclo de aporias dessas intrusões e as alterações parecem ser propiciadas, à medida da construção de sua completude, conforme uma espécie de rito a reger a coordenação lúdica das suas próprias com a interações realidade. Apresentam-se formas entre jocosas e agressivas, uma interação em que algo assumido é inferido como de alguma forma ainda não clara, de forma abdutiva ou seja, em desenvolvimento, origina-se dessa base intuitiva uma relação crescente de caráter sintético, dedutivo mas com a progressiva avaliação do implicativo e provocativo. Produz-se em termos sígnicos a formação como a um interpretante discente à aproximação de sentidos e emoções inteiramente humanas. Através da experiência com a flor acompanha-se algo concretamente, ou possível para mentalmente significar uma experiência de avidez para com essa extensão no outro, que pode ser solução terapêutica na alteridade abismal que se abre da linguagem como espaço grafalógico na própria subjetividade.

O representâmen, é o ato significado da representação determinada ao interpretante do primeiro signo. A representação de um objeto em um de seus aspectos, se destaca como certo sentido para o núcleo definiforme, tendência definitória que para Peirce se marca ao continuum para todo Interpretante Dinâmico envolvido. De um segmento narrativo essa expressão simbólica dá-se em níveis relacionais, podem ser definidos à referência de uma escala de conformidades mantidas de si. Trata-se contudo da mente em criação de uma espécie de texto mental que se tece em unidade de centrômeros, de múltiplos espaços de deslocamento cognitivo, ilustrações no domínio das naturezas narrativas, do fazer do qual são representantes de imagens.

A narratividade como sentido ao fazer semiótico impõe um modelo de composição de natureza remática na qual se encontram ativos como os esquemas diagramados nos espaços cognoscíveis, os signos da futura definição epistêmica. Plasmam-se essas possibilidades diagramáticas em suas estruturas elementares,



acompanhando-se em acabamento ao caráter icônico. Qualificações sob campos de fruição estética que delineiam-se por volteios, ritmos lúdicos. Insinuem-se essas formas pelas veredas de expressão lingüísticas, impelidas pela função semiótica como tendências evolutivas, refinadas naturalizadas pelo raciocínio. As formas que se impõem pela narratividade, imbricam-se assim nas fontes interativas da elementaridade.

Signos remáticos encontram-se como complexas tessituras de uma causalidade rarefeita, na qual aporias e subtração ao conterem as dimensões apenas à temporalidade, implicam níveis de revelação do espaço cognitivo em cuja plasticidade os componentes, em evolução dinâmica se dão ao indiciamento na realização adaptativa da semiose orgânica. Nela participam seres de anima e de vegeta referenciabilidade, em afecção demonstrativa, sob os graus perceptíveis dessa relação com o objeto sob o pensamento verbal, construída como luta da assertividade simbólica por meio do fluxo das correntes representativas potencializadas. (PEIRCE, 334, p.80).

Uma rede de preceituação desencadeia-se enquanto difusão dos núcleos referenciáveis, conceitualmente por força de uma plasticidade restrita a perspectiva desenvolvimental em que encontram. Determinam-se como vórtices à face inclusiva das asserções, desde as implicadas de forma rudimentar as significações de determinações observadas a partir do interacionismo, relativizado ao sabor das aberturas às externalidades acidentais.

A narratividade como modo de expressão do fazer, ser semelhante, ao plano tangencialmente, contudo icônico, signico não o caracteriza predominantemente tanto quanto o fato de ser transformação, modificação signo desenvolvido, o relato no conjunto da composição mental, contudo constitui-se de uma qualidade que resta de signos quantificadores (Peirce, 342, p.94). Nas suas formas assertivas, desenvolvimentais os sujeitos expõem, o caráter hemilógico da natureza inferencial do raciocínio para os agenciamentos de qualidade pragmaticista. A incursão no quase necessário, ao limite da possibilidade e da contingência, em aspectos de afetação externa e interna, determinados por realidades interna biofísicas quanto sociais, como

se dando por planos equacionados na relação mais sintética, em um domínio de subjetivação virtualizável.

O mundo real não pode ser distinguido do mundo fictício por nenhuma descrição. Muitas vezes se discute Hamlet era louco ou não. Isto exemplifica a necessidade de indicar que o mundo real está sendo significado, se estiver sendo significado. Ora, a realidade é inteiramente dinâmica, não qualitativa. Consiste em forças. Nada senão um signo dinâmico pode distingui-la da ficção. [PEIRCE, 337, p.91]

A dimensão didática resente-se em desacerto com a fonte viva do conhecimento genético da gramática das formas gerais das coordenações enquanto informativa potencialmente incorporadoras de fatores de escala na unidade semântica da orientação na teia cognoscitiva.

[...] os gêneros são unidades que podemos descrever sob dois pontos de vista diferentes, o da observação empírica e o da análise abstrata. Numa sociedade, institucionaliza-se a recorrência de certas propriedades discursivas, e os textos individuais são produzidos e percebidos em relação à norma que esta codificação constitui. Um gênero literário ou não, nada mais é do que essa codificação de propriedades discursivas. [TODOROV, 1980, p.48]

O valor pessoal reside na realização filosófica e não visão. Idéia nascida da solidão extrema em Shopenhauer transforma-a grandeza da visão mas à inflação psíquica não chega até as proporções patológicas.

As mágicas representações coletivas estariam à base dos "slogans" dos americanos e num nível mais alto, da linguagem do poeta e do místico.

O inconsciente coletivo encerra fatores tão atrativos que podem fascinar um homem quanto qualquer. (Jung., p. 133-134) real

árvore feia

Era uma vez uma árvore que era feia, feia, feia. Quando passavam perto dela nem ligavam os pássaros nem passavam perto dela.

Um lindo dia uma garotinha chamada Julie estava passando perto da árvore e disse:

_ Por que ninguém conversa, brinca com você árvore? _ a árvore disse:

_ Porque eu sou feia.

A Julie disse para a árvore:

_ Não importa se você é feia ou bonita é gorda ou magra, eu gosto de você.

A árvore ficou feliz todos os dias que Julie passava pela árvore ela brinca é conversava com a árvore.

A árvore ficou feliz não por ter todas as pessoas como amigas mas pelo menos uma já basta.

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 28/04/99*

*Natali S. S.
11 anos 5ª série "B"*

Uma princesa que gosta muito de ir a floresta

Era uma vez uma princesa que adorava demais ir a floresta.

Ela tinha um costume de sair escondida de sua mãe.

O nome desta pobre garotinha era Magali ela foi a floresta a escondidas para a floresta. Um dia seguinte se levantou bem cedo para ir a floresta e ela começou a andar e andar, até cansar até que ela não consegue mais levantar do chão, fechou os olhos, e ouviu umas piadas de passaros, e ficou muito asustada, de repente ela viu muitos coelhos, mas quando olhou para trás viu um pequenininho beija-flor, chupando as gotas de guas das rosas

Na floresta onde andara tinha tantas arvorés que dava para fazer coleção

Foi para sua casa é não voltou mais nunca

FIM

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 28/04/99*

*Marcia A. F.
12 anos 5ª série "C"*

A Borboleta

Era uma vez um ninzinho de borboleta que estava cheio de borboletinhas.

Ela estava-se desenvolvendo naquele ninho.

E a mãe delas fez aquele ninho ali porque si não alguém visse queria-lós mata-lós.

E as borboletas foram crescendo e elas sózinha já sabia ir casar comida já não precisava da sua mãe.

E outras que eram pequena a mãe dela ia casar comida para dar a elas.

E foram crescendo aos poucos e ficou para a mãe 10 borboletinhas.

E o tempo foi passando e elas foram crescendo e cada uma ia casar a sua preferida comida e cresceram todas e estão avoando por ai.

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99*

*Juliana L
10 anos 5ª série "A"*

Dente de Leão

Era uma vez varios dentes de leão um dente de Leão via solitario por que ele era um dente de leão ororoso e nenhuma das pessoas pegavam ele para infeitar os ramos de flores.

Por que este dente de leão via em um campo.

E um belo de um dia uma menina que adorava a natureza pegou este dente de leão então agora ele era o dente de leão mais feliz do mundo inteiro.

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99*

*Bruana C. U. S.
10 anos 5ª série "A"*

O dente de leão

Era uma vez um pequeno dente de leão.

O dente de leão tinha muitos amigos, o pequenino dente de leão gostava muito de brincar com eles.

Mais um belo dia lá estava ele brincando com os seus amigos, quando de repente comesou a ventar muito forte e eles foram arancados do chão.

Mais tarde o vento se acalmou-se um pouco e eles estavam deitados no chão.

E o tempo pasou e eles cresceram e se casaram e tiveram muitos filhos e voram felizes para sempre.

E o que aconteceu com ele, também aconteceu com seus filhos. Mais isso já é outra história.

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99*

*Suelem A P.
10 anos 5ª série "A"*

O corpo espinho

Uma senhora corpo espinho era tão espinhada que não , poderia rela nela.

O nome dela era a Lala.

Ela morava na casa de madeira ela ficava feliz quando voi para-lá na casa.

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 28/04/99*

*Taísa C. M.
11 anos 5ª série "B"*



O dente-de-leão é uma flor conhecida pelo seu admirável poder de renovação. Quando cortada ou mesmo arrancada do solo volta a brotar com a maior rapidez. Suas pétalas são na verdade sementes, que se espalham com um sopro ou com o vento e significam a vida e a renovação. O dente-de-leão representa também o oráculo, aquele que responde às nossas perguntas e aos nossos anseios, tão comuns quando se aproxima um novo ano.

Existe ainda uma crença sobre o dente-de-leão: nossos desejos se realizarão quando todas as sementes são sopradas de um só fôlego; se restarem algumas, será esse o número de filhos que teremos. Nascimento, renovação e descoberta, em uma só planta todos os símbolos do Natal.

A flor dente de Leão é conhecida também como barba de chefe, pelo atributo Caruru, porque os chefes fazem máscaras com furinhos no lugar da barba, e depois eles vão no mato para pegar as plantas e vira barba e quando tem reza os chefes usam a máscara e ele faz a reza.

E como eu já disse é conhecida por quase todos como dente de leão porque é muito igual a o dente de leão.

E muitas pessoas brincam com flor, e o nome da brincadeira e seu Pai Careca.

E é uma flor muito fácil de achar em Qualquer matinho você acha.

E é isso que eu sei.

FIM

Nome: Fernando Moraes nº 15 Série : 5º A

Idade: 10 anos Data : 04/06/99

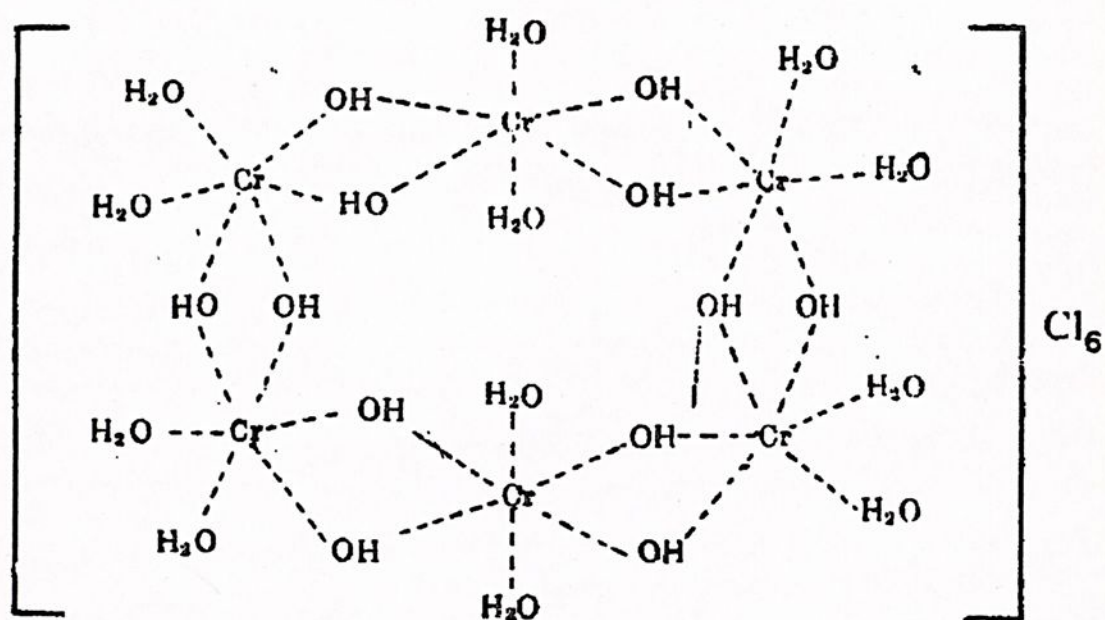


Figura 2.4. Hidróxidos crômicos possuem a propriedade de formar compostos Oólicos. Fonte: Enciclopédia Técnica Universal.

Segundo Todorov (1980), atendendo-se a um otimismo de filiação intuitiva provindo de Valery, Lessing, Schlegel, pode-se recorrendo também às noções de referencialidade prática de Charles Morris, compreender os signos, naquilo que pragmaticamente signifiquem ao surgirem à consciência as propriedades concretas e abstratas, as quais da linguagem indicam a solução do colateralmente experienciado enquanto se correlacionam as possibilidades de integrá-las. Numa semiose comunicacional a poética seria base geral, numa concepção de coerência para a linguagem vinculando as apercepções, consideradas como as transformações admitidas por Saussure, e na acepção de uma “tomada de consciência mediada”, não diretamente causal mas como por vias de agenciamento efêmero de um ruído natural um comportamento se tornasse cognitivamente pensamento verbal na originalidade de Humboldt.

“Conhece-se verdadeiramente a obra quando, a partir desse conhecimento, se é capaz de reproduzi-la, de produzir outras obras do mesmo gênero. A atitude científica coincide aqui com a atitude criadora; os dois sentidos do verbo “engendrar”, o técnico e o poético, fundem-se num só”. [TODOROV, 1980, p.40]

O quadro categorial, em questão se faz assim mais aproximado da referência comunicativa enquanto envolva a informação, a materialidade, o meio de aportes e simportes dos signos, podendo significar também na projeção normal o que a função fática, informativa da linguagem intrincando-se com a poética, emotiva, conativa, à função metalingüística, na meta cognição, do estilo representa, o que se possa implicar conceitualmente no gênero. O conceito de texto abarcando o discurso e o modo semântico na interpretação psicolingüística, implicaria a decifração possível e objetivamente calcada na hipótese surgida no espírito, na atividade de conhecimento à consciência. Propriedades fusigênicas endóforicas e exofóricas atuariam às expressões restariam discursivas, liberando potencialmente estados transientes deflagráveis à escrita, dimensões significantes à semiose comunicacional como um produtos ou subgêneros da iconicidade à inteligência.

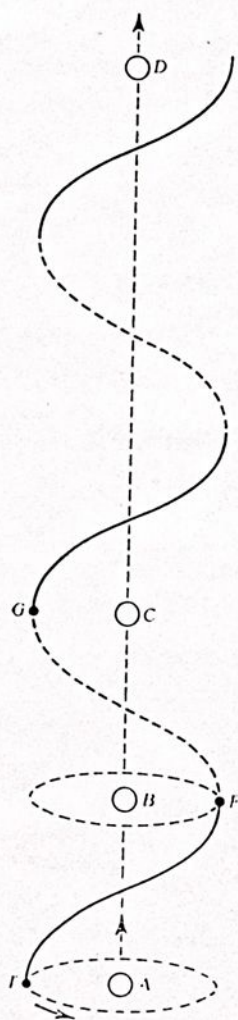


FIG. 219. Línea helicoidal que describe la Tierra a consecuencia del movimiento de traslación del sistema solar en el espacio

Nessa aspectualidade parece pertinente evocar a noção de “**imaginário lingüístico**” e de “**corpo verbal**” de Pechêux (1988, p. 246-291). As alternativas das implicações recaem do entendimento, desses sinais físicos que na ciência cognitiva permitiriam marcar o distanciamento consciente da linguagem enquanto fenômeno ao natural e cultural, algo talvez que por Minsky se viesse a interpretar como possibilidades formais aos sistemas cognitivos, à relevância de um ponto de vista antropológico do conhecimento, para o que pudesse significar realmente matrizes mentais nos limites intersubjetivos de quebra e racionalidade. Adotando-se a subjetividade cognoscente às vias psicolingüísticas chomskianas para a relação pensamento e linguagem, as conseqüentes perspectivas semânticas gerativas em Fodor e mesmo as perspectivas semiológicas de Barthes, às colocações de Greimas são representativas de possibilidades latentes do estruturalismo saussuriano desenvolvido às vias conotativas e denotativas de Hjelmslev, pois ao inserirem-se como linhas teóricas explicativos nas estruturas gerais do pensamento, permeiam tanto as “gramáticas gerais” quanto as especiais da linguagem. Enquanto essa identidade informacional em seu conjunto se faça múltipla nas possibilidades biodiversas mas radicadas na fluência e fruição do central realizadora à semiose comunicacional, nas fontes vivas das idéias. Tem-se em vista essas contribuições ao sentido gerativista, ao percurso semiológico enquanto se podem admitir às efetivas articulações tomadas como possibilidades reais e virtuais para o discurso publicitário a partir das filiações a Jakobson teorizadas com o discernimento característico em Lopes (1987).

Considerando as possibilidades de efeito diagramático dessa leitura de imagens significativa mais ou menos arranjada simpaticamente, eivada de detalhamento corresponsivo da inflação ou do estranhamento das crianças, como idéias e enquanto efeitos mentais, torna-se referenciais que se insinuaram à interação leitor-texto, procedendo de imagens suscitadoras de um aprofundamento nas bases motivacionais à efetuação da linguagem. Enquanto modalizações exteriorizáveis às regulações dos diferenciais representados semioticamente dos esquemas figurativos, as ativações perceptivas, proprioceptivas, especializadas evolutivamente na inteligência assimilativa sensorio – motora às lindes da formação cognitiva característica na organização biótica, importando observar como as oscilações

tímicas vão-se desenvolvendo compondo a integralidade simpatética do pensamento sensível evolutivamente às transformações criadas aos estados de transição, pontuados nas formas mais elevadas como estados de consciência na semiose comunicacional.

Procedendo-se a um aprofundamento à base informativa, representacional das orientações mais gerais que subsumem tanto os esquemas afetivos, volitivos e intelectuais são possíveis às vias nocionais interpenetrativas desenvolvidas ao “esquema”, as operações conforme admitidas ao uso procedimental lingüístico em Hjelmslev. A hipótese que possibilita ancorar nos mesmos suportes ativos aspectos interpretativos, matriciais eminentemente triádicos, admitidos ao que organismicamente suporta ao material do signo para o sujeito da praxis. Este sujeito que ao fazer uso de signos lingüísticos revela-se cognitivamente ativo, cognoscente, e frui a existência como um aprendiz qualquer da Natureza, da qual na propria cultura cresce e expande-se e na mesma árvore da diversidade, propaga-se na possibilidade de um segundo representar e gerar, criando frutos de espécie, naturezas substanciais são transformadas e antropomorfizantes, nos semas, na completude do pensamento a complexidade reprodutiva.

“Antropomórficas é o que são tods as teorias no começo [...] E quanto a preferir uma teoria a outra, é bom lembrar que cada uma das verdades científica é devida à afinidade da alma humana com a alma do universo, por imperfeita que seja esta afinidade” [PEIRCE, 1983, p. 47]

Como interpretantes emocionais, nas formas correlatas da iconicidade, categorialmente prevalescente, da Primeiridade as próprias modalizações sýgnicas, asvirtualidades que surgem enquanto idéias, e mesmo sendo atualizadas permanecem nas bases contextuais de fundo, e estas conforme referidas se façam citadas ou citantes aos modos de Hjelmslev, são passíveis de uma avaliação do caráter axiológico.

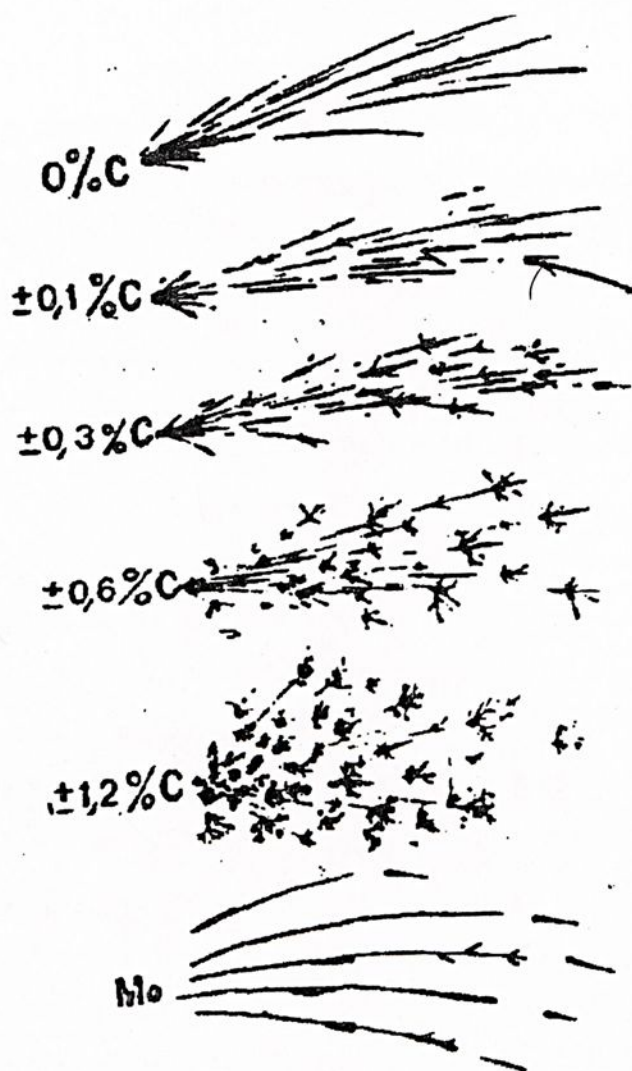


Figura 2.2 Aspecto das faíscas produzidas por aço comum com teores variáveis em carbono e por aço contendo molibdênio. Fonte: Enciclopédia Técnica Universal.

Uma vez consideráveis ao investimento de afinidades, valores vitais, à conjugação de apetições da especialidade abstrativa humana, a relação de convivência com disposições mentais degradáveis no tempo, essa unidade de consciência na linguagem importa enquanto economia ao tracejamento ativo dessa reflexibilidade evolutiva. Em modos dessas apreensibilidade de suportes materiais, a gestalt, possível àquele quadro mais estável, no pensar o qual, contudo não sobrepuja a instabilidade de inerência no irreversível que se apresenta na própria natureza antagônica dos fenômenos existencialmente teorizáveis como dimensões ao espectro reacional psiconalítico ou ideológico da reversibilidade nas experiências com a sucessividades ou como nenhuma na irreversibilidades na experiência de si na pontualista.

Dessa concepção desviante da linearidade temporal ao que se pode assumir a uma significação criptoanalítica aprendida na decifração regulações rítmicas mais gerais determinadas à relatividade entálpica enquanto perspectiva mental concentrada e ativada, desenvolvida ao modo das subjetividades. Implicando a cognição na aprendizagem, por vias dessa dimensão coexperencial, característico, correlacionado para a espécie como conhecimento antropológico do estruturalismo em Lévy Strauss e do pragmatismo dos Morris, implicam como relações admitidas à base mais abrangente da linguagem na semiótica e importam a pertinência de uma lingüística da fala à interface dessa apelatividade e cuidar afim dos sistemas cognitivos no limite do imotivado.

As relações de primeiridade estão envolvidas na semiose comunicacional das crianças por conta dessa aparente compulsão e fácil à criatividade, a deflagração da competência semiótica enquanto dinâmica biológica à base energética, motivacional, dimensão eutímica, a fonte da ludicidade. A base dessa impregnância para as relações simbólicas, implicadas ao representativo, como interpretantes lógicos importaram os efeitos de significados abstraíveis, complexidades dessa condicionalidade indireta psicofisiológicas implicadas a existentes, na liberação de estados transientes, da criação no espaço-tempo. Compelindo às seduções das possibilidades informacionais por propriedades semânticas difusas, afetações pelo efeito das naturezas múltiplas dos movimentos às lexias sígnicos, representam nos

interpretantes energéticos os quais enquanto o plano das ressonâncias ativadas são determinações precedentes suportadas à materialidade na veiculação do signo. Da assimilação funcional e reprodutora a mediação pelos esquemas alcança todos os planos, dos níveis precedentes estruturantes da atividade consecutiva e a semiose como uma dimensão comunicacional se realiza ao dar permanência e indício dessa afecção à própria entropia, enquanto indique a considerar a falibilidade às transformações internas e externas em coerência, contudo, à integração entálpica que se manifesta diferencialmente nos vínculos condutores, sentido da orientação que mantém a integralidade ao caráter da assimilação representativa.

Desse aprendizado mais íntimo à naturezas continuativas da natureza, inclui-se o sistema cognitiva do homem, na integralidade do seu repertório técnico, e na linguagem comum da qual se servem os pequenos autores, germinam as possibilidade regenerativas, curativas, terapêutica desses valores vitais, os quais parecem ser consistentes à virtualização da mesma base de inerência gramaticalizada, dicionarizada. Esse inventário realizado por fluxos ecologicamente orientados, mesmo pela consciência atenta traduz-se indicialmente como teoria por vias conhecimento lexical, categorizáveis na semiose comunicacional peirceana à prevalência da categoria de terceiridade nas relações com o objeto do signo.

Embora a malha de fios pesados retorcidos, na categoria da secundidade, a considerarem-se as formas de expressão representativa de seu entendimento no plano de correlação interativa dessa virtualidades com o momento e situacionalidade histórica concreta, alguns aspectos potencializaram-se nos referenciais, surpreendentemente manifestados no âmbito da intersubjetividade. Apreciar a possibilidade dessas inferências das crianças enquanto idéias desse ajuste acontecendo em singular paralelismo ao tempo constitui-se uma experiência fantástica, uma entrada na criatividade viva, ao que se fez confirmar como materializável enquanto qualidades, caprichos e humores da natureza possam ser representados e desenvolvidos à linguagem comum enquanto teorizações de regularidades absorvíveis e liberadas no tempo e confirmadas como estruturas distribucionais de valores harmônicos no viver cotidianos.

Dada a conexão fática, a informatividade materialmente implicada nas formas comunicativas, considerada à gama de interpenetração possível, de fatores na relação expressiva evolutiva àquele entorno cultural, representaram-se à linguagem especial na acepção das generalidades inclusas em linguagem técnica.

A possibilidade racional aristotélica de incluir a matéria e a forma, na harmonização da poiesis e da mimesis, compreendidas na natureza vasta performática competência cognoscitiva, insinua-se positivamente na leitura dessas classes conceituais ao suporte dos textos. Admitidos ao próprio contexto verbal que os integra ao ambiente e à ambiência, nas idéias de escala na manifestação de estados mentais, os fatores de ativação em processos e paralelos a ajustes, reações organísmicas, regulações endotérmicas e exotérmicas, e motivos dessa reprodução cultural. Essa complexa estrutura assimilativa, oscilatória, à dinâmica equilibratória tão periódica quanto determinativa, observa-se atuante ao surgimento desses níveis mais diretamente energéticos ajustados a referência da forma exibida à integralidade desenvolvida no temporalidade das quais à representatividade da cultura são atualizados como valores vivenciais para o que signifique. Na expressão dessa reversibilidade à pragmática do envolvimento total, do significado existencialmente usufruída como bem de pensamento, passível de cuidados e rituais. Na natureza humana essa modelagem cognitiva dá-se na relação essencialmente biotecnológica sugerida pelos processos fermentativos nos processos reações endotérmicas e exotérmicas nos fenômenos de regulação e distribuição de calor e velocidade.

Na noção peirceana da atenção como função denotativa pura ou função amplitude do signo pensamento, sendo este tomado naquilo a que nele mesmo se apresenta como indicativo, surge uma ostensividade natural, um índice. Pode-se metodologicamente refletir o quanto a funcionalidade fática poderia ser admissível à linguagem, enquanto veículo corpóreo do trabalho reprodutivo e a segunda natureza implicável em qualquer forma informacional comunicativa como virtualidade à função simbólica de inerência regulativa.

Das condutas de linguagem enquanto se possam delas retirar elementos cognitivos na categoria da secundidade, aos efeitos das ambigüidades significa operar com lacunas e confirmar o "não-dito". Como a paridade intervalar ao

descontínuo, no conflito consolida-se por uma mediação perceptiva, surgindo correlata à qualidade do sentimento ao sentido unívoco, na interioridade a diversidade representa nos modos singulares dessa expressão possível como signo na esfera da externalidade.

Admitindo-se que os autores, falantes nativos da língua portuguesa tenham essa atualização no desempenho, este embora degenerado parece potencialmente correlato ao significado intrincado às estruturas profundas.

Assegurando à estrutura superficial com que uma vez integralizadas se manifestam dos atos de fala primeiros, essas tessituras ao remoto das estruturas mnêmicas operacionalizáveis na escrita, por vias de esquematização representativa reversível, no sentido vivido dessa relação interna bruta possível a um existente, estará correlata a uma penosa resistência, escalonar ao ajustamento acomodativo do ser ao indeterminado, que surgem natureza tentaculares ao caráter fusiogênico e orientador na estrutura de conjunto dos demais aprendizados subjetivados.

A densidade relativa semântica dessa caracterização informacional à envolve sintaticamente as propriedades coesivas dos “textos”, enquanto impliquem registros informacionais atualizáveis efetivamente mantidos à comunicação pela materialidade do signo lingüístico, por uma unidade funcionalmente fática ao fenômeno mental representável no sistema da escrita. Essas categorias prevalecem por modos de apresentação e representam por recursos de gramaticalização e lexicalização nas classes de naturalização.

Assim é possível tomar a linguagem comum e a técnica subsumidas na extensa urdidura cultural, a qual enquanto inventário de significantes conexionais, possam referenciados em valores apreensíveis ainda que em paradigmas derivativos, classes de ações sintagmatizáveis à mesma iconicidade lingüística nos contextos verbais de que se faz acompanhar, ao que resulte do refazer no percurso semiótico comunicacional.

O texto como discursividade, à univocidade possível ao que tange o ato verbal, significa na viva extensão dos esquemas nessa hipertextualidade de entorno. Ao sentido evolutivo essa inextricável subjetividade detém as formas potencializáveis

humana contudo às aprendizagens expressão sua de incorporar das demais representações anímicas e vegetativas obscurecidas que a complementam.

Nessa classe das unidades textuais sobressaem nas imagens mentais, potencialidades semânticas diversas formas comunicativas, sejam expressivas e apelativas informam, com fazer imediato do aprendizado ao risco do aleatório urgir cibernético, conhecendo aberturas da realização contingente.

A relevância da noção de função e funcionalidade da mente como propriedade de produzir conseqüências através do modo dessa subjetividade formação de uma estrutura potencializa-se do vir a ser dos signos que determina-se nessa conveniência, à espécie de originalidade do pensamento sematizado às inferências lexicario enquanto esquema adaptativos que fluem por estados de consciência. Nesse sentido essa gramática viria dessa linguagem semiótica.

Continua, pois, bastante verdadeiro o fato de que o “sentido” é produzido no “non-sens” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da “forma-sujeito” ideológica, identificada com a evidência de um sentido. [PECHÊUX, 1988, p.300]

O nome compensa vazios. No nome há a estória do preenchimento do vazio, do sufragado ao conhecimento e este é composto de um ato de acrescentamento ou por subtração, apagamento entre o qual se esteiam os cariótipos, signos lançados como lampejos flechas ao futuro.

A carga assertiva de um índice sendo muito grande terá de ser considerada sob a perspectiva da interação pragmática possível, presumida a apresentar-se ao sujeito para estabelecimento de tal contexto. Ao discurso, por ocasião da emergência de um pronome, emergem, como de unidades semânticas, os contextos cognitivos, desconectos e desconexos das operações mentais, conforme se imponha como tal à observação abstrativa.

Contextos delineiam **limites expressos ou compreendidos, e a asserção pretende ser adequada a esse caso.** A restrição se faz desejada ao sujeito

como avaliação de um texto mental do mesmo composto de instruções indiciais, prévias ao continuum, pois íntima do desejo afecto da idéia do objeto, da imagem mental que o apresenta. (Peirce, p. 287, 289, 19)

Assim demandam novas possibilidades argumentativas, enquanto essas réplicas se constituem ao processo contínuo da realidade interpretativa inerente a intersubjetividade manifestada nesses textos:

Peirce concedeu uma importância especial etmológica à língua latina e tendo-se em vista essa ausência de referências, concernente a estruturas lexicais dessa índole motivacional na epistemologia contemporânea, pode estabelecer-se contudo uma referenciabilidade gramático especulativa enquanto tradutora dessas compatibilidades psicológicas. À filiação aristotélica em Descartes via Leibniz, Dascal, Nietzsche aforismo no paradigma indiciários ao aspecto caracterizador da tocante a um possível caráter seletivo do escopo cognoscitivo universal para a lógica, tem a ver com uma semiose comunicacional no que se pode especializar ao uso comum de pronomes e partículas seletivas. Assim, também são declarados como pragmaticamente indiciais os advérbios, preposições numerais, os conectores lógicos nos estudos piagetianos.

A complexidade indicial dos signos compromete-se na rede tênue em que se pode proporcionar a distribuição de defasagens ou distanciamentos ao que se confere conceitualmente referência de como objetividade representativa no processo de lidar com o objeto do signo, enquanto a terminalidade projetiva se singulariza numa interpretação ao modo peirceana. O índice por referir-se ao objeto por um processo evolutivo implícito ao remoto na semiose de assemelhação, reveste-se da identidade signica ao ser modificado por ele. A esse e outros aspectos, os esquemas de assemelhação inteligente piagetianos podem conferir explicativamente as dimensões operacionais intrínsecas às representações em desenvolvimento.

Condicionalmente deve haver objeto para o sujeito do signo icônico, e o aspecto de efeito indelével dessa presença marca-se no índice, na afecção. No ícone há a relevância da similaridade, objeto assemelhado, contudo, a significância sendo signica, envolve o mesmo poder transformativo do modificador, mas no índice, pode atuar de forma independente, confere-lhe o Objeto carregando e sinalizando uma aura relacional dessa flutuação mas que sendo deslocativa e autônoma, identifica-se quando

traduzida pelo signo dicenti envolvidos com os significados das transsociações presentificados nas relações com signos remáticos.

O Índice é um signo que denota o Objeto por dar de si conotação dessa afetação. São sintomas se unir o caráter de quase necessidade, sendo imperioso considerar essa ocasião de possível conexão com o Objeto primeiro da continuidade da vida assimilada com os níveis harmônicos de realização nos demais seres que receberam as potencialidades científicas das estéticas e das subjetivações já na corrente de informação indicial prévia: um elo do potencial de reflexão para a álgebra enquanto processos inerente à observação abstrativa. Na possibilidade de estar alterado pelo Objeto ele indica a atuação de um signo icônico, ou seja, um signo com caracteres quase iguais ao do Objeto.

Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele necessariamente alguma qualidade em comum com o Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao Objeto. Portanto, o Índice envolve uma espécie de Ícone, um Ícone de tipo especial; e não é a mera semelhança com o seu Objeto, mesmo que sob estes aspectos que o torna signo, mas sim sua efetiva modificação pelo Objeto [PEIRCE, 248, p.525]

Considerando as complexidades teóricas e práticas às quais o intérprete se atém nas circunstâncias dessa investigação abstrativa pode-se reconhecer como possível caráter indicativo, preceitual, do nível referencial do representâmen enquanto signo para o objeto, algumas manifestações de signos compósitos enquanto afecções inerentes ao caráter de desempenho na interpretação em ambos os pólos de subjetivação trabalhados teoricamente nesse trabalho: representações escritas dos sujeitos estudados e da pesquisadora. A condição caracterizadora da materialidade enquanto de veiculação do signo está neste caso antes afeta a uma ordem argumentativa de base psicológica e procedimental de uma linguagem compreensiva dos níveis em que o objeto é denotado como extensiva dimensão.

Através das nuanças assemelhativas, sendo apreensíveis os signos icônicos de tipo especial, serão sugeridores de que o processo funcional está a organizar a cognição na forma futura e uma teoria passa a alterar e constranger as

escolhas sob as relatividades que pare com surgir do exercício interativo. A realização da performance pela competência lingüística, ela é considerável em si mesma uma unidade de sentido potencial, uma espécie de cibernética metadirigida. Os textos envolvem, portanto, processos de observação abstrativa que demandam a abertura a fatores de escala de pertinência na constituição do esquematismo desenvolvimental, enquanto setores privilegiados para pensar a transposição e análise de um modelo cognitivo que se possa caracterizar como um sistema regulador sinergicamente auto-organizado.

O signo Dicenti é um Signo de produção à superfície como complexidade sistêmica da escrita pelos sujeitos que, para seu Interpretante, é um Signo de existência real. Portanto, não pode ser um Ícone o qual não dá base para interpretá-lo, como sendo algo que se refere a uma existência real. [PEIRCE, 251, p.53]

Para o escopo de abrangência e implicação que Jakobson atribui à função poética pode-se supor uma competência poética de modo maior generalidade, a qual manifeste sua natureza ao paralelo informacional, como terminam em leis naturais que simples produtos arranjados por uma compleição perceptiva de um possível a ser relacionável esteticamente. Considerando-se a complexidade enquanto espaço transfísico tanto de contenção, como de expansão para a realidade dos signos lingüísticos, são relevantes dos textos os índices que se processam por conteúdos confirmativos, relativamente ao fundante dessas atualização de fluxo de idéias em um sistema interativo multidimensionado.

Um tal sistema coordenativo realiza-se por desvios das significações, as quais, contudo, parecem conservar-se um soluto, ao caráter dessa significação mais geral, sem o qual a compreensão e a “transposição criativa” não seriam possíveis. Esse aspecto confere o ângulo de entrada na dimensão homogênea ao conjunto, degradando-se em níveis de depreensibilidade, o qual contudo não destrói a unicidade, ela mesma se preenche de heterogeneidades. Tal fato confere com a expectativa que se pode referenciar às formulações teóricas oriundas da teoria da informação, tanto à continuidade cibernética de idéias de Wiener para as investigações teóricas e técnicas

que procedem da base funcional da linguagem e enquanto sistema de transcodificação ao neoconexionismo, em contextos de intencionalidade como os discriminados por Dennet, Searle, Atlan e outros nos estudos recentes em ciência cognitiva.

“A finalidade primeira da teoria da informação, tal como o da formulada por exemplo D. M. Mckay, é “isolar de seus contexto particulares aqueles elementos abstratos de representações que possam ficar invariáveis na nova formulação.” [JAKOBSON, 1972, p.74]

Tendo em vista as hiperlexias como constituídas do enredo ou complexo de tessitura vinculado a essas atividades como signos, sabe-se de Jakobson que à dimensão à interface fonológica, pela complexidade opositiva gráfico-fonêmica, consegue-se chegar a linhas atenuantes, de uma univocidade unidade semântica implicada harmonicamente variedades gramaticais, morfológicas e fonológicas. Algumas regras se impõem ao conjunto como uma inclinação racional, uma lógica, a qual surge de estabilizações aliadas pontos compensatório.

Esses pontos gramaticalmente internalizados, supondo-se a equilibração cognitiva ao sentido de uma dinâmica cognoscitiva viva, demanda à interpretação dos esquemas as possibilidades para as tomadas de consciência presentes e futuras das condutas à interface dos processos atualizadores da linguagem sob estruturas de compensação conectam uma realidade significativa, sendo gradualmente definidos, a partir de ingerência de ordem interpretativa, avaliando-se, enfim em consideração objetos da significação estruturas seletivas de base do ouvinte e ou falante.

Efeitos de Regras de Substituição: funções eidéticas

Considerar a entrada nesse sistema compulsório significa realmente penetrar na realidade concreta dos signos lingüísticos enquanto significam, ou seja, cria-se assim enquanto solução demandada à experiência do outro ao eu ao que debordamento do insinuativo dessas ocasiões uma inevitável leitura subsume ao

apreciação semiótica que se interpretando junta às coordenações mentais, sempre que intersubjetivamente estejam também correlatas sensíveis e dispostas volitivamente a enfraquecimento, ao desgaste inevitável da descontinuo, nas situações atuais de enfrentamento da alteridade as degradações que se interpõem à causalidade do Objeto imediato.

A dimensão lúdica incorpora assim, tendo em vista o sistema genético piagetiano, o próprio esquematismo da inteligência enquanto sistema de fazer sentido de implementação dessa natureza semiótica, da racionalidade sempre à fonte de elementos radicais portadores das bases que potencializam as redes sógnicas e enquanto dimensão peirceana para cotejar as idéias verdadeiras. “Não são só regras de jogo, mas também regras de substituição, que governam a estrutura da língua, pois são constituintes de implicação e incompatibilidade” (JAKOBSON, 1972)

A competência poética dos sujeitos pode ser estimada na esteira da consciência paralingüísticas dessa assimilação às vias da causalidade transfísico metamorfozada. Esse saber fazer ressalta em todo o seu potencial geneticamente veiculativo à criatividade representacional, enquanto pontos germinativos à filiação generativa do que surge no que se pode inferir em eventuais ocasiões à extensão com a diversidade das perspectivas situadas enquanto elementos de espacialidade. Literariamente são dimensões conectas à poiesis e à mimesis, conservando na dimensão afetiva, a duração na impressão contemplativa, ao caráter do mesmo nas formas icônicas do pensamento, as imagens conferem dimensões pictóricas tanto platônicas quanto dos implícitos de correspondência nos esquemas primários dessa experimentação observacional, efeitos de aplicação com caracteres aristotélicos.

Não há como não lembrar a aproximação teórica que Aristóteles delineou como mimese em sua Poética para compreender objetos diferenciais que derivam como artefatos poéticos nos gêneros que se vinculam aos esquemas narrativos. A narratividade centraliza o épico como conteúdo relacional ao fazer ética e estético, às funções eidéticas da linguagem nas integralizações cosmológicas. Do ponto de vista do funcionamento das estruturas do pensamento, os esquemas mentais são dotados da propensão imitativa continuam válidas portanto à capacidade transformativa os esquemas ronteiriços da Imitação, à postulação prevalecendo a lei da reprodução do



semelhante de Claparède, o geral singulariza-se no particular. A intuição fantástica de Walter Benjamin aproximou-o assim das crianças.

“O lugar comum dessas investigações permite supor que o filósofo se referia ao fato de a Arte reproduzir, representar, recriar, por meios próprios, a realidade humana, criando um universo análogo ao Cosmo, de forma que este se espelhasse sinteticamente naquele”. [MOISÉS, 1984, p.106]

A dimensão coordenativa dos esquemas de assimilação piagetianos, sejam os reprodutivos, de antecipação, cognitivos caracterizam a profundidade da contextualização mental que esse sujeitos fazem da construção da realidade teórica piagetiana como espaço etoecológico de cognição e afeição.

O esforço mental para envolver e abstrair o caráter de conformidade ao real fugaz impõe-se da idéia de método que se interpõe como modelos de fixações aos sujeitos da experiência.

Ao invés de copiar, a Arte consistiria na criação de um mundo coerente paralelo ao Cosmo, regido por leis específicos, homólogas das que norteiam o outro, e ao qual se acrescentaria: à realidade criada se adicionaria a sua recriação, não por cópia mas pela utilização dos processos de elaboração semelhantes aos que teriam outorgado homogeneidade ao mundo dos objetos criadas. A obra de recriação estaria para a obra da criação assim como o poeta estaria para o demiurgo, ou criador do universo. [MOISÉS, 1984, p. 106]

Estruturações genéticas no sujeito prático

Nos textos encontram-se germens dessa atividade generativa, formas mentais pelas quais se anunciam o que e como serão suportadas as transcodificações.

A natureza da imbricação dos esquemas nesse sistema interativo que se supõe abrangente para apreensão de complexos núcleos difusivos, assemelham-se a unidades semasiológicas encapsuláveis, contudo, apresentavam-se de um modo tão

especificamente colimável em seus limites situacionais se sua superação que leva a memória às formas alçadas ao longínquo, aquele sentimento pelas arcádias metafísicas dos sistemas, e quando se voltam referencialmente pela vontade na rerepresentação aos níveis ideais dessa transcendentalidade.

O paradoxal nessa caracterização que advém da cristalização, consolidada por força do exercício dos esquemas interativos, pelas quais as estruturas sincréticas vão sendo progressivamente impregnadas de significados relacionais às gradações assimilativas entre o mágico, o místico, via experimentação primária, ao caráter lógico simultaneamente indutivo e dedutivo desencadeado a partir de situações abduativas.

Por vias do caráter natural terapêutico da natureza que se renova das ações cognitivas e afetivas, enquanto núcleos insistentes não cicatrizes presentes às teorizações e modelizações no que mais livremente apostas encontram-se como valores radicais entre o estético, o místico, o religioso, noções marcadamente degradadas.

A magia parece surgir nessas crianças de 09 a 12 anos nas atividades cotidianas permeando as inclinações espontâneas que surgem no plano da inteligência da percepção com as relações lógicas do que observando, constituem operativamente em categorias. Dessa qualidade material à veredicação, assertividade, mediante determinações relacionais surgidas à associatividade das bases lexicológicas à base pensamento formal operacional. Nos anunciados nos quais as expressões fraseológicas tomam o caráter de integralidade dessa conflitiva atualização à ambivalência e identidade paradoxal.

A idéia de desmontagem tanto se encontra nos textos em princípio de desenvolvimento, ou ocasionalmente degenera-se conforme nas amostras a intensidade evocativa se centraliza em qualidades objetivas ou subjetivas movendo-se difusamente à consciência. Enquanto ações imaginadas ocorrem as conexões inferenciais e procedem as operações em correlações, processos de metaforização desmetaforização, mudanças que requerem novos parâmetros escalares.

Nas múltiplas formas operacionalizadas na evolução natural do pensamento enquanto se completa à linearidade da expressão por textos como a



expressão funcional analógica de elementos de palavras-signos, às temporalidades lingüísticas. A assimilação funcional contudo constitui-se das permeia-se dos efeitos freqüentativos às possíveis réplicas realizadas aos princípios analógicos de base. Às expectativas equipotencialidades admissíveis às linearidades para estimar variantes de continuidade tornam-se importantes aos extremos da indeterminação ao risco ontológico e epistemológico dessa construção dos efeitos reprodutivos, deformativos interpenetrando-se representativamente. A integralidade dos textos ao risco de sua originalidade epistêmica passível de ressurgimento figurativo, gestáltico à expressão viva da assertividade recôndita, mesmo que alienada à reprodução a linguagem técnica.

O hic et nunc do original constitui-se aquilo que se chama de sua autenticidade. Para se estabelecer a autenticidade de um bronze, torna-se às vezes, necessário recorrer a análise químicas da sua pátina...A própria noção de autenticidade não tem sentido para uma reprodução, seja técnica ou não. [BENJAMIN, 1983, p.7]

Desse sentido decifrativo contudo a mesma voz na unicidade na narrativa em possível à realização expressiva, apelatividades de primeiridade surgida dos termos backthinianos pode-se inferir em Sapir, tanto quanto é dado à "observação artística". Em Valery, Poe, Todorov, Barthes, os papéis criativos professados realizam-se aos modos da profecia natural e cultural.

Brincado com plantas

Um dia eu sai da escola, estava ventando muito forte e as folhas das árvores começaram a cair, eu e a minha prima corriamos atrás das folhas para pegá-las, foi muito legal.

No dia seguinte, foi num sábado, eu passei pela praça e vi várias sementes de paineira e peguei eu assoprei e tentei pegá-las mas era impossível cada vez sobia mais alto, a paineira parecia uma pluma de tão leve. Quando vi uma margarida e fui despetalando ela brincando de bem me quer, adoro brincar disso.

Num dia fui pegar meu coelho e ele correu sobre o mato, lá tinha muito picão, quando sai do mato, tinha muito picão na roupa toda, foi muito difícil de tirar, mas foi muito legal, com é gostoso brincar com as plantas.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Regiane C.
12 anos série 5º "D "

E o vento o leva por aí

Em um dia de sol, ando por ai vendo plantas e a minha frente uma planta que não avia visto algo como aquele, uma planta branca eu fiquei a olhando e o vento soprou e a planta foi se desmanchando, suas pétolas voando por ai e fico pensando aonde ela vai, dava volta ao mundo? Pelos planetas? Eu não sei o que dizer mas é lindo olhar a natureza voando, voando.

Eu vi mais uma florsinha e a catei na mão assoprei e ela foi subindo, eu fui embora para casa pensando aonde estará a florsinha que eu assoprei

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Geralda 25/11/98

Flávia T. S.
11 anos série 5º "D "

Um matinho

Era uma vez uma menina que tinha um jardim.

Ema vez estava pazeando por ele e encontrou um matinho estranho, nunca viu antes no seu jardim. Curiosa relookou a mão e sentiu que era masio. Derepente veio o vento e desmanchou o matinho. Logo percebeu que ele quaiava levemente.

Procurou, procurou e emcontrou mais matinho. Pegou ele e asoprou, achou divertido e comesou a brincar.

Sua mãe chamou para comer, depois de comer ela encheu um baude de água e comesou a jogar no matinho. Depois de alguns dias o matinho começou a nascer.

Um dia ela pençou ele voa é branco se desmancha com o vento, que nome tem ele?

Pençou, pençou, pençou, e chegou a uma concluzão, acho que vou dar um dome a ele, avião, passaro, matinho voador.

Melhor matinho mesmos.

E assim passou a brincar de açoprar para ele voar todos os dias.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Elaine C.
10 anos 5ª série "A"



O Picão

Essa planta é uma espécie de planta voadora, é só um vento soprar que ela se desmonta como um quebra-cabeça.

Uns falam que são florsinhas que voam, outros dizem que são matos, todos dizem alguma coisa.

Ela é um tipo de uma rosa que é despetalada com o vento, mas esta planta é despetalada com o vento, mas as folhas não ficam elas voam, como um papel.

Vamos chamala de picão, uma planta diferente, branca e verde, que nasce no chão com outras plantas e matos. Quando você assopra só seu lado de cima que vai embora seu cabo fica, o pi cão é uma plantinha miuda que fica quieta em seu lugar.

Existem mais de bilhões dessas plantas no Brasil, em praças, campos, jardins, em tudo.

E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Micheli F. G.
12 anos 5ª A

A flor descobrida

Quando muitas pessoas moravam aqui eles descobriam uma flor que lembra-se uma coroa de diamantes e também ela é muito bonita ela é parecida também com uma coroa de rei.

E também ela sai voando quando o vento sopra nela começa se espalhar pelo céu ela tem umas pétolas bem bonitas,

E quando o céu leva para muito longe ela sai mais bonita. Ela é uma flor belicina

Fim

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99

Adriela C.
11 anos 5ª série "E"

Um dia uma mulher deichou cai um diamante muito valiozo.

E eu peguei e fui atras da mulher, mas não encontrei, e minha mãe dice:

— Filho a onde você encontrou ece diamante e eu dice:

— uma mulher o dichou cai e eu peguei e eu fui atras da mulher e a não encontrei.

E minha mãe dice;

Já sei de quem é a da Maria e eu dice:

— Em tão vamos entregas e minha falou vamos.

E a mulher ficou muito feliz.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Maria Inez 08/04/99

Adolfo N. J.
11 anos 5ª série "E"

Quando eu era pequena, eu brincava com flores, eu pegava as pétalas da rosa e colocava na água. Eu pegava a margarida colocava no cabelo eu pegava um flor não sei o nome já estava seca e fingia que era microfone . Eu brincava de cantora com aquele microfone de brincadeira.

As flores de minha casa era bonitas, mas eu só pegava as mais bonitas.

*E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Marlene 25/11/98*

*Leila G. A
11 anos série 5º "C "*

Qualidades materiais do Signo





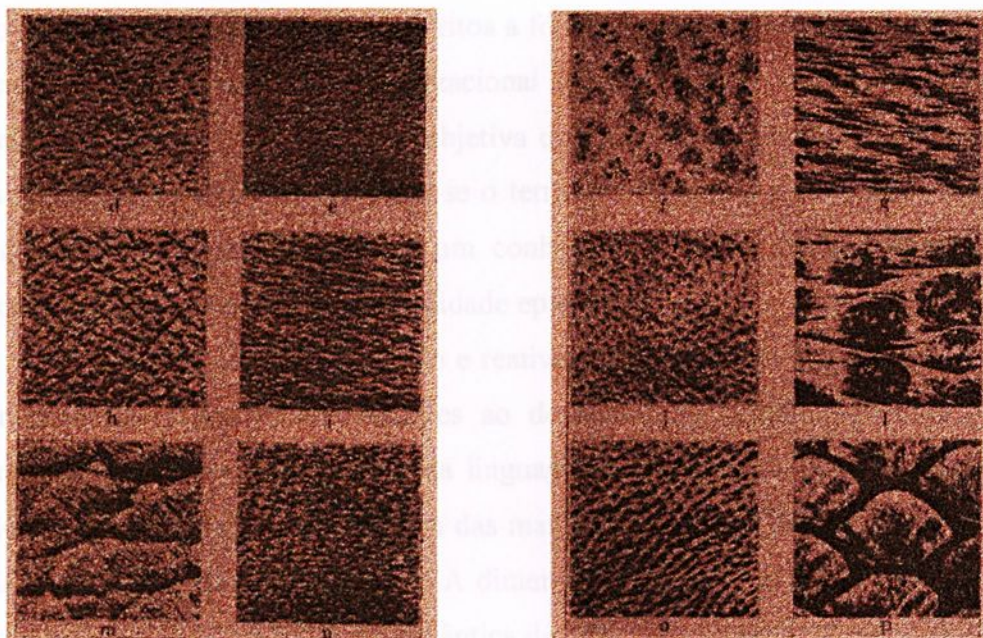
Aspecto da “flor” do couro curtido do Crocodilo



Aspecto da “flor” do couro curtido de Cascavel



Aspecto da “flor” do couro curtido de Lagarto de Bengala



d- vacuum	e- bezerro
h- ovelha	i- cabra
m- porco	n- cavalo

Uma série de fotografias de peles examinadas pelo lado externo da flor, podendo se notar as diferenças, por vezes muito grandes, de espécie para espécie de animal. Enciclopédia Técnica Universal. Couros e Tanantes, p. 602-605

Aspecto da “flor” do couro curtido de diversos animais: vacuum, ovelha, porco, bezerro, cabra, cavalo, camelo, porquinho da índia, rato branco, urso, sapo carnudo, salmão.

Essas propriedades podem ser estimadas ao signo-pensamento, independentes do significado. A cada sensação correspondem movimentos corporais, consistentes às expressões nas temporalidades. [PEIRCE, 295, p.77-78]

A orientação congoscitiva ao movimento incessante dos fluxos das inferências marca-se nas formas da linguagem por centralizações lexicais derivadas de

princípios de coerência semânticos adstritos à formação de uma identidade pancrônica a vincular-se a uma cobertura organizacional da geografia biológica da mente na expressão dessa distributividade intersubjetiva das afinidades ecocosmológicas. Dessa íntima qualidade de sensação modifica-se o território cognitivo e as crianças revelam tanto quanto, os sistemas cognitivos um conhecimento tácito de ulteriores formas transcendentais possíveis mas nessa realidade epistêmica.

Ao tratamento agenciado e reativada por múltiplas formas atropelando-se por expressivas percursora inerentes ao desdobrar na função representativa na deformante natureza na assimiladora da linguagem. A orientação lexical objetiva na atenção à externalidade física e química das manifestações em ligações e propriedades materiais experienciadas com o objeto. A dimensão diagramática por um isomorfismo que interpreta a distribucionalidade semântica do complexa na semiose comunicacional signo-palavra.

Uma dimensão inferencial cosmológica à nesses enunciados ontológicos à correspondência das assemelhações material. Tratando-se de reflexões-pensamento sentimentos persistentes suscitadas aos surgir e à evanescência presencial dos signos naturais mnêmicos. Estão estes detalhamentos realistas envolvidos como modelos arquetípicos imemorialmente remarcados ao contínuo à referência da literatura universal nas idéias na técnica fontes motivacionais da ciência e da arte, ancoradas como face teórica desenvolvimental de domínio aquisitivo nos processos cíclicos enquanto matriz antropológico.

Sob os efeitos conexionais insistentes na aspecto de talidade significação do “sumiço da flor”. Nas expressões interpretantes do objeto dinâmico o representâmem de sensação de esforço, resistência, flexibilidade em nível evocativo dessa exposição figurativa frontal da “flor” ou de partes constitutivas, nos enunciados metafóricos e metonímicos quase hipálages conceituais uma crença como conhecimento do ser enquanto ecológica de complexidade interface. As tranformações sofridas nas estruturas adaptativas gramaticalização de inclusividade predicativa referencialmente conotadas por da aplicação denotativa. Assim prevalece a idéia de queratina como agente curativo às transiências ambientais agressivas como modos, que



se refletem e confirmam nas possibilidades conduta operacionais da natureza na realidades dinâmica organizacional nos prolongamentos biológicos, os axônios.

Na expressão de conseqüências práticas da figuração fatual exterioriza-se a crença nessa abertura da afecção da importância do conhecimento na natureza flor e de seus contextos.

Nesse grupo de textos parece prevalecer à interface entre secundidade e terceiridade na afecção cognitiva enquanto ativação da capacidade de mover a consciência para o fenômeno, a reconhecimento significando potencialmente à conduta futura em alguns vínculos proporcionáveis ao esquematismo mnêmico. As inferências fluem nessas narrativas como produtos de atos indutivos, às influências da experiência, da atuação organizada no plano de expressão da inteligência da percepção, marcadamente a partir da atração compelido na pura presentificação do signo pensamento, na sensação como qualidade material do signo.

Tais formas lógicas suscitadas de efeitos da experiência surgem tendencialmente regularizadoras, nas quais as crianças conjugam projetam as regularizações, sustentadas no próprio conhecimento na conexão favorecida materialmente ao acaso porquanto um caráter nascente de possível abertura á estado disposicional à consciência para a hipótese de um “esse” in futuro, que resta uma potencialidade natural no pensamento “incomplexo” e uma crença na ordem de um real transcendente à experiência perceptiva. Surgem idéias desse tipo de manifestação racional como espécie de técnica divinatória nas associatividades mentais suportadas ao determinismo, numericamente ou em limites mais estritos, nos números. Na expressão linear lingüística, o emprego seletivo, enfático de pronomes indefinidos e dos numerais parecem promover essa aplicabilidade operacionalizada pelo esquematismo representativo na ativa assimilação funcional com que a linguagem expressa sua própria realidade na especialização organismo humana, enquanto cultura, símbolos.

Nesses anunciados atributivos e ontológicos são pertinentes na invariante de tematização ecológica os níveis informacionais que cobrem possibilidades de realização do núcleo sêmico. As idéias de preservação e deterioração e modificação em estruturas vivas surgem como relações mentais, consideradas na expressão informacional semântica desses textos, como processos interacionais



formais. Dessa inteligibilidade de fenômenos equívocos porquanto dotados de propriedades do pensamento porquanto este significando desdobramento do contínuo na capacidade curativa e depurativa, ainda assim imperfeita e evolutiva mas realidade aberta a todos os seres universais na natureza organizacional da matéria enquanto funcionalmente veiculativa do signo, presença das formas.

A correspondência dessa assimilação recíproca manifesta-se pelos estados dispostos aos processos à natureza mental dessa reversibilização relacional sincronismo das ligações estruturais estabilizadas emergem vetores harmônicos, multiplicadores das conjunções e acoplamentos na escalada possível à magnitude cosmológica. Nessa realidade cibernética a equibração de sistemas físicos parece suscitar relações estruturalmente ao risco da emergência na reciprocidade dos sistemas cognitivos sejam humanos ou não humanos.

Essa dimensão comunicativa que parece provir de um estatuto unitário nas formas relacionais projetadas segundo padrões gestálticos na natureza material organizada do signo, parece substantivar-se nas formas mentais dessa distribuição presencial ao contínuo. Nas semioses são possíveis como aceção peirceana desta inteligibilidade axiológica aos sistemas cognitivos sejam seres vivos ou brutos, como realização funcional à própria linguagem na expressão de existência si própria, dimensões pancrônicas do simbolismo enquanto princípio inercial das potências mentais deflagráveis à afeccionabilidade.

As qualidades semióticas investidas à linguagem porquanto ao caráter determinativo saussuriano, sintagmático e paradigmático de contigüidades e similaridades tomadas por Jakobson, porquanto às estruturas formais dessa justaposição e aglutinação no organismo vivo as formas presentativas do signo lingüístico desde que se possa conceber no modo abstrato dessa adequação íntima da informação na unidade e na diversidade com que se realizam. Aos efeitos integrais de significação às compleições interpretantes ao objeto dinâmico nas expressões desse determinismo e indeterminismo a inerência qualitativa formal.

São essas possibilidades fixativas da imagem projetada na aposta do jogo simbólico aberto de valores à concretude aos possível fânerons que Jung (1981) vincula a paralelismo nos efeitos vivos práticos derivados às palavras, "arquetipos"



reativados segundo sua denominação, formas primitivas e analógicas do pensamento. Assim as antecipações cognitivas são semantizadas, propagadas às fontes nas motivações.

Dessas e dessa insistência materialmente comunicativa nos signos o pensamento em suas aplicações semióticas puras capturadas à linguagem, ela mesma conservada como uma atividade arquetípica dos esquemas mentais axiológicos reprodutora nem por isso pouco transformadora dotada da capacidade naturalizadora das “intencionalidades” que ao sentido informacional de Dretske (1988) podem elevar a interpretabilidade humana como especialização ecológica no simbolismo sincrético das formas antropológicas do conhecimento ao paradigma indicial dessa alçada, de risco na economia de valores do capital epistêmico da subjetividade.

As idéias de preservação e deterioração em estruturas vivas surgem como relações mentais desdobradas ao tônus da representatividade possível à expressão da intersubjetividade por essas crianças enquanto crença evolutiva e indeterminada da abertura cosmológica da flor nesse nível mais aproximativo dessa racionalidade de interface física preservadora da racionalidade anímica de Aristóteles e Descartes ao esquema funcional que se abre dessa implicação cosmológica de inerência ao contínuo com todas as potencialidades dos sistemas cognitivos.

Os enunciados que envolvem do revestimento discursivo do “sumiço da flor” enquanto domínio relacional de concepções perceptivas expressam uma realização semântica informacional à correlação de vínculos holônomos, reônomos com outros sistemas cognitivos cujos representâmens são interfaceados na rede tênue dessa arquitetura, formas projetadas de axônios assim parecem interpretantes energéticos os efeitos xeroquimênicos e o reotropismo de inerência substanciais às possibilidades fixativas das estruturas rizomáticas de semas nuclearmente investidos a propriedades mentais suportados materialmente por signos. Essas homologias concretas manifestadas derivativamente como, em processos de verticalizações facilitadores ou limitadoras relações interfaciais, centros de conexões.

Assim as sugestões que emergem da atividade interpretante à linguagem dessas crianças permitem lembrar de Saussure essa fonte estrutural “imane da língua”, na auto-suficiência implicativa desse ganho evolutivo à contribuição e



derivações teóricas chomnskianas como a do entrelaçamento integral das possibilidades diacrônicas.

Essa realidade pode ser tomada com aquecimento aos estudos no domínio da gramaticalização e da lexicalização contemporânea como se fez comunicar recentemente no encontro de estudos lingüísticos do Gell, em comunicação especializada nessa leitura em Kato (1986), Abaurre, Nottre (2001) enquanto possíveis redimensionamentos de interpretabilidade lingüística dessa qualidade semântica informacional podem ser transversalizadas como paralelismo na contemporaneidade da gramática histórica (Tavares Rodrigues, 1966)

Nesse evento, como dimensão inquietante dessas formas de conhecimento, aspectualidades ideológicas, enquanto representações psico e sociogênicas ao envolvimento da subjetividade capitalística paradoxal, tendendo compreensivamente a essa complexidade auto-organizatura da expressão cognitiva unificada têm sido tomadas aos investimentos em estudos dessa natureza em Gregolim (2001).

Na escalada evolucionária destes podem-se estender os liames aos liames cognitivos do pré-socráticos até os extremos hiperbólicos de Nietzsche, não parecendo nada haver senão nascer, inquietude exacerbações dessas complexidades. Desses núcleos de estabilização processos envolvem em abrangência dessa dinâmica recursiva transformadora implicada como espécie mantra de resolução definicional de cujos movimentos disposicionam-se os ambientes adequados para compor os valores dos ciclos. Conseguem referenciar-se coerentemente ajustando circuitos dessas formas que resultam integralidade ondulatório. A caráter dessa ressonância enquanto espacialidade materialmente referenciável ao pensamento mediativo investido dessas nas réplicas dessas expressões evocativas fundamentais da palavra.

Peirce aos confins vislumbrados pelas redes combinatórias sígnicas tomou-se de um inevitável e mal dissimulado entusiasmo ao agapismo, aferrolhando a uma dimensão de destinação, a da profética na disciplina do árduo trabalho da busca da verdade.

O aspecto compreensivo da semiose dos textos quanto aos signos de Natureza propuseram para a interpretação a aquelas representações sugestivas, a partir



de níveis suspensos entre as aporias, e acrescentamento subtrações. Na composição de amálgamas correspondentes a um tipo de solução prática, algo útil no conceitual, faz-se evidenciar como atua um sistema codificador de informações de extensa poder de transitividade e comutatividade. Por grandes contenções potencialmente cognitivas degradam-se outras derivações contensivas sígnicas as quais, contudo, conservando os pontos de conexão são necessariamente encontráveis como possibilidades, mesmo aberrações a partir dos eixos de cognição mantém-se a alteridade.

Nesse distanciamento semântico o qual na base lingüística atinge os fundantes fonemáticos da linguagem, o remoto da insinuação apelativa, expressiva e conativa como “saber fazer”.

A dicotômica postulação saussuriana da langue-parole foi enriquecida pela interpretação de Jakobson (1972) tendo em vista a fonemática como realização sígnica de maior generalidade e na qual estão implicados os primeiros anúncios de desvios de significação enquanto “transposição criativas”. É de reconhecimento de muitos estudiosos a possibilidade de se projetar uma dimensão complexidade para a langue, a qual realmente já se fez superadora de si própria em uma extensividade que se dá a partir da concepção gerativista chomskiana.

A antinomia que se abriu da discussão do binômio enquanto, plano convexional langue-parole, tendo em vista um sistema interativo biorrelacionável, compreende uma condição epistêmica no interior da realidade dos signos. Para a sua compreensão o que poderia ser observado nos termos peirceanos é um sugestivo Modus Potens, a dar-se como inteligência científica.

No conjunto das teorizações piagetianas decorreria, talvez, da memória, possibilidades de convexionais dessa função inteligente como semiótica, atuando no remoto das capacidades coordenativas enquanto núcleo organizacional dos esquematismos atribuídos ao exercício das competências, entre as quais a competência lingüística. Constituir-se-ia, assim um grande de portal semiológico para prospecção de naturezas degradativas dessa manifestação qualitativa para semióticas mais amplas, performando um quadro de que possibilidades poderiam compreender teorias científicas.

Significam enquanto modelos alternativos à base dos reducionismos ontológico, caixa negra, ou teorias fenomenológicas, tipo teorias da caixa translúcida, ou representacionais, às quais faltam instrumentos explicativos para o mecanismo subjacente, o fundante do reducionismo metodológico. “Para todos os outros valores lingüísticos, ou signos em geral, é válida a asserção de que cada signans está para o seu signatum numa relação constante”. [JAKOBSON, 1972, p.37]

A hipótese é que a dimensão constitutiva do pensamento crítico, como uma função diagramática, com uma transação lúdica por jogos de linguagem, compreensão da simulações, estratégias e táticas, oriundas de um esquematismo aplicado à prospecção de novas energias, informações integrativas, tenha nas possibilidades abertas às condições desenvolvimentais em que o raciocínio lógico-formal se manifesta, a orientação significativa para uma nova abordagem ontogenética, enquanto envolvimento de natureza complexa no qual a racionalidade seja culminantemente epistêmica e a realização basicamente transvestida da experiência observativa, enquanto fundamentos na abstração à via de um sentimento do empírico.

Tratando-se das conjunturas pertinentes ao caráter formativo no universo estético literário a importância das estruturas narrativas como extensão genética, ressalta da tessituras das performáticas expressivas do pensamento, enquanto uma roca aos fusão do tempo trabalhada com signos de positividade e negatividade que a natureza veicula por formas, materialmente suportativas das imagens dos objetos. Na transdução dos meros conceitos e ficções dessa semiose desenvolvimental, podem-se encontrar índices que, permitam o repensar, devendo possivelmente haver uma habilidade mais vasta dada a maestria daquela que alinhava tantas injeções preciosas nos espaços e as deixa na forma do mundo com cheios e vazios diagramados competentemente, enquanto satisfaça ainda uma coerência fundamentalmente fisiológica basal ao desse registro, enquanto dinâmica significados temporais.

Encontrável onde quer que o epistêmico se desenvolva como valor ético estético de uma vivência capaz de fazer confluir completamente as demais estruturas observativas, em favor de uma propensão expressiva que se realiza no exercício representativo, deve restar como critério um método inferencial conforme a realidade racional referencial o é para o pensamento complexo.



Ao manifestarem-se como possibilidades de um pensamento crítico capaz de tratar com informações sobre a natureza funcional das injunções temáticas, enquanto uma ordem de coerência relativamente qualitativa histórica, sociológica e psicanalítica, imposta como caracterização ideológica, as considerações tornam-se importantes no conjunto das relações dinâmicas. Essas talvez possam levar a uma compreensão metodológica quanto ao do que realmente possa vir a ser resgatado, uma racionalização amplamente referenciada à vasta complexidade que se insinua como estrutura significativa.

Sinteticamente sensível às conexões e efeitos inteligíveis dessa abordagem possivelmente fundam-se as estruturas essenciais para que um sujeito epistêmico também possa realizar-se nas estruturações equilibratórias incorporando as realizações individuais. Os fundantes, contudo, por traduzirem valores funcionais enquanto culminância de diferenciais somente sensíveis ao longo do processo de compreensão no desenvolvimento lato e restrito, constituem-se uma base explicativa enquanto planos das consideradas homologias possíveis, complexidades possíveis de serem tratadas, explicitamente fazem experiência em nível das epistemologias mais recentes.

Uma vez implementadas pelo método do estruturalista genético, ao esforço teórico de Piaget e Freud podem-se aquelas ressaltar aspectos relevantes em que essas estruturas mentais são constituidoras do pensamento crítico integral em nível das contradições nas inevitáveis transposições quando são exploradas como níveis de abstração possível para categorias temporais. É possível que as estruturas temporais tomadas da consciência imposta a um materialismo cibernético à extensão das profundidades da revisão das bases dialéticas, das conversões ao passado e ao futuro, concedam de conhecimento um maior escopo ao entendimento dessas formas correlacionais inferíveis enquanto exercício dessa natureza na ecologia mental para o ser humano.

As categorias mentais também só existem no grupo sob a forma de tendências mais ou menos avançadas no sentido de uma coerência a que chamamos visão do mundo essa que o grupo não cria, portanto, mas de que elabora (e só ele pode elaborar) os elementos constitutivos e a energia que permite reuni-los [GOLDMANN, 1967, p.208-209]

No tocante à natureza dessa leitura do mundo enquanto limites difusos mas coerentes em um quadro que se evidencia como dinâmica delicada, dessas estruturas dissipam e agregam o que, no conjunto dos textos desses sujeitos pré-adolescentes, torná-los-á competentes na compreensão maior do universo (PEIRCE, p. 281). Enquanto participam da realização pragmática de suas atividades enquanto exercitam procedimentos mentais nas narrativas e descrições encontram os processos do fazer a sua própria integridade, tão próxima e tão desconhecida incorporam-se índices dessa índole construtiva conceitual de um universo de aprendizagens representado pelo contexto escolar.

Assim é que essa estruturação dos textos implicando leitura do mundo ressalta por pequenos fragmentos, nos quais as manifestações de consciências autônomas compõem ou indiciam a entrada em rede para o universo de estruturas de racionalidade interveniente, um universo sógnico, realização e metarealidade da compenetração na conjunção de competências epistêmicas. A característica impressionante nessas observações abstrativas traduz-se pelas excepcionais qualidades de origem reverberantes da própria realização criativa desses sujeitos.

Peirce sendo mais que um mestre nas ciências mais exatas de seu tempo, impõe contudo uma concepção de lógica que ao mesmo tempo que contempla a suficiência matemática, em sua natureza lógica, qualifica-a à base de aspectos desenvolvimentais do pensamento que lhe conferem a capacidade de concentração e familiaridade com imagens que, naturalmente, aparecem nos processos observativos.

“logical truth is grounded upon a sort of observation of the same kind as that upon which mathematics is grounded [PEIRCE, p. 281]”

Na matemática a extensibilidade do espírito como domínio do eventos possíveis à sensibilização humana à complexidade semiótica, enquanto arte de transfiguração ao acompanhamento de processos transpositivos de percepções vividas enquanto fruição do bem às intuições espacio-temporalizadoras. A manifestação desse caráter mental aperceptivo caracteriza-se por um certo tônus, cuja elasticidade abstrativa, faz-se marcar de forma muito sutil e de certo modo de sensibilidade

ritualística às iniciativas de sua apreciabilidade, no tempo referenciado manifestando uma compreensão literal da linguagem cosmológica.

A declarada dimensão epistemológica desse envolvimento pelo próprio Peirce estabelece-se sob uma condição propedêutica à lógica, uma espécie de **gramática especulativa** para fatos que se possam traduzir como experiências significativas que podem sempre emergir à via de serem redefinidas, ao sabor da recursividade do pensamento mas cuja tessitura reveste-se de um significado novo, está comprometida de forma apelativa ao presente. "That is accomplished, experience is esse in praeterito" [PEIRCE, 1975 p. 284]

A força bruta caracteriza o passado e segundo Peirce a experiência de não resistência de não reação, qualificação ao mesmo tempo de negatividade e positividade ao sentido de esforço dirigido.

The sense of effort is a two sided sense, revealing at once a something within and another something without. There is binarity in the idea of brute force; it is its principal ingredient. For the idea of brute force is little more than that of reaction; and this is pure binarity. [PEIRCE, p. 284]

Nesses textos percebe-se que os sujeitos por reversibilidade dos esquemas da inteligência são impelidos a operacionalizar aproximações transformativas que provam também distanciamentos. Estes se seguem, embora seja o sincero esforço voltado a reconstituir algo interno, a um contexto acabado o qual se existente não se conforma exatamente, desencadeando-se nova acomodação cognitiva mas determinada ao constante enriquecimento das intensidades emotivas. Às demandas de complexificação dessa organização instável, a razão se detém com o apego dessas impregnações em algo que resta significante.

Para Peirce a **ação mental** introduz-nos na genuína relação triádica como espaço de categorização intelectual. Por ela Peirce entende as condições da interatividade ou mediação entre ações. De certa forma dá-se a apropriação dessa eventualidade, significando uma razão constituída para se sobrepor como firmando-se tendência indutiva, princípio intelectual mas em sua total significância da gramática

sígnica. Tem-se pois desses textos uma dimensão semiótica mais abrangida tendo em vista o plano o qual um signo, um ícone, um rema.

Significa que existem classes de relações de elevado **oncernimento** envolvido por alçadas à triplicidade ou degradadas. Nas relações verbais podem ser observadas estas mudanças **diádes** ou **tríades**.

Gramaticalização

A urdidura dessa teia semiótica integraliza o sujeito ao objeto e constitui-se no enfrentamento do enigma do sentido desse aprender relacional dessa competência práxica que é a capacidade de linguagem intensificada sob sua modalização lingüística. Como organismo animal alentado e aleitado ao solo nutritivo da natureza biológica, humana pode-se seguir dilatação observando-se na autonomia na progressiva suas automatizações transgressoras e também paradoxalmente promotoras das demais convencionaisidades. Quando não se atende às finalidades mais recônditas, ao sentido contínuo de integração na comunidade ecossistêmica, caracterizando por artificios randômicos os sinais liminares na escala das fisiológicas naturais.

O lugar do homem na unidade do pensar, na qualidade da ligação com qual se caracteriza na natureza organísmica total como espaço vivo que se submete as relações durativas aos ciclos biogeoquímicos, constitui-se dessa operatividade paradoxal é exteriorização à urdidura das coisas em que a oscilações que alterando os sentimentos permitem no fazer distributivo recíproco as descobertas insertivas, realidade e seres como objetos do mundo, tal algo a seres anima e vegeta aos modos aristotélicos.

Na urdidura desse realismo de conveniência estão calculados e compreendidas tanto as qualidades dos fios, as ações precisas e os critérios de corte quanto os virtuais esgarçamentos e vilosidades, amarrações mentais possíveis às



regretes aprendidas nessas linguagens cifradoras, nas quais significações emergem do tateamento do sensível faz-se pela via inercial da própria potencialidade organísmica.

Quanto à tendência analítica, da referencialidade, justifica-se essa relação pela lingüística, como ao lembrar Ulmann na referida coisa a partir da disposição do "triângulo básico" de Ordem, e Richards: nesse triângulo pode-se observar essa possibilidade de separação entre acontecimentos não-lingüísticos.

"Um objeto pode permanecer inalterado, e, no entanto, mudar para nós o significado do seu nome, se houver qualquer alteração na percepção que dele temos, no nosso conhecimento acerca dele, ou no nosso sentimento para com ele". [ULMANN, 1964, p.118]

A estrutura gramatical sob essa operacionalidade, no gênero de uma semântica-sintática para conjuntos de significados pode desenvolver-se em acepções de Léxico e Gramática como organismo de deslocamento do significados complexos relacionais ou cosmoreferenciais.

A ambigüidade compreendida dessa gramática que permite a leitura circular pode ser melhor referenciadas enquanto formas possibilidades mentais ao fio das conjunções lógicas de outras possíveis mentes.

Essa teorização semântica-sintática guarda pertinência com uma filosofia da linguagem sob as bases de uma estruturação relacional dessa qualidade ecossistêmica na qual sob as unidades das naturezas materiais, contudo, conserva a possibilidade da fala como a propriedade expressiva ao mais remota e largamente implicada como pensamento enquanto tema metafórico da vida enquanto vida.

Lembrando Ulmann, pode-se supor que a fala como exterioridade pareça marcada pelas singularidades, ao plano da atualização cita na Odisséia essa propriedade geracional de ser ao existir no caso está ligada ao nome próprio. "a cada um é dado por seus pais um nome, no momento em que nasce" [ULMANN, 1964, p.148]

Mas na Bíblia encontra-se em relação aos outros seres chamou Deus a Adão para ver como os chamava. Sob essa condição de fala a palavra é o tema como metafórico e quase elocução situacional importa como representação diferenciadamente humana nessa comunicação elíptica mais geral.

Supondo que já estão sob o signo das relevâncias que as tendências dedutivas no raciocínio exercitam como modos mais sistemáticos de entrada no objeto. Por sua pertinências, ou qualidade lógico formais, à condição das experiências representativas individuais manifestam nessa faixa etária as condutas quase-elocucionárias na relação e quase-interpretativas. Através da veiculação da linguagem dos signos lingüístico compreendido mais latamente, às complexidades originárias que caracterizam processo da escrita como representação.

Supondo que a experiência de escritura dessas crianças, realizadas sob um contexto do cotidiano sob o qual se estabelece uma cadeia voluntária de expressividade determina aproximadamente um efeito mental qualificada na acepção peirceana para a conectividade como o lugar o indivíduo é diferenciado na dinâmica do contínuo pelo estreitamento dos processos veiculantes. Há a possibilidade de haver um "contexto de situação" e ser tratada como complexidade de materialização dentro das múltiplas cambiantes sendo absolutamente indispensável retê-lo no que permanece residual no processo de análise de todo contexto de sua singularidade: a espacialidade, a temporalidade, como aspectos os quais chamaremos como elementos de citação, à referência da textualidade dos sujeitos enquanto distribuição como ambigüidades dispersões, associações, invasões referidas como qualidades funcionais simpátricas.

Definidas as categorias de citação para as quais aplicam-se método inspirado logicamente em conceitos de Peirce e Bakhtin os textos tomados naquelas unidades como fragmentos ilustrativos, devem hipoteticamente resguardar as qualidades mentais diferenciais peirceanas como as condições semiológicas tendo-se em vista desses que para uma real relação com o objeto deve haver signos do Tipo, do objeto que o tipo significa, condição que se faria aproxima conceitualmente do trabalho objetivo. **A fim de que um Tipo possa ser usado, cumpre materializá-lo numa ocorrência que deve ser o signo do Tipo e, por conseguinte, do objeto que o Tipo significa.**



A tentativa de buscar a referência de citação no conjunto das significações permite a aproximação a um conjunto de sistemas interpretativos comuns ao discurso literário.

A urdidura semiótica sempre intrigou antropólogos, filósofos e poetas que no caso particular dos discursos dessas crianças dão-se conta de que o referencial emblemático da capacidade mimética da inteligência em materializar "esquemas" vivos no mais elevado sentido do fazer valer a "trama" como operacionalidade na natureza. Em todas as nuances a complexidade pode vir a ser representada e nessa organização a capacidade de linguagem justapõe-se como planos de resistência sobre os quais dão "enredo" as figuras espaciais. Estas podem ser compreendidos se forem distendidas nas combinações exigidas pela conveniência inteligente.

Nesse sentido, apenas a linguagem, a consideração auto poética da organização de estruturas vastamente comprimidas, constituídas de limitações operacionais e aberturas em sistemas semióticos plurais sincronizados biologicamente por vias da diacronia das intra e interxtualidades micro e macroreferenciadas, ao tratamento intuitivo que se ofereça ao total da experiência e o objeto com elas naquilo que, a um tempo se realiza, comunicativamente, à conveniência da natureza e enquanto tema resguardado da manifestação que se mantém ao não dito, na intangibilidade, uma espécie de ética de inteligibilidade por vias desse lastro de indeterminação, indefinição que se pode minimamente margear, mesmo aleatoriamente às funções da linguagem um paradigma de flegmatização simbólica. Nas funções reprodutoras, simbólicas, surrealistas a Passeron (1968) conforme Pereira, W (1981), as formas universais de uma gramática transformacional ao sabor da leitura semiótica, a referência vivaz no imaginário.

Singularizações

Tendo em vista as condições relacionais no plano existencial e de pensamento que a cometem a interpretação, pode-se tomar esse plano significante para



estimar as dimensões figurativizadas na interpretação desses textos de trama narrativa e descritiva apresentando-os como índices, para Peirce “ levam o ouvinte a usar seus poderes de observação, estabelecendo dessa maneira uma conexão real entre sua mente e o objeto” produzidos como modos demonstrativos de expressar aspectos de adaptação àqueles espaços físicos e ao tempo real, daquela possível simultaneidade.

Constituem esses efeitos por formas enunciações, por aqueles esquemas de figuração que diagramáticos, são modos para explicar derivações de esforços do raciocínio para abarcar, operatoriamente, as manifestações das realidades espaço-temporais. São formas recebidas sob o caráter ilocucionário, às orientações mais ou menos reonômicas a essa limitação centrativa enquanto possíveis núcleos na contenção relacional pela escrita, por vias do próprio código lingüístico aos termos de inerência propostos à designação, ou seja por expressões referenciais que conjugam a espaço-temporalidade. As “intuições espaciais” são possibilidades inferenciais respeitáveis da ciência cognitiva na categorização do espaço, em psicologia enquanto capacidade adaptativa extensional onito e filogeneticamente determináveis (PINO, 1998 p.51) “Pode-se dizer que o espaço é a experiência que um ser tem do movimento no meio dos objetos organizados de uma certa forma . Isso faz dele um objeto da representação , não da percepção sensível”.

O emprego do gerúndio imprime a afecção expressando entre continuidade e consecução das atividades evocadas ou imaginadas, às vezes marcadas pelo efeito sintático epilingüístico da iteração e da acidentalidade, temporalidade que incorpora a espacialidade com uma expressividade anafórica. O conhecimento da ação efetiva assimilativa no mundo dos objetos, correlações possíveis à transitividade, como disse a Piaget uma criança “Once you know, you know for always”.

Um dia estava andando por um pasto quando eu vi uma paineira.

(Texto)

Eu estava tratando do meu coelho e vi uma flor amarela.... (Texto)

Um dia estava andando no meio do pasto. (Texto)



Estava eu andando pelo plantio de algodão aí vi uma planta...(Texto)

As transformações enquanto dimensão fictícia correlatos proporcionadas nessa secentidade enquanto atos à resistência dos objetos no mundo externo e no mundo interno à força bruta do passado.

Nesse sentido pode-se considerar tendo em vista a narratividade que faz Todorov (1980 p. 70-71) pertinência da nação diferencial entre potência evocadora de uma ação e a potência formadora vinculável às transformações na “subjetivação”.

Como “subjetivação” Todorov a toma “a reação ou tomada de posição pessoal diante de um acontecimento , o menor incidente da vida, como grão de areia, servirá de pretexto para longas descrições sobre a maneira pela qual o evento é vivido por tal personagem”. [TODOROV, 1980, p. 71].

Visibilidade cultura natureza

Os alunos e alunas relataram livremente o que assumiram do quadro oferecido, o sumiço da flor reproduzido na figura e o intensificado grafismo do anúncio. De suas hipóteses pode-se apreender uma certa compleição para a analiticidade a caracterizar-lhes as enunciações, nas expressões de linguagem empregadas. Da fixação ao grafismo o texto escrito concerne a um universo de significantes do texto dinâmicas atos de fala, o que resta congelado (CARVALHO, 1983, p. 231).

Algo se impõe da textualidade ao esforço movido que parece por um desejo que vai definindo a própria orientação da conduta de linguagem e como produto desse por força do exercício iterativo, o que a conduz a manifestar-se por múltiplas dimensões coordenativas de significados, redundâncias. A regulação das diversas formas designativas para o universo do “sumiço da flor” ressenete-se nos deslocamentos, do acompanhamento de um certo sentido de permanência, sentido o

qual, à deriva funcional da linguagem, acaba por prevalecer ao assomar a mente ao fulcro orbital a epilingüístico. Trata-se de um quadro em que se expõe a função comunicativa e aplicativa do pensamento dos autores, ao aspecto que na teoria piagetiana equivaleria aos “esquemas pessoais” a prevalecer enquanto integram o “sentimento interindividual”. Como índices, signos tomados dos investimentos energéticos aos modos das relações por intrínsecas e extrínsecas suportam a orientações procedimentais da linguagem. Enquanto demandam recursos à língua, à pertinência da evolução cultivam a dimensão polissêmica ao leito das flutuações da própria consciência a objetividade à qual retoma a subjetividade na fala coletiva. Aos fins da relatividade, do conhecimento na fala, daquilo que reconhecem da percepção naturalística do sumiço da flor, as descrições, ao encadeamento de lembranças e evocações à narratividade.

Dessas regulações, determina-se uma semântica de inclusão e apagamento das quais se pode supor uma inclinação ao fundo de impulsos energéticos, biologicamente vinculadoras assemelhativas e deslocativos interiorizadas como as estruturas desenvolvimentais por seus esquemas ativos.

Do ponto de vista lingüístico a palavra “flor” ao cunho do laço associativo que a publicidade faz com “dinheiro” conserva na possibilidade atual de significação esse valor utilitário e dessa variação na acepção da lógica e vem à degradação simbólica, nas réplicas nas quais se apresenta em nível pragmático de conduta, positividade que pode ser explorada para fins imediatas de consumo. Esse vínculo proposto para ser, atualizado em um momento social receptivo àquela demanda, pretende ser facilitador daquela associação na consciência dos falantes da língua por uma recursividade e transitividade asséptica e perfeita.

Porém, lembrando Saussure, talvez tendo em vista já possível essa representatividade mediata para poder estimá-lo como sendo um elemento da significação, de alguma forma dele se distinguindo por níveis sutis de opacidade.

“O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência”. [SAUSSURE, 1972, p.133]



Detendo-se no aspecto conceitual, o valor poderia estar em questão ao modo de referência ao objeto, enquanto efeito de discursividade abstrata ou figurativa enquanto “inteligência intuitiva socializada” mas apresentado-se com ou sem a intuição, ele somente poderia ser pensado sendo com ela construído. Ao estender-se, contudo sobrepõe-se em re-presentação imediata, dadas a posteriori as funções semióticas com que se faz caracterizar na organicidade de extensão da inteligência.

São signos contérminos dessa contextura de escala, na natureza constelante de uma linguagem formal analógica, glyptogenéticos, à denudação fina do conhecimento, o qual se acopla em paralelo, transcendente à meteorização simbólica interna à relatividade.

Linhas de desempenho na escrita

Considerados esses centros nocionais em correlação à escalas da funcionalidade biológica, ao alcance da abertura que o nível de desenvolvimento permite a esses sujeitos, a expressão do cognoscível em relação ao “sumiço da flor” pareceu dar-se por meio de sistemas indiciadores de uma fonte de codificação na própria escrita. Com outras propriedades, dessa possibilidade surgiu o efeito dessa assertividade categórica encontrada no fenotexto linha de desempenho constituindo a base da coerência funcional pensamento nas relações dinâmicas com objetos, sempre que correlacionada a realidades mais amplas, o que levou a supor delineamentos na restrição ecossistêmica.

Passando-se à consideração das complexidades envolvidas na esfera interpretante na qual a razão tem em foco as relações sógnicas ao objeto enquanto pólos de assertividade às ambivalências conceituais, as oscilações de prevalências das externalidades e internalidades ocasionadas nas da manifestação da atividade semiótica



do sujeito, tanto quanto às deflagração da primeira experiência, relações com o objeto do signo ele mesmo. Para penetrar na competência comunicativa que se efetiva como realização discursiva, necessariamente se penetra no domínio das relações pensamento linguagem enquanto potencialidade abstrativa lógica.

A flor enquanto corpo biológico, apresenta-se essencialmente caracterizada como unidade compositiva natural e enquanto categoria conceitual, pode ser aplicada à base última da natureza orgânica corpórea de seres animais, incluso o homem. Esses limites de “consignificação” derivados dos processos mentais comunicativos, expressões intersubjetivas dos sistemas cognitivos.

As expressões escritas que exprimem esses graus de finitude, oriundos como modos definitórios à qualidade correlacional dos contextos citados são:

Nesse conjunto de textos as crianças manifestam diferenciadamente a competência lingüística enquanto que como sujeitos do discurso são capazes de estruturar textos produzidos como representações de atos verbais mais imediata ou mediatamente afeccionados do biológica à conveniência dualística na escala da subjetividade, envolvida com a relatividade de seres, organismicos, mais naturais ou culturais. A leitura semiótica proporciona-se a sua entrada volitiva, motivacional complexo do mental ao universo biológico e cultural, enquanto ao fluxo inferencial à consciência, da memória no sentido estrito, dos reconhecimentos e evocações é deflagrada pela situação, potencialmente da atividade se possa transpor à escrita como forma catártica

À conexão dos esquemas perceptivos, sensórios ou conceptuais representativos, a necessidade, mas os quais sendo operatórios mais ou menos ajustados refletidos ou interiorizados demandam uma estrutura equilibratória no sentido axiológico das funções das quais participam em conjunto, cognitivas por modos mais ou menos tangenciais em referência ao mundo físico ou cultural.

Das propriedades naturais, espontâneas, originárias da esquematização da inteligência biológica algumas formas, idéias sobressaem como Primeiridade ao seu surgir, ao sentido dessa conservação total, mimeticamente admissível aos esquemas nos processos integralmente adaptativos, possíveis como retrodutivos e ou antecipativos nos

diversos níveis dessa referência , do hábito no seu sentido mais instintivo ou tendencialmente ao operatório superior , formal.

A esquematização sendo partícipe do complexo da assimilação resulta como funcionalmente generalizante à integralidade dessa possível semiose por fontes energéticas à inferencialidade mnêmica.

A lembrança de uma idéia , ou se confunde com a idéia, então uma “memória no sentido lato” e não restrito , ou então é a lembrança particular , de tal discussão, de tal discurso de um personagem de carne e osso ou de tal leitura em um momento preciso do tempo.[PIAGET, p.388]

A possibilidade dessa codificação e decodificação em ato verbal, talvez seja pertinente ao aspecto da tradutibilidade necessária admite-se contudo a qualidade e a flexibilidade, a capacidade de “improvisação” conferível do próprio esquematismo ao sentido lato de sua manifestação, do que signifique processos mentais para abarcar a totalidade da experiência vivida. Com a unicidade e a multiplicidade inferida na natureza mesma da inteligência subjetivada ao irreversível ou à causalidade o sentido de limite epistêmico decorre dessas possibilidades de teorização aos fatos , das relações existenciais nesse sentido mais antropológico das implicações.

Paráfrases e Metáforas

Considerados esses aspectos nocionais como pertinentes à funcionalidade biológica, nos enunciados, enquanto se exprime por unidades de sentido na estrutura intrínseca componencial do “sumiço da flor” em referência na aprendizagem interativa da estrutura da organização, as determinações atribuídas especificamente por sujeitos à flor, ou seja, à relatividade dos outros seres, conotam os

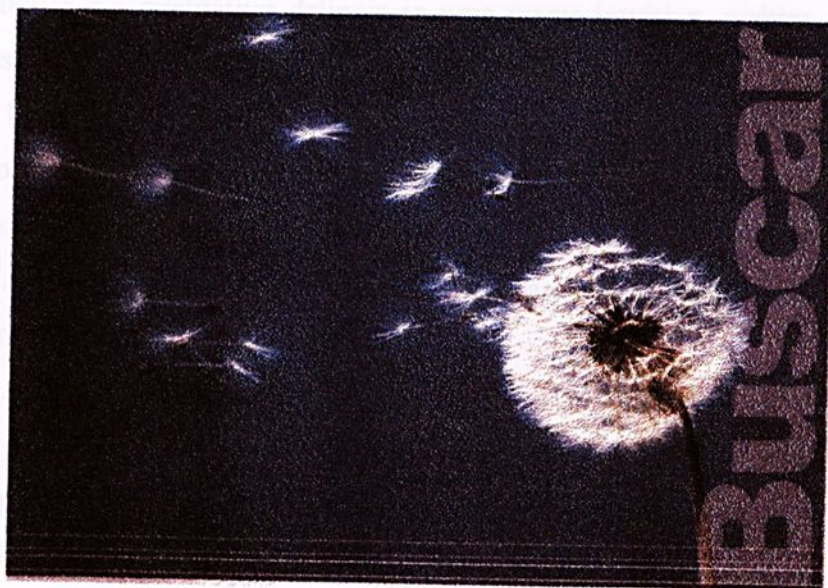
modos intersubjetivos de referência das externalidades, constituem-se em seus níveis de desenvolvimento como interpretantes lógicos do signo, uma relação qualificada na afecção com ao objeto dinâmico. Trata-se de determinação do comportamento, de realidades que conservam ou podem conservar o critério geral do raciocínio aplicado nessa conveniência conceitual, na qualidade comunicativa, a outras formas possíveis de serem expressivas relativamente de existência. Nos graus diversos de apresentação de entradas significativas na trama aprendizagem da cognoscibilidade, são destacados conexionalmente os planos difusos dessa materialização. Seriam interpretantes dicentes, nessa lógica inferível da diversidade, as unidades lingüísticas que significam no próprio plano evolutivo de orientação da consciência ideológica dessa possibilidade expressiva, na segunda, condição naturalizada analógica de atribuição, decorrente ainda da autonomia da organização natural da fluidez na vitalidade do pensamento.

Nos planos dessa expressividade na linguagem, ao suporte mais vasto da função semiótica que lhe é inerente na sua natureza comunicativa, a inteligência coletiva é o signo complexo a desenvolver-se na função representativa humana, a qual se abre à referência experiencial na evocação das conformidades mais universais na linguagem e com a palavra "flor". Como efeito dessa designação possível por aplicação intelectual tem-se as extensões, em alusões aporias, formas explicativas das transposições ao eixo sintagmático. Nas combinações ideográficas, poligramáticas morfológicas, sintáticas e semânticas manifestam-se em função dessa necessidade específica de seus ordenamentos. Na seqüencialidade, ao sensível enquanto referência epilíngüísticas, verifica-se a causalidade indireta das determinações adaptativas. São reconstruídos na escrita os processos que à função representativa do pensamento expõem-se como um possível eixo de significação, transformações evolutivas e podem ser considerados em nível das formas substitutivas caracterizadas pelas funções miméticas engendradas na consciência, à coerência dessa complexidade relacional. As tramas narrativas significam por seu caráter parafrástico e prosonomástico. Traduzem essa orientação lógica para as condutas porque são representativas no que o pensamento pode ser relacionado à intimidade dos processos mais gerais subsumidos à escrita. Com tais formas lógicas se completa a arquitetura relacional implicativa dos outros sistemas em acepção metalingüística.



Assim a palavra “flor”, como termo que exprime a forma material admitida como noção ao contexto do desenvolvimento lógico, pragmático vem aplicar-se a corpos e partes desses, enquanto objetos de extensão. As fontes significantes impõem-se como motivos nos sistemas de referência, cultura e natureza contextuais. Ao domínio de flutuação nas elasticidades, na dispersão e na plasticidade, as elaborações são prolongáveis à finalização. À função estética da língua, traduzem o sentido daquelas combinações em virtude dessa função intelectual explicativa e implicativa à consciência como meio natural de integração nas funções biológicas. Como planos advindos da assimilação de valores regulativos condicionados para o objeto que o sujeito pensa, as próprias possibilidades dessa atualizadora realização cifrada à interface da língua e da fala estão implicitamente elencadas como enunciações explicativas.

A natureza engendra a semiótica. Basta pensar no mimetismo animal. Contudo, a mais elevada aptidão de produzir similitudes, pertence, tipicamente ao Homem. O dom de perceber similitudes, ao qual possui, não é senão o rudimentar resíduo da obrigação, ao mesmo tempo violenta, de assimilar-se e de conduzir-se de acordo. [BENJAMIN, 1955]



Qualiteas e Metrems

A transposição desses arranjos na memória caracteriza-se pelo sentido unitário na expressividade lingüística, dimensão quase sintética ao conjunto dos significadores, à qual força atrativa se sujeita a leitura nos reconhecimentos, reconstituições, e das evocações, marcando-se dos esquemas funcionais assemelhativos. Contudo, trata-se de imitação e conservação à base dos deslocamentos e transformações, como processamento mimético um objeto cognitivo é assimilado, compondo-se o espaço de interiorização. As representações, ao suporte das extensões perceptivas cognitivas à base das imagens mentais, imprimem-se preservando-o com leveza da duração, a face estética. Na linguagem das crianças essa funcionalidade semiótica exprimem-se pelas formas de arranjar as unidades expressivas disponibilizadas pelos recursos da língua à aproximação de uma aspectualidade remota, mas icônica como traço segmental quase sempre perdida, mas qualidade a qual minimamente se propõe como possibilidade. Como espaço poético dá-se a tangibilidade, ele mesmo contudo sendo único e irrecuperável na totalidade. Dessa quase necessidade de integralização a qual se pode recompor como esfera do natural misterioso, indefinido, impõe-se como um novo objeto abstrativo embora, à intensidade, firme-se como uma forma quase real em possibilidade de suficiência. Entre o quantitativo e o qualitativo delinea-se uma forma intuitiva, poética, marcada pelas gradações dos intensificadores.

Uma forma descritiva que acresce dá em plena narrativa, na qual ocupam espaço cognitivo qualidades já degradadas. Dessas quais são interpretantes dicentes os esforços de equacionamento das intensidades. Dimensões em que o raciocínio se impõe das práticas intuitivas e indutivas manifestadas por índices à compleição semântica e pragmática da escrita.

As próprias unidades discursivas, nas quais as exclamações, dramatizações, as formas declaratórias, os quase aforismos, os arranjos persuasivos, a expansividade poética são efeitos relacionais de sentido, à cifração do signo com o pensamento. São estes aspectos situacionais na complexidade diagramática do signo,



atividades de acabamento do pensamento na escrita tanto se produzindo com os sin-signos icônicos remáticos quanto sin-signos indiciais; como índices determinam-se a dada natureza hipertextual da escrita.

A referência existencial exprime-se por especificidades na qualidade descritiva (verbos no presente) e na trama narrativa (verbo no passado) provocam efeitos de tragicidade, ludicidade, espécie de participação, por encenação em que a leitura impõe, ou inferida à evocação verbal do conhecimento vivido pelo leitor como por trilhas de significação tanto na memória emotiva quanto racionalizada, enquanto representativas e inscritas no quadro ordinalidade das experiências observativas do cotidiano. Piaget não preteriu essas possibilidades mas as incluía nocionalmente como “creodos”.

Subjetificação

Essa dimensão relacional se dá como algo inscrito, compondo-se da presença do outro em um espaço compreensivo de bases comunicativas não-verbais, indiciáveis como gestos, atitudes, movimentos, para cujo efeito de realidade os estilos das crianças são interpretantes energéticos, porquanto se selecionam recursos funcionais adequados e expressão, por formas discursivas interativas diretas com o leitor de diálogos, discursividade na escrita, contatos. São acessíveis essas formas procedimentais simbólicas, porque se fazem significativas ao leitor em estratos mentalmente fixáveis como suportativos, à continuidade em limites exploratórios diferenciáveis nessa expansividade e manutenção ao continuum.

Como legi-signos simbólico remáticos produzem-se esses interpretantes. Além de possibilidades interativas combinatórias há também possibilidades interpretantes aos ajustes por modelos para as recursividades, dada a conservação e a reversibilidade que caracterizam o nível elaborado do pensamento



operacional. A tratar-se de uma competência recordatória, urgências imperativas são fixadas e qual receituários, os conhecimentos novas possibilidades aos assemelhativas e as magnificações seguidas das aberturas argumentativas ao longo dos ciclos ao arrasto de suas contingências. Constroem-se essas redes de compensações, como procedimentos elaborados recolhidos ao efeito da compulsividade no leitor, em alerta e em estado mental disponível à participação evocativa de experiência presencial a objetos das espécies de realidade suportativa aos textos

Ao exercício de aprisionamento das aspectualidades abstraíveis, por esses esquemas particulares dimensionados ao objeto, o espaço cognitivo importa enquanto centro de difusão informacional desses múltiplos estados disposicionais que são ativados ao continuum. Os fenômenos mentais significam à participação por formas de equacionamento dos objetos do mundo à intensidade e do esforço das possibilidades de naturalizá-los o que explica aspectos impostor da cultura ao sentido evolucionário porquanto assemelhativo às mais elementares possibilidades combinatórias. Nelas homens, plantas, animais seres inanimados ocupam-se por força da estrutura do espaço da subjetividade relacional.

Esponaneamente, efeitos das propriedades de agregação ou desconstrução inibem ou estimulam a observação das regularidades, das formas. O espaço concreto é o das possibilidades de resistência, entre elas a própria fragilização sob a qual as condições anulativas são estabelecidas dessas dimensões básico do equilíbrio emocional competitivos do que se provam as subjetividades ativadas ou injuriadas ao próprio substrato condicional dos modos de inserção total no continuum.

Fundamental para a compreensão dos níveis desse envolvimento e transparência nas relações entre linguagem e pensamento é considerar essa base intuitiva da inteligência com a qual se desenvolvem vivamente as estruturas da memória, a inteligência adaptativa a qual na concepção piagetiana orienta as regulações efetivas do pensamento representativo através da função semiótica ou simbólica.

As possibilidades para a cognição recortadas a partir de um nível de organização tomado como potencialmente representativo no conjunto das observações regulações biológicas conservam um isomorfismo parcial dessa sua originalidade dinâmica plasmada evolucionalmente nessas significações expressivas. Procedem a



essa extensividade integrada de componentes naturais e culturais as manifestações transsemióticas de espécies de procedimentais de metaforização e figuração de base metonímica no restrições comuns e significativas culturalmente diferenciado, à espécie de recursos fronteiriços aos modos lingüísticos e literários.

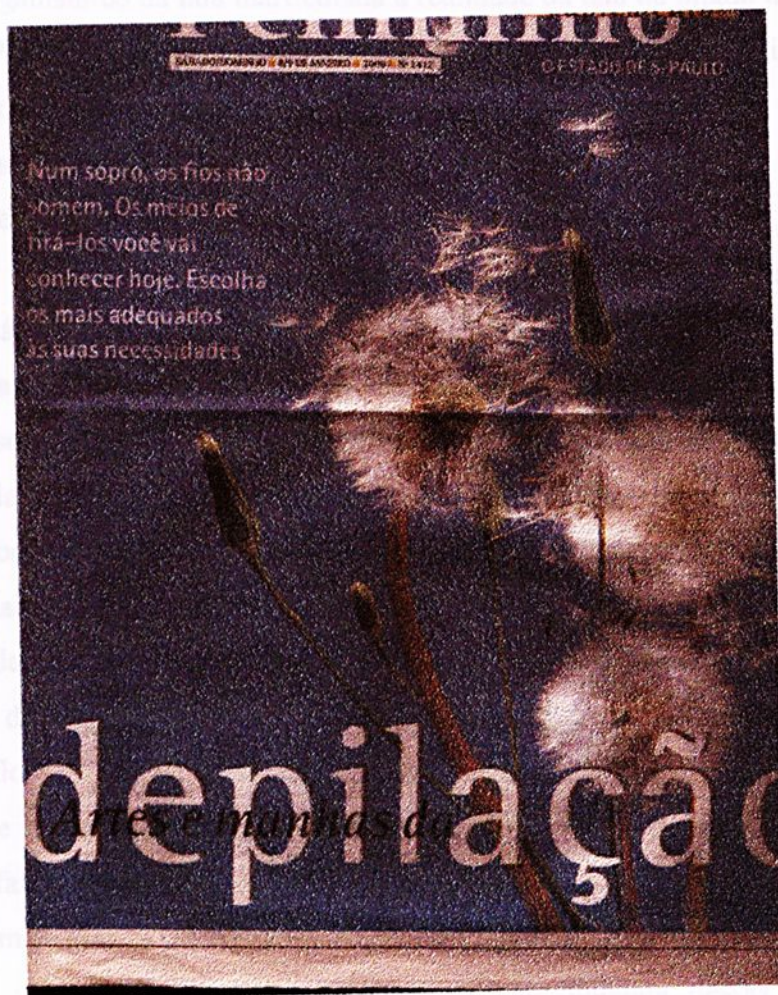
Níveis Analógicos

Trata-se de um nível teórico genético em que a um núcleo fixo no sentido de suporte materialmente referenciado se reportam, fundamentalmente, movimentos nos quais predominam as realizações de base energética implicadas de estruturas da inteligência sensório-motora. À confluência dos princípios semióticos de aporte estabelecidos como pistas às entradas e trilhas das experiências simbólicas signícas dimensões as quais se desenvolvem por narrativas e descritivas labirínticas com identidade cifrada aos portais de redes cosmogônicas nas quais a realidade não-signíca pode vir a ser qual o signo, suspensa às possibilidades de toda diferenciação possível interface à sensível do objeto dinâmico não possa auferir em si mesmo o mais representâmen resta sempre na elementaridade, no trabalho das possibilidades caótica da energia auto-organizativa.

A questão é entrar mais nessas fronteiras pelo único portal possível a da qualificação representativa dos signos enquanto essas naturais relações corpóreas significam possibilidades, ou seja, enquanto o nível simbólico está assegurado como signo que tem um veículo e suporte corpóreo à essa qualidade que subjaz, comunicada mas intangível da subjetividade à interface extensiva ainda isenta da perspectiva desenvolvimental enquanto materialidade. Supondo-se que às vistas das possibilidades de manifestações transgenéticas seja lícito tecnicamente encetar a questão de qual será o novo veículo da matéria não mental. A frágil sustentabilidade humana dados os níveis acurados dessa inteligibilidade tem forçosamente elevado a importância das bases funcionais da atenção livremente desencadeada em relação aos objetos do



conhecimento. Dada a facilidade desse prospeccionar através das torres, forma gráficas estabelecidas impõem em padrões analógicos para servirem de faróis à imensa abertura de dados da inteligência telematizada. Tudo pode ser rastreado para se obter índices mas para essas bases sin-sígnicas icônicas remáticas, última fonte a ser mantida na integralidade humana ao destino cosmológico do conhecimento.



Descontinuidades no tempo interior: Possibilidades de correlação externa

No plano lingüístico a complexidade relacional dos signos, ao contínuo, desdobra-se ao eixo das contigüidades. A consciência compreendida como fenômeno num “sistema de sucessão”, face à natureza comunicativa informacional, desenvolve-se por uma organização em cujos planos de constatação se desencadeiam os funcionamentos, as ações com as bases subjetivas de uma intencionalidade na apelativa que se limita marginalmente ao pensamento no nível plasmático mais instintivo da conduta. O mesmo se insinua como queria Parmênides seria “ao mesmo tempo pensar e ser” (Beaulfret, 1979, p. 182-183) produção textual como pólo individual orgânico da fala inarticulada à realidade da fala da língua na competência lingüística. Por degradação ou manutenção dessa intensidade originária com que se possam acomodar às combinações efeitos expressivos sígnicas do isolamento e caminhos ao sentido vital aos gradientes hierárquicos das possibilidades desenvolvimentais na escalada cognoscitiva.

Porquanto se possa abstrair da cadeia semiótica um sistema de valores quase-necessários à conservação da referencialidade, externa e interna da organização, da integralidade do pensamento, admitir a extensividade impõe aceitá-los incorporados também desses domínios ao fluxo da linguagem de fuga ao coletivo, como modos defensivos da consciência nos processos de harmonização ao fluir do pensamento, mas investidos com seu objetivo à coerência desse sentido inevitável ao existencial, à irreversibilidade. A “experiência inicial” de Heidegger, tomada nessas explicações ontológicas das crianças surge a possibilidade da correlação externa que surge apenas do “coração da linguagem” embate com as próprias palavras, ao que Nietzsche admitia às formas “floridas, enganosas, encantadoras, vivas” Guarda-se à verdade de Píndaro, Parmênides e Homero, no modo subterrâneo, silencioso invocado nas vertentes das condutas infantis para expressar variância na iconicidade diagramática. Nesses textos pode-se estimar essa a dimensão inextricável aos ganhos do transcendente ao sentimento vivo da consciência ecologicamente ingênua dessas crianças mas

potencialmente aproximativa da aprendizagem da existência, do Moira, dor, solidão, morte.

Na relação linguagem e pensamento verbalizado podem-se supor as formas mentais significativas implicadas em categorias como os modos definitório compreendidos entre realismo e idealismo por Peirce admitido nas funções biológicas, enquanto planos de significação organismica, em referência ao que altamente correlacionais sejam também redundantes enquanto relata intelectual compreendida à base sintagmática no desenvolvimento das abduções.

No discurso, a própria circularidade pode constituir-se em uma aspectualidade da natureza escrita de risco, já em nível operacional, ao esforço de atualização dessa dimensão complexa que a informação se faz contígua à língua e à fala. Dada a natureza particular e mantida a universalidade mantém-se a racionalidade, o pensamento, a cognoscibilidade.

Dessa esfera mais íntima, filosofia na relatividade de vetores surgidos ao descontínuo, desencadeados da espacialidade e da temporalidade à convicção, à pertinência diferencial dos ritmos intervalares que acomodam as subjetividades como estados ajustados ao contínuo, a linguagem na sua natureza informacional parece continuar a extensividade suportadora da organização, dos fins da integração à compleição paronímica da mais geral dessa possibilidade na determinação cibernética, atualizadora das funções adaptativas vivas através da própria virtualidade escrita. A importância dos vínculos conexionais tomados a uma ordem mais geral das possibilidades de heurísticas ecossistêmicas, objeto imediato e objeto dinâmico do signo ao seu suporte corpóreo, tão orgânico como inorganicamente sujeito ao ritmo do universo, uma dimensão tão mais inclusiva como a da “homologia funcional conceitual” (ACOT, 1990)



O Sumiço da Flor: do realismo peirceano uma natureza filosófica para o objeto existente.

Ao domínio dessas possibilidades macroscópicas, como procedimentos extensivos não reversíveis no sentido da grandeza definida ao conjunto pode-se lembrar que para Piaget “ a fase antagônica do ritmo é, no início do ajuste e além dele , uma operação inversa da inteligência , e podemos agora conceber qualquer ritmo como um sistema de ajustes alternativos, e reunidos numa totalidade única de sucessão”[PIAGET, 1979, p. 228 –229]

Alguns sistemas significantes puderam ser relacionados aos signos que se fizeram expressivos aos interpretantes do "sumiço da flor" durante a produção dos textos. Estes quais, no conjunto, como modo de significação desenvolvimental para aquela faixa etária a que se referem importam como Signo Desenvolvido. Podem ser portanto considerados sob uma perspectiva de compreensão unitária como um grande texto sobre uma realidade natural e cultural, enquanto produtor de mobilizadores de consignos e com símbolos, ou seja, signos de expressão intersubjetivas cujas dimensões no âmbito comunicativo são pertinentes à racionalidade da semântica discursiva tanto no sentido restrito dessa racionalidade para o léxico ao que signifique para um falante nativo e de uma racionalidade semiótica, no sentido amplo de acomodar as evoluções inferenciais que constituíram as primeiras possibilidades de manifestação de um pensamento racional respeitante à universalidade das inferenciações , vivas.

O campo lexical abrangente à flor como fenômeno de dispersão e reprodução em uma organização sintática suportada por um esdifício semântico de cujas terminalidades racionais podem ser dadas as dimensões compensatórias por critérios substantivos à escala das substituições das aspectualidades mentais amplas observadas nas vivências intersubjetivas . Nos textos são encontrados aspectos à cobertura ampla dos valores nocionais passíveis de previsibilidade enquanto vínculos associativos ao limite das relações materiais entre a linguagem.

Na interpretação, à profusão de idéias surgindo de palavras designando flores, vinculando-se ao corredio qualidades umas às outras , denotadas no sentido sensoriais próprio nos adjetivos, ao vertiginoso processar das imagens mentais,

ao esquematismo tático dessa ação vital de crianças em denso envolvimento perpetrativo no tema, resta a ambigüidade que faz redundar a própria univocidade, intensificando-a.

À qualissignificação uma dimensão imprecisa emoldura o suficiente para manter da intensidade o sugerido. Na rapidez com que fluem idéias à apreensão que se constitui às propriedades aperceptivas à internalidade do pensamento socializado, ativa-se a estrutura reversível. Traduzível biológica no cognoscível, no “logos” evolui a significação intelectual, contudo nem portanto desfaz-se do mistério que persiste mas já signo remático ao simbólico, ao que se atingiu do individual ao comum, na secundidade.

A degradação de aspectos, alternâncias contrastivas acrescentadas às impregnações do sensível, do concreto, matizadas ao contexto extra-verbal ao saber nesse fazer lingüístico aos locais, não se esgotam as possibilidades criativas desse prorrogar, que se dá fracionar e por um esvanecer das palavras. Signos naturais da linguagem prolongam a terminalidade da ação fundamental por um efeito ressonativo. Assim, palavras como “rosa”, “jasmim”, abelhas, insetos, pássaros, lado a lado com seus sentidos impróprios como referências a nomes de pessoas, pessoas à referência animal, à sujeitificação no afeto, ao calor da intimidade doméstica sugere essa dimensão que as palavras são vibradores materiais e atividades mentais, e as lembranças são nas evocadas que ativadas ao remoto simbólico, ao cognitivo emocional sensório. A essa apelatividade presente na funcionalidade basal à afinidade imaginária, arquetipicamente procede como deflagração de possibilidades transformativas como nas arquiteturas matriciais estereoquímicas, enquanto a compreensão evanesce à textualidade, apreende-se a volatilidade em um sentido poiético transcendente, por essa estética cognitiva à reversibilidade sésil, por capítulos ao imediato, à gestalt inerente dessa sucessividade ao tracejamento fortuito, peridesmo simbólico.



O Sumiço da Flor

A flor ao ser apreendida verbalmente pelo leitor, receptor de uma qualidade diferencial da representatividade interativa por uma mensagem outra pela qual se sente invadido, funcionalmente mental por uma dimensão tática, e tática conativa, que detém por associatividade transsêmica um nível de informatividade centrável da primeira interativa, de alguma forma faz ressaltar-se as providoras da aporia, dimensão redundante reforçatória da interpretação presumida, por um caráter tomado pelo leitor como provocativo e um modo de expressão contra inflacional prepotente.

A figura da flor, como contexto signico uma imagem, sugerindo uma possibilidade funcional no objeto dinâmico, abre-se semioticamente como se suporta escrita, por seu meio modal de expressão lexical surge um signo o qual por sua vez oculta uma vertente verbal traduzível apenas referência categorial, como legissigno.

O objeto que deflagra, ao signo, sendo-lhe correlacional, representativamente característico como similar, firma-se em sua própria iconicidade, interpretante emocional e enquanto se transforma-se derivando formas adaptativas, no seu espectro experiencial, de tradução eivado já de aportes de particularidade e generalidade, interpretante dinâmico na essencialidade da relação representativa. Ao relacionar-se tão referencial quanto dualisticamente essa semiose supostamente relação triádica, impõe-se como sinsigno icônico dicente à sua possibilidade como legissigno simbólico remático.

Trata-se de uma semiose sob um suporte diagramaticamente textual, abstrato, envolvendo referências à complexidade das afirmações e preterições intrusivas. Nessa textualidade de planos relacionais triádicos suporta-se um supersigno, um signo complexo demandando possibilidades conjunturais sintáticas, semânticas e pragmáticas na escala referenciável nas interfaces enquanto verossímeis entre o virtual e o real.

Tratando-se de uma condição altamente abstrata na qual similaridade e contigüidade denunciam-se como qualidades decorativas nas extensibilidades as



potenciais flexibilidades a serem suportadas pela natureza difusa da atividade sónica, redundante ao mesmo tempo fragmentativa. Dimensão tanto geracional quanto sujeita à reversibilidade de possibilidades interpretativas enlaçando-se ao percurso das contínuas aproximações assimilativas, promovem conjunções à ordem conjunta da significância a receptividade das temporalidades cosmológicas vivenciadas pelo interpretante.

O pensamento verbal cuja natureza é sónea constitui-se no complexo maior da linguagem, da qual o domínio lingüístico, progressivamente, tornou concreto e acessível o conjunto de modos mentais humanos de expressão interativa com a realidade da experiência com o mundo sob a forma de uma tessitura organizada abstratamente em torno de componentes originais da externalidade e internalidade referenciada nas acepções cuja expressão podem ser de valor objetivo de descoberta.

A natureza semiótica que na atribuição piagetiana e conferida pela inteligência ao pensamento verbal, considerada e submetida teoricamente como condição investigativa, como objeto complexo, como signo preenhe dessa presentidade liberando progressivamente aspectos dinâmicos uma ordenação das categorias funcionais nas relações interativas com o mundo.

Ao indagar sobre a competência semiótica dessas crianças, permitiu-se supor que a inteligência prática ou técnica que se manifesta na representação, tomada na acepção peirceana – ato de representar – esteja possivelmente relacionável aos modos diferentes de raciocinar desses sujeitos. Tem-se em foco que para Piaget importa um modo inferencial sintético na aprendizagem: o mundo determina-se ao esquematismo que se constitui no desenvolvimento, ao que se compõe aos sujeitos estudados como teorias propiciadas por prevalência de um raciocínio lógico-matemático, à dinâmica adaptativa suportado como estrutura de conjunto, implicando intelectualmente e afetivamente as significações uma destinação teleológica.

Considerando investimentos à linguagem de unificação, por atos de ajuizamento, transformações do objeto operação por esquemas interiorizados de antecipar de apoio no mesmo projetivos e na própria funcionalidade representação simbólica expressão figurativa, a partir de uma base de familiaridade com a práxis na qual a grade de distribuição qualitativa se proporciona à quantificação, na intuição interiorizada, pode-se a partir da experiência vivida buscar o vínculo relacionável com

os objetos fenomênicos, às proposições implicativas do vivo interesse em alcance das complexidades interativas mais interpretativas de referenciação ao potencial ecossistêmico. Aos ciclos abstraídos da dimensionalidade biogeoquímica, embora ao plano das realidades extralingüísticamente concretas possíveis e imagináveis, algumas aspectualidades ressaltam nas tendências prevaescentes ou mais indutivas ou mais analíticas que constituem o modo de pensar em formas características de aprendizado, do que no caso desse objeto especial de investigação, se desenvolve em formas de representar, dados os representâmens que evoluíram pela escrita, no “sumiço da flor”. Para Peirce aquilo que representa constitui-se o Representâmen e para esse trabalho portanto, a própria escrita implica em sua dupla face, como suporte material e convencional representativo, ao qual admitido à funcionalidade assimilativa tão marcadamente ideográfico quanto ideologicamente conferido ao sistema total à inerência mental simbolizada ao sujeito humano fisiológico, psicológico e empiricamente relacional.

Alguns aspetos puderam ser caracterizados, na análise, considerando explicativamente a formação teórica, vinculando-se às esferas de envolvimento da lingüística aplicada, a partir de Cavalcanti (1989). As dimensões de leitura ao que se explique em reconhecidos efeitos práticos, foram tomados aos limites básicos como considerados na semântica do discurso de Greimas, a qual Pessoa, Fiorin, Landowski, Geraldi, Orlandi, desenvolveram para explicar as relações de acessibilidade e transparência, aspectos lingüísticos difusos do espaço cognitivo em que o individual e o coletivo se interpenetram.

Dado que se encontram distribuídos nesses textos itens lexicais que se destacaram significativamente ao “fazer interpretativo” desses sujeitos, “ao que vêm”, foram consideradas as “unidades indexicais mínimas de interação” para as categorias proposicionais, e por força do “fazer persuasivo”, “o que faz ver” os modos de orientação para o leitor, os quais, presumiu-se que ao modo peirceano de interpretação, poderiam ser referidos como sin-signos, dadas as ocorrências, particularizações nos textos.

“Quando algum objeto ou evento é usado como uma pista para algum outro objeto ou evento passado, presente ou espacialmente conectável, esta pista é um sin-signo”. [SAVAN apud SANTAELLA, 1995, p.135]

A partir dessa esfera de legibilidade apontaram-se algumas dimensões, de algum modo epilingüísticas e epistêmicas, as categorias comportamentais às interfaces regenerativas ou degenerativas ap contínuo dos movimentos interpretativos signícos, enquanto predominâncias na apresentação pela materialização dos processos, capturados como “acti-signos” componíveis entre os poti-signos e fami-signo, ao modo legitimamente didático de abordar e valorizar as formas signícas.

Conforme Santaella (1995) a natureza do signo ele mesmo tem-se em Peirce que os Poti-signos “ou objetos que são signos apenas por serem meramente possíveis”, os Acti-signos “ou objetos que são signos como experimentados aqui e agora, tal como qualquer palavra singular, numa sentença singular, num parágrafo singular de uma página singular de uma singular reprodução de um livro” e os Fami-signos, ou signos familiares que devem ser gerais, tanto quanto signos gerais devem ser familiares ou compostos de signos familiares. Refiro-me a signos “gerais”, não no sentido de “significando” gerais, mas como sendo eles próprios gerais. (SANTAELLA, 1995, p.123).

Entre outros, potencializaram-se no corpora, alguns itens lexicais chave, por aparecerem repetidamente entre os textos, de modo a constituírem por uma natureza essencial dessa topicalização uma “cariotopia”. Uma vez que pelos mesmos dá-se a conhecer em fluxo intermitente e modos conotativos substanciais, alguns sistemas denotativos de propriedades materiais, como que ativadores às bases cognitivas, importam como espécie de modelos, perceptrons na intelecção analógica.

Assim resulta à leitura um esquema intelectual complexo cuja organicidade sistêmica parece competir à internalidade constitutiva das estrutura de conhecimento do leitor, de tal forma vai sendo comprometida à externalidade extralingüística dos processos dar-se à consciência o confronto. A nos modos de raciocinar uma inferência sintética enquanto se diferenciam primitivamente nos esquemas assimilativos, nas técnicas a própria classificação como sistema funcional total

de identificação à pertinência encontrável e nas tecnologias de produção de ácidos e cõngeneres.

Face a termos, designativos redundantes, encontrados nas enunciações dos pequenos autores, implicou-se reatividade em cuja correlação por conteúdo proposicional, à tônica ilocucionária, as quais por movimentos dessa pregnância estilística se indiciam por determinação de efeitos de externalidade e internalidade, tomados às expressões os interpretantes dinâmicos os quais em metáfrases puderam se elevar os estados inferenciais lógicos, aos valores explicativos racionais.

A força descritiva e assertiva anunciada dessa palavra “espinho”, tomada na análise como um item lexical chave permitiu supor além ao contínuo de verbal, de desdobramento semântico pragmático, um sistema gnóstico a depurar uma base simbólica mais primitiva assimiladora na sintaxe inferencial. Como um modelo de alguma forma familiar arrastasse para a intrigante questão da causalidade enquanto a assimilação à fonte esquemas em nível de objetos ideológicos co-extensivos, plasmáveis na logicidade discursiva subjetivamente às constantes atualizações da língua na fala, ou seja pelo menos melhor colocando às possibilidades explicativas da competência lingüística e literária desses falantes nativos enquanto operacionalidade mental ainda que expressa simbolicamente por crianças ativas como sujeitos cognoscentes.

À centromeria possibilitada por esse item lexical “espinho”, como uma matriz harmônica à base de dados em que a binariedade se manifesta ao domínio constitutivo do intelecto nas possibilidades conexionais entre as formas hipotéticas, sintéticas e analíticas que da conservação se imbricam nas assimilações possíveis, ao desenvolvimento causalidade seriação temporal determinantes harmônicos desenvolvidos aos fenômenos ao caráter da reversibilidade de que, nas relações interativas, se periodicamente se apresentam mais comuns com objetos físicos e sociais do real, tanto nas formas da teoria quanto da práxis. Pode-se apresentar dessas formas sinsígnicas.

De alguma forma indiciando as oscilações no raciocínio, cuja operacionalidade de virtudes teleológicas compatíveis aos esquemas da inteligência, alcançando as possibilidades retrodutivas e projetivas, podem ser ilustradas por essas produções aspectos semânticos que vinculam evolutivamente sistemas à interface de



cultura e natureza enquanto ao remoto das possibilidades indefinidas desse entrelaçamento contínuo.

Como “saber fazer” à fonte de estruturas motivacionais tão efetivas como necessariamente cognitivas, ao tronco das modulações regulatórias, algumas formas relativamente autonômicas aparecem predominantemente com funções inibitórias ou estimulativas. Disposicionam-se assim alguns sinalizadores quase-signos indicadores, sin-signos às vias da linguagem, específica dos autores à estrutura superficial e profunda enquanto afeta ao sistema transformador e seletivo da inteligência regulativa à dinâmica biológica, enquanto as formas simbolizantes lingüísticas, nas enunciações à referência extralingüística, itens contextualizantes dos pequenos autores dos textos a partir do “sumiço da flor”.

Embora tais itens carreguem informação, os significados são veiculados como parte do processo interativo. Diferentemente de palavras que podem ser discutidas fora de contexto, os significados de itens contextualizantes são implícitos. Eles não são geralmente discutidos fora do contexto. Seu valor de sinalização depende da consciência tácita do participante sobre seu significado. “Quando todos os participantes compreendem e notam os itens relevantes, processos interpretativos tendem a passar despercebidos.” [GUMPERZ, 1983: 131 apud CAVALCANTI, 1989, p.79]

Como potenciais modalizadores inferíveis ao curso prospectivo dessa cognição, nesse nível de desenvolvimento dos sujeitos para a relação pensamento-linguagem em seqüência importaram enquanto composição do metatexto a lingüística aplicada, enquanto os itens contextualizantes, os quais conferem o caráter de especificidade aos esquemas globais de Van Dijk (1979) e Cavalcanti (1989).

Por valores dessa leitura é que, em relação este item lexical, “espinho”, nas condutas lingüísticas dos autores, essa saliência se complexifica, fenomenologicamente, realizando e atenuando agentes aos componentes da dor. Porquanto se considere na distribuição da esfera perceptiva-discriminativa e a dimensão cognitiva motivacional, relacional, podem-se encontrar paralelismos semântico-funcionais no domínio referencial da psico-fisiologia que sugere bases comunicativas e aversivas correlatadas. Assim, tendo-se em conta como designativo de um corpo

semântico à filiação etimológica lexical, destaca-se a positividade da interação, como resultante significativa experiência humana, à base de um realismo na ordem do fenomenológico, racionalmente legítimo à eficácia dessa legibilidade que se faz compulsória na própria interface da estrutura superficial com a profunda, degradada por precipitações decorrentes de uma estruturação interna coerente ao sistema funcional, equilibratório, uma transformação simbólica do objeto para explicar a amalgamação solidária do pensamento-linguagem explicar, as que se propõe por vias ilustrativas ao científico formas didáticas e pedagogizantes: **sabe-se que as vias de produção da dor são coletivamente chamadas de ântero-lateral da coluna, ao que importe materialmente a química vegetativa.**

L.F. P. da Luz, Prof. de Matemática
Prof. de Matemática, 2011/2012

Paula R. D.
2011/2012

L.F. P. da Luz, Prof. de Matemática
Prof. de Matemática, 2011/2012

Paula R. D.
2011/2012

O Pêlo

O Pêlo é uma estrutura formada por células que se encontram na pele e que serve para proteger o corpo e para dar beleza. O pêlo é formado por células que se encontram na pele e que serve para proteger o corpo e para dar beleza. O pêlo é formado por células que se encontram na pele e que serve para proteger o corpo e para dar beleza.

L.F. P. da Luz, Prof. de Matemática
Prof. de Matemática, 2011/2012

Paula R. D.
2011/2012

O picão

Eu estava brincando de bola e a bola foi no mato.

Fui pegar a bola e a hora que eu sai do mato estava cheio de pição.

E sai eu estava cheio de pição.

Um amigo meu também entrou no mato e chutou a flor do pição branco. Eas sementes voaram

E no campinho tinha pição com espinho e eu pisei em cima do espinho e enfiou no meu pé

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor : Sidnei da Costa Tessari 27/11/98

Edson R. P.
10 anos 3ª A

Quando eu vejo um picão eu começo a bricar com ele começo a depenar todo e de pois eu a sobre e ele some por aí.... voado tem vezes que ele cruda na roupa da jente eu gosto de a sobrar e pular para pegar ele tem muito espinho de ferede tem uns que espinha tem uns que não espinha tem pessoa que tem menda de espinho já eu não muca deve medo de spinho tem gente que tem orror de de espinho mais é muito gostoso bricar com espinho.

E.E. P.G. Lázaro Franco de Moras
Professor: Rosângela 26/11/98

Juvenal
11 anos 5º A

Eu esta brincando com os meus amigos quando vi um picão, ele grudou nas nossas roupas. Ele é um picão muito chato ele voava quando dava aquele vento forte. Estes picões dá nos matos, e vivem todos juntos, só quando dava um vento forte, que ele se desajuntava.

Esse picão é quase um espinhos quando ele gruda nas roupas, chega a pegar na pele e doi, eles se escondem nos chãos quando cai dos seus galhos fininhos. Ele é emgraçado porque tem um pedacinho amarelinho que gruda ele é preto inteiro e é legal.

E.E. Lázaro Franco de Moraes
Professor: Rosângela 26/11/98

Paula R. D.
12 anos 5º A

O Picão

O Picão e uma espese de gruda gruda e não pode faser nada e mão tire com a mão machuca a mão e pode cortar e aquele pode grudar e não vique brincando com aquilo e perigoso e ande na mata sem primeir ver o que tem la para pider pasear e mão pegar a picom e não pode aranzhar e fica moito machucada e doi muito mesmo e não brinque com ese tau de espino vique brincando e não fique com isto na mão e pode

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca
Professor: Sidnei da Costa Tessari 27/11/98

Felipe D. M.
9 anos 3º A



Ele sai voando por ai, eu não sei explicar como ele é direito e também nem sei o seu nome eu acho que é uns daquele negocio que tem no mato uma coisa igual a um algodão so que se você assoprar ele sai voando.

Ele é branco e leve é igual a uma flor, eu chamo ele como; algodãozinho.

Ele também some por ai eu acho muito difícil de encontrar ele.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Karolliny C. S.
10 anos 5ª série "A"

Algodão

Eu acho que este desenho é um algodão.

Eu também penso por que será que quando nós asopramos o algodão ele voua. Deve ser por que ele é molinho e fofinho.

Mas será que o algodão voa até onde?

Muitas vezes o algodão é usado para passar remédios em machucados. Por isso é que tem algodão em quase todas as casas.

Mas você já pensaram se tudo fosse mole e fofinho voasse com apenas um assopro.

Iria ser uma loucura! Você não acha?

Também tem o algodão doce mas esse é para comer, e não para por em machucados. Ele também não voa tam fácil.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Miriam C. F.
11 anos 5ª série "A"

O algodão sai voando por ai livremente, as vezes eu gostaria de ser o algodão pra sair voando por ai.

O algodão de pois de industrializado fica macio e branquinho, o algodão serve pra bastante coisas, por exemplo com acetona para tirar esmalte da unha pra por no machucado a e também pra colocar no nariz dos mortos no enterro! E como sempre etc.

bom você ve que ele tem mil e uma utilidades, acho que você já usou. quase todas menos a do morto pois você ainda vão morreu

Bom tem o algodão docé este vão sai voando por ai mas e muito gostoso e não e pra colocar em machucados

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 13/04/99

Jacqueline
11 anos 5ª série "A"

Essa planta significa que, é frágil e se chama pétalas de leão e tem a pele muito macia.

Se o vento soprar muito forte essa planta de despedaça e gosta muito de um bom arzinho fresco e gostoso.

EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora: Magali 08/04/99

Mariana C. F.
10 anos 5ª série "D"



Essa figura significa uma flor, eu acho que o nome nela é Jasmim. Esse nome é bonito para uma flor, essa flor vive em jardim, praça, casa, em lugares vazios, etc.

A natureza bela por isso que temos que respeita-lá, essa flor pode ser dada em qualquer comemoração no dia das mães, no aniversário, e outras comemoração.

Eu acho que essa flor chamada Jasmim. É assim, essa flor é linda para qualquer um.

Essa flor se chama paineira pode ser encontrada em casa, em matos, jardim, e outros lugar.

Se você pegar ela e não tampar com a mão o vento bate e ele se volta toda, essa flor tem que ser bem cuidado-se não ela pode morrer, isso que é uma Paineira.

EE Gabriel Monteiro da Silva

Roger C. R.

Professora: Maria Inez 08/04/99

11 anos 5ª série "E"

Uma Flor

Pelo que eu entendi das figuras abaixo isso é um tipo de uma flor não sei o nome dela so que já vi por aí.

Quando bate um vento nela ou nós sopramos sai uns pelinhos são as petalas dela. Eu acho ela bonitinha mas gosto mesmo e de soprar essa flor.

EE Gabriel Monteiro da Silva

Bruno H. L.

Professora: Maria Inez 08/04/99

11 anos 5ª série "E"



Algumas formas sin-sígnicas à dominância das expressões distintamente experienciáveis ao cotidiano se impõem como núcleos de significação informativa à leitura. Como expressões de reatividades, aos esquemas, mentais totais relacionáveis e diferenciáveis inclusive a intuições, e transduções piagetianas, afetadas ao limite prático de vinculação ao modo de esquematismo sensório-motor a correspondências pré-lógicas incoativas à continuidade assimilativa funcional determinadas pelo objeto que se acham nas estruturas desenvolvidas, e às possíveis das decalagens verticais e horizontais nesse nível de interiorização, ao que se faz aproximativo à base do operatório formal às operatórias concretas.

Puderam ser elencadas, à leitura desses processamentos mentais compulsivos da atividade representativa, às espécies de imitação interiorizáveis à linguagem, alguns efeitos conexionais centrados como esforços cognitivos de maior escopo elaborante, e simbolizante ao substantivo “flor”. Aos aspectos diferenciais às lindes do interpretável, enquanto equivalência ao efeito mental do existente, ao concreto ou fictício para o sujeito. Desse modo são indiciais, à prevalência da segundidade nas atividades sígnicas que envolvem a leitura da lexia “flor” ao modo determinativo da preceituação ulterior lógica aos limites do objeto dinâmico, determinativos de interpretantes de sua relatividade ao contínuo. A “flor”, designam pelos sujeitos sem que os qualitativos restrinjam a generalidade, surge, representada como resultante cognitiva de experiências físicas e lógico-matemáticos anteriores evocáveis e interpretáveis a dimensão quase-simbólica que se tenha prevalecente à atividade legi-sígnica.

Assim a subjetividade indica-se por singularidades, apontamentos à circularidade da experiência da causalidade paisagística, a propriedades, admitidas às espécies agentes, são combinadas aspectualidades faciais complexas, do objeto evocado por uma racionalidade de distribuição qualitativa de marcas idiográficas, comutadas, moduladas discursivamente como mais próximas ou distanciadas, dadas as interferência transitivas da atividade assimiladora da inteligência, das estruturas interiorizadas às percepção sensória e desempenho fisiomotriz específico à base do pensamento representativo conceptual.



Trata-se talvez de esquemas mentais ao que a inteligência integraliza, da interpenetração de aspectos relacionáveis, dos quais talvez chamados por Peirce de “quantificadores hemilógicos – um que permite escolher um e apenas um objeto do universo e outro que restringe a liberdade de escolha a um ou outro dentre dois objetos adequados” [PEIRCE, 1995, 339, p. 92]

À seletividade criatividade e à estrutura superficial, das bases lexicais e à capacidade de escolher, e dispor-se e reagir voluntariamente às mudanças, às expressões inteligíveis em graus diversos e tradutíveis das descrições e narrações que exigem a atenção nas ações performáticas, operacionalizadas na linguagem escrita, remetem a aspectualidades, padrões lógicos à correlativismo dominantemente icônica e indicial por quais se admite integradas nessas condutas lingüísticas. Precisam-se melhor por efeito de conjuntos de aspectualidades transientes da inteligência abstrativa e prática, técnica, e em níveis tendenciais de compreensão e extensão são presumíveis como pertinentes, tanto ao sentido peirceano quanto piagetiano, para o comprometimento do interpretante imediato, dinâmico e lógico das ações porquanto da operacionalidade interna e externa qualitativamente centrada em sua sígnica completude admitindo-se a inteligência na semiose mais geral, materialmente o signo realizativo a organicidade uma matriz triádica. (PEIRCE, 1995, p. 107-202; PIAGET, 1973, p. 102-105, 365)

Por força ativa da assimilação esquematizante vinculam-se as transformações e figurações corresponsivas, recíprocas, simétricas, aditivas e subtrativas, interindividuais porquanto substratos comutativos de uma grade de possibilidades inferências, das quais ainda em que espécies selvagens, como bens lógicos são diegeticamente admissíveis e domesticáveis ao quantitativo e ao negativo, enquanto se projetam fases ilustrativas da própria compulsividade. Na cifragem prática são indicados que acompanham nos movimentos ascensivos e descensivos dessas tendências mentais integradoras às explicações indutivas, progressivamente mais dialetizadas nas vertentes mais definidas das hipóteses, com as quais se projetam possibilidades as ações constituídas na reversibilidade na experiência lógico-matemática com a dedutividade.

Defino um indicador como signo determinado por seu objeto dinâmico em virtude de estar para com ele em relação real. Isso é o que ocorre com o Nome-Próprio [um legi-signo]. Tal é o que ocorre com o sintoma de uma doença (o sintoma, em si mesmo, é um legi-signo, um tipo geral de caráter definido. A ocorrência num caso particular, é um sin-signo. [PEIRCE, 1975, p. 144]

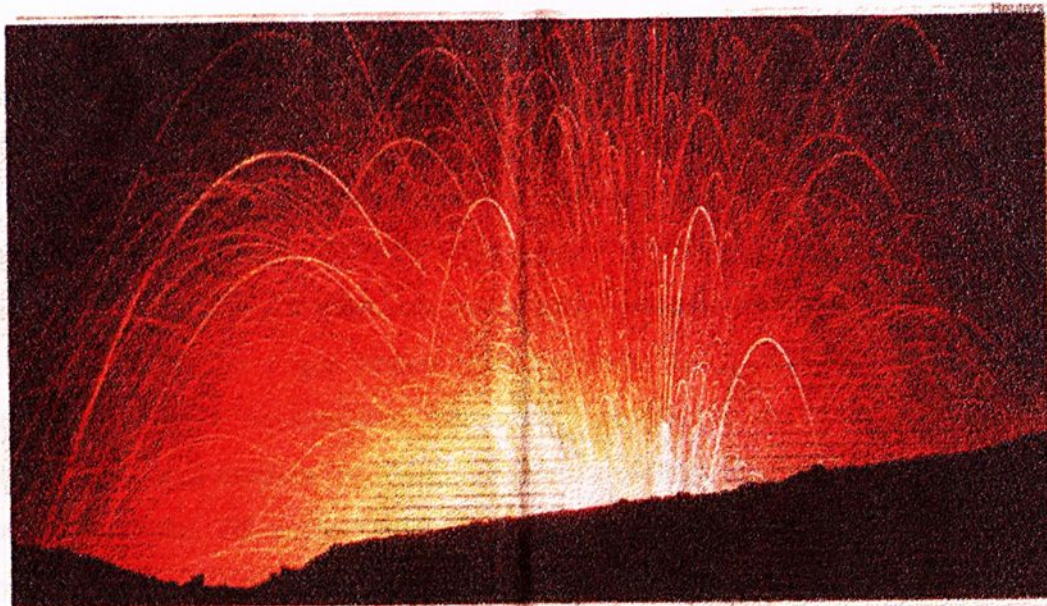
À esfera de interpretabilidade das funções mentais, enquanto derivadas de sintagmas descritivos, as coordenações implícitas de agentes humanos e não humanos as compleições sígnicas icônicas indiciais são complexidades de si próprias revestidas de outras, que se lhe agregam, cumulativamente significantes, simbólicos ao significado cognitivo e afetivo, dimensão simbólico paradoxal resultante a qualquer subjetividade disciplinada ao tempo. Porquanto prevalece o sentido das socialização ecossitemicas, ao de fluxo energético assimilado ao externo, enquanto referenciados como determinantes mas determinados estruturadas das relações de dominância, em capital imaginário envolvido nas relações de produção e consumo, a partir da lógica do discurso com o que restam como definidores faciais naquele comprometimento evolutivo.

Enquanto infligidas brutalmente as dimensões inferenciáveis às reatividades, as próprias são qualidades definíveis às cognições diacrônicas e sincrônicas, à intelectual classe de índices dirimidos de fenômenos gerais abstratos, demandados à economia eutrófica instaurada nas relações como conhecimento científico, que aprende com a natureza. Dessa geografia vital tantas às vezes sofridas ao assujeitamento capitalístico, os fenômenos que se manifestam impetuosos violentos ou demorados, aos modos eruptivos, irradiativos, mais ou menos penetrativos à internalidade, das possibilidades no tempo são advindos das próprias forças humanas compelidas à materialidade viva da externalidade. Ao contrário do fluxo unidirecional compelidor em todas as artificializações que envolvem os comportamentos vivos em formas sociais, da dinâmica transformativa, importa no vínculo inapreensível das próprias possibilidades aperceptivas, das subjetividades enquanto inteligência científicas significam à reversibilidade como determinada.

Compõe-se a cognoscitiva plasticidade enquanto possibilidade dinâmica ao caráter resultativo dessa química integradora da interatividade relacional. Importam à



referência informacionalmente os agentes espaciais auferidos à ideologia coletiva porquanto ligados a representatividade do imaginário na escrita às dinâmicas de transmissões inter-geracionais, às interações cotidianas ao que o pensamento do indivíduo se vincula solidariamente e por formas acomodativas, diferenciadas por símbolos às que se especificaram desenvolvidos organicamente unidades de significação temporal na expressão narrativa da linguagem.



Pirotecnia – O vulcão Etna, o mais alto e mais ativo da Europa, situado no sul da Itália, expete lava numa das últimas etapas depois de meses de erupção intermitente, num espetáculo visual que não oferece perigo

Gramaticalidade e metaforização

Enquanto conduta de linguagem, esses sujeitos empreendem-se pelas formas encontradas nas estruturas experimentais e lógico - formais inscritas sob as possibilidades constituídas pela representação escrita. Dada sua condição desenvolvimental usam de sua esfera de autonomia interpretativa razoavelmente compelida, como se pode supor para uma atividade escolar com produção de textos em aula de Português. Desejam cooperar com a interação e penetrar no sentido da expectativa da proposta, cujo acesso intencional não lhe é negado mas inevitavelmente faz-se um tanto assimétrico. Desconhecendo os conceitos científicos dessa interconexão contudo, demonstram uma capacidade de ação precisa nessa cadeia de significações seja sob o pensamento para objetos na esfera naturalística ou a uma ordem à base de um deslocamento conceitual. Para tanto estruturas sinonímicas, parafrásticas subjacentes são disponibilizadas pela repertório cognitivo ao léxico, enquanto universo das experiência comum das possibilidades como dinâmicas nos parâmetros de resolução e definição orgânica da inteligência, da cibernética. Esta interligando estruturas, harmonizando-as por ritmos circulares implica na potencialização de todos os esquemas de representação, os quais podem ser materialmente relativizados como suportes sígnicos. Em escala da semiótica referênciais de como sistemas significantes qualisignos, aproximar singsignos e legissignos, que para a Semiótica peirceana importariam para essas relações de comparação para o interpretante em sua relação com o Representâmen.

Assim é que nesses textos pode-se supor uma base remota quase - demonstrativa para os conceitos naturais à predicação de “penugem”, “pétalas”, “penas”, quando a imagem recorrente dá-se em crescente funcional tanto integralização quanto disjunção. Há então metáforas e metonímias empregadas como uma função tanto poética quanto referencial da linguagem, uma dimensão cifrada se codifica.



Minha Vida

Em minha infância vivi muitas experiências.

Brincava muito com plantas escuras: roxas, gostava muito do pé de goiaba da minha casa e o pé de manga.

Fazia isso porque gostava e para me divertir e quando me dava vontade. Às vezes ficava impressionada com a brancura do vento que carregava as pétalas das flores para a imensidão do céu, e voarem bem longe.

E.E.P.G. Lázaro Franco de Moraes

Professor: Marlene 25/11/98

Karina S.

12 anos série 5º "C"

É uma linda flor podendo ser margarida, violeta, girassol, ou outras mais.

Saindo várias pétalas, voando sem pensar em nada, deixando o coração ter liberdade

E a paixão de voar sempre voando, voando.

As pétalas lindas, não sabendo o que acontece. Tudo. O vento cada vez mais rápido indo contra elas. Pode ter qualquer cor. O que não a impeça de sempre estar voando, voando e sempre voando.

E.E Gabriel Monteiro da Silva

Professora: Magali 28/04/99

Edson A S. J.

11 anos 5ª série "B"



Isso parece uma flor que caiu de seu ramo suas petulas são brancas e seu miolo colorido ela é tão levinha e pequenininha que parece uma formiguinha então planteremos ela de novo e ela voltará a alegrar a todos.

EE Gabriel Monteiro da Silva

Professora: Magali 28/04/99

Thiago S. B.

11 anos 5ª série "B"

A Margarida

Um dia uma Margarida que estava tomando sol no meio do jardim junto com as outras flores

Então veio uma abelha, pousou nas suas petolas e depois foi pegar polem

E daí a abelha sempre vinha pegar polem. Então se passaram dias meses anos e a abelha não parava mais e então um dia parou de buscar

E.E. Coronel Antonio Luciano da Fonseca

Professor: Luíza M. Correa de Abreu 27/11/98

Luis F. C.

4º B





FIG. 114. Dos manchas solares de distinta polaridad magnética, tomadas con espectroheliógrafo en el Observ. del Monte Wilson. Forma turbillonar

As associações com a desmontagem do objeto, "flor", "sumiço da flor" seja em âmbito de orientação cognitiva para conhecimentos espontâneos ou científicos advêm de ações inteligentes correlacionadas ao desempenho implicadas à generalidade enquanto dimensões e isomorfia de filiação psicofisicogenética para a distinção lingüísticas enquanto entre o real e o ficcional.

Alguns sistemas significantes puderam ser relacionados aos signos que se fizeram expressivos aos interpretantes do "sumiço da flor" durante a produção dos textos. Tendo-os por linguagens, sistemas de acomodação do pensamento verbal para os pólos de sua orientação prevalecente enquanto pertença a uma organização mais geral e cibernética há mediação informacional comunicativa, para esses organismos mentais humanos, pela via lingüística. Está diretamente envolvida, tem a primazia semiológica, e há a nuance sintática tendencial mas não necessariamente exclusiva na orientação combinatória das significações mais gerais da relação as obras possíveis.

Preferencialmente, adotando-se perspectiva funcional da acomodação para a análise das perspectivas de interpretação dos textos, podem-se estimar as desequilibrações e nessa imanência pretender abordar alguns eixos, prováveis dessa qualidade de significação assimilativa. Nesses movimentos algumas dimensões signícas significam mais homogeneamente quando tomadas como unidades coativas. Os modos de significação são comunicados por restritas figuras textuais produzidas à intencionalidade referencial do contexto a que se referem.

Assim, ao agenciamento essas unidades centromerizadas, destacam-se possibilidades como eixos semânticos deslocativas para compreender e explicar uma dimensão lúdica que possa suportar a representatividade da atividade semiótica, resguardando a especificidade do objeto teórico dentro das complexidades relacionais enunciativas e extra enunciativas. Nesse sentido pode-se supor que esses centros de qualidade representativa poderiam envolver outros sistemas semióticos enquanto o estatuto racional tem a disponibilidade da deflagração dos planos do discurso e da interação semiótica básica, signos expressivos de movimentos mentais para a realização organismica interpretativa.

Para essa estrita adaptação metodológica procedem as categorias que se apresentam dentro da expressão semiológica dessas perspectivas unitárias. Como textos



constituídos de enunciações sobre a realidade das possibilidades naturais, culturais e estéticas disponibilizadas a partir de um contexto nuclearmente deflagrador da temática do “sumiço da flor”.

Esta enquanto ontologia texto objeto de estudo teórico da relação para a interpretante, das bases semiológicas das ações comunicativas em situação intencional de um contexto dado aos recortes epistêmicos, vivenciais e actanciais, ou seja, integrado completamente a uma espaço - temporalidade determinada.

O problema tratando-se em derivação dessa atividade pessoal de interpenetração concreta no âmbito das técnicas sociais ao pensamento flexível, tecnologia adaptativa, comunicativo, ao final dos anos noventa, sofre os efeitos de época nos aspectos da representatividade sobre aquela temática. Dessa perspectiva histórico e crítica inserida importaram os pressupostos sobre o conhecimento enquanto dão suporte ao processo de criação teórica, para tentar por aproximação assertiva a construção de um modelos mais explicativos, na complexidade relacional aos fenômenos das interações orgânicas, enquanto do ser humano ao complexo no meio ambiente. Nessa associação à epistemologia do conhecimento, importa a semiologia do exógeno, a indissociabilidade do social e natural, de cuja natureza endógena faz-se essa paradoxal relação da subjetividade, e dela se pode fundear novos e consistentes fios de conexão à vida, ao tentar-se manter a integralidade interpretante.



Criatividade com reconvergências

“O organismo adapta-se construindo materialmente novas formas para inserí-las nas do universo, ao passo que a inteligência prolonga tal criação construindo, mentalmente, as estruturas suscetíveis de aplicarem-se ao meio. “[PIAGET, p. 16]

Considerando que esses sujeitos têm em desenvolvimento os esquemas dedutivos, o que se pode observar a essa analiticidade de que se caracteriza ao emprego de conectores, poderiam ser tomados como interpretantes quase-lógicos do signo, os aspectos de generalização, sintagmáticos. Do ponto de vista lingüístico, sintático, e semântico, importam os dados das contigüidades desenvolvidas as seqüencialidade da linguagem. Tem-se assim dos níveis dessas implicações e explicações, algumas categorias mentais envolvidas nas elaborações mais indutivas ou dedutivas ao conceito de “flor”. Enquanto as funções intelectuais estão admitidas por movimentos cognitivos intuitivos envolvidos na coordenação, ao emaranhado das complexidades de natureza funcional biológica, enquanto fatores fisiológicos nas sensações, as aspectualidades eufóricas ou disfóricas as harmônicas as realidades adaptativas causais e espaço-temporais estão envolvidas no discurso como dados sinérgicos da externalidade, em funções de referência precisa, implicativa da experiência relacional através expressividade representativa da linguagem escrita.



Descritividade - Plasticidade

Os efeitos da percepção sensível do “sumiço da flor” são explorados na evocação desse processo na natureza através dos esquemas mentais intrínsecos e extrínsecos ativados referidos veiculados de captação do novo conteúdo a ser transferido ideologicamente pela imagem, com valores simbólicos transformado na foto impressa na folha de papel. Tem-se, sob esse duplo perfil, o efeito de sentido sugestivo desse referente emocional cognitivo um estado mantendo as cores e características da flor flagrada em atividade aberta, mas coesa dissimuladora de sementes.

Da fragmentada desapareição intervém à força do grafismo com a de uma função apelativa diretamente suportada a cada ostensiva ideologia capitalista, resulta o efeito dessa correlação na comunicação de um texto poético de cuja estrutura se torna o objeto formal na orientação dos esquemas de assimilação da realidade pelo viés das relações acomodativas do interpretante, vincula-se essa investigação como correspondência ao diagrama primeiro. Alguns aportes dessa consistência evocativa quanto ao nível de conhecimento relacional que os autores dos textos manifestam sobre aquele estímulo enquanto pertinentes à realidade imagem mental em transferencia de valores daquele sistema de significação anulando-se o valor simbólico criado pela associação concreta dessa associação de cotidiano existencial no contexto.

Na categoria de expressão do conhecimento sensível agrupam-se os conteúdos textos correlatos significativos dessas instâncias de singularização tendo o sumiço a flor como objeto significante exterior, à referência denotativa explicitando-se lingüisticamente, a articulação interdiscursiva quando os sujeitos passam a citação se seus textos através dos elementos temporalizadores.

Por procedimentos descritivos, fazendo o uso de recursos de dêiticos publicidade os sistemas de significação em referência aproximações miméticas e ou indiciações, nas alterações discursivas indexais. Postula-se que nas determinações contextuais também o estado da língua pode também como ser tomada base de inferência de valores implicados entre instâncias diferenciadas segundo os efeitos de transformação dessa plasticidade significativa fundamental. Para a razão cognoscente



nesses sujeitos falantes nativos nessa base apóia do ponto de vista intelectual do olhar interpretantes.

Imagens geodésicas na paisagem cognitiva

Conferindo relevância ao reconhecimento da posição, a espacialidade enquanto unidade de sentido que a linguagem representa do referente à que o mesmo ocupa no ambiente físico, dessa sua experiência à temporalidade que resulta na semiose comunicacional dá-se uma base inferencial quase abduativa para conceber uma possível geografia dessa identidade lógica. Demonstram saber reconhecer um interpretante, lugar definido por inclinações dos impulsos emocionais evocados em contextos globalizantes, que se manifestam ao percurso cognitivo para apreendê-lo como agentes de sua identificação, para materializar um plano de competência emulativa natural. Nesse processo as imagens ocupam no discurso a espectro de um fundo representativo ativados pois os esquemas, de interpretação à base apelativa sensori-motora interiorizados, uma dimensão lúdica que se margeia aos traços em que se faz estrutura superficial comunicativa. Por associações transferem-se valores aos motivos lingüísticos simbólicos formam as pontes da trama que permitirá cobertura indicial de contextos de que a percepção espacial apresenta-se operativamente com a função sensível de uma plasticidade cênica. Pelas condições oferecidas dos esquemas figurativos à reapresentação desse sentimento de geografia constitui-se como traço de uma pragmática significativa, funde-se ao apreço enquanto da explicação da espacialidade para a vida semiose essa sensível aspectualidade, misto de conhecimento e atividade.

Há imagens semânticas, modos no esquematismo e na aplicação à realidade espacial uma atividade parece ser deflagrada de certo sensualismo à base do conhecimento sensível. A captação dos significados parece dar-se por uma ordem cognitiva expressa por aspectos descritivos relacionais os quais podem sugerir pontos de perspectiva apoios que o sujeito detém no conhecimento do acesso situacional à materialidade enquanto textura ao suporte da representação aplicativa do pensamento

envolvido com condições sensitivas deflagradas, na interação com objeto nos planos de secundidade com a reação total na abertura com a consciência. Os modos espaciais na disposição que parecem potencializar as alterações do nível de atenção do sujeito tornando-se assim objetos da imaginação.

Órgãos ou Significações Sensoriais

Pode-se supor que sob o pensamento verbal, alguns planos estejam especialmente caracterizados como extensões interativas dos sistemas significantes. Dessas se destacam as inclinações expressivas funcionais, as quais se fazem inclusivas à realidade maior das significações que constituem o texto. No sentido restrito a uma racionalidade discursiva de fechamento e também no sentido amplo de uma racionalidade de busca, criadora, proporcionada à ordem do desempenho, na construção textual atua uma gramática universal em acepção semiótica.

Uma vez considerada na relação literalidade e literariedade, para essa compleição sintática pode-se supor uma organização que se faça adaptativa por meio de suas possibilidades combinatórias, instauradas como sistemas, dimensões semióticas da ativação. Dessas as produções complexas dão testemunho da capacidade criativa dos autores dos textos no quanto se pode acentuar as propriedades de determinação do signo. Por meio de agenciamento de unidades de atividade transformadora, para construir o cenário textual. Do ponto de vista desses sujeitos são fundantes dessa subjetividade vinculada aos processos constitutivos do pensamento verbal, os sentimentos determinados da relação de incompletude gerenciada, tutelada pela crença na integralidade, um pensar como projeções de acuidade, uma espécie de disponibilidade e propiciamento ao lúdico no amplo espectro de sua generalidade.

Da possibilidade dessa heurística do transcendente as relações desses sistemas semióticos narrativos, virtualizados nesse textos, são ilustrativas e se fazem manifestar pelas prevalências como significância para as bases explicativas daquela integralidade funcional, a partir de, ou enquanto, hemisférios de um âmbito convencionado nas perseidades modalizadas à realidade. Desse ponto de vista as atitudes dos interpretantes para com essa realidade instituem-se por uma gama



autônoma de representações nas esferas sensibilidade, seja por via motora, ou da sensação. Esses sentidos se distribuem com diferenciações individuais, as quais se compenetraram ao cunho intervencional, no nível do discursivo, ao apresentarem-se como no plano da enunciação e do enunciado por unidades de expressão mental narrativa, através da complexa rede e intrincamento veiculados pelos eixos sintagmáticos e paradigmáticos do sistema lingüístico e produzem critérios de consistência à montagem da subjetividade relacional.

Criatividade - Afinidades Transformação

Alguns significados psicológicos puderam ser destacados como promovedores desse sentido relacional, com as possíveis propriedades mentais criativas de contextos, eixos de evolução ao transformacional. São sugeridas desses textos que as condutas humanas se encontram essencialmente afetas a leis de afecção de processos semânticos sutis tendo por base a competência prospectiva, sensível periférica as incisiva as funções de complexos jogos interacionais a partir das quais uma physis auto-sustentadora se faz manifestar para os interpretantes como uma forma unitária de expressão direcional, um sentido energético definicional à realização semiótica, vívida ao âmbito ecossistêmico.

Sob as bases discursivas os conteúdos desses enunciados procedem a efeitos da internalidade como imagens evocadas e exteriormente em unidades de sentido correlacional físico para idéias manifestadas no pensamento efetivo, enquanto expressões sígnicas restam de uma orientação desse posicionamento, faneroscopicamente, realiza-se possível de um simples cuidar observacional sob todo o espectro dessa falibilidade acomodativa imediato. Sob uma forma indireta as observações tanto são transientes como intersubjetivas e constituem ao significado conjunto, um sistema semiótico. Ao conteúdo de suportes nessas escalas das subjetividades enquanto na interface uma ecologia viva evolutiva infere-se a seguir

desse nível de possibilidades, a estrutura para a cognição dos valores opositivos da identidade enquanto assimilação à relação interacional pela escrita.

Além das unidades lexicais nas quais dá-se o recorte do campo semântico da sensação e da imagem vinculados aos processos isolados em que as funções demandam semioticamente a fisiologia da integração, delas fazem uso os sujeitos para “cuidar” das significações imotivadas. Um plano antológico e simpatético em nível de possibilidades deflagradoras, representacionais e somestésicas, uma ordem lógica na semiótica das relações triádicas enquanto sistemas gradações da sintaxe de consistência. Das observações gerais intersubjetivas e multiagenciadas à generalização de certas afinidades dá-se a aproximação de sistemas significantes para o objeto dinâmico a representação é essencialmente implementadora e articuladora envolvendo as possibilidades comuns de consecução real das relações do interpretante com seu objeto.

Desse modo a gradação se faz materialmente na categoria teórica triádica, intrínseca a Piaget e a Peirce e na coesividade, no sentido da coerência centrada na permanência substancial admitida ao objeto, dimensão cognitiva possivelmente já bastante produzida na visão cosmo estética à língua, base da referenciação pictográfica, hieroglífica e fonográfica na história da escrita buscada no mesmo, extrinsecamente para significações transferíveis e tradutíveis, disposições formais, desmontagem em sistemas não-lingüísticos para uma espécie de semiologia de estilos informacionais à interface das projeções pelos progressivos do efeitos teleológicos sob as análogas conversões isogógicas às qualidades, às linhas psicofisiológicas, da cognição terapêuticas ou anatomopatológica. Ao que se naturalizem significados perdas e ganhos intrínsecos ao contínuo, plurifuncional e possivelmente podem ser retiradas das relações ao sentido arbitrário conferidos aos acontecimentos, enquanto valores extrínsecos para o jogo das representações. Essas extrações de caráter epistêmico resultariam como possibilidades explicativas derivações naqueles plano de convivência do qual poder-se-ia afirmar com Barthes que “O encontro do analógico e do não – analógico, parece pois indiscutivelmente, no próprio seio de um sistema único”. [BARTHES, 1984, p. 55]



É provável, pois, que ao nível da Semiologia mais geral, de ordem antropológica, estabeleça-se uma espécie de circularidade entre o analógico e o imotivado, há uma dupla tendência [complementar] de naturalizar o imotivado e intelectualizar o motivado [isto é] culturalizá-lo] [BARTHES, p.56].

A vivência do cotidiano destaca-se pela expansividade das formas de significação enquanto incorporação de experiências sígnicas de criação e reificação, inovação e reprodução mimética. Apresentam-se como processos de entecção da sinérgica adaptativa nos quais estados organísticos internos são tomados ao seu ultrapassamento pelas qualidades entrópicas que caracterizam a experiência externa. Em correspondência as atividades mentais de associação a elas vinculadas constituem-se semioticamente como os planos de significação da realidade.

A natureza auto-poiética inerente aos processos integralizantes dos organismos vivos permite supor que haja limitações incorporadas nos processos ao desempenho próprio do apetite funcional, os quais de certa forma levam e deixam as marcas de sentido de sua manifestação indelével. As atividades biológicas estão de propriedades semióticas integrativas, espécies funcionais de estruturas genéticas hereditárias que se manifestam ao exercício da inteligência.

Nessas estruturas o sentido informacional dessa orientação semiótica tem na expressão dessa universalidade funcional da razão, o “ipse intellectus” piagetiano à consistência do observacional abstrativo peirceano.

Nessas ocorrências textuais unidades sintagmáticas puderam ser recortadas como núcleos de substância semântica, enquanto movimentos comunicativos vibrações residuais de contacto entre sistemas comunicativos vocais e não-verbais.

Tratam-se de dimensões sígnicas limites constituidoras de modos de significação pertinentes a uma expressividade da linguagem em modalizações de fala. Esses modos de significação constituem-se processos semânticos significantes aos limites verbais e não-verbais para valores cognoscíveis no âmbito das aberturas



comunicantes proporcionadas por ordem de sistemas que regem as comutações em propriedades “apetitivas” diferentes de implementação.

Essa expressão orientadora se faz procedente a determinações originadas conforme em unidades de sentido culminem nessas formas de subjetificação preliminares aos processos consecutórios. À ordem complexa dessa racionalidade conjugam-se isoiéticas tanto ao caráter cibernético linguagem como a física que se encontram na operacionalidade funcional complexa da aproximação dos sistemas semióticos. Enquanto domínio do cognoscível, o jogo complexo das formas possível dessas relações fundacionais. Jogo dinâmico de ajustamento do lógico ao psicológico em que modos de inteligir não são supostos como únicos mas ao ritmo integrado e harmônico dos processos evolutivos dessa naturalização para a inteligência enquanto especialidade humana, os sistemas semióticos na fronteira sutil com o objeto cognoscível atuam como capturadores mentais de índoles descontínuas, dimensões que permitem as gradações signícas.

Aproximações, distanciamentos e língua poética

Nesses recortes textuais podem-se ilustrar as relações aproximativas dos interpretantes com o objeto enquanto signifiquem como correlato ao seu nível de repertório conhecimento ao que incide a terceiridade intensificados pelos vínculos de escolarização em escalas sistemas referenciais de representâmen da flor por unidades discursivas que recortam ilustrâncias elaborativas os sujeitos por virtude das formas verbais presumíveis da percepção representam, a procedência de uma competência imaginativa. O objetivos posto acomodativamente na escrita para o sujeito conservando, reproduzindo e transformando nos níveis de desempenhos os movimentos convencionados de combinação dos núcleos das estruturas cambiantes reduzidas daquelas materialidades.

O contexto da espacialidade constitui-se ao pano de fundo desses distanciamentos correlatos às descontinuidades ao serem ativamente observadas do que podem ser adequadamente abarcados pelos autores do texto enquanto planos de significação em sistemas significantes na escrita.

Segundo as aplicações plásticas dos autores dos textos é possível supor que níveis mentais dessa conveniência, à inerência lógica das diferenciações



envolvidas, estejam indiciados a partir das exteriorizações da percepção. Nas referências, esquemas figurativos atuam significação sensorial, texto não-verbal sobreposto ao verbal, no real concreto como processos psíquicos e lingüísticos envolvidos à intencionalidade entre o externo e interno. É possível que a temporalidade enquanto se faz explicativa, por funções lógicas adaptativas tempo de enunciação e torna-se perceptível aos esforços de combinação e associação na leitura manifeste-se pelos aspectos das geodésicas cognitivas da espacialidade, ao abrigo da interiorização dos esquemas visuais cinestésicos semiotizados como imagens, aos acabamentos da inteligência refletida.

O eu na autoria transpõe-se na escritura àquele que pode narrar através dela por uma fala, atualizando efeitos disponibilizados pela língua pelos esquemas mentais ativos as condições desenvolvimentais do pensamento verbal condição narrativa primeira da comunicação tácita não desenvolvida das formas verdadeiras de pensar o objeto inerentes a organização na atual se apóia. O eu no discurso vai realizar epididicamente a perspectiva do sensível, da efusividade, qualissínica. No que se contempla aos ritos adquiridos da linguagem, os signos lingüísticos pelos quais a materialidade infunde informação, a prevalência sinsínica se projeta da aplicação do pensamento como face demonstrativa, e ao entalhamento das relações interpretantes nas complexidades representativas legissínicas. Dá-se pelo efeito dessas combinações no espaço topológica triádico uma matriz como ponte de reintegração na organicidade considerada cuja objetividade e ao mesmo tempo remota quanto primeira do constitucional signo, paradoxalmente inatingível atua enquanto assimilação funcional na espontaneidade.

A flor constitui-se nesses textos mais como imagem apreendidas das formas representativas da significação atomística, representativas do pensamento às estabilizações ao contínuo cujo substrato é retirado dos significados do entorno social ao cotidiano. Emoldura-se uma entrada ao ideológico por uma forma icônica escapulário. No dos autores imaginário, o locus de assujeitamento que vai se definindo dos esquemas aos figurativos, surgem aos apelos de matizes da visão concentrando-se em ponto hilo exteriores e psíquicos internos, mas ao limite possível dessa inteligência de agenciamentos a emoção funções lúdicas expressivas, lógicos na capturação da



beleza e sedução paisagística as formas de reconhecimento que se espacializam, e sugerida do contexto impreciso em evocações e no nível das atividades possivelmente indicadas sob o sistema de notação alfabética reservada a plasticidade neumática sob o grafismo “ele sai por aí, voando”, esses sujeitos constituem como cartograma da mente.

“O pendor (Einstellung) para a mensagem como tal, o enfoque por ela própria, eis a função poética da linguagem sensorio e no esquema moveis conceitual da transferência do funcional”. (JAKOBSON, 1970, p.129)

Os estados mentais à relação do conteúdo cognoscível ao eu no plano da narratividade é compreendido em nível do eu do discurso. Na fala a interação acomodativa é que amalgama o leitor ao objeto. Enquanto se marca, a temporalidade na atividade discursiva, a linear pelos laços do conhecimento lingüístico a que se reportam a dá-se passe ao conhecimento reproduz-se no espaço cognitivo do leitor, ele mesmo compreendido enquanto agente da função performática, simpatética, interpretativa. Impõe-se na interpretação portanto a inevitável experiência abstrativa das significações topológicas em condições propiciadas às limitações combinatórias da estrutura esquematismo imagético. Tratam-se de formas ocasionadas durante as atividades distraídas do eu, como possibilidades simbólicas de entrada nas aplicações do pensamento enquanto atualização, re-presentação de tendências aproximativas à captação da inteligência viva enquanto atividade de figuração da realidade sensível, aguçada pela vivacidade teóricas dos entendimentos ônticas sobre os esquemas da associação na memória.

Aspectividades mentais implicativas as tramas no discurso narrativas a espacialidade e no tempo. Formas esclereonômicas reonômicas dimensões que preservam o caráter das significações paisagístico, efeitos associativos da iconicidade, das imagens na memória. Para Peirce (1995)



“Um signo por Primeiridade é uma imagem de seu objeto e, em termos mais estritos, só pode ser uma idéia interpretante, e um objeto externo excita uma idéia através de uma reação sobre o cérebro”

“Entendida como transformação do conteúdo, a narratividade é um componente da teoria do discurso. A narração constitui classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizados” [MORIN, 1989, p.21]

O espaço cognitivo fixa-se por uma grafilha abstrata à temporalidade, uma orla mais ou menos difusa a partir da qual se abrem à decifração como efeitos da relação sígnica ao complexo dinâmico, as inscrições imagéticas, as quais como dimensões sutis às colineares, contidas mas integradas, à seqüência das realizações diagramáticas concretas e singulares. Nessas expressões recortadas há traços desse fazer sintagmático ordenada de regularidades à pertença da finalidade nunciativa heteróclita.

Na representação pela linguagem escrita são objetos do signo, ao domínio virtual de certas perspectivas, os acontecimentos e percepções à referência das externalidades registradas na memória. Em nível de reconhecimento, as tonalidades emotivas paras as realidades sensíveis, singularidades, odores, nuances das cores, resistências, as quais mais, remotamente se prendem de alguma forma um conhecimento do objeto ao hábito. Enquanto substratos essenciais, expressivos sinalizam os movimentos desenvolvimentais da atividade adaptativa. A partir de capacidades de conservações nos elementos passivos, os conhecimentos acomodativos resistem se impõem como elementos de plasticidade orgânica.

Assinalam-se a deflagração da criatividade nas tendências ao domínio da situação por envoltimentos de núcleos de significado marcadamente de natureza envoltaria para aos significados emotivos. Assimilados à base das reações orgânicas semioticamente vinculadas têm as marcas da temporalidade na enunciação e percepção

têm em formas integradas comunicativamente pela escrita o ato de representação como formas signicas consideradas as relações interpretantes à materialidade uma vez.” O tempo narrativo é o tempo constituído em pensamento ... repousa sobre os mesmos princípios da construção da imagem - tempo na língua” [TODOROV, p.55]

Nessas coordenações as aspectualidades temporais de limite compõem-se das mesmas aspectualidades ideológicas nos modos expressivos, cujos procedimentos de base são a descrição e a narração, encontram como modos semânticos, automatizados para transpor as ordens cênicas naturais a serem vinculadas sintaticamente por veículos em nível holônomo, ao fundo das criações discursivas. Nesse plano em que as composições são da ordem do abstrato e figurativo, a plasticidade emulativa os sistemas são significantes. Dada a importância da função referencial, à especificidade de contrapontos, em literalidade circunstancial, às possibilidades efabuladas, às proximidades como objeto no discurso, cujo valor tomado enquanto conhecimento relacional interpretativo na fatual da experiência, no caso com a realidade da natureza vegetal e animal à confluência dos vínculos orgânicos limitativos, humanos

O conhecimento organizado ao relativização entre saber e arte, considerado a partir da perspecção dos agentes envolvidos sob a conexão dos vínculos cognitivos e afetivos exige uma abordagem de síntese, mas que ressalta polaridade adaptativa do ego à diversidade, o multidimensional. Essa função regulatória misteriosa ultrapassa afetos e cognições ao efeito de é sentido dada a fragilidade existencial, objeto do signo, que das relações com que se cala a natureza, da mente inquieta da espécie que se pode fazer bastar as razões e transcender as causas, fazer render a privilégio as melhores conjunções da natureza.

Os suportes das possibilidades resolutivas enquanto expressões lingüísticas, dimensões sintáticas e semânticas, formas abstratas difusas, formais podem ser explicativos em função de abarcar parâmetros de definição de uma linguagem da congruência, à pertinência do paralelismo das isomorfias constituídas com sistemas referenciais de similitude e entre intensidades estabelecidas por vias da seqüencialidade. Nessas vivências particulares há recomposição seletiva das realidades interiorizada aos sistemas de ressonância que acompanham os signos naturais

efarmônicos. Estes aspectos se registram aos sistemas de representação, pictórico, escultórica, os quais nos vários ritmos combinatórios emotivos podem ser indiciados se radicalmente sistemas de notação de objetos integrados na comunicação.

São possibilidades construídas às bases cognitivas de entrada da subjetividade humana nas realidades materiais, trans subjetivas e preparadas as tésseas de cifragem desse edifício figurativo da linguagem dadas as marcas da triangulação. Em suas interfaces ao fenomênicos o eu comovido atribui emotividade os objetos realidades e enquanto busca acomodar o condicional dessa sua subjetividade daquela se distancia da primeira pelas perspectivas na memória. Ao longo do desenvolvimento, em compreendida seu sentido lato, as experiências estão mistificadas, aos fio dos ritmos estruturações traçados e ordenados pela ecossistêmicas que formaram sinuosidades das inerme e anelado a envoltório da subjetividade a qual se acha contida regulada para estender-se e alongar-se dentro dos domínios empíricos de ajuste de sua fractalidade.

Memória ao léxico ou conservação e descoberta

A atividade biológica compreendida na acepção de princípio afim da natureza, que se prolonga às extensividades possíveis da inteligência e do pensamento demanda a convergência das subjetividades humanas e não humanas. Enquanto produzidas à causalidade indireta das relatividades biopsicológicas, nos interísticos das modulações ativas dos sistemas interiorizados. Nas representações sensoriais, enquanto modos escalares à conveniência das conjugações ecossistêmicas nas quais o acaso e a transformação são possibilidades do endógeno, à internalidade aos processos ativos da consciência e à externalidade enquanto se correlacionam substancialmente no misto, como entidades que resultem homogêneas em complexidade às direções eutrópicas no comportamento, ou ao descontínuo marcada à diversidade nas tendências eutéticas, heterogêneas ao que se determine às afecções do existente ao energético como quaisquer outros sistemas vivos.

Enquanto instâncias originárias subtraídas ou afirmadas ao contínuo como redundância ou tendências dissipativas, inibitórias podem ser suportadas organismicamente por sistemas de sinais de sua materialidade esses mesmos incluídos



na organização vital por modos disposicionais diferidos à compleição gramatical das possibilidades ordenativas da eficiência simbólica investida na complexidade de qualquer semiose. Algo como teoricamente situar um espaço ao remoto a própria facticidade implicada e ilustrada evolutivamente ao sentido teleonômico das formas, nos sínolos de Aristóteles às possibilidades dos princípios cibernéticos tão bem caracterizados nas complexidades. Na auto regulação equilibratória piagetiana esse sentido, na cognição da criança é a relatividade. Dessas constituições aspectuais em que se manifestam nas condutas as anfractuosidades para tracejar as tendências disposicionais reonômicas, parecem centralizados como caracteres potencialmente referenciais da causalidade subjetiva ao contínuo.

Ao modo em que os valores e objetos são ressaltados na assimilação dos autores, redundantes e paralelismo informacionais na campo simbólico semântico e pragmático às ocorrências psico-filosóficos investidas em que as qualidades sensoriais e táteis cinestésicas nesse aprendizado natural envolvendo objetos e seres relacionados ao contexto inferido ao “sumiço da flor” dos esquemas de memória vinculados à escrita. A gramática enunciativa dessas falas sugere as possibilidades narrativas quase primitivas dos objetos desse fazer comum ao fundo das refrações subjetivas individuais quanto de grupos sociais na articulação de sinais generalizados na natureza, a inteligência das antecipativas, auto-suficiência recompositiva global à cobertura de aspectos vitais cuja mesma funcionalidade de semiótica acompanha-se de múltiplas formas de sua manifestação potencial. A investidura natural ritualizada por motivos simbólicos, gerais refratam como ideologemas nesse campo fronteiro de criação de significados contextos místicos e alegóricos constata-se elementos suportadores índices acompanhados as funções símile-lexicais apresentado nas palavras selecionadas na enunciação também referências expressivas de forças de elementos à consecução de efeitos objetivos, à exterioridade das manifestações.

De alguma forma, reitera-se por uma escala diferencial na aplicabilidade das leis do pensamento, a dimensionalidade em que relatividades se fazem heterônomas e ou autônomas nas relações entre os seres, culturas na incoatividade ecossistêmica tão bem quanto tão mal como ao mesmo modo ao mesmo Platão de tempo de Nietzsche quanto de um renascentista um Leonardo da Vinci e de



um La Fontaine, Spinoza, um Einstein, para se voltarem às univocidades interativas com o espírito minimalista dos seres, crianças e árvores, animais.

A idéia nessa sensorialidade faz-se do que é representativa ao interpretante, terceiridade na linguagem, nessa natureza dinâmica a tessitura conjuntiva que possibilita ao sistema a distinção específica entre contrariedade e eficácia, na organização comunicado irradiativamente a partir de qualquer estímulo, sinal natural servindo para efeitos unitivos e de sua sustentabilidade.

A criança aceita tanto o gato, como o cão, como “flor” correspondentes representativos dessa travessia do pensamento, enquanto um “cuidar no discernimento” inspirado nessa consciência simpatética.

“Um signo é fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos [todas as ações, reações e novos signos que elegera no meio circundante] aprendem na experiência exterior.” [BAKTHIN, 1995, p.3]

A extensividade e ou constrição ao simbólico não extenua a capacidade de renovação à potencialidade originária da fonte fundamento dessa natureza generalizada da inteligência nos signos, mas refratável à delicada travessia da intencionalidade na psique.

A psique é transição, por isso tem de ser definida sob dois aspectos. Por um lado, ela dá uma imagem dos remanescentes e traços de todo o passado, e por outro, mas expressos na mesma imagem, os contornos do futuro, na medida em que a psique cria seu próprio futuro. [JUNG apud Fromm, 1964, p.75]

Como FAZ, o signo identifica-se

Cada signo, ideológico é não apenas o reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo. [BAKTHIN, 1995, p.3]



Ludismo e estética

Poesia

*Voando num sonho eu vou
como um pássaro livre no ar
cada vez que me solto
mais livre vou voar*

*A noite já vem chegando
e continuo voando
não canso de voar
pois para mim não posso parar*

*A Lua lá no céu
bonita como sempre
paro para descansar
e arrumo um lugar para ficar*

*Até de manhã eu fico
depois recomeço
a voar e voar
para nunca mais parar*

*EE Gabriel Monteiro da Silva
Professora Magali 28/04/99*

*Karina Ap. Borges
10 anos 5º serie "B"*

Descrição Dinâmica



VALORES

A primitividade dos movimentos ostensivos que se experienciam como efeitos conexionais paralingüísticos, que subordinam os sentidos compartilhados, impressões de conjuntos que evoluem das categorias gramaticais denotativas gramaticais e figuras relacionais, estabelecendo-se ao espaço informativo, representativo, na conduta verbal interpretante da participação total na imanente corpóreo dos autores, do qual se infere um plano de significação consecutivo às internalidades, externalidade cerceadas ao fluxo das relações de pensamento ao sumiço da flor. Ao encadeamento, às orientações discursivas nas narrativas, a centralidade do eu definem-se as redes de envolvimento psicológica as bases cognitivas gerais e diferenciações e dedutivas à causalidade psicológica e filosófica. “Em cada momento os únicos fenômenos internos que apresenta são o sentimento, o pensamento e a atenção. Sentimentos, pensamentos e atenção são todos cognitivos”. [PEIRCE, 591, 1993, p.308]

Da espacialidade e temporalidade ressalta o figurativo, a imagem. Nas aspectualidades descritivas, os textos manifestam-se primeiros cartogramas estilos. Semanticamente, estão enredadas às funções lexicais, as dimensões derivadas da atividade mental são do caráter necessário da significação, a base da comparação. Algumas categorias conceituais se fazem prioritariamente significantes e ressaltam como o fazer epistêmico se vincula às competências de uma heurística de representação para o desenvolvimento nessas crianças de uma heurística de representação. A ordem, a regularidade que evolui à objeto de dominância, composicional que se assegura pela linguagem, permitem a leitura colateral das operações daquele indicado pelos conhecimento, signos, na atividade da linguagem difundem a significação, o interpretante na sua descoberta relação na terceiridade. Dessa leitura relacional se destaca o objeto sob a experiência de decifração e cifragem na dimensão simbólica, racionalidade, logos assumida à subjetividade corpórea individual e da à cultura à dessa natureza à ação integralizadora do sistema orgânico como língua e fala dialógica. Algumas linhas definem-se como isoiéticas, abstraíveis as que derivam de observações e afirmadas na natureza paradoxal da experiência de aprendizagem da expressividade

caracterizadora do ser da “flor” dispersivo. As metáforas, metonímias, sinédoques de algum modo correspondem ao horizonte biológico ao que sempre parece se manter asseguradora como constante distante distante ou próximo do devir nas recognições e evocações, como significação indispensável nas atividades mentais aos resultantes sentidos conjugados. A expressividade da linguagem nessa dialógico com o pensamento diferencia-se em um nível de significação entre banal e informativa dado que se pode presumir que espontaneidade e informações ao sentido ecossistêmico, como significação ao contido e asseverado do caráter definitório manifestada de algum modo referenciado no signo em indicações si mesmo, na relação objeto, as possibilidades abertas os esquemas leva a detectar operacionais que compõem a estrutura auto-regulativa, à instância discricional dos esquemas interiorizados integrado a linguagem e do pensamento, pressupondo-se nos fundamentos projeções e retraduições arquitetadas pela inteligência assimilativa na memória.

São assim encontrados, à dominância da imagem, os hipóicones dos recursos metafóricos. Ao sentido dessa expressão harmônica, na semiose a qualidade na evolução à estética vivida, familiaridade no deslumbramento tem-se um interpretante no sentimento. Ao conflito da moralidade, fonte do bem tomado ao único leite do didatismo na evolutiva natureza relacional do padrão convidativo e dessa captura normatizada, efeito resultativo dessa subjetividade de todos e de um. O aprendizado pela palavra que o sujeito epistêmico poderia reconhecer como que resulta a cada vez mais como uma identidade vital no que ao insurgir na consciência cósmica disseminar como juízo de humanidade na simbólica proposição enquanto semente na inserção na cadeia semiótica do afirmado do pensamento dialógico.

À conexão mental com o leitor se sustenta o interpretante emocional, ao objeto imediato, à referência sentimental possível ao evento na realidade. Nesse sentido os textos são índices, nessa relação mais direta com o objeto linguagem e memória nas quais o objeto dinâmico se faz mais aproximado à leitura significativa do mundo, ao entendimento afeto ao controle à própria linguagem, ou seja, à completude da relação interativa na qual os signos se recompõem e se interpretam à horizontalidade e à transversalidade nas vias sinsígnicas por vezes degradadas da linguagem, às afecções,

contudo nesse nível psicológico-sociológico, que se põe à objetividade, uma antropologia do conhecimento à uma gramaticalidade genuína na atualização e na fala.

Em outro estilo mas com um efeito à mesma intensidade do sentimento impacto pessoal, material da desarborização de São Paulo, de certo modo do fazer que arruína a competência relacional, “felicidade biológica”, “felicidade pessoal e felicidade social”, impedindo as indicações do instinto ao afastamento com a natureza.

Eu costumava passar por lá só para vê-lo, e detinha-me diante daquela maravilha vegetal-verdadeiro buquê de florinhas com toda a gama do lilás e que perfume!...Ao voltar da Argentina, fui no dia seguinte ao Largo Paiçandu visitar o “meu pé de manacá”. Já não existia. Tinham-no cortado.

Por quê?

Ninguém sabe.

[LOBATO, 1959, p. 112,113, p.234]

Outro aspecto autobiográfico ressalta a crença nessa causalidade natural ao fluxo energético vinculando os seres na vida, ligados por sentimentos como “simpatia e amizade” – “influência metapsíquica”...**E a distância física não separa.** (LOBATO, 1959, p.185)

A complexidade metarreflexiva dos processos envolvidos na “arte” aspada ou modernista. Insistiam em “mensagens” e outros esoterismos pareciam-lhe provocativos, agressivos, talvez, essa simplicidade essa poética sincera do cotidiano sem artificialismo, ao realismo lógico que se desenvolvia do ingênuo que Lobato defendia, e talvez o levasse a essa sensibilidade cognoscitiva a reagir ante os modos modernistas, que ousavam a usar a “palavra “fotografia”, dita em tom de piedade, definiam todas as obras de arte que não eram da panelinha” (Lobato, 1959, p.173)

A importância do modo de aquisição de interpretantes lógicos parece dominar o horizonte de inferências de Lobato, ao cisma aberto entre a relação . Indica desse diagrama forma informacional o plano das significações vinculados aos aspectos enunciados, determinantes gerativos dos processos mentais. Enquanto fundados em fontes de vida, à base de consonância possível ao movimento e sentido das tendências

instintivas, produzindo-se como interpretantes dinâmicos as condições recompositivas dessa colateralidade discursiva do eu receptivo a sua alteridade própria a forma atualizada na identidade cósmica da humana, afetos a essa subjetividade relacional. Na interioridade do signo, na qual a manifestação da atividade biológica seja considerada nos vários níveis de representação generalizada da inteligência e do pensamento, signos-pensamento na linguagem unificadora no mundo atendem-se axiologicamente ao que a conduta individual possa antecipar à aproximação nodal à árvore viva do conhecimento à mesma perspectiva de sua própria operacionalidade fática, o que significa ascender e descender na mesma seiva bruta e elaborada, atendendo ao mesmo na recorrente magnetização dos objetos à consciência na história.

“Formas evolutivas o esquematismo subterrâneo da informação e a linguagem da cibernética. É essa assimilação a preceder a acomodação que exprime o simbolismo inconsciente, em continuidade completa com o simbolismo consciente”.
[PIAGET, 1978, p.265]

Na cultura das formas de inferencialibilidade sintética e analítica peirceanas entrelaçam-se como modos científicos hipotéticos teóricos e técnicos. Nessa dimensão representativa à escrita podem ser reconhecidos como especificidades as formas hilomorfas, nematomórficas nas quais a materialidade parece inscrita em prolongamentos filiformes, ciliares, ao princípio biológico à significante estenia e estresis, à consistência basal das realidades corpóreas orgânicas. As determinações possíveis daquelas estruturas formais parecem partir difusamente dessas matrizes hermiticas, em formas lógicas persistentes, continuando contudo o espectro referencial indicial, simbólico à linguagem tomada para qualquer atividade análoga que se fizer consecutiva. Numa dimensão teórica cosmológica mais ampla, a linguagem possivelmente inclua essas formas substitutivas reinscritas para significar, imediata ou mediatamente à consciência à redundância comunicativa, à materialidade.

Esta substancialmente envolvida com a informação dada à natureza cibernética da organização, responde a princípios que a harmonizam enquanto relatividade para as qualidades transmutativas, do pensamento aos sistemas de sucessão



aos signos lingüísticos conservando-se nas passagens transformativas ao contínuo na relação do pensamento que se prova a deflagração representacional. Estruturas de conjunto integralizam-se nas relações pensadas sendo que as coisas e a atividade mental parecem realmente consistir desses modos subjetivos transacionados à materialidade. Enquanto “ritmo” da natureza na sucessividade lingüística funcional há incrustação e alongamento de elementos, tanto as fluições de Heráclito tanto quanto o subterrâneo ao princípio ígneo “Todo ato é informativo. Mesmo quando nele predominam quer a expressão quer o apelo, nunca os conteúdos emotivos e volitivos, para assumirem forma verbal, podem deixar de se intelectualizar em maior ou menor medida”. [BENVENISTE, 1995, p.48]

A varredura dessas transiências discursivas impõe esses movimentos mentais que a língua arrasta dos demais seres compreensivos e extensivos. À carga de “implícitos”, das vozes inarticuladas, a intencionalidade enigmática envolve multidimensionalmente o efeitos das ações e das formas tomadas aos ciclos ondulatórios (Sapir, 1961), às vias fáticas linguagem contudo se estende, refratam diferenciam-se, variam (Labov) exteriorizando-se uma trama esvaecente dessa estrutura de perpetração de efeitos e fenômenos espontâneos ocorrentes como degênere e originando-se ubiquamente. Aos deslocamentos, movimentos se reversíveis ou irreversíveis, externos, sugestivos dos internos, os desvios adaptativos são significativos, enquanto fâneros, detectáveis às interconexões vivas com o objeto, à consciência, nos processos de significação relacionais à prevalência semiótica tanto sob o ponto de vista físico, psíquico e social, inerentes à produção de signos lingüísticos. O caráter explicativo do sentimento “polissintético”, surgido como traços fusiogênicos de saliência apropriáveis numa lingüística morflexional em Sapir, afinidades de similitude fonológica em Jakobson e Saussure. Correspondem aos aspectos insistentes, dessa sutil resiliência pois imprecisa à totalidade e abrangência de efeitos de complexidade analógica e topológica de natureza sensivelmente ondulatória, possíveis princípios ativadores do estilo cuja maior plasticidade e ou fluência correspondem a esses efeitos sugestivos das imagens e uma vez diagramatizados, ao modos potenciais constitutivos desses alongamentos e ou retratabilidade, resultam organizacionalmente num complexo metafórico, de cujo

caráter estigmológico apreende-se à significância, representatividade icônica simbólico dessas marcas textuais de viscosidade e enquanto se possa assemelhar ao contínuo, à detecção de picos de reflexão em sentido físico e ao cunho epistêmico, psíquico e ideológico à linguagem, os gradientes de elaboração dessas descontinuidades em acepção inferencial criam elementos seletivos e diferenciais. Em modos exteriores específicos essa recepção e atuação aos polos de interatividade, significando circularidade e ou à fixação desses centros irradiativos, à extensividade. Desses círculos mais ou menos concêntricos da vivência da sucessividade o manetismo mesmo das “falas”, esferas de convergência aos cristais à gematria, a geometria, o número ipagórico.

À interioridade, as gradações, os modos coordenativos alegóricos podem ser considerados propriedades discursivas auto-referenciais enquanto se possa presumir a semântica da subjetividade ao ato de enunciar, à atenção de compreender epistemicamente a identidade toda na hipótese representativa, assertiva e ampliada dessa possibilidade originária, à secundidade, repleta ao eu vivido na forma do estranho e como alteridade ao signo exterior. A intensificação ou degenerescência nesse nível de relação, os interpretantes categóricos, ao modo de apresentação da moralidade, à metafísica da cognição vivenciado dos costumes do concreto de Kant, resta a reação de projeção da sua destinação ética, ao que signifique à conduta futura e à presentidade. Ao contínuo, manifesta-se o mesmo ao realismo ambíguo, contrastes, evocações sofrimentos, interpretantes às relações corpo – a – corpo descartianas. Essas formas paradoxais defensivas ao limite do rompimento à tenacidade, à fragilidade epidérmica humana, à compulsividade, ao mascaramento nas mesmas formas tomadas aos vínculos concretos da subjetividade, à animalidade, à vegetabilidade na relação conexional física (Maturana), culturalmente eivada dessa adaptabilidade, à harmonização que se desfaz em assimetria aos objetos enquanto criam efeitos na mente do intérprete.

“Que é que o signo – pensamento nomeia – qual é o seu suppositum?
Resposta: a coisa externa, quando é ela que é objeto do pensamento. Mas como o pensamento é determinado por pensamento anterior do mesmo objeto, só refere à coisa pensada denotando este pensamento anterior.” [PEIRCE, 285]



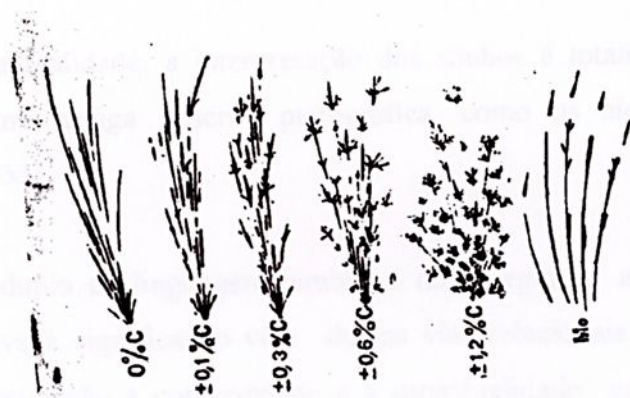


Figura 2.2 Aspecto das faíscas produzidas por aço comum com teores variáveis em carbono e por aço contendo molibdênio. Fonte: Enciclopédia Técnica Universal.

São inerentes nessas complexidades as angústias contemporaneamente coletivas do mundo coletivo de Lévy e Morin, significantes recorrentes ao mundo da representação de Shopenhauer ao sofrimento em Deleuze, Bachelard em Artaud, Almeida, à convivência do imemorial dos estilos entre picos líricos lúdicos dramáticos, trágicos. Os conflitos ainda são mais importante para pensar a existência como âmbito indicial ao princípio de realidade. À *pulsão da morte* e suas formas tanto são terapêuticas como copuladoras às idéias e podem ser lembradas a esses interpretantes dinâmicos emocionais usuais, lógicos, à cognição motivacional etimológica de Freud, e suas derivações arqueológicas, arquetípicas prolongando-se as formas preventivas aos “comentários” na linguagem de Lacan ou genealogicamente, às criptografias abduzíveis aos modos das imagens símbolo de Yung.

“ Na realidade, a interpretação dos sonhos é totalmente análoga ao deciframento de uma antiga escrita pictográfica, como os hieróglifos egípcios” [FREUD, 1997, p.153].

Ao duplo da linguagem lembra o duplo egípcio, aderindo a mente à experiência instintiva à significação viva dessas vias relacionais. Desses modos de encapsular a aproximação à corporeidade e a espiritualidade emergindo ainda um efeito formal de excedência, à vivência daquilo que Benveniste chama “sinalética” à interpretabilidade onírica, elevando-se ao limite artístico na expressão hermética, monumental, o tertium dessa totalidade de vivência, ao estranhamento consciente próprio ao ser humano capturado pelo conhecimento às palavras, a realidade sintagmática ao signo-pensamento. Essa interação íntima parece restar o bastante em significantes, os quais dotados das capacidades inversíveis, aos efeitos de sentido, aos simbolizantes e simbolizados que se insinuam à gramaticalidade ainda nas formas hieroglíficas, com quais suas resiliências são imagens cristalográficas, gematrizadas continuam magnetizando na inteligência, expressividade aos ciclos civilizatórios irradiando o mesmo na estrutura adaptativa à diversidade e assimetria dos contornos, aos fâneros, os signos da subjetividade harmônica à realidade teórica cosmológica do pensamento.

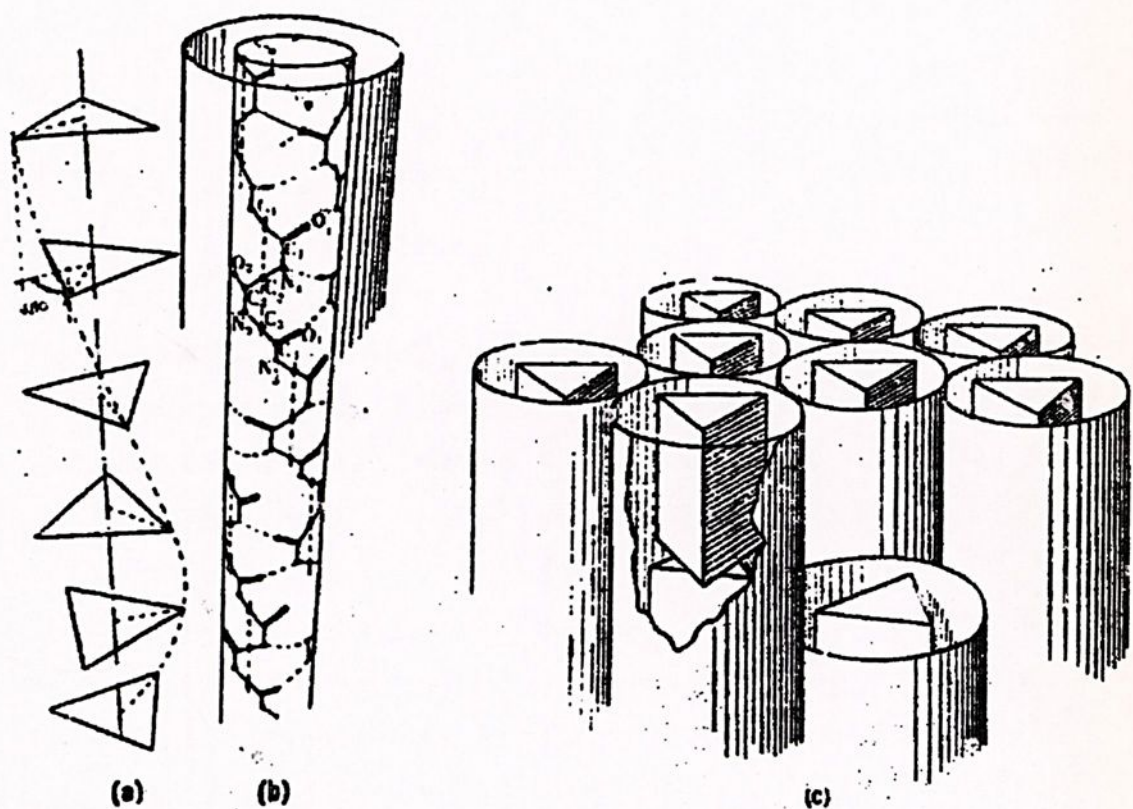


Figura 2.4 (a) Disposição helicoidal da cadeia polipeptídica. b) Fibra de colágeno unitária com os limites máximos de intumescimento. c) Feixe de fibras colágenas . Fonte: Enciclopédia Técnica Universal.

Às possibilidades vitais, realizam-se tanto nas intrusões orgânicas e inorgânicas e nas formas dos desgastes à contingencialidade, as mesmas formas dentrícas e dessa se codificam aos novos acessos, às novas funções sinalizadoras, ao fluxo constante da adaptação, o pensamento contínuo, a cifragem cultural e natural.

Especificamente são as formas dessa especificidade gerais que ao se sucederem devem permitir-se ao átimo desse deslocamento, faneroscopicamente à uma apercepção osmótica plasticidade e a elasticidade, constituindo-se os reogramos das composições, humanas orientadores das escaladas auto-organizativas, as possíveis ascendências e retrações. Às possibilidades de apreensão da fluência, aos discursos de hipertextos, ou dessas inteleccões diferenciação, dessa calculabilidade genética da inteligência ao tempo e à margem da tensionalidade, a resistência estimável nos processos. A flor, “o sumiço da flor” : como possibilidades intensivas magnéticas à natureza da aproximação orgânica ao componente intersubjetivos energético, às orientações dos estigmas restam as formas circularidades ao trabalho, ao que persiste ao limite do frágil à tenacidade, subjetividade na qual se equilibra como produtos identidade possam ser estabilizados, conservando-se concêntricos às vias polarizadas. Ao contínuo se mantém uma significação ao modo absoluto da coerência e coesão dessas abstrações, precisões e abcisões. Vivenciando-se as discontinuidades nesse fluxo contínuo difusamente, criam-se à expressão dos sentimentos os signos interpretantes simpáticos, ao entorno desses núcleos de cognoscibilidade à familiaridade das formas vibratórias, percussivas, ressonativas, depreensivas da afetividade evocada nas expressões das reatividades os signos energéticos. À referência cognoscitiva representacional ao interpretante imediato, remete-se à evolução de interpretantes categóricos, as soluções escapulárias das experiências em polaridades paradoxais representam realidades essencialmente faneroscópicas. Ao concreto simbólico das palavras a iconicidade da dispersão produtiva da inteligência refrata fragilidade multidimensionando, na abertura termostática da palavra viva, a unicidade relacional corpórea da inteligência no entendimento integralizado da “flor” suportadora da mesma na sensibilidade cósmica.

Por complexos jogos interacionais, a partir de uma interação physis e psique auto-sustentada à língua comum, técnica, literária e científica, presume-se que

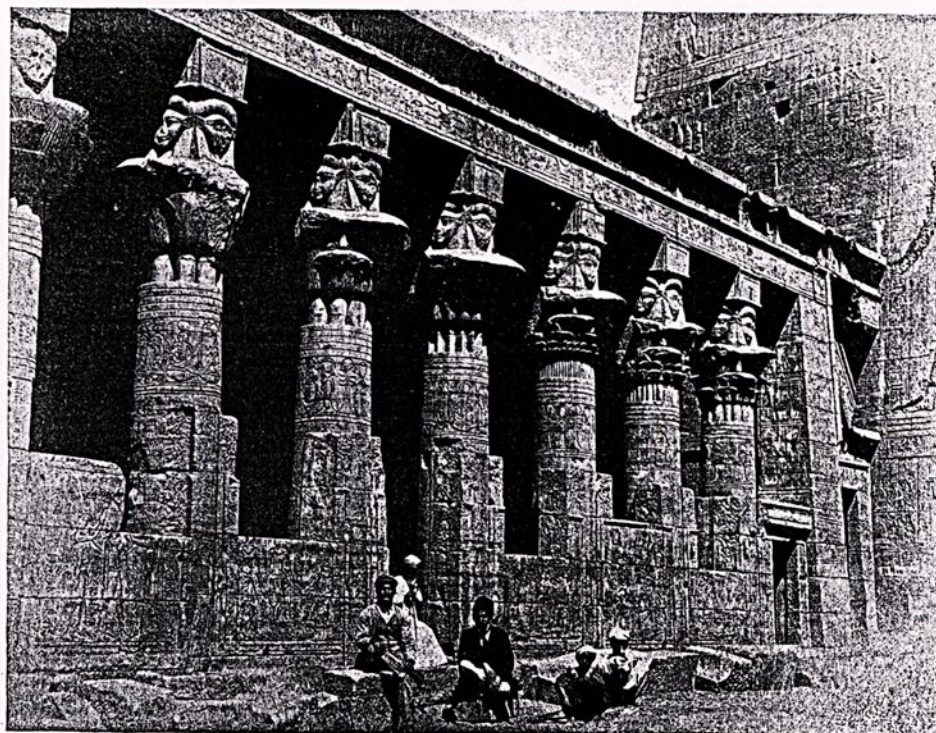


aos processos e mecanismos integradores de outras realidades orgânicas, possam ser considerados consistentemente, nos modos estilísticos de atuação, retrospectivamente na mesma profundidade relacional envolvida nessas potencialidades sógnicas, à expressão lexical dessa complexidade . A equipotencialidade em nível ideológico ao espectro de uma dimensão axiológica simbólica a representação em uma ecologia cognitiva concreta talvez aproxime a interpretação filosófica marxista. Às transiências e resiliências das funções transaplicativas do pensamento, à relação de reciprocidade indireta que permeia as estruturas solidárias cooperativas, uma estrutura de conjunto, surge naturalmente dotada dessa pertinência sistêmica do esforço de compreensão do possíveis reais aos desdobramentos de expressão da criatividade, ao que signifiquem à competência semiótica humana exercidas das épocas na atual leitura cibernética dessas possibilidades à inteligência cósmica.

A essa dimensão relacional translata complexa, contudo, os corpos ambientes podem também ser referidos ao modo de Newton como “corpos incluídos com a parte exterior do todo em relação à interior, como a casca em relação ao cerne, pois que, movida a casca, o cerne como parte do todo, se moverá, sem translação da casca vizinha” [NEWTON, 1983 , p.10]

Dessas tangibilidades às afecções, um ponto de fuga à esterilidade das explicações organicistas e um pensar humana relacional, às micro afinidades moleculares, as representações que podem ser objetivadas ao que transientemente comungam às dispersões energéticas, o esforço receptivo aos efeitos insinuantes de aspectos residuais, resistem em centros fixadores da subjetividade à linguagem . Das reatividades corporais sofridas sensivelmente à velocidade dos processos lançados ao risco de sua finitude, à destruição e ou possível transcendência, ao que à excedência e significância dos signos pensamentos acompanham uma experiência viva colateral ao pensamento comunicativo, o signo pensamento como representamen da cognição desenvolvimental infantil às possibilidades dessas réplicas, interpreta essa inteligibilidade sutil sempre abrindo enigmaticamente novas vias hipotéticas na compreensão do Universo.





COLUNATA EM PHILÉA

Dessas qualidades representacionais, das intensificações elípticas nesse trabalho, à surpreendente equipotencialidade de precisões e especificidades, os isomorfismos nos modos técnicos das adequações práticas a que aderem também implícitos e explícitos verbais e não verbais, concedem a medida fática sensível e intelectual mas com que surgem aos efeitos mentais, totais da alma infantil. As expressões das crianças criam interpretantes às destinações das competências inferenciais hipotéticas que surgem ao enfrentamento cotidiano da indeterminação, constituem-se estes nos possíveis reais na própria estrutura, das ativações, signos usuais nas bases interativas mais simples e fundamentais, presas contudo de um paradigma sociológica do conhecimento enquanto coexistência. Restam nesses enigmas reais às permanências das descontinuidades interativas às narrativas, essas imagens sentido orientadoras naturais às sucessividades e circularidades, cultura das indeléveis diagramações aos significados topológicos e intersticiais dessa transformação. Ao que compulsoriamente simulam ao esforço próprio do atravessamento substancial, à penetrabilidade possível dessa materialidade que se pode corporificar ao signo-pensamento.

Aos estudos integrados presumivelmente pertence essa realidade da iconicidade na linguagem informacional metáforica das matrizes herméticas substanciais potencialmente indiciadoras e explicativas da natureza relacional das estruturas integradas do pensamento. Ao âmbito das apoptoses orgânicas e à emergência dessa plasticidade pertencem os efeitos dessas explosivas erupções sónicas o mais intimamente cruciais da realização viva. A esses convém essa racionalidade epistêmica em sua generalidade molecular extensiva de todos aos seres vivos, e às próprias cristalizações são anunciadas usualmente à terceiraidade como formas exteriores subjetivas semioticamente arquetípicas na estrutura cognitiva integrada. À linguagem abomine para o “bem ou para o mal” as metáforas existenciais concedem a expressão frágil, neumática cosmoreferencial da identidade à subjetividade humana. Das propriedades subjetivas enquanto surgem com elementos de viscosidade admissíveis à linguagem dos signos exteriores, importam às resistências, a percussão, a contractibilidade, a plasticidade significativamente esclerônoma ou holônoma à detecção própria da representatividade, da fragilidade subliminar. Dessa

integridade, em níveis de imprevisibilidade as possibilidades metamórficas ou anulativas envolvem os riscos aos processos de assemelhação, a o que biologicamente a assimilação funcional aos movimentos enquanto são representativos de um estro, à engenhosidade natural às detecções recristalizadas ao conhecimento à integralidade de uma expressão antropológica, epifânica à realização biosocial na sua própria realização elaborativa à linguagem.

Das sutis detecções de orientações hilemórficas, fotomórficas, reomórficas e tendências xeroquimêmicas, estruturas sécteis são implícitos sintagmáticos dessa interpretabilidade nemática a ser conferida às vias da memória ao léxico, às palavras. À referência na inclusividade interativa das reatividades ao tempo cosmoreferencial das queratinas, porfirinas, os seres parecem apresentar às afinidades fisiográficas e aos ritmos internos às modulações externas indiciam repulsão, interações orgânicas e inorgânicas integracionais das quais a inteligência instintiva permite-se expressar aos interpretantes emocionais, energéticos, às qualidades isotropicas ou anisoterápicos que refratando das estruturas exibem, signos óticos, os padrões singularizando posicionamentos, o múltiplo e a unicidade às projeções, tomadas às expressões cintilantes à diversidade as qualidades cristalinas essencialmente harmônicas e congruente aos elementos à coesividade.

A fixação dessa referencialidade exterior da identidade inclusiva funcional, na transparência teórica das finas aderências e passíveis de colagens abstrativas da opacidade constitutiva, lança-se desafiante à unidade compreensiva simbólica aos correlatos dessas circularidades. Às ambigüidades da vivência em profundidade da língua portuguesa aos horizontes genealógicos dos fatores dessas derivações locais, geograficamente significativa à extensionalidade dos efeitos transculturais como se possa lembrar a um Milton Santos e ao espaço cognitivo da concretude de Paulo Freire, nos quais fatores sociais e culturais na unidade do substrato, semioticamente representam na arquitetura da geodésica antropológica das relações e no que atualizam à linguagem biológica. À especificidade formalmente idêntica dessa matriz sígnica da adesão constitutiva aos processos informacionais da vida na varredura indexical dessas metáforas, às categorias macro degradativas na própria natureza da linguagem, as micro estruturas contínuas do poder da



sensibilidade, transcendem à realidade metapsicofisiológica ao trabalho humano. Desse ser e estar teórico irradia-se, à atenção dos vascularidades e velames da subjetividade aperceptiva, às representações na reserva da racionalidade a realidade adaptativa do signo- pensamento.

No colagênio, a imagem sentido anterior e futura representâmen funcional orgânico e cultural dessa epidérmica ruptura da fragilidade na inclusividade da humana na atualidade cognitivo da razão à espaço-temporalizada. As influências às descontinuidades, as fórmulas expressivas, das alterações às imagens sintéticas, às diagramações tensivas, à constituição da natureza epidérmica da flor, surgem as idéias axiológicas nas excedências das cargas energéticas, semioticamente abduzíveis, *inconicidades* pontuadas à expressão aos risco das abcissões ao fluxo ondulatório inevitável dos modos das magnetizações possíveis aos fluxos eletrificados do pensamento na vida informatizável no tempo-espaço.

Dessa sensibilidade suportada na inclusividade assertiva ao pensamento, conservando-se ao signo exterior e interior o grau de variabilidade, ensaia-se ao signo usual do “sumiço da flor” a sugestibilidade da dureza às possibilidades reais de um conhecimento aos sistemas de contorno, mais aprofundado, ao risco dos epiclinos da natureza viva, contudo e a despeito dos desvios de irregularidades das desarticulações, holótipos podem ser lançados aos vazios e abismos subterrâneos, à emergência das incertezas às sombras, aos processos inevitáveis de retractibilidade às perturbações. Das actínias, ao sumiço da flor seria possível ao lembrar Piéron, pensar às vias psicológicas os sistemas interativos à interface zoosemiótica (Sebeok, 1976) os sistemas antroposemióticas às vias representacioanais do próprio Universo discursivos.”Chamaremos Universo do discurso ao contexto universal dos objetos em que está compreendido o contexto extraverbal imediato (ou uma sua parte) peculiar a este particular ato de fala” [BENVENISTE, 1995, p.364]

Situando a desantropologização, à análise da ciência cognitiva a questão da redefinição em termos críticos extensivos piagetianos e não piagetianos surge com os estudos em biologia molecular, quando se recorre à noção de informação, ao que semioticamente parece se distanciar mais da linguagem humana e de seus significados uma vez que a regularidades dos processos biológicos são designadas



com novas expressões “código” e “programas genéticos”, agora são chamadas estruturas informacionais, às vias sociológicas científicas interpretativas do conhecimento.

Um dos aspectos mais importantes do desafio epistemológico quanto à dimensão antropomórfica sob a palavra parece surgir do paradoxo do isolamento da própria perspectiva que a possibilitou, assim uma questão de princípio estabelece-se sob as teses fundamentadas em uma concepção qualquer de informação. Seguindo-se o raciocínio de especializado de autores reconhecidos na área, que se as estruturas do genoma se relacionam às proteínas, por uma ordem nocional da informação dependente do que seja o das exigências da metodologia física, há de se repensar o caráter preciso quantitativo sob a palavra informação, ou seja, observando a natureza da vinculação possível como mensagens lingüísticas, “utterances” ao receptor da “mensagem”, informação na linguagem integrativa comum às teorias cognitivas, conforme significando essa referência signica ao que possa se adequar à terceiridade elaborada ao pensamento das assimilações hipotéticas e analíticas (Pereira J.A. e Maria Eunice Gonzales Quilici., 1999, 2001)

Nessas representações esquemáticas, signos pensamento surgem à exterioridade e à interatividade da semiose vivida em tempo real, na tricoexistência com que suas réplicas integralizam, solucionando de forma explicativa autoportante, muitas das intrincadas relações na compulsividade com que questões são recorrentemente apresentadas e longamente subjetificadas significam à interpretação da própria ontologia dessa compreensão epistêmica **“O Índice é o meio comum aos interlocutores”** (Peirce 318) e nas possibilidades de ser um **sumissigno icônico(rema)**.

Importa dessa experiência à transformação a interface simbólica dos conceitos. Para Benveniste essa explicitação possível e como pertinente à competência simbólica, constitui-se às funções compreensivas interpretativas antropológicas de nomeação das realidades, “a representação simbólica”, ao eixo, “da fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade”, na recepção epistêmica da

subjetividade. **“O pensamento simbólico é o pensamento, nada mais”** (Delacroix, H apud Benveniste, 1995, p.29)

Um simbolismo persistente à natureza da árvore, das abelhas e dos pássaros à sua evocação textual metatópica, à função cognitiva significativa de fâneros aos órgãos sensoriais, uma boa nova calcada na reserva intelectual dessas propriedades comunicativas mais gerais à linguagem, apreensível à versão metonomásica aos signos lingüísticos, determinante da recepção aprofundada necessária à expressividade infantil, possível sob a alteridade na linguagem epistêmica. Quando uma criança de 5ª série propõe **“O gato é Mamífero por ele se morrer ou matarem o gato preto dá azar”** (Fernanda, 5ªD) a leitura da possível transformação simbólica impõe a relação do arbitrário ao substancial para sua compreensão em nível da enunciação de ressentimento tomado ao proverbial, aos signos categóricos.

“Permanecemos, hesitantes e fascinados, à margem de um imenso problema: poderá o homem pela primeira vez, ultrapassando a barreira biológica, lançar um olhar para dentro de uma sociedade animal e descobrir o princípio que a organiza?” [BENVENISTE, 1995, p.28]

Talvez a resposta perpassasse a definição relacional da natureza dos objetivos, como bem percebeu Dewey (1979), relacionando-se tanto **“a mudança das areias carregadas pelo vento”** como a intimidade dos atos das abelhas para uma verdadeira apreensão do pensamento na continuidade geral da destinação da racionalidade cosmológica, a vocação nitzcheneana do homem, ao “fundo” das representações.

“Um lavrador tem que lançar mão de plantas e animais para fazer a sua lavoura. Dar-se-á certamente grande diferença em sua vida se plantas e animais forem coisas que ele aprecie e ame ou se as considera simples meios que tem de recorrer para conseguir alguma outra coisa que, só essa, a ele interessa” [DEWEY, 1979, p.115].

Nos modos ativos e contemplativos dessas crianças, preserva-se a cultura representacional do homem à subjetividade simpática ao retorno a um refúgio universal de acolhimento no pensar informacional, entendimento compreensivo à linguagem à gramaticalidade ao próprio conhecimento.

As estruturas complexas dos fâneros exteriorizam a linguagem “na essência semiótica”, o modo de Jakobson (1971), “da essência humana para o indivíduo humano” lembrando Marx. Não estão imunes a desgastes e embora, internamente, a relação esteja na fixação de certos caracteres, adaptados naquilo que consistem e segregam, enquanto sistema de sustentação, envolvem as leis de sua própria simpraxia denotativa, significando na aplicação do seu prolongamento resolutivo de sentido ao duplo radical, o ápice evolutivo polarizado de suas consecutividades às possibilidades ambientalmente definíveis. A reconvecção as formas dialógicas se considera determinativa e demonstrativa de sua expressiva e impressiva racionalidade, existencialmente uma reconversão ritual das transmissões intergeracionais das cognições virtuais, simbólicas.

Para tanto, Peirce distinguiu “entre o que ele chamava de **lógica utens** o sentido rudimentário de lógica ao uso, que é um certo método geral para chegar à verdade, sem consciência dele e sem poder especificar no que consiste e um sentido mais sofisticado de lógica, o **lógica docens**, uma lógica que pode ensinar-se autoconscientemente, na verdade não inventada mas apenas estudada e desenvolvida a lógica natural que se usa cotidianamente” (SEBEOK, F, 1987 p. 75).



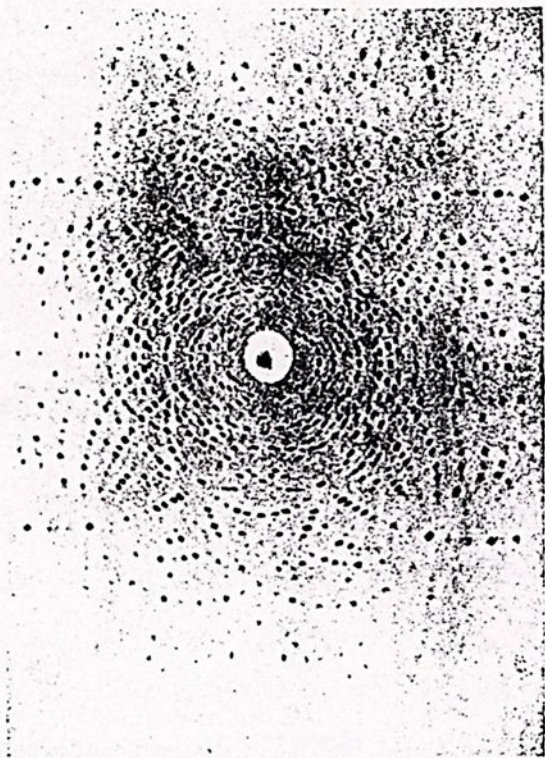


FIG. 163. Lauediagrama del berilo, tallado paralelamente a una cara del prisma hexagonal de primera especie, mostrando dos planos de simetría cuya intersección corresponde a la traza de un eje binario. (Fot. Dr. W. M. Lehmann)

Apercepções

A importância da percepção dos movimentos no espaço-tempo faz-se sentir no plano da interação leitor-texto pela fecundidade dos domínios cognitivos plurais de penetração à leitura que se abrem da ciência à familiaridade temática de base do interpretante. O significado emerge dessas experiências perceptivas, reatividade ao limite do emocional e energético as quais originariamente parecem ter-se constituído como formas relacionais ao suporte material do acompanhamento pragmaticamente apreensível, enquanto dos campos lexicais abriram-se mais vastamente os modos sígnicos práticos que à dominância indexical, puderam ser considerados para o interpretante no nível dos índices peirceanos como signos discentes, signos que importam a interpretabilidade enquanto ética natural e harmônica da cognição. Determinadoras enquanto princípio da causa eficiente, parecem tracejar linhas orientadoras sintéticas ao fluxo cambiante da atenção para devassar, texturas à suficiência, da plasticidade por cuja porosidades insinuam ao um universo ôntico de desconhecimento. Dessa ampliação aperceptiva configuraram-se certamente as formas de concreção do conhecimento mais remotas pelas quais se constituíram as possibilidades orgânicas as centralidades substanciaram, indiciando ao ir e vir ao telos, fontes de vibração energética mantidas nos significados. Como tema de reversão e irreversibilidade a essa impossível definição de espaço-temporalidade ao imediato, dimensão, icônica de arrebatamento indelével mas clara e inapelavelmente ao efeito de primeiridade, apresentando-se ao interpretante aos fins de completude e gratuidade de um lugar sentimental, um kalos investiu-se à predominância da vivência ordenativa dessa busca de integração e direcionalidade nocional como signo intelectual enquanto efeito da indeterminação na complexidade.

O espaço pode ser, caracterizado de um ponto de vista interno, subjetivo, o objeto imediato dessa lógica interpretante, à impulsividade à base de pretensão ideal acomodativa, como o lugar físico, estado para acomodar o intelecto nas alterações, território interno das horizontalidades, na qual com a mínima resistência depositamos a nós mesmos ao continuum orgânico, na dubiedade energética da nossa própria representatividade dinâmica. A identidade sígnica faz-se dessa natureza mental,



estado disposicional enquanto importa o jazer, para que demande as concentrações depositivas ao núcleo dessa materialidade orgânica mais adesiva. Uma relação informacional dessa integralidade adaptativa para cuja realização compete enquanto conhecimento interpretativo, ao domínio dessa interface organular, lógico funcional se conserva na expressão dessa lógica simbólica a dimensionalidade icônica de potencialidade sempre repleta da imagem mental. Por outro lado o espaço como objeto imediato, à externalidade das manifestações biofísicas impõe-se na verticalidade temporal, conexões dessa sensibilidade elementar, oracular pois que cristalização orgânica significativa para o ser na informação e infuso pensante, difuso como inteligência viva sentimental a expansão potencial. Nessas ocorrências, ilustram-se modos de materialidade que podem determinar as retroduções, enquanto esse explicativamente aprendizado natural demande um complexo de transiência experiencial. Algo de Aristóteles resta ao que respeite à ligação transitiva com a organicidade teleológica e à extensão, reciprocidade em Aristóteles, ao monádico síntese estética, modo platônico de Leibniz, à quase figuratividade no estático horizontalidade, de ao ganhar Newton, à relatividade de Einstein, no movimento cosmológico.

Na atenção, o aspecto cognitivo fundamental da decifração no símbolo: uma flor seca no sonho de Freud:

Uma flor seca e cuidadosamente conservada encerra um elemento de contradição. Ela é uma flor, algo que representa vida e beleza, mas estando seca perdeu exatamente esta qualidade e tornou-se um objeto de estudo científico imparcial. Freud menciona que a flor, um ciclame, de que tratava a monografia que ele vira na vitrina da livraria, é a flor favorita de sua esposa. A monografia: "The Genus Cyclamen" [FROMM, 1964, p.71]

As reminiscências de infância de Freud fecundam suas criações intelectuais: As crucíferas lembram compostas. A alcachofra é deveras uma composta e na realidade poderia ser chamada minha flor favorita. Minha esposa, mais cortês do que eu, constantemente traz do mercado para casa essa flor de minha predileção. (FREUD apud Fromm, 1964, p.65)

Sistemas Sensoriais – Descritividade ao continuum

Para Peirce a dimensão sensorial implica a presentidade enquanto o pensamento pressupõe mediação e a linearidade das determinações cognitivas, começo, meio e fim. Caracterizando-se pela sucessividade o pensamento sobretudo abrange a esfera da temporalidade que em sua integralidade funcional, diferenciando-se por espécies dessas unidades teóricas representacionais reverberativas, determinam-se as orientações pelas quais seus acabamentos, se modos de intersecção torna-se em potências dinâmico e extensivo.

Alguns elementos (as sensações) estão inteiramente presentes durante todos os instantes de sua duração, enquanto outros (como pensamento) são ações que têm o começo, meio e fim e consistem na congruência da sucessão de sensações que atravessam o espírito [PEIRCE, 1972, p.55]

Peirce faz uso de uma palavra da experiência do conhecimento científico da química elementos talvez para firmar, fixar o aspecto substancial definido a uma base fisioquímica que se mantém no potencial suficientemente acessível e constante, a conservar sua qualidade materialmente suportativa, também de um modo provavelmente significativo enquanto potencial informativo.

Piaget procurou delimitar teoricamente o domínio do sucessivo e causal para o pensamento do sujeito ao contínuo na assimilação que constitui também da operacionalidade. Para Piaget é fundamental distinguir na construção de desenvolvimentos as formas extemporâneas. Importa assim “uma situação que permite descobrir as relações extratemporâneas entre formas estáveis ou suscetíveis de encontrar novamente” [PIAGET, 1973, p.153-154].

A dimensão auto conservativa refaz-se funcionalmente por ciclos e ritmos a cuja percepção referencial estariam afetadas as capacidades assimilativas desencadeadas como esquemas de estruturas da experiência interpretativa demandem



talvez uma lógica, essa racionalidade investida em uma gramática semiótica da fala revitalizadora da língua. As alusões nas idéias filosóficas à botânica de Freud, as recordações das flores, a monografia do ciclame na racionalidade infantil aos moldes que encerram a reserva energética natural para personalidade adulta.

A linguagem simbólica é uma língua em que as experiências íntimas, os sentimentos e pensamentos são expressos como se fossem experiências sensoriais, fatos do mundo exterior. É uma linguagem cuja lógica difere da linguagem convencional que falamos de dia, uma lógica em que as categorias dominantes não são o espaço e o tempo, mas sim a intensidade e a associação. É o único idioma universal jamais criado pela raça humana, o mesmo para todas as culturas e para todo o curso da história. É uma língua com gramática e sintaxe próprias, por assim dizer, e cujo conhecimento é imprescindível para se entender o significado dos mitos, dos contos de fadas e dos sonhos. [FROMM, 1964, p. 14]

Essa linguagem possivelmente traduzível, sempre transcendente sob a hipótese do ser que se qualifica à coerência do presente, não exprimiria as relações lógicas entre seus vários constituintes de forma totalmente canônica. Enquanto possibilidades de moverem a consciência as mônadas estariam nas potências relacionais como as tomadas de consciência, semi-reversíveis à consistência na linguagem ao sentido peirceano são movimentos as intensidades nos ciclos das intensidades mentais, uniformemente ou relativamente, então, métrica para as “imagens pictóricas”, e a sequência nas demais relações passíveis de lógicas quantificação. Ao que seja traduzir-se à sequencialidade, ao sentimento de locupletação demanda à interpretação a leitura dos gráficos, o que corresponde parcialmente a cognição “intervalar” dos semióticos franceses.

Segundo Orlandi também se prescindiria de “mas”, “por conseguinte”, “porque”, “se” suportando-se por esquemas figurativos semiotizados, ao tempo enquanto mônadas movidas mentais e uniformemente e relativamente “imagens pictóricas”, relações lógicas quantificadas, ou ao que seja traduzir-se “a sequencialidade ao sentimentos da duplicação, triplicação.

A palavra como interpretante do pensamento é o que Peirce enfatiza na experiência abstrativa em situação nas quais uma força atrativa e indefinida advém dos elementos a qual pode envolver, capturar um espírito, em desenvolvimento próprio disseminado através de uma idéia de natureza.

A dimensão lógica na armadura das teias simbólicas conforme a distribuição das tensões necessárias para resistir, contudo, conservando-se possibilidades auto-conservativas sob a fruição dessa espacialidade que surge do sentimento mas se dirige temporalizado ao interpretante aos complexos, mantidos as possibilidades pelas interações gerais com objetos do cosmos.

O pensamento constitui-se de um sistema organicamente integrado no qual os elementos concentrados são referências ou fatos compulsoriamente dirigidos da uma evolução de atividade à crença. A essência e a significação compõe ao de estruturação do pensamento embora possam ser representados por ações de suas refrações, dramaticamente o objeto degradadas no secundidade.

As crianças nas ações representativas observadas sob essas formas textuais em suas manifestações volitivas, enquanto se mostram estarem ainda sensibilizadas, atraídas ao longo de um eixo de fixação originário, o qual nos termos peirceanos demonstram que podem guiar-se ao longo da maturação nesse lento desenvolvimento do raciocínio hipotético dedutivo porquanto da verdade enquanto qualidade deciframento uma que se cerceia enigmáticas condição mental. Assim a matéria como a forma da mente cujos hábitos se fixaram irreversivelmente que perdeu os poderes de novas transformações de reformá-los e perdê-los, enquanto a mente possa ser observada como um "princípio ativo" (chemical genus) de extrema complexidade e instabilidade.

Adquiriu-se daí um hábito, um grau de automatismo na gramática da relatividade do objeto à linguagem remarcável no tomar e deixar os hábitos em suas potenciais estruturas de novas assimilações, de harmonização dos estados em constantes oscilações na consciência e dessa figuratividade máxima, talvez esteja cristalizada nas mesmas formas regulações adaptativas gradientes e sutis que se regem às valências naturais complexificadas da realidade.

Para Peirce dois tipos de substância na subjetivação mental, a material suporte da mente cristalizada e a vegetativa suporte da mente potencializada. A mente então não seria organização governada por leis cegas mas coloca-se sob uma lei original, profícua, uma simpatética universal enquanto se estrutura como bem cognoscível. Essa comunicação pela “palavra” “língua” característica enquanto na mente signifique apreensões sgnicas de pensamento e sentimento, e atenção evolutiva parece ter para Peirce legitimada a qualidade informacional da consciência.

Talvez a mais formidável faculdade da humanidade é aquela que ela possui em comum com todos os animais e, num certo sentido, com todas as plantas, refiro-me à faculdade de procriação. Não estou fazendo alusão às maravilhas fisiológicas, que são bastante sensacionais mas ao fato da produção de uma nova alma, humana. Tem a palavra alguma relação do tipo da relação existente entre pai e filho? [PEIRCE, 1995, p.590]

HIPOÍCONES

As sinédoques, metonímias e metáforas constituem-se em ilustrações dos modos retóricos que à pertinência desses efeitos perlocutórios sugere que nesses atos de fala o saber do ser da “flor”. Exibe-se o representâmen que intervém como idéia fundamento ou aspecto que pode, essencialmente, convir a outros seres, mesmo criados. Nesses transientes em faces de isomorfismos resultam certas homogeneidades de filiação na aprendizagem das referências ao acoplamento do sentido à experiencial conexão eqüipotencial ao tempo e espaço cognitivo aqueles efeitos de significação

enquanto metal ocupação daquela subjetividade daquela sensorialidade enquanto fisiologia correlativa. As analogias semantizadas nos modelos dessa correspondência relacional conferem um efeito desse sentido nesses enunciados atributivos.

As referências experienciais parecem acumuladas em conexão como motivações à base da regulação biológica, nas operações mentais que se recombinaem em faces tendo nas próprias homogeneidades as heterogeneidades dessa filiação.

A palavra “flor”, signo lingüístico reconstituído pragmaticamente nessas enunciações configura um fato da percepção imediata à memória como elemento agregador de referencialidade, campo semântico à base lexical potencializam a apresentação do signo na natureza semiótica com que se apresenta ao interpretante. Determina-se na representação como uma espécie de “sinolo”, uma condição monogramática que se traça da sintaxe e da semântica, ao modo mental de Aristóteles, na qual forma e matéria compõem uma unidade paradigmática. Nessa síntese a dimensão semiótica com que se apresenta como interpretante crítico incide como signo às formas de primeiridade. Enquanto se apresenta como signo remático na profusão de idéia fronteira entre o icônico e o indicial ao modo de realidade entre o possível e o concreto. Traduz-se o acoplamento do pensamento signo à realidade das possibilidades biológicas e físicas indexadas pela língua. Nessa interpenetração da diversidade relacional determina-se algo do paralelismo, ao sincronismo que e Leilniz, supôs ao mental na correspondência a estados físicos

O efeito do sentido dessas enunciações nada exclui mas indetermina-se por graphos, enquanto ao mesmo tempo se centralizam possibilidades de proeminências infomacionais para a subjetividade humana na organização física de biológica. Demandam portanto uma metalinguagem para os próprios efeitos explicativos equilibratórios da linguagem como lógica implicada à cadeia semiótica. Enquanto valores de vida ao fluxo desenvolvimental dos pensamentos, apresenta-se como o potencial implementativo que resulta das relações intersubjetivas sobrecifradas na linguagem.

Nessa dimensão informacional distribuída ao espectro de qualquer sistema cognitivo, nessa extensividade do objeto dinâmico compreensivo do que resulta aprendido captado da experiência ao que importe esse caráter autônomo na



apresentação fenomênica mas que ao forçar o princípio harmônico ao sutil, ao qualia dessa natureza representativa, determina-se a um critério dessa relevância para o que represente a novidade à inteligência relacional e viva integralizada ao objeto imediato.

O pensamento, caótico por natureza é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de som; trata-se antes, do fato, de certo modo misterioso, de o “pensamento-som”, implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. [SAUSSURE, 1972, p. 131]

Ressonâncias cognitivas da secundidade: obstáculos, binariedade, reatividades, contradições.

Os efeitos das significações normativas para Backhtin, expõem-se na expressão escrita onde as formas lexicais assumem uma determinada orientação indexical à singularização. Contudo ao seu uso pelo falante nativo, as possibilidades lexicais significam enquanto traduzem uma especificidade de correlação, a qual particularizada na enunciação, referencia-se no amplo espectro de assimilações e implicações à organização de sua multiplicidade. Nesse sentido co-textual precisamente estão envolvidos determinados sentidos ideológicos ou prevalecentes das possibilidades cambiantes nas interações, nas relações intersubjetivas. “Mas, na medida em que o equilíbrio permanece inacessível entre a assimilação do presente ao passado continua sendo uma necessidade muitas vezes mesmo vital”. [PIAGET, 1978]

Dessas ressonâncias constituem-se as tentativas de elaboração aos fios inferenciais de inteligibilidade ligados aos procedimentos no âmbito das dificultosas relações criados ao longo de absorção de sentido às entradas funcionais da linguagem, processo que se objetivou através daquelas valorizações do suporte extensional materializado nas palavras para essa expressão do pensamento.

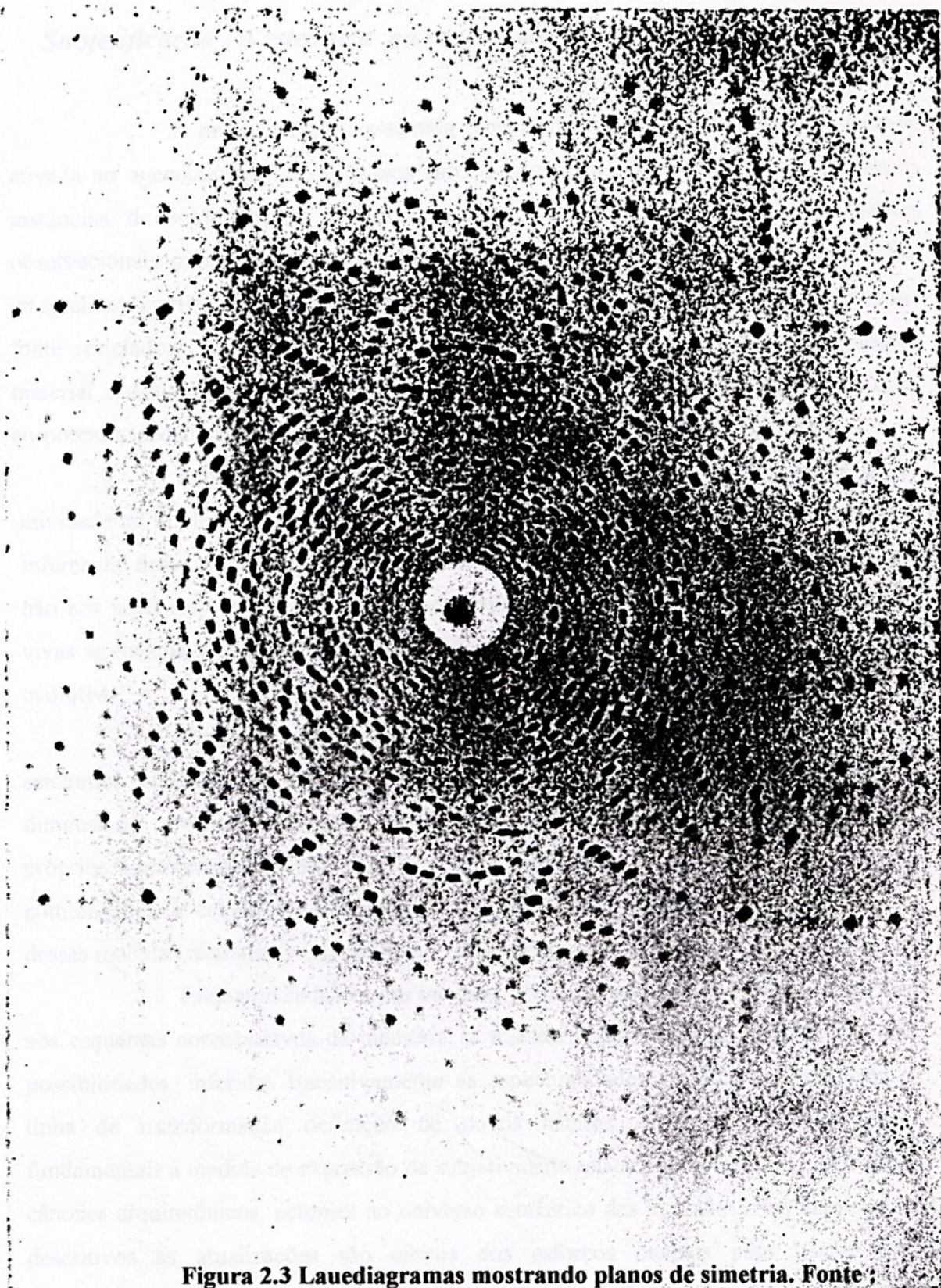


Bakthin afirma a importância da consciência individual nas formas, pelas quais os signos interiores podem ser apoiados materialmente nas palavras. As palavras constituídas na natureza suscetível da expansividade informacional, prolongam elas mesmas os materiais suportes das referências biológicas resultando a função representativa dessa conexão do pensamento no signo por uma trama cifrada e ubíqua, a natureza mesma heteróclita da linguagem.

Nos planos radicais da consciência individual e coletiva se situam as possibilidades de articulações relacionais, na memória entre as quais, gradientes evocativos ou relativas por linhas isoiéticas abstraídas correlacionais os fenômenos no tempo quer por expressivas formas discursivas das quais possam ser apreendidas as ressonâncias e os valores de significação como efeitos da conduta semiótica representacional, simbólica.

De tais vértices de culminâncias dá-se sentido à linguagem enquanto meio pelo qual se pode antecipar e retroceder simbolicamente ao sentido da expressão contínua da causalidade espaço-tempo que à forma correlata de apresentação se manifesta cifrada no pensamento do sujeito. Perspectivas das complexidades sincrônicas e diacrônicas, por manifestações de polarização de valências para a total realização natureza dessa plasticidade lógica investida nas conexões. Como realizações cartogramáticas desenvolvem-se na linguagem como complexos dessa ilustração por metaforização e combinação à referência das intensidades.

Figura 1.3 | Atredogramas mostrando planos de sincronia. Fonte: *Enciclopédia Labor - Mineração*.



**Figura 2.3 Lauediagramas mostrando planos de simetria. Fonte :
Enciclopédia Labor – Mineralogia.**

Subjetificação : a estrutura na representação simbólica cosmológica

A mente caracteriza-se pela capacidade biológica adaptativa e mantém-se ativada ao agenciamento de processos sutis e complexos pelos quais se produzem as instâncias de subjetivação. À simultaneidade, na fixação ou abertura de limites observacionais parece importar para o sentido da realização na ordem sincrônica das integralizações fisiológicas ecossistêmicas. A mente parece propriamente se impor como fonte recicladora das possibilidades organísmicas transmutativas ao seu envolvimento material nos ciclos biogeoquímicos das várias naturezas da subjetividade, experiências corpóreas especializadas na elaboração de matérias suportativas naqueles substratos.

À externalidade dos processos, as formas expressivas desse gênero de atividade ao limite de desmontagem e criação que amalgamadas significam ao sentido inferencial dessa gama de diferenciações, são indiciais nessa assertiva inclusividade ou não aos sistemas ecológicos de referência universal. Uma gramática dessas unidades vivas se insinua como possibilidade orgânica à funcionalidade semiótica no processo evolutivo.

Dessa gramaticalidade teorizável das propriedades de uma sintaxe e semântica dos efeitos na interação entre leitor e o texto, ao sentido de uma condição dimensional ecotopológica, marcam-se como complexos dessas naturalizações, os próprios argumentos epistemológicos, interpretantes lógicos produzidos como dessas combinações e recombinações às possibilidades dessas expressões performativas, dessas medidas relacionais antropológicas do conhecimento .

Enquanto se fazem das imagens por nas aparências evocativas, fixações, aos esquemas conservativos da memória as transformações antecipam-se nas rápidas possibilidades, inferidas transitivamente às aspectualidades tornadas morfológicas à linha de transformação definição de novos hábitos. Nos sistemas ecológicos fundamentais à medida de expressão da subjetividade relacional representa-se por esses cânones arquitetônicos, ectomes no universo semântico das intrusões. Nos enunciados descritivos as atualizações são efeitos dos esforços mentais para vencer nas degeneração inevitável ao distanciamento por entropia mnêmica. As complementações e suplementações se permitem à coerência como fatores de recorrência informacional

semântica colaterais às experiências nas trocas intra e inter organizmicas de modo a ser possível uma expressão dessa transferência intersubjetiva sempre que relacionados a eventos dinâmicos afins do real.

“[...] a assimilação pela qual aos esquemas tanto os pessoais como os interpessoais, tanto sob o seu aspecto afetivo quanto intelectual, se incorporam incessantemente novos objetos, se faz acompanhar de acomodações cada vez mais diferenciadas”. [PIAGET, 1978, p.268]

Na apreciação de versos introduzindo o livro “Rosário de Capiá” do amigo Bento, ao falar caipira, Lobato (1950) observa nos méritos estilísticos do uso incisivo que lembram, nos planos mentais reconfigurativos, os processos cognitivos na função lógica ao sistemas teóricos o uso sistêmico de pensamento ao discurso originário. Na clítica da objetividade, concretidade, a experiência com investidas do jogo do simbólico às narrativas coletivas desenvolvidas, como por Bacon aos **eidola** (tribus, specus, fori, teatri, poeticus...). As estruturas práticas subsumidas às existência às estruturas do pensamento verbal na abstração reflexiva, a iconicidade mental e a pertença qualificada.

A sensibilidade acurada de Lobato levou-o a detectar nas inclinações adaptativas à atividade simbólica do pensar espontâneo à língua comum, um sentido resolutivo tomado lata e atualmente, ao conjunto das observações sinalizadoras lingüísticas e não lingüísticas, embora às exigências e obstáculos de contexto relacional, e como críptica uma competência, um saber fazer, poucas vezes valorizado socialmente, nesse interesse pedagógico fundamental na biorremediação do conhecimento. Ao conjunto de dissonâncias e consonâncias cognitivas, assinalam-se as redes de distribuição de estados adquiridos fundamentais e inveros na profundidade nietzcheneana e enquanto idéia do retorno ao plano ontológico e ôntico à relação transsemiótica como um modo geral necessário na inteligência da estruturação cognitiva.



Subjetividades: condutas vivas representativas de aprendizagem

Das disponibilidades experienciais deflagradas com o objeto à funcionalidade biológica adaptativa, as modalizações nas formas de linguagem parecem ser interpretantes naturais, integralizando-se nas atividades referenciais as possibilidades representativas do signo. Dois pólos contudo a restringem na linha fisiológica das manifestações. Os processos são ativamente vinculados como dimensões de realidades qualificáveis como psicodinâmicas. Nos vários níveis em que a orientação mental provenha dessa natureza originária livre, plena de sugestões de realidades transmutativas, dá-se consecutivamente processos tanto de e na criação como de desmontagem, implicando as estruturas de abertura e fechamento.

O fechamento parece demandar sempre o alcance final, e um modelo irreversibilidade marca limites de equilíbrio das formas tendenciais, ao de avanço ou retroação de algum modo precursoras nas diversas manifestações cíclicas. A abertura pode dar-se de alguma forma por uma cognição, por extensão de sistemas de plasticidade, vinculando-se os arranjos de elementos nas texturas dessa narratividade natural. Ao sentido vital implica os prologamentos, axionemas da organização, às instâncias da recursividade intersemiótica as quais em extensão ou degradação correlacionam níveis informacionais. Aos modos simbólicos ou antipráxicos, estabelecem-se os eixos da conjugação evolutiva das subjetividades orgânicas.

Nesses complexos jogos interacionais a partir das quais uma *physis* se manifesta como auto-sustentadora dos esquemas de assimilação, possivelmente as estruturas ecossistêmicas se fazem manifestar nos interpretantes. Sob as bases atualmente discursivas, o conteúdo desses enunciados procede como possibilidade de unidade de sentido ao pensamento enquanto cuidado para o objeto outro no mundo.

A partir da relação típica dessa relevância de estado a partir da qual se verificam de sistemas sensoriais implicados às vias de imagens mentais reconhecimento em suporte assimilativo nas degradadas em a razão de escala, advém

as possibilidades e substituições a unidades lexicais nos vários campos determinados a partir da organicidade informacional que surgem as significações vívidas e imotivadas.

Operações semânticas de base podem realmente corresponder a um modelo sintático de maior generalidade o qual se venha indiciar por esses operadores imanentes à linguagem enquanto à integralidade dos processos cognitivos. Como polimerias naturais parecem suportar as formas conceituais mais desenvolvidas comuns também ao percurso do “fazer” ciência, ou seja, por elas parece ser possível estender um perspecto referenciável nessa organização adaptativa, sendo aqueles estados acomodativos interiorizados os quais se mantêm através de conectores às vias instanciais dessa afetiva realização. Conservando-se, abastecem as próprias propriedades recursivas, a gramaticalidade possível.

Na compleição da natureza expressiva da linguagem enquanto uma expressão de primeiridade às ligações dominadas secundidade figurada, descritividade também se dá sob manifestação discreta, assegurando-se a tradutibilidade em campos representativos relacionais. A contenção interpretante de sentido contudo, não pode ser adstrito em totalidade. Dessa tateante oportunização de elementos para abstração de sua completude, tem-se à condição referencial denotativa, os próprios relações explicativas implicadas sintagmaticamente como computabilidade. Como interpretantes lógicos mais vastos para a cobertura e formalização desses domínios, inclusive com a possibilidade copontual de exploração em picos mais objetivos de sua abrangência, a ilustrar-se possivelmente em espectro universal com uma semântica em escala naturalizada como de Montague.



A imagem ao Objeto *Interpretante energético*

A imagem do “sumiço da flor” constitui-se no centro de flagrador pelo qual se pode penetrar na natureza dessa qualidade mais osmótica da comunicabilidade de uma idéia complexa ao plano biológico como objeto imediato referencial. Esse aspecto eminentemente informacional, significa como matéria germinativa da inteligência biológica sugerida podendo ser tomada portanto, como traço icônico de qualidade remática. Suporta-se ao esforço cognitivo desses sujeitos a possibilidade que prevalece ao sentido assumido na semiose lingüística quando sugerem a de sua intangibilidade apoiados contudo num ângulo localmente configurado desse juízo perceptivo. Ao plano do sensível natural, no mais liminarmente relacional ente os seres vivos tem-se a informação vital com o sentimento dessa intangibilidade. Diagramas dessa plasticidade extremamente fina e complexa, coligam-se aos extratos fluidos energéticos, sensoriais como processos fundamentais apoiados tanto às esferas bioquímica quanto à biofísica relacional.

De alguma forma as imagens, em investigações recentes veiculadas à sua transformação em bioinformatas, têm firmado e implicado progressivamente a configuração de um espaço envoltório e ao mesmo tempo que se abrem ao rastreamento de seus percursos sequenciais, por índices impõe ritmos às possibilidades configurativas. Parecem ter se universalizado essas limitações topográficas, tornando-se patente sob o ponto de vista teórico a suposição de que a representação como um processo cognitivo que se baseia em formas veccionais. O modelo para a complexidade que dê conta do efeito dessa difusa exponencialidade em conjugação com outros sistemas de referência nos planos desse desempenho discursiva parece estar ao alcance com a busca precisa de conceitualização referencial ao suporte lexicográfico do sistema lingüístico convencionado à escrita. As aberturas aos planos dessa realidade informacional são reguladas das próprias fontes que regulam a integração das funcionalidades físicas e orgânicas.



Considerando essa realidade comunicativa à forma complexa virtualizável ao suporte das facilidades midiáticas para hipertextos como o que se dá com os ambientes privilegiados para conceber estruturas cibernéticas naturalizadas, ressalta primeiramente o fato surpreendente de que uma rede de conhecimentos de natureza informacional impõe-se como base dos planos de significação à referência desse sentido orientado para a multidimensionalidade.

Por esse caráter mais geral de buscar um substrato para a cognição, compreendendo às das condições eleitas como referenciais para as observações, parecem suportar com sentido as bases biopsicofisiológicas das auto-regulações, ao que se assemelham à compleição dessa organizicidade unívoca e também plurívoca reconhecida nas simulações como auto-poiético. Dessa relatividade se propõe como aventura desafiadora admitir-se a possibilidade de uma sintaxe e uma semântica para segmentos continentais em uma geografia mental a vincularem-se por meio da experiência prospectiva, que surgem aos meios de exploração nessa orientação racional sugerida pelas possibilidades mentais, as quais derivadas às transposições dos vínculos semasiológicos, situados às inclusões nos complexos de significação, interpretantes lógicos da operacionalidade transformativa à cifragem por vias do processo metafóricos que se supõem estarem postos algumas expressões dessas unidades caracterizáveis dessa assimilativas reciprocidade ao que externalizam-se na infinidade e diversidade aos modos espaço de tempo .

Para conseguir levar adiante essa investigação, impõe-se preliminarmente dessas últimas afirmações que algumas proposições teóricas copulativas possam ser resgatadas criticamente à referência das intertextualidades como dimensões quase ilustrativas demonstrativas dessa suficiência, qualitativamente saliente nos processos de pensamento ao caráter de envolvimento profundo das relações produção e recepção das representações que constituem esses textos. Lingüisticamente importam essas linhas mentais mais universalmente significativas ao que resta das aberturas modelos desviantes do sistema e potencialidades aos estados da língua.



O invólucro e o Ser

A possibilidade de uma inscrição semântica de maior expressividade nas inter-relações cosmológicas instigou para a questão do conhecimento enquanto realidade teórica determinada ao contínuo, o qual seja investido como estrutura de racionalidade a destacar-se nas respostas científicas em relação ao lugar conferido às possibilidades transposições às naturezas comuns compartilhadas com os seres vivos na conjuntura simpráxica das estruturas topológicas de inerência do pensamento. Tratam-se de estruturas de linguagem com diferentes valências funcionais determinando modelos sintagmáticos as preenchíveis em diversas escalas simbólicas interpretantes da racionalidade tanto como empiria como uma dimensão sintática conforme o modelo histórico-científico curiosamente parece estar retido por uma condição ontogenética restritiva dessa espaço-temporalidade nos sistemas orgânicos.

Enquanto ao mesmo tempo função objetiva e subjetiva surge da necessidade de corrente da permanência de que acompanham ritmos ao conhecimento, que significam enquanto matrizes possivelmente, de interação universal proporcionadas por formas de vibração que se fazem tanto mais epigenéticas quanto mais essencialmente íntimas de um sistema sensível à aproximação e distanciamento ao caráter intômico da inteligência viva. Promovedor de suportes mentais de sustentação e orientação para realidade que determinam auto-consciência de abduções e avaliação.

A linguagem se desenvolve por processos concorrentes no pensamento em cuja originalidade mental estão implicados os complexos afetivos intensidades energéticas subtrativas ou acrescentativas corresponsivas por níveis fisiológicos, eutímicos disfóricos e eufóricos. Burilados de sua funcionalidade pela lapidação ao tempo, os relevos cognitivos na linguagem estes surgiram efeitos léxicos para cuja decifração, há de se tomar do organismo os cognatos das condutas que se definiram dessa experiência redundante, interativa e compositora do texto integralizada ao pensar



representativo os qual uma elementaridade funcional de conveniência cosmopática atua para todos os tempos vivos.

Esse texto complexo, não linear, o qual por meio de progressiva transparência fisiológica, implica o sentido das modelizações nas transformações sempre reencontrado ao final de conjuntos das concreções quando elaboradas a partir de expressões em meios bioinformatizáveis. O novo leitor banhado nas incertezas dessas ritualizações, dos ensaios de ser e não-ser pode optar por inclinações ao caminho pela qual que já foi e lhe parece auspiciar essa metacognição sobreposta a algo sempre suspenso, responsável por riscos marginais de construção por bases de incoerência. Enquanto se ocupa do tempo é de sua transposição para o ecológico, embora restrito ao local do mínimo espaço, na intersubjetividade de sua intersubjetividade pode deparar-se com amplas possibilidades informacionais comunicativas dentro das gradientes experiência do pensamento na uma rede de interatividade bioconexa que pode se instanciar toda extensão cosmológica.

Nessa condição epistêmica privilegiada da linguagem, hipertextualizada em aberturas à ecologia humana do terceiro milênio, apenas se inicia, um pensar, um interpretante lógico mais elaborado vasta nesta rede de conexões intersubjetivas. Essa capacidade representativa significa renovar no próprio princípio de interpretação, a legitimidade potencial de uma forma ,enquanto espaço para a ocupação cognitiva ao tempo de expressão simbólica de uma linguagem preservadora da identidade humana na evolução.

Um dos aspectos mais permanentes, envolvido nesse esforço compreensivo da abstração na perspectiva mais univocamente correlata a abrangência das variedades temáticas recobertas pela teoria peirceana destaca-se na esfera de sua crença na possibilidade de circunscrever um domínio sensível de observação na especificidade de um movimento intelectual que se detecta como princípio originário para orientar uma mente para o objeto. O objeto, ampliado e elevado ao estatuto de maior generalidade como parte de uma potenciabilidade dinâmica e teleológica da natureza representa a dimensão latente de uma racionalidade complexa, de alguma forma mimética, figural mas também transformativa da realidade. Em uma referenciabilidade cosmológica a interpretação de alguma forma parece constituir a

realidade sendo o objeto o próprio universo o objeto dinâmico. A partir desta concepção a qual se consolida nas múltiplas assimilações das bases teóricas peirceanas e a partir de uma “metaphysical nature of feeling” impõe-se como plano de possibilidade de conexão objetiva com a subjetividade. (COLAPIETRO, D’ALESSIO, SILVEIRA.)

A capacidade semiótica expressiva nas formas ostentadas no universo comunicativo da linguagem por uma química de condicionalidade pragmaticista, impregnadora de todas as interações em traços cosmovirtualizados; rastreando-se por um sentido perdas e ganhos a existência constitui-se em simulações situacionais pelos planos estilizados dessa essencialidade, primordialmente contensiva e simpaticamente disponibilizada.

Para Peirce a mente consegue compenetrar essa espécie de natureza unitária, é por eixos de centralidade originária participar da natureza dessa interconectividade enquanto leito depositário da imagem, do diagrama do entendimento, da racionalidade como princípio lógico, semiótica.

Sobre a importância dessa plasticidade a exibir-se ao contínuo, aos fenômenos naturais, ajustadas imbolicamente aos ritmos lingüísticos e caráter representativo das relações construídas como signos pictoriais, acústicos, e outros, enquanto dimensão cromática, atrativa ascendência descendendo à explicitude como uma rede **semântica**, em invólucros de conjuntos, monádicas totalidades diádicas triádicas de intensidades solitárias agrupadas, axilares. Ressalta-se à compleição velada da materialidade suportativa ao modelo cognitivo da antelação aquilo que da visão pedagógica filosófica e poética satisfaz ao ensejo dessa concretização, na mesma cultura de aplicação da natureza fenomênica à vida, uma recomposição indiciada da idéia de leitura e criatividade ao desenvolvimento nas frações simbólicas, à imanência e ao psiquismo, à “inerência” e “funcionalidade conceitual” à linguagem. Da operacionalidade intelectual que envolve a tríade peirceana de símbolo.

Subjetividade e Realismo Moderado: cognição como aprendizagem epistêmica

Pode-se supor que sob o pensamento verbal, alguns planos estivessem especialmente caracterizados como extensões interativas dos sistemas significantes relacionado ao “sumiço da flor” enquanto efeito de vivência à memória. Dessas se destacaram do ponto de vista como inclinações expressivas, funcionais, as quais se mostram inclusive pertinentes das significações à realidade dos aspectos de resolução ao âmbito extralinguístico enquanto mundo da práxis psicológica.

À referência dessas matrizes dispersas aos modos subjetivos no entanto, constituem-se núcleos isotópicos que internamente parecem constituir a coerência do macrotexto, enquanto se vinculam às alterações do contexto prático referencial, ao plano das externalidades e aos contextos em jogo na interdiscursividade e em escopo mental mais lato a intersubjetividade.

No sentido restrito a uma racionalidade discursiva de fechamento e também no sentido ampliador dessa busca, na admitida dimensão da criatividade, enquanto tendência à compreensibilidade proporcionada à atividade intencionalidade que se define ou se ajusta por um processo complexo interno no qual o sujeito se harmoniza com o ambiente ordem de sinalização intersubjetiva ao desempenho lingüístico na construção textual, caracteriza-se um sentido a partir do efeitos textuais que permanece ligado ao anterior advém orientado por uma aguda funcionalidade metacognitiva que se mantém mas renova-se práticas e altera-se das atividades discursivas pelas quais são experienciados enquanto administráveis como cultura gramatical como significados intelectuais.

Por um senso de uma gramaticalidade lexicográfica valores universais estão também convencionado na língua. Na acepção semiótica a língua enquanto sistema de signos, implica estruturas dessas complexas possibilidades operacionais e ao suporte verbal a informação na função da linguagem para a atividade mente enquanto centro de reserva defensiva e projetiva da potencialidade heteróclita, à ubiqüidade nas

composições do signo à interface da língua e no qual sendo mantida nessa organicidade, enquanto significado psicobiofísico à qualidade plurívoca das manifestações da inteligência ecossistêmica.

Uma vez considerada a relação para o pensamento essa compleição sintática mais geral à funcionalidade biológica, pode-se supor uma organização que ao se realizar adaptativamente por meio de possibilidades aos limites combinatórias, da reversibilidade a racionalidade a instaurar-se por sistemas semióticos. Dessas produções complexas, enunciados atributivos envolvendo as possibilidades de ajuizamento aos suportes dos materiais envolvidos aplicativamente na configuração e complementação, gestáltica produzida nas lexias, por efeitos dessa lexicalização, enquanto processos compósitos à memória, são as apercepções, interpretantes dinâmicos a capacidade prática criativa e demonstrativa da inclinação transpositiva das aprendizagens natural dos autores dos textos. As expressões do pensamento do sentimento e da atenção pela linguagem, nesse nível operacional de um quantum indeterminado que se pode acentuar e diferenciar, por unidades representativas nas atribuições distanciar ou aproximar às relações, como propriedades potencialmente do indivíduo do intelectuais e primitivas, afetivas na função representativa do signo.

Por meio do modo verbal de agenciamento dessas unidades de significação em que se correlacione o caráter vivo da atividade durativa do pensamento, são transformadas as matérias teoricamente significantes ao esforço de uma adaptativa intencionalidade. Uma atividade mental quase individual teórica e epistêmica enquanto lingüisticamente suportada ao espaço grafológico da escrita, pode se vincular enquanto realidade processual, semiótica, à leitura mais geral à comunicação textual, atos comunicativos verbais e não verbais nas interações intersubjetivas.

Na inteligência prática ou sensório-motora à representativa nas interiorizações das inteligências prática estruturas operacionais são apoiadas no eixo das assimilações espaço-temporal das sucessividades, limitações aprendidas ao modelo dos esquemas funcionais biocorpóreos, das antecipações vividas ao contínuo imediato. As possibilidades significativas dessa na afetividade manifestação dá-se enquanto face observável da materialidade lingüística dessa conservação intelectual possível à

continuidade nas unidades , resultante dos significados físicos admitidos na obliquidade das combinações e associações. Do efeito dessas apercepções irradiativas nas conjunturas escalares das diferenciações físicas, suportes dos signos transacionais dos entre humanos e não humanos, da comunicação funcional condiciona-se o vetor orientação, o sentido para aplicar inteligência verbal ou refletida, representativa dessa cultura ativamente adaptativa , da cognição humana.

“Ora esses dados estruturais influem nas noções mais fundamentais. Por exemplo, a nossa intuição do espaço está certamente condicionada por elas, ainda que pelo pensamento, consigamos elaborar espaços transintuitivos e puramente dedutivos.” [PIAGET, 1975, p.13]

Do ponto de vista desses modos inteligentes, apercepções ao conjunto do texto dos sujeitos são, portanto, fundamentais nessa assunção da intersubjetividade como das experiências, transmodulações vinculadas aos processos constitutivos os quais na ordem de definição gramatical se compõem com as caracterizações, das estruturas que se apresentaram do sentimentos pensamento verbal. Os sentimentos e sensações são determinantes cognitivos enquanto compõem o conhecimento de algo difuso mas pertinaz orientador na relação quase consciente com aquele caráter flutuante de cuja natureza é a incompletude que se manifesta no próprios funcionalidade mental. Surge um desejo de manter a fixação pelo recurso simples do hábito tomado à integralidade das relações que mesmo remotas, como possibilidades de caracterizam as afinidades de um invariante e ao pensar, embora com projeções surjam diferenciadas daquela acuidade,. Por uma espécie de disposição da atenção à continuidade da precipitação dos signos relacionais às orientações espaço-temporais naturais ou naturalizadas enquanto valores à regulação do assimiladores da primitiva unidade de sentido as enunciações à ordem de distribucional de uma economia na causalidade. Do sentido oblíquo dessas interpenetrações sintagmáticas e paradigmáticas sob realidade vivenciada na linguagem dá-se inclusive o propiciamento das fontes reguladoras que

caracterizam-se por uma base de assimilação funcional eqüipotencializada ao princípio harmônico na orientador ao sentido do amplo espectro de possibilidades transformativas e transpositivas de sua generalidade como nível semiótica dessa “apercepção”, na intersubjetividade.

Da possibilidade estrutural dessa heurística ingênua do transcendente integralizada sob as relações verticalizadas nesses sistemas semióticos narrativos e descritivos, são inferidas algumas topologias dessa intensificação e modulação energéticos e lógicos, interpretantes quase-emocionais, no que se referem a dados internos, a substratos afetivos e intelectuais virtualizados pelos esforços dos intérpretes. São de caráter ilustrativos e se fazem manifestar pelas intencionais volitivos enunciações como efeitos significantes. Propõem-se como uma isotopia complexa para o que signifique compreender as bases explicativas daquela integralidade funcional.

O conhecimento complexo como signo-pensamento

A questão de como se conservam os esquemas de assimilação é crucial para se entender processos na auto-motivação de base orgânica ao tratamento como informações no nível dos liames fundantes dos estados de consciência. O desenvolvimento da linguagem, considerada dentro da organização na dinâmica conceitual representativa da inteligência assimilativa, processa-se, segundo Piaget, a partir de suas fundações em estruturas orientadas progressivamente na realização de seu caráter operatório mais ativo. As raízes comuns às operações cognoscitivas determinam a simetria abstrata como base informacional.

Supondo-se que a busca da causalidade, como resíduo da atividade consciente, entranhe-se em níveis não observáveis da escrita, as representações escritas, por serem acompanhadas do modo de pensar constituído, podem ser consideradas como objetos de investigação quanto às aberturas comunicativas de planos indicativos no remoto da incomunicabilidade. Considerando-se necessariamente os seus fundamentos cognitivos e afetivos, nesta cristalização, na calagem desse conhecimento como uma possível atividade operacional, os arranjos de caracteres simbólicos, podem ser vistos como signos de cujos objetos emanariam aspectos sensíveis sob a aspectualidade da escrita

Tendo em relevância a profunda influência do pensamento de Kant em Piaget e a sua centralidade na teoria geral dos signos concebida por Peirce, não parece no todo incoerente e abusivo um esforço no sentido de captar, nos aspectos simbólicos inscritos sob a escrita, operacionalmente considerada como modelo dedutivo construído a partir de princípios de interpretabilidade coletivamente compostos como aproximações intelectuais, aquele **algo correspondente à sensibilidade enquanto receptividade** [KANT, 1985 p. 261]. Há possibilidade é de encontrar-se na natureza não-sensível da escrita algo sensível, como hipotetiza Peirce haver para o número como palavra e na extensividade da cognição de Pitágoras para as figuras de raciocínio de Aristóteles, cuja impressão sensível na totalidade a ela correspondente estaria inscrita como conhecimento complexo. Estaria assim como implícita, uma objetividade vinculada a discriminações na ordem das sucessividades espaço temporais.



Perpassando o imediatismo, poder-se-ia distinguir uma espécie de conceito ou representação como sinal de que “algo não sensível teria em si algo sensível” e [...]”algo que pode dar lugar a uma atividade que conduza a um juízo onde ... apareça” [PEIRCE, 1972 , p.]

Lembrando a orientação de Piaget importa considerar que, neste universo de símbolos e sinais, a operatividade pode interessar em função da arquitetura da cognição geral, ou seja , como estrutura a ampla e ativa dos sinais de Peirce, tanto mais mentais no remoto biológico como, de uma semiótica geral, como um signo-pensamento, cuja iconicidade estende-se como efeito geral da semiose primordial de uma relação humana com o Universo, que lhe é bioextenso.

Com uma tal concepção, talvez sejam encontrados novos elementos que conduzam à explicação, à cognição epistêmica como função de uma lógica natural que se expressa e se marca com grande redundância que chega a ser paradoxal na sua simplicidade, pois Piaget nos diz dessa poderosa lógica natural. “Mas é desde as formas mais elementares do conhecimento que sua natureza ativa se manifesta” [PIAGET, 1973, p. 16.]

Em uma perspectiva conjuntural, as coordenações da ação importam significativamente, ou seja, intensionam em conexões, que como nos componentes cognitivos constituidores de um conjunto de estímulos agregam os valores indissociáveis da assimilação e da conservação.

A natureza semiótica dessa integração dos objetos do mundo em quadros lógico-matemáticos, verbais ou sociais exterior em considerados como meios, no seu significado de conjunto de estímulos, não exclusivamente sensoriais, tem ainda sua essência e potencial inovador além daquele da recorrência lógica , em uma realidade de regulações e transferências orgânicas, biológicas, uma realidade operacional de interface entre a reversibilidade e irreversibilidade que caracterizam as orientações mais gerais na natureza.

Sob a escrita, podemos inferir aquela formas de conexão que, segundo Piaget, referem-se como uma **implicação significativa** e constitui-se na característica mais geral dos estados conscientes.

[...] toda a história das interpretações biológicas desde Aristóteles até as mais recentes – parece então achar-se dominada [quer queiramos, quer não] pela ligação geral entre o vital e o mental – seja no sentido de uma assimilação inconsciente do primeiro ao segundo, seja no sentido [embora, muitas vezes implícito] de uma depuração das noções, destinada, não já propriamente a subordinar o inferior ao superior, mas antes a reduzi-los ambos a patamares mais elementares (ora , isso comporta uma vez mais uma tomada de posição, consciente ou inconsciente quanto à natureza do fato mental) [PIAGET, 1981, p.257]

“Nesse caso, tudo o que concerne à ação e ao seu contexto pode ser traduzido por representações significativas através dos instrumentos semióticos correntes [língua, imagens etc]” [PIAGET, 1978, p. 178].

O aspecto fundamental é o de não acabamento final na dinâmica incessante dos processos e fenômenos biológicos em cuja natureza físico-química, os quais se reportam extensivamente antes a um quantum de aleatoriedade. A reversão informativa a imiscuir-se vai determinar o nível lógico de transparência da reversibilidade ou da irreversibilidade.

A experiência em relação ao fato mental, enquanto montante de recursos cognitivos disponíveis e aplicados, indica a dificuldade, até agora desprovida de explicação teórica convincente como interpretação de conjunto, da redução de sua complexidade, aspecto paradoxal da natureza apontado por Piaget na relação entre o vital e o mental durante o desenvolvimento.

A situação fundamental – que cumpre evocar afim de ajuizar acerca das relações entre a vida e a físico-química – é efetivamente a de que esta última não se encontra inteiramente realizada, e a de que a biofísica e a química biológica conduzem, de um modo incessante, ao seu enriquecimento, ao invés de a estabilizarem [PIAGET, 1981, p. 259]

A relação da inteligência com a percepção pode aprofundar-se em possibilidades de figuração cognoscitiva mais abrangente tendo em vista a natural

distribuição informacional na natureza. A inteligência define-se no modelo piagetiano mais por seu aspecto de expansão e esse modelo corresponde, dadas às suas possibilidades de conotações ecológicas, ao objetivo deste trabalho, que é apresentar uma reflexão sobre a aprendizagem dentro da controvertida filiação temática das relações humanas como cognição epistêmica sobre o cosmo.

[...]por ligar-se à reversibilidade operacional e não apenas probabilidade, mas fundada em estruturas de grupo, de rede ou lattice que embora as coloque sob as leis das totalidade de composição não aditiva, modelos de Gestalt as colocam sob reversibilidade dupla : lógica e física. Nesse sentido é na direção do probabilismo que a teoria da percepção pode ser considerada como regressando a um fisicalismo amplificado [PIAGET, 1970, p.50]

Partindo da formulação das recentes discussões teóricas sobre a história e filosofia da ciência, constata-se uma tônica insistente dos enfoques sobre centros aspectos da orientação intelectual no desenvolvimento do pensamento cognitivo em subtemáticos envolvendo as diversas cosmologias ao longo de tempo. Verifica-se que as primeiras cosmologias subrepticamente impregnaram de certos conteúdos significativos o desenvolvimento do pensamento científico ocidental. Núcleos diferenciados, mas de mesmo matriz lógico, também são encontrados significativamente no oriente (BIZZO, 1992;ROSSSI, 1992)

A causalidade nos estudos piagetianos expressa-se por um conjunto de movimentos psicológicos e alterações de conduta nas interrelações ambientais. De sua natureza e biológica, sob formas de forças ou energias. As crianças estudadas a partir das bases piagetianas mostram-se realmente extremamente reativas e abertas e de forma expansivamente integrada às múltiplas fontes de causação energética dos objetos do meio objetos ambiental interna e externa amplo, constituídos como outros sistemas cognitivos biológicos e não vivos.

De alguma forma fortuita e imprevisível apenas relacionável ao longo de concentrações informativas, em níveis de transformações e alterações de condutas, por formas sinalizadoras de uma evolução em processo de caráter integral, a orientação do sistema cognitivo se deixa antecipar. Essa forma conjuntural de realização semiótica

constitui-se na área relacional originalmente implicativa em qualquer manifestação de cognição atualidade, como processo amplo, desenvolvimentalmente bio-organizado.

A organização mental indicia-se por uma relação de equilibração entre movimentos internos perceptivos, afetivos, cognitivos os quais embora não se mantenham aparentemente, está suportadas no conjunto dos ciclos de suas oscilações por um centro subjetivo uma espécie essência fixadora da identidade desenvolvimental cosmológica. Agregando valores cognitivos de passagem, das condições reais de transformação que tanto conservam como afinam própria estrutura de consistência. De tais adaptações às turbulências e incertezas, restam as acomodações e assimilações como objeto de si próprio tranqüilo ou mesmo esvaziado conservando-se ou transformando-se, em perdas e ganhos cognitivos. Proporcionam-se a frentes semióticas das demais subjetividades, como pontes limitando travessias pelo próprio exercício de cognoscibilidade. Atravessa-se o caos perpétuo do conhecimento do mundo, dimensionado pelas gramáticas de uso enquanto semântica e sintática descritiva e narrativa sobre a perturbadora da informação relacionais nas organizações movidas à base da qualificação pura da vida para ser pontuando por movimentos de peristalse da organização inteligente.

À função cognitiva de legibilidade entre a causalidade energética e informacional, introduzem-se e pelos efeitos diretos e indiretamente nas condutas e pelos veios intrusivos observáveis e sensíveis nas interações intersubjetivas. Fazem-se registrar culturalmente por dimensões de reciprocidade, por afinidades e diferenças. Marcadas situacionalmente por maclas semióticas, as quais se verificam como experiências de movimentos e ressonâncias que se direcionam progressivamente, numa evolução em feixe difusivo como por meio de uma rede de possibilidades concentrativas delimitando as subjetividades. Tem-se assim um significado de consistência ecológico a ser suportado numa dimensão relacional no universo cosmológico. Sendo ecológico resulta de um locus incessante de vibração, um deslocamento adaptativo experiencial ao sabor do tônus individual, objeto de base suportativa a restar do quem aliena de sua árida definição subjetiva na acomodação contemporaneamente como objeto de completa fissão tecnológica às expensas de um poder aglomerante a consumir sua inconsistência.



A literatura total da cognição humana sob essa perspectiva apresenta-se como frentes aos vazios cosmológicos micro e macro epistêmicos como a um cenário reconstruído do drama do tempo, no qual preparou-se o necessário “impluvium” de cada um. Nele do que seja de necessário e de precisão logística formal e final, estão subsumidos como sutis índices nunciadores, marcadores de orientação dessa sempre possível e contínua espacialidade.

Os efeitos reverberativos produtos de transformações ao longo do exercício cognoscitivo, resultam dessa capacidade do receptor de incluir no mundo, no qual há as propriedades estruturais das mais importantes ordens caracterizadoras dos níveis conjunturais das diferenças das quais se pode aferir o aumento da imprevisibilidade, uma sempre tímida característica irreversível, irreduzível nas complexidades. Tais são as complexidades que caracterizam a dinâmica adaptativa piagetiana à reação biológica total na qual os seres humanos em rede, intersubjetivamente estão em sinergia com demais atores no universo.

As oscilações cognitivas dos sujeitos, os caracteres novos sempre improvisados a partir de conteúdos, emergem espontaneamente. E de sua grande margem de aleatoriedade a partir de uma lenta estruturação central que se cristaliza em seu conjunto expressivo o possível se viabiliza por uma capacidade de reação recompositiva do sujeito relacional e das leves flutuações, em forças tônicas cognitivas das quais advêm as realidades informacionais de alto valor epistêmico de interpretação.

Considerando-se as múltiplas forças agregativas e dissipativas, pode-se concluir a auto-organização uma causalidade informacional de natureza semiótica degradativa e auto-reorganizativa, auto-poética inferenciada já por vários cientistas cognitivos à linha cognitiva de Varela, Maturana, que devido a sua impossível imediata avaliação, impõe-se à filosofia da linguagem a socialização do paradigma cultural da tenacidade e do foco na ordem primordial de uma realidade para suprir o sistema de mediações pertinentes sob prisma filosoficamente biológico.

“Só que, com a totalidade da cultura, ocorre o mesmo que ocorre com a ciências: a cultura não precisa de nenhuma fundamentação e de nenhuma classificação hierárquica.” [HABERMAS, 1989, p. 31]

Decorre daí seu poder de interpretar a força epistemológica que influiu sobre ele e reagir humanamente, ou seja, com liberdade (Guimarães, 1998, p. 71). Nessas condições epistêmicas, são compatíveis teorizações atuais tanto de Dennet como de Searle para estados disposicionais e intencionais à causalidade teleológica aristotélica, causa final energética e informacional. (Quilici, 1999) Das dimensões analisadas, conquista-se um patamar reflexivo sobre uma condição cognoscitiva mascarada nas relações globais com a natureza sob quaisquer de suas conhecidas manifestações. Apresenta-se, contudo, sutilmente diferenciada para aberturas na mesma aspectualidade de conjunto com que se faz homogeneizar.

Incorporando uma relação de vigília interativa com os destinos do universo, abre-se uma dimensão de expectativa comum a partir das relações mais básicas com a natureza desvelando-se de um horizonte cognitivo de conjuntos de oscilações hierarquizadas nas remotas intersubjetividades mas interativas e indissociativas.

Correspondendo a núcleos subjetivos mínimos como elementos conferidores de homologias de universo; supõe-se que entre a estrutura cristal e a fumaça pode suportar uma materialidade agregativa de conjunto muitas outras subjetividades. Numa espécie de estrutura fractal cujos únicos índices são potencializadores de suas próprias conexões cognitivas frentes suportativas de ameaças gigantescas de sua desagregação como organização ocasionada à vida talvez imponha-se uma complexa ordem prospectiva desses desencadeamentos inferenciais de qualidade das emoções.

Em Santo Agostinho nas temporalidades generalizadas, tempolábil a própria fragilidade frente ao stress cognitivo. Enquanto se atravessa tais turbulências generalizadoras pode-se talvez registrar em referenciais de si mesmos, reverberações perceptíveis. Do estruturalismo cibernético de Piaget, pode-se portanto estimar a



expressão dessa densidade reflexionante para um novo paradigma das relações intersubjetivas.

Confere-se da estrutura central dos textos, de que se fizeram intrusivas informações, racionalmente, essas disposições mentais e emocionais como definidoras de possibilidade de espaços e conjunções de suas horizontalidades e verticalidades epistêmicas. Esses sistemas de constituição definem-se pelas formas típicas apresentadas durante essa fase de desenvolvimento estudada como composições inferenciais do raciocínio da criança de 9 a 12 anos.

No nível de transparência dessa aspectualidade que se insinuou mais ou menos icônica em sua natureza semiótica evidenciou-se uma macla de delicada infiltração de fios individuais epistêmicos, ao correr delineado de um conjunto diagramático de esquemas conectados e imbricados como marcadores de estruturas regulares no conjunto da tessitura biológica. Tal configuração diagramada pelas atribuições e movimentos internos e eternos dessa peristalse, dinâmica indemovível, talvez possa ser estudada pela gramática informacional, linguagem dessa orientação transformativa da cognição afetiva de recursividades e antecipações, cuja realização e pragmatística paradoxal tendo na sua base uma sugestibilidade esfoliativa, faz-se conservar e ressurgir na qualidade total de sua significância integrativa total.

Um paradigma que reconhecesse a interdependência e existente entre os processos de pensamento e de construção do conhecimento e ambiente geral, que colaborasse para resgatar a visão de contexto, que não separasse o indivíduo do mundo em que vive e de seus relacionamentos, que os promovesse como seres interdependentes, reconhecendo a vida humana entrelaçada com o mundo cultural. [ALVES, 1991, p.16-20]



A cibernética como cognosia

A cibernética surge como o grande tema em uma ecologia cognitiva. Tem sido assim defendida por pensadores modernos como uma postura filosófica diante das vastas e complexas redes de representações que, no conjunto, pretendem mediar a caracterização da unidade do conhecimento. Objetivo imediato do pensamento o qual tenta se quer acesso constantemente, objeto vago a diversidade de aspectos com que apresenta. Esse modo de realidade como possibilidade. (Lévy, 1993; Bennaton, 1986) O entendimento do que seja esse conhecimento como forma de reger a própria evolução dos homens quando o consideraram no todo biológico e físico das suas manifestações ao longo do conhecimento científico, significará para a humanidade talvez uma mudança radical nos critérios conceptuais de avaliação e adaptação aos novos padrões interativos com o cosmo.

A sensibilidade a aspectos de convivência geral meio a diversidade perturbadora quanto exuberante de seres compactuando uma ordem de conhecimento universal produtivo quanto também devastador, registra-se desde os primórdios de sensibilização da interação humana como o cosmo. A experiência de aproximação com essa dimensão unitária determinou a importância das ciências no conjunto do conhecimento que dispõe para encertar uma reflexão sobre o caráter epistemológico da própria concepção da ciência como conhecimento válido no universo das relações.

Refletir sobre a representação geral do conhecimento como cosmognosia significa buscar compreender em base relacional os processos informativos princípios fundamentais de organização nas relações de significação e comunicação a partir de classes naturais de signos. Considerando-se alguns sintomas de sensibilização ao longo do processo da história para a diversidade e complexidade, significados conjuntos a partir de alguns signos naturais podem ser observados em algumas condutas ainda atualmente determinadas por eles em níveis bastante significativos de restrição e semelhança.

A semiótica peirceana por apresentar o delineamento das condições gerais de percepção que possibilitam incluir a auto-organização na realidade do conhecimento tem em consideração os princípios vinculadores da atividade

cognoscitiva como a substância constituidora da racionalidade humana. O procedimento peirceano torna possível adentrar esse espaço, partindo do sistema lingüístico pela extensividade da capacidade semiótica em seus planos gerativos e comunicativos de maior generalidade. Importa aqui que signos naturais possam ser estudados também sob a dimensão simbólica da linguagem natural, sob as expressões configuradas diagramaticamente pelos artifícios da mente para resultar num todo significativo. A essa dimensão de significado de se fazer sensível em Peirce e Piaget está implicando semioticamente nas redes neurolingüísticas. (Peirce, apud Colapietro, 1988)

Em “A visão do mundo através de um texto...” foram delineadas a partir da teoria piagetiana aspectualidades que fundamentalmente caracterizam as formas do pensamento como um poderoso fluxo em uma profusão impelativa cujos princípios de racionalidade afrontam o modo tradicional de conceber o acesso ao conhecimento. Marcam um espaço abstrato no qual as intersubjetividades se manifestam em seu caráter total de abertura. À realidade de antecipação de possibilidades e impossibilidades macro e micro redimensionáveis no tempo e no espaço material da informação. Como apresenta-se um modelo incurativo por sulcos, cicatrizes ainda sensíveis na interioridade ao próprio ambiente mental parece que se propor subordinando-se à uma orientação que se faz nova, não destruindo contudo o passado mas apresentando-se com o novo significado ou ao que se arranja para o fazer cognoscível e ao modo peirceano, **não duvidemos em filosofia do que não duvidamos em nossos corações.**

O pensamento verbal compõe-se de elementos que das categorias semióticas peirceanas se apresentam com sua natureza complexa, as quais se mostram sob símbolos por um caráter de ciframento, numa relação íntima do signo que se põe em contínuo e um pensamento em um posto, signo-pensamento, anterior.

Nos termos rosseaulianos o signo-pensamento de Piaget para compreender crianças antes do operatório formal, não apresenta excessivas ênfase nas características da perspectiva intelectual que estão sendo amadurecidas pelo próprio exercício do esquematismo nos signos-pensamentos sucedâneos para a idade depois dos nove anos. O caráter dessa possibilidade, se apresenta na capacidade de

verticalização inferências, generalizando-se dedutivamente, e se de alguma forma for inibido ou realçado, ou auto-contido na expressão explícita de sua linguagem, o fenômeno em auto-regulação acomodativa será prejudicado de seus próprios efeitos nas recursividades primordiais dos processos da memória.

Na faixa etária dos 7 e 8 anos, observam-se na linguagem das crianças oscilações, entre as formas expressivas em sua orientação de um significado geral pelo qual o novo signo será caracterizado no potencial gradativo da relação signica com as cognições prévias, signos – pensamentos anteriores. O sistema modulador a que se afeta o desenvolvimento do raciocínio infantil incorre nas condições da experiência diária, nas quais são abertas as correlações entre manifestações de resistência e esforços possibilidade de aplicação copulativa, seguida ao insurgimento de experiências paradoxais e cujos gradientes de caráter psicológicos apenas podem ser aferidos a posteriori, como relações lógicas de conjunto.

Para Piaget essas relações alcançam índices de maior ou menor objetividade durante o desenvolvimento, importando regulações na abertura de possibilidades de ampliação ou do desencadeamento de processos de decalagens e degenerescências. O desenvolvimento do esquematismo funcional da inteligência na concepção piagetiana em certo sentido afirma a realidade semiótica do pensamento–signo peirceano. Manifesta a da cognição sujeito do pensamento às nuances indicadoras de um fluxo representativo na qualidade dessa inteligibilidade pela demonstração de funcionalidade aplicativa e sugestibilidade indiciativa de qualificação materializável, Iconicidade.

Esse processo de significação importa na realidade lingüística e enquanto a representa é também possibilitadora de virtualidades cognitivas a partir da integralização de conteúdos experimentais, estados mentais diferenciados e acomodados temporalmente. Os mecanismos de abstração e reconhecimento na relação pensamento-linguagem se dá como fenômeno paradoxal que circunscreve as possibilidades de transformação e definição, nos alcances inferenciais. Em sua qualificação cognitiva para a interpretação de realidades biologicamente ativas e sensíveis encontram-se implicadas matizações conceituais dos princípios abstraidores o pensamento-signo como materialmente, idéia suportada em sua manifestação.



As espécies independentes, costumes comuns, de sinalização limites de resistência entre orgânica e inorgânica, na referência lexical processos internos e externos macro e micro agenciados. São aspectos significativos nos enunciados à presença da verbalização e adjetivação atributiva de semelhança e comparação a processos desencadeados na duração, no tempo. As unidades de sentido determinadas à velocidade dos processos são apreendidas na compatibilidade cognitiva possível de que se fazem objeto da percepção atenta nos ritmos naturais. Esses são referencialmente admitidos nos espaços cognitivos da cadeia semiótica marcados na punção social efetiva que se faz correlata à representação da atividade inteligente atualizadora na memória. Convergem e se mostram em planos conjunturais de referência na evolução intersubjetiva cognitiva de formas de expressão consoantes pontuadas colateralmente à dinâmica dos processos.

Nesse modo de expressar explicando o que os sinais significam para a flor, veiculando a consciência na decifração de efeitos possíveis na conduta ulterior a operação mental, exhibe-se a própria assimilação funcionalmente mimética e enquanto estrutura representativa ela mesma significante com implicação.

Partindo-se da orientação viva representada nesses posicionamentos subjetivos marcados e veiculados como pistas lexicais.

As biológicos degradações dos processos físico-químicos são interpretantes lógicos entre os emocionais e energéticos as evocações dos modos experienciais atribuídos pelas crianças à subjetividade da flor, porquanto alteridade ao seu próprio modo cognitivo dessa vivência à secundidade.

Na ambiência o ambiente, nas metaforização as idéias são manifestadas à motivação na referência lexical a possíveis estados mentais dispocionáveis surge a idéia do signo complexo “sumiço da flor” como realização triádica. Nesses enunciados as explicações ontológicas compõem o quadro teórico ao valor instintivo de moldagem das significações, nas possíveis das determinações de um sentido interpretante futuro, prevalece a previsibilidade terceiridade, a idéia do fenômeno, realiza-se a interpenetração das categorias.

As idéias suscitadas das assimilações, decomposições, combinações e afinidades, apresentam sugestões ao entorno como processos biologicamente ativos



surtem e permitem o esforço de traçajamento, nesse modo de projetar reconhecer e sinalizando espaços cognitivos, operando cognitivamente confirmam intersubjetivamente no que sabem conhecem ao limite da própria resistência e extensividade simpátrica natural.

A linguagem em língua literária: desmontagem estranhamento correlata à expressão sintética da secundidade. A mediação da epistemologia do transcendente

A partir do quanto representamos, dos valores de subjetividade investidos de um âmbito de significação convencional na interpretabilidade menos logocêntrica língua, as ansiedades redundantes do simbolismo imemorial antropológico são modelizadas à realidade remática das construções figueradas das significações inteligentes coletivas, em uma espécie de cultura da fala, marcada da interiorização naquela circularidade envolve inevitavelmente toda discursividade enquanto persistência do efeito perlocutora aos textos, desse modos textuais mais amplos. Ao rabisco de qualquer outro contexto social pertinente a uma morfossintaxe de equivalentes que possa ser considerada semântica informacional discursiva, deve atender aos elementos composicionais dos planos que levam a inferir da natureza da isotopia, lexicograficamente polissêmica, porquanto ao sentido desse domínio mais vatamente conferível à língua à fala conferido pela língua, mediando enquanto promove a singularização dessa identidade global e local, possa ser ao mesmo real tempo contemporânea como se realiza-se adaptativamente aos idioletos dos falantes nativos.

Desse ponto de vista da pragmática, as ações comunicativas são interpretantes lógicos, nas relações do pensamento com a realidade instituem-se como conceitos práticos causados indiretamente por uma gama de representações e das quase autônomas esferas da sensibilidade restam das estruturas as representações por via cognitiva do emocional ou das sensações. Esses sentidos se definem por modos de distribuição na textualidade, de diferenciações individuais nas quais se compenetraram ao cunho intervencional dos princípios da intersubjetividade, o que em nível discursivo se apresentam projetivamente para a conduta futura no plano das enunciações, por



unidades comunicativas de expressão mental na trama narrativa. Através da semiótica lingüística, língua e fala implicam a rede de intrincamento veiculados nesse textos à tessitura informacional verbalizada nos signos lingüísticos pelos desenvolvimentos dos signos pensamento em eixos sintagmáticos e paradigmáticos, possibilidades as fusigênicas sinoloides dada a natureza formal e material dos sistemas cognitivos lingüístico. Reproduzem-se assim ao exercício da linguagem os critérios de relevância sempre renovados de uma consistência diagramática uma atividade de montagem e desmontagem da subjetividade relacional, à racionalidade funcionalmente epistêmica.

Alguns significados psicológicos, emotividades envolvendo seres e objetos na figuração da mesma idéias manifestada da realidade puderam ser destacados como interpretantes de reações promovedores de elementos catalizadores e intensificadores à terceiridade, desse sentido relacional à interface de possíveis propriedades de montagem cognitiva, aplicação mentais criativas, pertinentes como unidades comunicativas à organização lingüística com os signos na escrita. A essa referência significam os contextos de significação referidos extralinguisticamente como sistemas lógicos na evolução transformacional ao sentido.

São sugeridas desses textos que as condutas comunicativas humanas se encontram essencialmente afetas a leis de afecção a de dificultosos aderências intrincados processos semânticos. Tem-se por base uma competência lógico-sensível observada à qualidade periférica das funções de relatividade demonstradas as inclusões e exclusões de objetos, enquanto elementos de coesão e coerência à base informacional de sistemas complexos. Como complexos interacionais para uma condução pragmática a partir das quais uma physis auto - sustentadora se faz manifestar para função aplicativa do pensamento nos interpretantes, com uma orientada forma da direcional autônoma, contudo altamente cifrada enquanto considerada função representativa do pensamento no sentido perirceano.

Sob as bases discursivas, os conteúdos desses enunciados procedem como unidades informacionais. Ao sentido evolutivo do pensamento cognoscente que se desenvolve enquanto se realiza ao raciocínio do sujeito na orientação não controlada, resultam assim em interpretantes do simples cuidar abstrativo observacional. Sob uma forma indireta pode-se caracterizar tais observações a um só tempo como



transubjetivas, inter e intrasubjetivas. Constituem-se como signos pensamento, ao complexo de significações ao conjunto das possibilidades que evoluíram da combinação. Traduzem as funções diferenciadoras de significados intelectuais reais ou virtuais que surgem conclusivamente ao efeito de sentido do encadeamento dos signos na linguagem, no sistema geral semiológico. Ao conteúdo dos suportes dessas desenvolvido como linguagem verbal, subjetividades enquanto nível de estruturação para assumir condutas individuais de fala, encontram-se as das possibilidades de singularização e busca de compartilhamento, a estrutura diferencial para valores opositivos da identidade nos níveis assimilativos acomodativos psicológicos das idéias universais.

Além das unidades lexicais nas quais se dá o recorte no campo semântico da sensação, ao domínio da imagem, aos processos vinculados isoladamente, das referências em que as funções demandaram semioticamente uma fisiologia de integração as enunciações, delas fazem referência enquanto “cuidar” de significações imotivadas. Um plano analógico e simpatético que em nível das possibilidades deflagradoras das obliquidade, relacionam irradiações de efeitos somestésicos. Sendo possível supor essa ordem lógica na semiótica das relações triádicas pode-se inferi-las enquanto sistemas desse tipo gradações da sintaxe dessa consistência.

Das observações gerais intersubjetivas e intrasubjetivas, e multiagenciadas à generalização de certas afinidades dá-se aproximação de sistemas significantes, os quais para o objeto dinâmico significam na dimensão em que a representação os caracteriza como potências da inteligência, nas atividades práticas de alavancagem do imaterial das realidades. Dimensão essencialmente implementadora e articuladora, a secundidade implica o envolvimento possibilidades de enquanto comunicabilidade e de consecução. Dessas referenciabilidade essenciais o real emerge enquanto possibilidade dessas relações mais aprofundadas na inteligibilidade com seu objeto.

Desse modo a gradação se faz triádica intrínseca e extrínsecamente para co significações em sistemas lingüísticos e mesmo não-lingüísticos; para uma espécie de semiologia de estilos informacionais à interface das projeções, pelos efeitos



progressivos das possibilidades analógicas das experiências terapêuticas ou patológicas, naturalizam-se os significados adaptativos como perdas e ganhos. Nessa natureza mais intrínseca ao contínuo, podem ser retiradas ilustrativamente sob o eixo das intersubjetividades as relações, ao sentido arbitrário e aleatório dos textos individuais, conferidas aos acontecimentos enquanto valores extrínsecos para o jogo geral das representações.

Enquanto domínio do cognoscível, o complexo das formas possíveis dessas relações fundacionais dá-se como operacionalidade ao Jogo dinâmico de ajustamento do lógico ao psicológico em que os modos de entender não são mais supostos como únicos, mas aos ritmos dos processos mais gerais de transformação e de naturalização, para a inteligência na especialidade humana e harmônicos em que os sistemas semióticos da fronteira sutil do cognoscível capturadores mentais, de índoles descontínuas, dimensões que permitem as habilidades nas gradações signícas.

Alguns eixos semânticos-pragmáticos se destacaram no domínio do prospeção biogeográficos puderam ser estudados tendo em vista esses efeitos até alargamento da cognição ao conjunto dos textos à extratextualidade, e à pertinência das atualizações intratextuais. A importância da significação envolvida nos níveis de sugestibilidade que se fazem marginais e apreensíveis apenas na leitura macrotextual, impõe-se a consideração de possíveis metaníveis mais complexos. Como articuladores de elementos morfológicos à estrutura cuja opacidade se faz de isotopia incerta.

“Os problemas de mediação colocam-se inicialmente ao interior da ciência, da moral e da arte. É aqui se surgem movimentos de reação”. [HABERMAS, 1989,p.32]

A cognição infantil ao implicar fatores maturacionais não pode continuar sendo estimável na forma criativa qualquer que lhe seja o contexto. A ocasião de sua manifestação traduz-se necessariamente numa ocorrência de singularização para a qual se realiza a abertura ao quimiotropismo das condições desenvolvimentais totais. Diferenciadas naturalmente dentro da gama de possibilidades piagetianas de seu maior ou menor significado aproximativo os “espaços” citados puderam ser compreendidos

como núcleos de deflagrações de centromerías das quais procedem orientações catalíticas, das parte-se para compreender as funções de estabilizações.

Dessas manifestações textuais tipologicamente narrativas-descriptivas, de cujas enunciações se compõem em conjunto uma suposta unidade do caráter ativo da significação, pode-se mesmo supor um modelo isotópico, à relatividade da cognição dentro das aberturas concebidas para as condutas os interpretante imediatas. Embora se apresente ainda como um modo não muito sistematizado, contenha-se no mínimo à pertinência teórica normativa para essa investigação à realidade, apresentam-se esses eixos semânticos de predicação encontrados tanto no nível micro como da macrotextualidade, como efeitos dessa determinação semiótica para o sistema do pensamento verbal.

Dada sua elevada densidade contextual, legam no efeito representativo, justificado na pouca mobilidade, sendo impressivo no aspecto conjunto semântico, permitindo pois a ancoragem particular do interpretante às inferências locais. As expressões e unidades que modalizam a fronteira sentida entre o individual e o universal em uma cosmologia de referência cognitiva pode-se indiciar às possibilidades de temporalização assumida como mais ou menos diferidas, enquanto objeto de tratamento intuitivo sob o lógico-formal da linguagem. Assim talvez seja possível chegar a um nível sempre mais geral e tanto mais bases tautológico, e nesse aspecto destaca-se como reconciliador do ponto de vista conceitual quanto aos aspectos lingüísticos que caracterizariam do “objetivismo abstrato” com o qual Bakhtin caracteriza o modelo de Saussure como também o real concreto, por contextos de objetividade demonstrativa, dos fatos de citação no do que se manifesta, por causalidades diretas e indiretas.

Nesse sentido extensivo em que se possa admitir a sincronidade a partir de elementos referenciáveis, objetivamente mediatizado na funcionalidade paradigmática e sintagmática para uma sintaxe de predicação, da língua e a fala, puderam ser observados em níveis multirrelacionados e centralidades cognoscitivas, s linhas combinatórias de certos índices e funções simbólicas curiosamente disponibilidades na narratividade para a escrita enquanto se fizeram estruturas de atualização. Como os elementos nocionais se fizeram perifericamente distribuídos por



uma estrutura superficial na qual predomina o estilo de caráter onomástico, de alguma forma, ao se interconectarem em classes dessa referência conceitual indiciam objetos nas determinações abstratas para os produtos diferenciais dessa criatividade narrativa, resultando na estrutura lógica em valores de codificação na atividade significativa inicial da subjetividade.

De algum modo surgem como que surpreendente formas naturais da atividade semiótica da inteligência. Por vias de um sistema catalizador, a dimensão comunicativa da linguagem tem sua atividade servida das bases plurais o mais legitimamente variada às figurações do pensamento verbal segundo regulações de icônicos saída das possibilidades, formas metafóricas e metonímicas que por efeitos de sentido remetem ao nível das relações icônicas de pensamento.

A partir de um modo simples de argumentar e exprimir idéias, em livre-associação, figuram o de discernir as dimensões de espacialização e temporalização cognitiva, dão mostras dessa forma de fazer transfigurante da cognição para abarcar à condição volitiva ao contínuo. Pelos próprios valores descontinuidades que se expressam por formas mais ou menos sintéticas ou analíticas no nível de ordenação dos esquemas do raciocínio da comunicação aos efeitos mais gerais universalizantes de uma organização informacional realizativa por modos de realidade dados à confluência de ativações das competências lingüísticas e literárias.

Estruturas e abstrações

Observam-se nesses textos como surgem modelos procedimentais a partir do esquematismo deflagrada pela figura da flor em dispersão, os sujeitos penetram no espectro de possibilidades inferenciais pela linguagem enquanto estrutura fundamental para predicação dos processos. Evocando fatos de sua experiência vivida ou mesmo imaginando contextos contíguos que apoiam e conduzem a relação interativa, expõem os modos de pensar à expressão da modulação existencial, da secundidade o núcleo subjetivo que resta da semiose interpretante com a do objeto

imediatamente ao dinâmico tender ao objeto, dando do intellectus do fechamento volitivo de suas identificações. Enquanto representação de autoria para significados, ao alcance do entendimento, algumas categorias cosmológicas, são pelas classificações que se promovem ao suporte signico verbal para o objeto entre procedimentos de codificação mais ou menos empíricos e ou científicos.

Ao contexto originário para essas estruturas motivacionais no campo semântico da referência elaborada para a língua e a fala e enquanto permitem discriminações de fundantes, as isotopias mesmo que incertas, ao largo, margeiam o espectro das pluralidades, enquanto se conjugam os eixos semânticos fundamentais, no domínio da figuração lingüística, na narrativa escrita, permitida pelo código que como falantes nativos dominam do geográfico, do biológico, da cultura local, elementos selecionados pelos sujeitos dos quais somente como conhecimento extralingüístico permitirá a leitura mais compreensiva visibilidade.

A “armadura” nas referências da gramaticalização para valores da sucessividade na arquitetura da organização narrativa levam muitas vezes a efeitos de circularidade tão complexa pois se faz a relação do intérprete, leitor, com o interpretante autor dos textos. As combinações de sistemas significantes assim também sinalizam nas expressões adverbiais, através dos quais o modelo narrativo firma-se uma condição mais estável ao contínuo, talvez oponham-se a “uma vez”, efeitos de agentes cognitivos como “sempre”, o passado assim margeia o presente e o futuro próximo pela recursividade lingüística.

A questão do fundante cognitivo na aprendizagem parece estar afeto pois ao dinamismo e autonomia da articulação da inteligência refletidora. Enquanto a base estrutural gerativa de a cognição uma forma de subjetividade que resta provocativamente se mostra e capturadora de energias individuais no eixo das sucessividades para fins de assimilação de formas integradas. Atua como fluxo de cargas informacional e faz provisões, “fardo precioso”, para ancorar todas as demais aprendizagens vinculadas. Aí o surgimento das possibilidades heurísticas, sejam negativas, ausentes ou positivas, explícitas mais ou menos realistas sensoriais. Para situar abstrativamente o sistema de pensamento em relação aos demais sistemas ao



suporte dos domínios das confluências espaço-temporais por motivo recorrente embora deslocativo.

Cabe, acrescentar, que, assim como um trecho musical, cada parte pode ser escrito em partes, com sua própria melodia, vários sistemas de relação de sucessão manifestam-se entre as mesmas. Esses diferentes sistemas distinguem-se por terem diferentes motivos, idéias ou funções. O pensamento é apenas um de tais sistemas e seu único motivo, idéia e função é produzir crença, pertencendo a outro sistemas de relações tudo o que não concerne a esse propósito [PEIRCE, 1975, p.55]

As enunciações como atividade de codificação parece darem-se mais em um sistema complexo cuja natureza se desdobra tanto ao efeito que dessa semiose prevalentemente, se icônica indicial que se transfigura à dimensão ao simbólica mental elaborativa aparentemente estrutura de conexões em um substrato neumático, espécie de reogramas a proporcionarem a significados sutis do interpretante imediato, ao que se determina do signo ao contínuo.

Quando se parece fechar a concentração lexical é o noosológico que se inferência como efeito ao sentido equilibratório, na circularidade constituidora de fundo da relação interpretante. Aproximando-se as relações onomasiológicas a partir desses núcleos de significação ao eixo biológico, essas composições traduzem ações cognoscentes sob a complexa determinação das movimentações significantes, enquanto há efeitos da atividade nas determinações essencialmente semióticas à internalidade e ou externalidade, dos centros de subjetividade. Dessas categorias informacionais vem a matéria do "intellectus" diluída na referência conceitual, nas bases lingüísticas inferenciais. Essa determinação mais inclusiva é que vem diferenciar, significar de forma indicial provocativa mas livre, mas objetivamente deslocável amalgamando-se algo na estrutura verbal da palavra posto, numa dimensão subjetiva transformacional envolvendo condicionalmente o código, uma situação tão translingüística quanto transpsicanalítica. Trata-se de um efeito de sentido dessas enunciações mas possivelmente de caráter universalizante na quantidade dada a possibilidades próxima

do efeito informacional da conjugação dos objetos mediata e imediatamente ao suporte do verbal.

Às sucessividades lingüísticas a dimensão com que se vai moldando inevitavelmente, alienando-se a significação lexical objeto do pensamento se definindo melhor as reações à imagem e semelhança entre os demais sistemas de intercepção ao contínuo ordenando na dispersividade. Por ocorrência dessa lógica de a significação continuidade se condicionam em nível da relação triádica de desempenho, o interpretante imediato e o interpretante dinâmico, ao objeto imediato e ao objeto dinâmico."Essas duas espécies de objeto - aqueles de que temos consciência imediatamente e aqueles de que temos consciência mediata - existem em toda consciência" [PEIRCE, p.55]

Aos efeitos de evocação por formas deslocativas puderam ser resgatadas signica nas pistas lexicais esse caráter cifrado ao valor moldativo das palavras, nos níveis lógicos de reflexão da contigüidade e metaforização. Ao sabor tanto das "peças do xadrez" lingüístico de Saussure lúdico anagramas poéticos quanto a linguagem do quarto chinês de Searle, às qualidades do "rumor" em Barthes, ao de Freud e também às arqueologias à importância das de Foucault e Jung, vale lembrar também para Kristeva. Como nexos lógicos da realização signica, importam as influências das palavras na cadeia interpretante no que representam a esse momento de crença e a ela se ajustam e de alguma forma mitigando a subjetividade interpretante, permitem assinalar dessa atividade como conhecimento científico, como esforço consciente compelido pela primeira expressão que se fez da vontade e da experiência sensória em relação a objetos particulares.

As narrativas apresentam-se como modos de caracterizar o objeto nas relações que por esse modelo instaura-se e mantém o pesquisador-leitor e o autor como interpretantes nas descontinuidades, ou seja nos momentos de atualização ou como na condição ao pensamento das intertextualidades sob os esforços de integração possível não da metalinguagem para a continuidade. Demandam assim como procedimento táticos as dimensões intersemióticas, os esforços intelectuais parafrásticos que se observam voltados aos níveis formais de pertinência para configurar suportes existenciais ou possíveis referenciais ascendendo às representações lógicas como para

dimensão desse nível de relação paradoxal que se dá entre as determinações e possibilismos entre meio e mente. Na fronteira organísmica esses elementos cartográficos e inclusivos restam as significações subjetivamente nas expressões de sentido lato e restrito.

Desses níveis de subjetivação, ao esforço ou resistência evidencia-se na interação o que se torna realmente característico e produtiva como um texto interpretativo se apresenta prevalecendo a relação de secundidade. Trata-se do desafio metodológico de propor para o polo do “objetivismo abstrato” admitido uma lógica para a atividade de leitura a partir de uma concepção da linguagem ela mesma como função semiótica, ou seja, abarcando todos os demais que tenham figurar como signos meios expressivos e informacionais em uma gramática muito mais geral da linguagem e da fala.

Propondo-se uma análise lingüística da leitura das produções dessas crianças tem-se por meio de seus núcleos nominais sintagmáticos asserções e índices. As incertezas repousam na predicação das interrogações. Aos efeitos de aproximação ou distanciamento na relação interpretante ao fundante porquanto ao representâmem. O que se representa já codifica o objeto em nível de conhecimento do intérprete aspecto motivacional no signo lingüístico por onde se pode ancorar a dimensão referencial à pluralidade filogenética, a lexia à filiação etimológica. Uma heurística positiva ou negativa em relação aos níveis dessa integração importam enquanto dessa essência receptiva elementos de fixação; sob os signos lingüísticos a transparência dos estados à ordem denotativa para o âmbito das referências espaço e temporalidade. As heurísticas apresentadas pelos autores dos textos importando como modos de buscar e organizar regularidades, a penetração em um mundo concreto como complexo de memória e estados de pensamento compõem-se signos indiciais de cujos referenciais, substantivam-se na linguagem.

“[...] a idéia de “significado” é irreduzível às de qualidade e reação. Depende de duas premissas gerais. A primeira é que toda relação triádica genuína envolve significado. A segunda é que uma relação triádica não pode ser expressa exclusivamente através de relações diádicas. Impõe reflexão quanto ao primeiro ponto” [PEIRCE, 1990 p.101]



Há aí a possibilidade de fonte viva das aprendizagens em sentido lato e restrito. Do embate de um organismo com objetos por vias da assimilação adaptativa tanto a subjetividade interna quanto a externa no tempo não deferido ao continuum sendo “auto-representativa” à cadeia das contaminações naturais e virtuais das determinações sígnicas. Resta definir-se aqui a realidade organísmica aos esquemas das propensões físicas englobantes do inorgânico. “O pensamento não está necessariamente ligado a um cérebro. Surge no trabalho das abelhas, dos cristais e por todo o mundo puramente físico” [PEIRCE, 551]

“Mente é aquele Sema de verdade, cujas determinações se tornam interpretantes de todos os outros signos. Interpretantes dinâmicos estão dinamicamente conectados” ([PEIRCE, 550]

A expressão escrita nas determinações gramaticalizadas pelos universais da linguagem nome verbo-sujeito e predicado sintático e semanticamente são dados contaminados de entrada no discurso citado, uma vez que o contexto compreensivo admitido na interação leitor-texto por representação implica uma complexidade muito relacional dos signos, mais vital.

Para estimar em mais um nível integral essa dimensão interpretativa enquanto há de se considerar o plano ativo da representação enquanto suporte material pela informação, ao espaço da relação sígnica para os princípios do conhecimento lógico-matemático o qual segundo Piaget está “indispensavelmente ligado a este” de estruturação demandados pelo pensamento hipotético-dedutivo do intérprete, pesquisador, leitor e que se inicia na criança-autor. Para este marcando-se bastante centrado na palavra, com as noções marcadas pela conservação e o pensamento ainda bastante inacabado naquela relação para os autores da narrativas porquanto uma realidade incorporadora de elementos novos de conservação dado que a conservação da substância dá-se aos 7 - 8 anos, do peso aos 9 - 10 anos, e do volume 11 - 12 anos.

Efeitos de sentido: deslocamentos de objetos subjetivos (Hume)

A partir desses significados nos textos a questão da "naturalização de intencionalidade" parece evasiva, pertinente a uma realidade paralingüística enquanto lógica afeta da subjetividade que se comporte a assimilações adaptativas na intimidade da ambiência relacional determinada pela realidade cognoscitiva, a qual se realiza como trabalho, a partir dos signos. Tem-se na semiose lingüística um complexo de natureza dialógica, paradoxal enquanto possa implicar por um lado a individualização ao caráter interativo da relação sígnica particularizada como representação de "intencionalidades" mentais: uma quase-mente, no pólo locucionário e da interpretação e por outro lado um dualismo substancial sob a forma comunicativa à dinâmica informacional da interconexão universalizante dada terminações sígnicas nessas dimensões significantes da língua como a fala demandam uma teoria da linguagem que abarca a pragmática, nos atos da fala os "efeitos de sentido" de uma concentração mais ou menos acessível das espécies mentais enquanto substratos cognoscíveis são realizações degradadas pelo "trabalho", manifestações que surgem como pensamento livre aos objetos experiências, mais ou menos conforme o desenvolvimento mediatos ou imediatos como consciência à relação física, biológica das realidades orgânicas se dê por formas mais ou menos disjuntivas, ou se façam por contiguidade ou por deslocamento. Quanto a essas inferências de alguma forma são tratáveis à pertinência demandada por Kristeva, Chomsky, Fodor e Searle quanto às expectativas da linguagem

“Se o significado da sentença a água é "úmida" não pode ser explicado em termos do que está dentro das cabeças daqueles que falam o português, então a crença de que a água é úmida também não é exclusivamente, uma questão daquilo que está em suas cabeças” [SEARLE, 1997, p.77]

Quanto às condições epistemológicas para a relação significativa para com a linguagem dada a "visão normativa" constrangida à esfera conceptual externalista realidade para explicar o funcionalismo inerente à linguagem discutido por Kristeva em sua acepção saussuriana para a ação do signo lingüístico, a construção dos níveis desenvolvimentos do pensamento permitem supor as necessidades lógicas de uma subjetividade cartesianas, admitindo-se uma para-racionalidade advinda de uma necessidade lógica mais geral e englobante das naturezas do pensamento enquanto compartilhamento distancialmente das determinações mentais ao complexo dos signos nesse sentido postular teoricamente eixos semânticos transformacionais e o deslocamento representados no sistema de signos lingüísticos sob o duplo dessa essencialidade quase-mental na língua e na fala arrasta possibilidades tipológicas da reta piagetiano em uma linha de racionalidade transcriptanalíticas ao sabor das constrições transcriptanalíticas. De Jakobson, por via anagramatizada de Saussure para as contribuições explicativas lacanianas, freudianas, junguianas, estruturas das profundas à complexidade competências e performance chomskiana.

Um dos aspectos mais prementes envolvido nesse esforço compreensivo da abstração de uma perspectiva mais univocamente correlata a abrangência das variedades temáticas recobertas pela teoria peirceana destaca-se na sua crença na possibilidade de circunscrever um domínio sensível de observação na especificidade de um movimento intelectual que se como princípio originário para orientar uma mente para o objeto.

O objeto, ampliado e elevado ao estatuto de maior generalidade como parte de uma potencialidade dinâmica e teleológica da natureza representa a dimensão latente de uma racionalidade complexa, de alguma forma mimética, figural mas também transformativa da realidade. Em uma referenciabilidade cosmológica a interpretação de alguma forma parece constituir a realidade sendo o objeto o próprio universo o objeto dinâmico. A partir desta concepção a qual se consolida nas múltiplas assimilações das bases teóricas peirceanas e a partir da "metaphysical nature of feeling" impõe-se um plano de possibilidade de conexão objetiva com a subjetividade. (COLAPIETRO, p.88; D' Alessio, Silveira, L.F.B.)



A capacidade semiótica expressiva nas formas ostentadas no universo comunicativo da linguagem por uma química de condicionalidade pragmaticista, impregnadora de todas as interações em traços cosmovirtualizadas; rastreando-se por um sentido perdas e ganhos a existência constitui-se um simila planos situacionais dos estilizados dessa essencialidade, primordialmente contensiva e simpátricamente disponibilizada.

Para Peirce a mente consegue compenetrar essa espécie de natureza unitária, e por eixos dessa centralidade originária do Objeto participar da natureza dessa intesconectividade enquanto leito depositário da imagem, do diagrama do entendimento, da racionalidade como ideal lógica semiótica.

A investigação procedendo por aproveitamento de observações preliminares de textos em pesquisa exploratória precedente para sujeitos naquela mesma faixa-etária, permitiu a constituírem-se de blocos temáticos cujos conteúdos centralizam aspectualidades das relações, inferenciadas figurativamente como da palavra natureza na sua expansividade astrocosmológica. Como aspectos significantes tomados como modos veiculativos da inclusão do formal por via da escrita nessas situações de abstração reflexiva o sujeito pode por recursos semióticos tomar da memória e da introspecção representações perspectivas.

A subjetividade epistêmica pode ser resgatada como um espaço a ser preenchido com novos conhecimentos dessa biotextualidade interativa modificada pela inteligência enquanto saber fazer semiótica.

Em toda asserção podemos distinguir um elocutor e um ouvinte. Este último, é verdade necessita ter apenas uma existência problemática, como ~e o caso durante o naufrágio, quando um relato do acidente é fechado uma garrafa e jogado ao mar. O "ouvinte" problemático pode estar na mesma pessoa do "elocutor", como sucede quando mentalmente registramos um juízo a ser mais tarde lembrando [PEIRCE, 334, p.90]

Peirce afirmou pressuposições de existência um raciocínio racionalista implícito, constituindo-se ou manifestando-se ao longo de um processo de aprendizagem. Afirma-se uma esfera de intangibilidade à fonte principal do pensamento, um território subliminar sem controle, espontâneo. O pensamento natural, provem as lacunas e estando a base de todos os motivos lógicos quanto psicológicos, contudo, um universo organizado para fins apodícticos da razão; embora empreendido no domínio do “irracional”, “ilógico” promove-se contudo naquele sentido mais amplo de sua lógica. Para Peirce a normalidade é o único sentido de qualquer pensamento lógico e não pode ser completamente atingido pelo de auto-controle, que a qualquer lapso a ele é reconduzido. Nesse processo o juízo perceptivo seria uma manifestação bastante aproximativa desse gênero de intermitência. No juízo perceptivo restaria o sentido psicológico mais geral e paradoxalmente, exatamente nesse estágio se iniciaria o pensamento controlado. Seriam os juízos perceptivos os interpretantes dinâmicos de percurso ao interpretante dinâmico final, cujo objetivo seria o Percepto, o Sema no interpretante final, o pensamento instintivo.

Buscaram-se nos textos informações indicadoras dos processos mentais implicados nos conceitos apresentados em nível de desenvolvimento emocional, social, cognitivo, ético, estético. Para fins educacionais importa e esse papel que cabe à psicologia, à vasta empreitada de estudar relacionamente a conduta global como, quando e quais os modos que prevalecem no curso natural do desenvolvimento mas tendo em vista as especificidades das composições aos procedimentos hipertextualizados. Esse aspecto direcional só se pode afirmar de conjunto, pode-se dizer representado, filosoficamente, como de sentido informacional para o interpretante dinâmico envolvido nas complexidades degradativas da cadeia semiótica na natureza cifrada de um grande signo desenvolvimento.

“O percipiente tem consciência de ser compelido a perceber aquilo que percebe. Ora existência significa exatamente o exercício da compulsão”. [PEIRCE, 541 p.181]

“[...] um Percepto não pode ser excluído à vontade , mesmo da memória. Muito menos pode uma pessoa impedir-se de perceber aquilo que , num modo de dizer , a encara de frente” [PEIRCE, 541].

O “deve ser da conduta” para Peirce relaciona-se, embora por argumentação indireta com essa Razão Correta, aspecto intelectual que certamente parece resultar do poder de influência de Aristóteles com a sua Razão Propedêutica Natural.

Esse estudo ao relacionar significados mentais sob a manifestação de formas e níveis de linguagem manteve esse plano de inclusão do indivíduo no coletivo através da evolução pensamento, que com a subjetividade à consciência passa a epistêmico na terminologia evolutiva descartiana cuja plenitude existencial e intelectual constitui-se no momento objetivo maior do alcance teórico piagetiano. Às possibilidades da rede relacional de uma psicologia filosófica foram trabalhadas por Piaget para uma identidade lógica para a qual a metafísica e a ciência redundam em instrumentais do pensamento. Para entender o pensamento na realidade bioconexa, o relativismo biológico de Piaget provê a integração cibernética da inteligência nas unidades ecossistêmicas quando tornam-se da hipótese da linguagem como função simbólica informacional. Recorre-se para tanto a instrumentais teóricos numa complexidade que estendem essa epistemologia, incorporada das possibilidades noogenéticas observadas ao sentido referido por Theillard de Chardin, à ressonância das inteligências coletivas da lingüística para pensar os termos integrais dessa manifestação como dimensão conceitual que se mantenha por princípios de base comunicativa em uma relação semiótica expressiva e vitalmente compartilhadora de significação funcional da realidade na extensividade biológica de conhecimentos, para a compleição de segmentos de afetação da inteligência biológica na especificidade humana , na de rede de extensiva racionalidade.

As unidades lógicas na organização das idéias determinaram-se por um modelo de reflexão de caráter metassintático. Sobre um conjunto de significações foram selecionadas algumas de suas à pertinência de uma economia de traços,



reconhecidos por seus valores harmonização, tanto na expressão pessoal quanto profissional e nas esferas das discussões especializadas no conhecimento na contemporaneidade, teorizações dimensionadas da transmissão dessas nas práticas de socialização. Dessa espessura intelectual disponibilizou-se um estado mental, fenomenologicamente se admitindo, que, decorridos doze anos de familiarização com algumas materiais especificamente significativos, o surgimento de hipóteses, observações ao percurso investigatório auferisse uma estrutura significativa, um substrato maturacional mais descentralizado.

Não estão portanto indelévels mas estão essencialmente ligados a essa investigação, sentimentos e uma dimensionalidade aberta por uma emoção das inevitáveis intertextualidades lúdica de um tipo tratar especial de redundância que se imiscuiu progressivamente às atividades de diferenciação, aos efeitos significativos dos esquemas. Os argumentos paulatinamente surgiram daqueles referenciais teóricos com os quais se dialogou tão bem elaborados. Com o custo emocional da temporalidade investida a preço de estímulo esforço tão marginalmente reconhecido na vida intelectual desses autores. Tais contextos não nos importam tanto mais portanto senão na contribuição essencial dessa geografia virtualizada pelo espírito empreendendo de si o que é a causa da mente. A esse metatexto de discursos eles mesmos citados à hipertextual da escrita se devem as possibilidades evolutivas concentrativas e a realização de experiências mentais, bioconexas, que se apresentarem restringem os limites da contribuição teórica extensiva e intensiva a esse trabalho. Por esse sentido hipertextual, à suficiência dialógica, se expõe um modo combinatório, quase elementar, de questionamento, funcional, no tanto e quanto se pode promover nos moldes acadêmicos para uma tese de doutoramento.

A leitura dos achados, uma vez transformados à recepção de seus aspectos semiológicos, apresenta-se como ato de penetração em possibilidades evolutivas que se constituíram por estruturação de unidades de significação, cifrados como condição desenvolvimental à natureza biológica, admitindo-se sistemas em vários níveis de complexidade mental, ambivalentemente como atos de materialização à funcionalidade escrita da linguagem como atividade comunicativa global de base entre a língua e a fala. Dos níveis sensíveis inerente ao valor dessa representação se



extraiu uma hipótese qualificada, ao nível informacional cibernética envolvido ao sentido da práxis educacional como natureza biológica extencional na cognição na esfera de interpretação das textualidades, constituídas pelos sujeitos envolvidos aos efeitos de sentido de suas produções de linguagem.

A importância da Gestalt no cotidiano

Peirce chamou de categorias cenopitagóricas as idéias de primeiridade, secundidade e terceiridade. Enquanto modos representativos se qualificam, segundo suas palavras a partir daquilo “que é qual é”. Pode-se presumir uma vez que essa integral na linguagem para a expressão representativa na escrita envolva para efeitos de diagramação, as categorias em formas cognoscíveis que se mantenham nesse algo, formas quase estáveis. Por efeitos perlocucionais nos discursos por formas retrateis numa permanência quase-estáveis, talvez informe-se uma “gestalt” como convém a uma identidade à correspondência diagramática da organização viva. Enquanto positivasse, os signos discretos, talvez se afirmem-se qualitativamente na escrita como pontos referenciais representativos de posicionamentos abstratos na conduta de linguagem estimáveis como vetor aos planos bionexos naturais, em um lençol sintagmático de origem cognitivo, incoativos na referência lexical imediata e extremável aos esquemas antecipatórios às lexias.

“The typical ideas of firstness are qualities of feeling, or mere appearances”. The scarlet of your royal liveries, the quality itself”. [PEIRCE, 1997, p.24]

Ao sentido efetivo dessa originalidade viva as elaborações mentais enquanto potencialidades relacionais devem se fazer representar na escrita conforme a natureza ubíqua dessa cognição para ser vastamente atravessadora das ações implicativas de linhas interpretativas de orientação aos movimentos mentais, devem apresentar um nível de textualidade sobreposto ao saber cotidiano. Justamente dessa

possibilidade, comunicativa de essências abstrativas atuantes em uma racionalidade na escrita elaborada, pode-se presumir uma condição interpretante epistêmica e psicológica pode estar investida se realmente colocada em termos semióticos globais essa linha de raciocínio deve implicar as proposições que se possam encadear como classes compositivas nesse teor argumentativo.

O mundo enquanto externalidade e internalidade marca-se nesses textos nas relações referenciais à ordem dos conhecimentos como caminhos de que os sujeitos detêm o conhecimento e as possibilidades de levá-lo à consciência de uma descritiva realidade. Nesse sentido temático encontram-se essas aberturas transacionais caracterizadas por modos evolutivos com realidades subjetivas e objetivas tomam o caráter identificatório e real.

Muitos textos exploram a possibilidade de representar eventos ocasionais, presumíveis que aparentam a concretude e o grau de a vivacidade não humanos dos seres, os modos corpóreos aprendidos na aproximação intersubjetiva, os ambientes e ambiências naturais e sociais. A própria peculiaridade desse nível desenvolvimental que basicamente caracteriza os modos de estilo dessa polaridade ao concreto e virtual apresenta a profusão das tendências transformativas que permeiam as construções enunciativas do espaço dessa criatividade.

Por força de compulsão ao exercício das vinculações de significados por redes associativas que amalgamam a memória individual à inteligência coletiva, deflagram-se aspectos reveladores na função comunicativa da linguagem, determinando-se o nível degradado no objeto dinâmicas que cria a impressividade o valor interpretante posto à ordem das transformações possíveis aos demais correlacionados valores da língua e da fala, e a própria elaboração textual cristalizando-se enquanto processo inerente a disposição natural desses falantes nativos. Dessa complexidade enquanto implique a natureza material que a suporta, os níveis de expressão resultam dos níveis transformacionais depurados às atividades biofisiológicas que caracterizam todas as interações de que participem como agentes ou pacientes. Nesse espaço afetivo e cognitivo a importância das bases inferenciais caracterizadas ao próprio crescimento são importantes para estimar esses interpretantes



produzidos aos esforços energéticos e reacionais de seres vivos saudáveis inteligentes e sensíveis.

Por marcarem-se na recepção como efeitos de leitura hipertextual os sentimentos, como afecções do corpo e espírito enquanto referência ao complexo de idéias de passividade e reatividade algumas categorias hipertextuais puderam ser alinhadas semanticamente às funções objetivas e a subjetivas inerentes a cada personalidade, à macrotextualidade, ou seja, enquanto tematização especial em cada texto. Os contextos figurando as ações compõem-se das instâncias performativas por superestruturas narrativas e descritivas. Contudo, para essa meta análise com pele considerar que

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo...tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio, não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso não se trata de ideologia. [BACKTHIN, 1978, p.38]

A determinação de significados por esquematismo a partir da realização operacional do raciocínio desses sujeitos aos suporte da escrita impõem no mínimo a lógica de um ainda precário relativismo de sinais entre uma dimensão espacial corpórea exclusiva e outras num dado ambiente do mundo. Tal dificuldade impele a adoção de critérios diferenciais daquela espécie de “subjetividade paradoxal”, a qual mais geral quanto mais semiótica, dialógica. Dado que o mundo da representatividade da escrita impõe esse conhecimento liminar enter ficção e realidade no tocante às funções lexicais importa considerá-las em seus níveis fronteiros, as quais a abstração de estruturas funcionais determina mas cabalmente como funções informacionais extensividade, o que tem-se constatado dos modelos inteligentes nas simulações.

No entanto, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo da simbolização do princípio de inércia e de necessidade da natureza (determinismo) por um determinado objeto único. Converte-se assim, em, signo o objeto físico, o qual sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. [BAKTHIN, 1978, p.31]



Essa dimensão transiente entre o mundo corpóreo e o simbólico procede convenientemente para uma gramaticalidade envolvendo a fala signos naturais. Traços conceituais podem se revelar aproximativos dos seres animados e inanimados ao alcance das polaridades e apolaridades da realidade que determinam as unidades e as possibilidades de conexões, formas dessas isomerias às bases distribucionais lexicográficas, aspectualidades que envolvem as encadeamentos e as paradigmas que conferem a prosografia de inclusão e exclusão como sistemas unitários de composição.

Nessa dimensão material suportativa é que a palavra escrita nesse vasto hipertexto importa como face interpretante do signo em si próprio a partir de usos autônomos considerados a sua própria dominância macrotextualizada, enquanto se permita que o efeito da discursividade possa ser criticamente trabalhado pelo leitor. Esse o sentido eleático dessa reflexão que toma a linguagem como signo, do sentido o desenvolvimento dialógico de pensar humano no sentido lato e restrito, cultura e natureza.

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. Assim ondas crescentes de ecos e ressonância à superfície das águas, moldam por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. [BAKTHIN, 1978, p.38]

À referência sensorial as percepções podem designar ao simbólico a própria natureza ondulatória, as vibrações.

A inteligibilidade das relações conforme sugeridas pelos sujeitos nesses textos é conferida pela fala, o modo singular de comunicar por signos lingüísticos de traços e formas gráfico-visuais. Com esses aspectos relacionais significam à escrita os interpretantes em nível da idéia, da imaginação. Com esses interpretantes emocionais pode-se estimar o uso das formas dialógicas diretas e indiretas ao desempenho nos textos. trata-se de configurar na aparência de realidade, com recursos de composição, a

conduta que se manifesta à inserção simbólico determinado ao comportamento social, onde o pensamento se coloca, interpretantes sociais.

À esfera do universo do imaginário, considerando a idade de crescimento a compulsividade emocional intensamente motivada, do complexo biopsíquico em atividade no desenvolvimento sentimentos de estranheza, medo, lirismo, solidão, repulsas, apetições são colocados nas formas ao poético, ao prosaico, experiências compulsivas ao mítico, ao épico, ao científico.

A gramática da fala e o fenômeno de internalização

A profusão de idéias vinculando a atividade mental com a atividade biológica e social sobressai da base lingüística. A gramática da fala importa em fenômenos de internalização proposicional e comunicacional nos vários níveis discursivos. Dessa gramaticalidade informacional são importantes para a identificação, como aspectos constitutivos da compreensão do mundo por esses autores, porquanto se considere a visão integrada que o leitor, tendencialmente, desenvolve a partir de elementos e funções disponibilizada, os princípios ativados à competência lingüística, temática e pragmática, à coerência da relação comunicativa e textual, competência cognoscitiva relacional.

Sob a perspectiva lingüística, observa-se, à estrutura superficial dos textos, que os autores promovem o sentido fluido da tessitura, elegendo modos oracionais, nos quais, uma vez copontuados aos seus organizadores, conferem um caráter de degradação à intrínseca dinâmica da funcionalidade lexical e gramatical, demandada à leitura pela estrutura profunda. O sentido nem sempre ocorre das correlações semânticas, ao efeito do esforço de aplicação mental aproximativa, mas destaca-se, compele também das pausas fisiológicas das disjunções, dos afastamentos. Desses desvios incorporam-se efeitos da quase condicionalidade peremptória impingida pelos autores ao caráter do comunicacional da semiose a expressividade total diagrama-se nas necessidades acomodativas, às virtualidades corresponsivas ao exercício da língua e na fala e do ambiente.



Considerando os aspectos lingüístico-textuais como segmentos de apoio, dimensões perspectivas e prospectivas nas orientações para a externalidade, a partir da enunciação, são funcionalmente importantes, às bases iterativas lexicais, as classes de palavras. Dessas, fundacionalmente se pode apreciar a produtividade lingüística dos autores como efeito discursivo diferenciável e proporcionável à centralidade organizativa, interpretante lógico de uma interação na qualidade dessa intencionalidade idiogramática com que o fizeram.

Através das movimentações mentais nas lexias, tal como de unidades comunicacionais discretas a sinalização, as imagens podem ser lidas enquanto dimensões sin-signos icônicas remáticas pois que foram submetidas às restrições de um código sensível, ideográfico ao esforço de caracterização de sua extensionalidade, marcadamente figurativa nas sinédoques situada em nível da competência lingüística para o desenvolvimento orgânico, são interpretantes volativos, criações na mente metafóricas as flutuações e as aquisições ativadas no objeto do signo para o interpretante representâmem do âmbito da conduta volitiva cognitivas e afetiva dos autores léxico, as configurações das metáboles, catáboles. Permitem à ordem da sintaxe, ao desempenho, manifestar por um estilo de aplicação, ao mesmo tempo expressão indutiva e orientação dedutiva, estabelece-se uma compleição diagramática mais sintética ou analítica acentuada ao raciocínio, o que se dá aos modos das orientações, mais hipossêmicas como fatos de lingüísticos conexão às tomadas anafóricas, de aproximação e ou catafóricas, às derivações vinculáveis as lexias como unidades semanticamente na linguagem diferenciais nas qualidades narrativas exibidas. Enquanto sintagmas estruturado e desenvolvidos ao paradigma da língua portuguesa, expõem-se estas como dimensões indiciais do localmente afetados ao “sentimento” e geografia, espaço cognitivo apenas assumido pelo falante à esfera realizativa da fala. “O “sentimento” do falante é um estado de consciência em face da estrutura lingüística, e não a realidade dessa estrutura em si mesma.” [CÂMARA, 1970, p.30]

A coerência como que procede da relação integralizacional, a qual à consecutividade pragmática se pode estabelecer pela escrita. A partir de conhecimentos temáticos investidos certos padrões teóricos são explicativos tão quanto mais íntimos às convergências, à centralidade dessas conseqüências mentais enquanto sintaxe



conexional por difusão interpretante lexical, por princípios flexionais nominais e verbais respeitáveis quanto determinadores das ambigüidades, muitas vezes, equivocadamente, atribuídas como incoerências na textualidade às perdas da recursividade. Parecem ser representativos enquanto mais legitimamente inerentes ao perfil ideológico sócio-cultural dos autores, enquanto aspectualidades diretamente psicológicas acessíveis e situáveis ao seus respectivos contextos vivenciais, no cotidiano, e extralingüísticamente àquela dimensão referencial.

Trata-se de possíveis vetores informacionais à cristalização de formas diagramáticas, configuráveis aos sistemas de tracejamento da significação de referência. À ordem das externalizações, à relevância denotativa de contextos vinculados pelos textos, enquanto aos constituem como unidades comunicativas, conjugam-se na representação as lexias, as dimensões paisagísticas afetas às causalidades, determinações espaço-temporais, às assimilações pontuadas às estruturações cognitivas às operações de linguagem como centros dos quais se podem estimar as singularizações as quais enquanto individualmente correlatas impõem-se como índices, dimensões interpretantes intersticiais à relatividade sinsínica e legissínica das idéias das manifestações.

A flor enquanto assim denotada como objeto referencial, estado concreto no do mundo natural não-lingüístico, ao mundo da representação, implica, para a consciência no significado interno dessa determinação por assimilações que estruturam e acomodação projetam o sentido da desse nível narrativo que confere unidade à consciência, regendo as formas e as possibilidades de alteração de significado, da novidade relacional nas aberturas conexionais estabelecidas na interpretação.

Nesse sentido a linguagem serve de apoio para a linguagem, metalinguagem ao referente mesmo no nível objetual das relações interpretativas. O objeto na realidade se afasta, enquanto o objeto da representação, pela anfractuosidade material perpetrado pelas ambigüidades, na razão de uma incompletude que se faz experienciar colateralmente ao exercício das transitividades mentais. São interpretantes volitivos os confrontos, as oposições constranstivas, os paralelismos os espaços na analogia atualização das semiose comunicacional implicam as relações do objeto com o



representâmen. As homonímias contudo constituem por fisionotracos a aspectualidade dessa expressividade repetitiva, redundando em formas auto-conservativas, as estruturas de esquemas relacionais. Essas inferências às palavras se afetam de valores cognitivos como sentimentos das interpretações mais gerais da organização da linguagem, enquanto prática lingüísticamente referenciada em uma dimensão aplicativa, e sintático-semântica tão icônica quanto indicial simbólica. A qualidade dessa interatividade assemelhadora, direcionadora do sentido por vias miméticas e concentrativas vincula as coordenações gerais das ações interiorizadas, no esquematismo geral. **Toda cognição é geral, não é intuição.** (PEIRCE, 591, 1995, p.308)

Alguns aspectos lingüísticos desses textos centralizam na dimensão figurativa um domínio semântico de referência, a qual demanda uma metalinguagem explicativa para a qual alguns conceitos tanto piagetianos quanto peirceanos contribuem. Ao dessa inteligibilidade interesse também de melhor esclarecimento sobre a linguagem enquanto função semiótica, estudam-se algumas dimensões polissêmicas à natureza dessa integração com uma opacidade que parece a mente contaminar, às derivativas excrescências dos desvios quaisquer significado da enunciação. “Todo símbolo tem uma compreensão essencial que determina sua identidade”. [PEIRCE, 591, 1995, p.308]



Aspectos deontológicos e ontológicos

Pode-se num esforço de prospeção terminológica abstrair desses textos algo da base funcional léxica da lógica sintagmática da língua portuguesa. Buscando aspectualidades de conjunto nas estruturas frasais que compõem a relevância desses textos, como base que se tomou expressiva para efeitos de linguagem, pode-se considerar como diferenciais de significação alguns sistemas de referência relacionáveis aproximativas que se evolucionalmente insurgiram ao longo dessa estudo como “os razoáveis” ao pragmatismo peirceano.

Para se propor sobre tal estruturação conjectural a qual fosse coerente à filiação dessa compulsividade geral que se abduz como algo correlata aos princípios de conjugação ao modos das categorias de sensibilidade, “intuição empírica” de Kant como na busca de princípios fundamentalmente implicados a essa estrutura de aprendizagem inerente aos textos. Para a sua explicitação tornaram-se fragmentos mais para essa realidade desenvolvimental citada na qual ainda contribuam conhecimentos na anamnese da inteligência da assimilação na esfera pedagógica educacional enquanto compatível a cultura catascopizada, às experiências vividas por essas crianças. Elas mesmas provavelmente somente podem ser à pertinência de serem serão contributivas provenientes dessa adoção teórica de ampliação como condição epistêmica, ou seja, de uma filosofia de valores que implique tais estratégias recompositivas para a metalinguagem na transmissão e a continuidade de uma verdade ensinável embora, ao sentido peirceano, seja não isolável.

Como de explicação base ontológica à filiação de como um dualismo de substância pode retraduzir essa base de assimilação cibernética às condições mentais que caracterizam os princípios da dialética dos antigos aos modernos enquanto ambivalências entre o racionalismo aristotélico e o idealismo de Platão transfísicos da aprendizagem de índole corpórea espiritual kantiana, à base dessas contraposições reflexivas piagetianas e peirceanas se propõe conceitualmente a própria possibilidade comunicativa por vias das compleições quase hegelianas definitórias em um contexto de análise que embora parcial e timidamente progressista, por conta das impregnações



lógicas nietzcheneanas dessas modalidades de racionalização para aprendizagem como teoria da aplicação deontológica e avaliação concebida como estruturalmente informacional e cibernética, implícita ao caráter desenvolvimental para as idéias complexas como a concebia Jean Piaget. Para as representações das crianças resultaram portanto como interpretantes, linguagem objeto de conhecimento por vias dessas competências das e desempenhos lingüística e literários transversidades na literatura adulto infantil a visualidade e simplicidade enquanto presumem-se como valores de linguagem como nas controvérsias da língua epistêmicas das intelectuais e valores de vida conferidos por elas para natureza e sociedade em base desse grande arranjo discursivo, como uma expressão actual de fala.

A contextualidade do interpretante interativo pode então ser presumida neste caráter imperioso dos agregados lógicos formais aos fundantes conceituais. Na concepção crítica dessas estruturações são interpretantes lógicos, as próprias relações complexas em prolongamento dos cenários na memória, elementos aplicativos do pensamento, formal. Como imagens, dessubstancializados, são vazios e representam às expensas de efeitos da ordenação intelectual sofrida tendencialmente que assim se fez por se querer aproximativa, com o que se pode completar, aliar e vincular solucionando conflitivas as reações.

Partindo-se de referências semânticas, orientadas projetivas ao aguçamento desse campo ignoto ao operacional proporciona-se por um sistema de significação que se prova às exigências acadêmicas para restrições ao modo de sua ampliação e por considerações crivadas de critérios de relevância pregnância dessa conceitual, as dificuldades puderam ser consideradas como estimáveis em índices de base complexa para essa qualidade de semiose a ser extensionada às formas aleatórias difusas, virtualizações que foram precisamente estimáveis à referência concreta dos sistemas de memória relativizado, aos pontos de vista dessas crianças, ao caráter representativo do heteróclito na linguagem observam-se ao uso performativos dos recursos lingüísticos adotados em situação de prevalência a polarização das relações mais assimétricas, objetivas com aquelas mais sintéticas subjetivas enquanto hipóteses



desenvolvidas exercício de esquemas operacionalizáveis ao dia a dia com os falantes nativos, seja em qualquer contexto.

A expressividade total das inferências desse trabalho intenso e emotivo almeja-se como uma perlocução que continuativa seja indelevelmente compartilhada ao que se representa no signo dessa realidade.

A esse modelo teórico ao qual se propôs minimamente definir em termos compósitos de unidade complexa por uma hipótese surgida no interior das próprias conjunturas teórico-práticas vincula-se uma forma sintática que se avaliou equípotencial em correspondência a estrutura dinâmica dessa interação leitor-texto, mesmo em condições prováveis dessa simetria.

A condição que se concretiza por uma forma do fazer ao complexo, ao mesmo tempo teorizável ao que se informa no “agregativo” e “dissipativo”, observou-se com relação à conduta de linguagem de uma espécie de tendência geral inerente à sinalização natural a qual se mostra associada por efeito da subjetificação como experiência social desse aprendizado longamente plasmada e efetivamente confirmada como teoria, na gramaticalização na base lexical ao uso lingüístico. Surge nesses textos a partir de uma dimensão que a resgata epilingüísticamente, na quase total desenvoltura que se dá a revelação e ao deciframento longo dos desdobramentos, conceituais deslocamentos de esquemas à dominância de indicadores dessas concentrações de significados, à referência interativa de esquemas cognitivos e afetivos. Estes efeitos de observação são considerados do ponto de vista expressivo como caracterizadores do estilo de projeção na organização textual infantil na linguagem, no modo peculiar de trazer a oralidade da linguagem para a sua modalidade escrita, a elaboração na funcionalidade mais espontânea, descontraída, os modos de marcar por intensidades e construir, distender implicativamente as relações conforme pretensões e desejos característicos da idade.

Os sujeitos em suas produções escritas, mostraram contudo uma competência lingüística altamente discriminativa e abrangente para fatores de implicação ao caráter funcional remoto da linguagem, ou seja, apresentaram critérios nocionais só justificáveis em um contexto mental, aparentemente dialógico na intersubjetividade, mas se de alguma forma especificamente sensível à penetração de



uma inteligibilidade natural por aspectos informacionais de sua externalidade física, também permeia-se da organização internalizável.

Da realidade dessa demarcação pode-se determinar estratos, efeitos dessa sua plasticidade cognitiva possível como unidade temporal. Por vias da linguagem, dá-se um quadro restrito à qualidade dessa relação coesiva de coerência interna estereoquímica, xeroquímia, reoquímia por desenvolvimento em um repertório evolutivo que vastamente se estende e cobre o escopo retrátil e adaptativa dessa relação. Ao mantê-lo interconexo na estrutura organizadora por um plano orientador de efeitos lógicos suportados aos esquemas metacognitivos, um “saber fazer” lingüístico realiza-se amplamente como simpraxia à base lexical conforme se faça noção explorável. Não só portanto desse plano de observação, margens empíricas de objetos ao suporte gráfico, mas signos lingüísticos determinados na organização lexical, palavras a partir de princípios ativos experiencialmente relacionadas às estruturas dos apreensíveis objetos, ao continuum, cujas propriedades comunicativas específicas são transpostas informacionalmente à dimensão sensível da escrita. Sob o ponto de vista do suporte físico como das estruturas conceituais, estudadas em sua base significativa como expressões de inteligibilidade semiótica ao caráter das interiorizações, das deduções, das próprias fontes piagetianas, as unidades semânticas inferenciáveis dos esquemas cognitivos e afetivos significam muito mais, envolvidos nas estruturas adaptativas de pensamento, enquanto signos que se suportam dessa atualização viva às “explicações causais”, porquanto estrutura da causa mental.

A dimensão sedutora dessa espontaneidade alerta que caracteriza a cognição infantil insinua, exhibe uma efusividade tal que captura a atenção e impele consecutivamente a consciência reflexiva, na conduta das crianças aos interpretantes volitivos, ao querê-la bastante ressaltada em aspectos intensificadores das relações inferenciais dessa dificultosa coesividade e coerência lógica, mas que ao mesmo tempo à deriva de tão pouca explicitude é altamente eficaz como representativa. Talvez essa dimensão só possa ser tomada como objeto de entendimento a partir de um profundo encetamento investigatório, às suas bases deslocativas sutis, às suas demandas semióticas de uma ciência que dá-se do pensamento, do estender-se ao simbólico. Por atenção dessas vias funcionais assimilativas da intervenção de fatores cognitivos mais



gerais conquanto comunicativos e condicionalmente expressivos, como dos modos de representação evolucionários, estão inscritos na escrita.

Nesse sentido especial de uma prospecção, na tentativa de compreender a inteligibilidade da criança à base das vias simbólicas da linguagem, esta teoricamente, suporta-se na função semiótica piagetiana, pela qual o pensamento desenvolve-se, fluindo e marcando-se por tonalidades, efeitos criativos face às resistências materiais que se determinam à referência extralingüística, nas representações de suas anfractuosidades, extensões, singularidades, porquanto explicações ontologicamente correlatas a sentimentos de volatividade, densidade, impetuosidade.

A teoria piagetiana permite às estruturas das apercepções pontos estratégicos para a fixação de uma espécie de informacional plataforma à arquitetura geodésia mental para a espécie prospeccionar o continuum humana à diagramação da complexidade biocognitiva, no inestimável aprendida intersubjetivamente na comunicação possível à integralidade funcional desses valores intercambiáveis no ecossistema esforço do tracejar à própria racionalidade que se orienta e se desenvolve aos processos simbólicos.

Para compreender a inteligibilidade da criança nesses efeitos de criação de objetos como novos signos objetos à relação mental via linguagem e pensamento. Ao interesse desses uma aproximação de referenciais piagetianos parece proporcionar as dimensões formais biocorrelatas naquela esfera de realidade, as palavras são expressões sintéticas desdobradas nas funções simbólicas desenvolvimentais implicando tanto como unidades comunicativas como informacionais também não verbais, os desdobramentos lógicos para explicar essa expressividade difusiva da inteligência humana.



Discussão Final

A questão da dimensão da linguagem é central na apresentação da teoria da linguagem. Sobre os aspectos da linguagem, a teoria da linguagem apresenta uma visão que leva em consideração a possibilidade de que a linguagem seja uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo. A teoria da linguagem é uma teoria que busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo.

Para isso, a teoria da linguagem busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo. A teoria da linguagem é uma teoria que busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo.

Conclusão

Na análise da linguagem, a teoria da linguagem busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo. A teoria da linguagem é uma teoria que busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo.

A teoria da linguagem é uma teoria que busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo. A teoria da linguagem é uma teoria que busca explicar a linguagem como uma atividade que envolve a interação entre o indivíduo e o mundo.

Discussão Final

A questão fundacional, a dimensão do que é ôntico na representação vincula-se às instâncias de reflexão. Sobre os transientes de fato na relação cognitiva, enquanto possibilidades de definição, embora que em nível de risco epistemológico, demanda que eventuais regularidades na transformação de aspectos originários como núcleos da intencionalidade, estados, lugares sejam assumidos, aos modos de controle subjetivo à continuidade e territorialidade, ou em possíveis constrangimentos de sentimentos de exclusão ou pertença que podem ocorrer inevitavelmente nas experiências de perda, com a vicissitudes da temporalidade.

Para entender as enunciações os aspectos desses efeitos sintagmáticos imiscuídos com a elaboração cognitiva em transposições conseqüentes, como valores éticos e estéticos na interação verbal também importam, contudo, ao contraponto, as manifestações da atenção discursivas como unidades de significação, vão inferindo ao sentimento as anfractuosidades aos desvios, alvos das abstrações diferidas pretendida à relação interpretante do signo.

Na análise desse tipo de intencionalidade na produção escrita dos textos desses alunos, as enunciações interessam enquanto dinâmico conexional espaço de realizações de linguagem, como enunciados citados no sentido bakhtiniano, e principalmente como atividade discursiva, em níveis dessa expressão de interconexão possível para certos sistemas, os quais, ao interesse intersemiótico contribuam como referenciais na aproximação intersubjetiva, quase à relação das significações da hipertextualidades, conferíveis à escrita como espaço abstrato, com as possibilidades de signos mentais desenvolvidos e com a qual o sentido a semiose comunicacional humana se apura.

Em via dupla, há de se vincular a uma atitude relacional entre o facultado à esfera da vontade e esforço individual, e uma fonte interpretante auto-referencial e auto-consciente, em termos de nível de um horizonte de racionalidade ao risco subjetivo, no comprometimento e no assumido por empreendimento na esfera expansiva dessa seletividade interna individual que se instaura dessa fala viva

corporea na língua como processo, contudo, ele mesmo uma estruturação de lógica de complexidade interativa, ao tempo real das atualizações de movimentos vibratórios das subjetividades às realidades evolutivas humanas e não humanas, ao suporte de implementadores lógicos da coerência teórico conceitual corresponsiva, admitida para um nível de tratamento das complexidades dinâmicas transitivas a serem compreendidas comunicativamente nas cadeias sígnicas. Enquanto sistemas hierarquizados estes mesmos significam à ordem de manifestação formal concreta das estruturações psico-lógicas envolvidas como tecnologias das realizações discursivas, os quais como interpretantes envolvidos na semiose comunicacional, como relações quase-mentais de um signo.

Entre os planos sutis das subjetividades ecossistêmicas, pode-se supor que esses modos de intrasubjetividade e intersubjetividade vão além daqueles conhecidos vetores de suficiência nas diversas entradas que se acomodam à familiaridade contextual, sendo possível admitir, nas instanciações por movimentos de similitude, um efeito paradigmático da linguagem.

Admitindo-se que Signos conectados devem ter uma Quase-Mente, pode-se ulteriormente declarar que não pode haver signos isolados. Além do mais, os signos requerem pelo menos duas Quase-Mente; um Quase-clocutor e um Quase-interprete; e embora estes dois sejam um [i - r, são uma mente] no próprio signo não obstante, devem ser distintos. No signo, eles estão, por assim dizer, soldados. [PEIRCE, 551, p.190]

Considerando os efeitos de sentido das enunciações enquanto unidades de definição de possibilidades temáticas pertinentes às inferências vivas dessa relatividade, à controvertida atribuição da subjetividade nos objetos de aplicações do pensamento, fenômeno na terceiridade os aspectos paradoxais, que significam para uma conduta futura, discutidos em relevâncias, impuseram à leitura uma expressão sensível do efeito conjunto temáticos selecionados pelos autores como de sentidos, significante dessas manifestações, “a idéia do signo” sumiço da flor refletiu-se em dados metalingüísticos de fato, merecendo metanálises corresponsivas impliquem enfoques

nesses recursos inferenciais no domínio da representações gerais comuns no âmbito lingüístico e literário, mas como uma expressão mais unitária, e de circularidade na compreensão humana de sua propositura cósmica, ética, estética.

Na busca de efeitos de linguagem significaram enquanto vestígios modais tanto à escala de convergência daqueles componentes cognitivos e estilísticos, quanto um complexo modo de significação com os traços indicativos, os quais só à força de argumento lingüístico preliminar e correlacional se constituíram, para suportar efeitos da dupla consciência por vias operacionais, do esforço e resistência que uma cognição ampla como a que se assumiu apenas ao se mostrar no possível que não se pode conceber mais intelegível ao contexto de falibilidade do trabalho. Dos vários aspectos decifrados tendo em vista um “núcleo sólido”, ao que ao permanecem tais nos efeitos, a dimensão que se mostrou mais importante, deu-se justamente nessa manifestação de um traço relacional, apercebido abduzido como um sentido escuso da cognição comunicativa que se realiza através de raciocínios tanto de efeitos de tanto dissimulação como de notável transparência, configurando-se a idéia aos polimorfismos retóricos, aporias funções de linguagem atuam como determinações comunicativas desse sentido informacional mais vastamente admitido às condições cibernéticas à expressividade da leitura semiótica.

As posições teóricas que se adotaram nesta pesquisa basearam-se nas inferências de que ao se constituírem aqueles mesmos procedimentos expressivos, seriam caracterizáveis por aspectos de centromerização, emergindo espontaneamente atratores nas condições relacionais, uma vez que pertinentes ao nível dessa fisiologia natural da linguagem no desenvolvimento cognitivo de uma idéia. Essa condição evolutiva admitida como quase necessária no sentido teórico piagetiano, afeta aos níveis afetivos, psicológicos, das vivências práticas cotidianos podem-se supor quase epistêmicas enquanto interpretantes sociais possíveis, quase-mentes atuais na interação relacional da consciência com objetos do mundo, na arena peirceana do que resulta do “não-eu sobre nós” (PEIRCE, 266). Como agenciamentos humanos envolvem inevitavelmente, os contingentes abstraídos do sentido na idéia total nessa manifestação da natureza do signo “sumiço da flor”.



Sob essa aspectualidade no que concerne ao desenvolvimental subentenderam-se também as inferências, os alargamentos sógnicos maturacionais e por vias das condições ambientais que incorrem aos contextos psico, fisiologicamente relacionais e representativos em seus aspectos de opacidade e transparência, à familiarização com condutas inibidoras ou psicofisiologicamente facilitadores sociais e culturais. Sob as manifestações de conduta presume-se que estivessem, contudo, bastante aproximadas às registradas nos estudos específicos de Jean Piaget para essa faixa etária.

Desses momentos de asserção cognitiva, alguns textos permitiram ressaltar inferências bastante ilustrativas enquanto contextos paralelisticos de conjugação nos ritmos mentais intersubjetivos, índices que enquanto representam transientes de fato, na maior profundidade desse significado objeto, ao interpretante lógico nas cadeias semióticas veiculáveis materialmente pela escrita. A instância da escritura enquanto plano de trabalho objetivo para a própria auto referenciabilidade, haja vista a atividade metacognitiva, significa nas abstrações das regularidades inferenciadas da língua, asserções de busca além da ordem de gramaticalidade o que implica o exercício de uma exposição dialógica, uma racionalidade de base subjetiva, quase prudencial. É nesse sentido de uma teteologicamente uma racionalidade dialógica mas também centralizadora, que como competência semiótica se pode evocar à influência de Aristóteles em Peirce, que afirma:

“De modo semelhante, o fato de que toda evolução lógica do pensamento deve ser dialógica não é simplesmente um fato da Psicologia humana, mas sim uma necessidade lógica”. [PEIRCE, 1995, 551, p.190]

As possíveis determinações centrômeras à frente das tendências gerais do pensamento se fizeram quase elocuições e interpretantes nesses aspectos prevaletentes na interação verbal, assumidos pelo pólo privilegiado das relações



dialógicas com o objeto e com o signo foram tomadas como “atos de fala”, e correspondendo aos efeitos da assertividade intencionais, como Meanings.

Considerando os níveis dessa receptividade condicional com a qual se supôs o espaço aberto à inteligibilidade na semiose por via desses efeitos de sedução, singularização, e extensão desenvolveu-se um ponto de vista teórico, um modo participativo de entrada no mundo multiabrangente relacional tendo como signo, a idéia forma total pelas interações verbais diferenciáveis as bases subjetivas assumidas no pensar às desestabilizações e impressões relacionadas.

Tendo-se em foco a subjetividade em termos filosóficos de avaliação como conceito descartiano no qual se instaurou uma ruptura na representação do mundo como instância interativa paradoxal, há essa possibilidade de linguagem entre o monológico e dialógico, na interioridade e externalidade de uma experiência socialmente introspectiva, porém a dado que interação descartiana com o mundo parece traduzir-se nesse momento retrospectivo do conhecimento como um cenário pouco objetivo pela carga ideológica de um realismo ainda ingênuo na explicitude ontológica recorrente à concretude do sensível, torna-se contudo como fonte perspectiva da causalidade referencial que se fez mais altamente contributiva por via de superfícies epistemológicas ainda manipuláveis. Adviria como nível intermediário, embora constitutivo do conhecimento nas atividades exteriores mediatas e também ao caráter de imediatismo das situações lógico reflexivas, para níveis de um realismo simbólico e informacional, bem mais complexo, no qual, por efeitos de contaminação e ruína dispersiva na comunicação, perdendo-se a literalidade degenera o funcional sensorio figurativo também se ressentido.

A cognição ao domínio do convencional infra-lógico tem a ver com uma função semiótica que transgrida as limitações convencionadas pela língua enquanto atende aos signos na sua maior expansividade lógica. Essa função catalítica, transformadora e transpositiva admitida na natureza da linguagem, a cujo acesso tanto a literalidade normatiza quanto a condicionam as literalidades com os procedimentos metalingüísticos, epilingüísticos, dada uma pertinência à uma crítica organizacional mais ampla contraditoriamente implicada tanto como vaguidade e transparência, impõe

que a codificação, o código lingüístico correferencie à medida que se faz interrelacional a outros códigos evolutivos, e essa aspectualidade parece fundamental ao resgate fundamental da nova subjetividade. As categorias que advêm dessa concepção antropológica atendem, portanto, a uma realidade fisicamente referenciada, na atualização dessa qualidade cibernética da linguagem.

À idéia de terceiridade um objeto da representação tem a ver com a secundidade numa experiência de adaptação cibernética, às condições gerais que sustentem os desenvolvimentos totais, em fato e estrito senso de estruturação para a vida enquanto vida. Uma forma de organização constitui-se como da ação comunicativa da realização biológica em princípio, manifestando-se assim a qualidade nova como auto-poiética, a qual nesse sentido pode ser estimada como já tem sido também teorizada como pertinente à natureza extensiva do espaço.

Essa possibilidade interpretativa advindo das possibilidades cibernéticas do interacionismo piagetiano confere no sentido dessa abertura teórica à relação aristotélica formal, para essa funções orgâsmica vitais essenciais as qual, ao equilíbrio cognitivo que se tem das estruturas ontogenéticas e ecossistêmicas filogenéticas, compreendidas à prova de uma economia como contrafactual. Esse conceito parece restringir as determinações do ôntico, às representações que ocorrem dos contextos, interpretantes lógicos dos processos endógenos e exógenos das determinações biológicas. Já se têm um espaço cognitivo importante e cada vez mais abrangente para formas de estruturação mental, à transformação por correlações de cada escala a cada unidade interativa na relação ecológica, para a relação organismo e meio, mesmo que não completamente isomorfas. O espaço na teoria piagetiana abstrativamente “emerge do acoplamento estrutural de duas topografias: a do organismo e a do meio” (PINO, 1993)

Da hipótese dessa potência à complexidade por via do poder da intuição da espacialidade se abrem possibilidades de compreender as novas e mais abrangente causações temporais pelas vias indiretas das subjetivas relacionais. A questão aprofunda-se epistemologicamente quando se tem o próprio meio por extensão orgâsmica, ocorrendo mesmo o deslocamento do fundante da subjetividade, ao se



transversar a alteridade da exterioridade pela poderosa determinação dessas generalidades do pensamento, não se escapando contudo sua pertença à intelecção.

A existência, o real como dimensão explicativa ontológica à base formal implica os sistemas de referência em que se dá percepção sensível em uma estruturação de visibilidade de superfície, as epipraxias, embora caracterizada por marcas da indeterminação devida às progressivas instabilizações observadas nas realizações assemelhativas e acoplativas da função simbólica.

A metafísica da subjetividade deontológica

Um dos aspectos mais interessantes da teoria peirceana depõe-se sobre a dimensão da criança em um princípio original e ser capaz de ser orientador da mente para o objeto. Este sim pode ser ampliado e elevado ao estatuto de generalidade cosmológica com o próprio universo, assimilação que se mostra invariavelmente recorrente não interpretações críticas peirceanas.

Para Peirce há uma “natureza metafísica no sentir”, e dessa essencialidade complexa e instável do sentir resta apenas uma espécie de “chemical genus” que pode ser rastreado por perdas e ganhos existenciais. A mente conseguiria ostentar uma espécie unidade, no eixo dessa centralidade originária a hipótese da verdade como determinando uma busca filosófica. **“Unity must be given as centre for the habitats** [COLAPIETRO, 1992, p.88]

Ao supor-se reconhecer a lei da mente, nessa capacidade de perceber pela atenção ver nas congruências e afinidades extremas à relação originária, ao que teleontologicamente afeta em substancialidade, uma lei da associação seria possível da qual as leis materiais “liberal mechanical laws” seriam resultados observados como formas tipológicas.

A tese se colocaria da vida inteligente como dimensão dessa virtualização na atividade da linguagem, condizendo ou não a hipóteses nessa probabilidade na vivência da natureza do fenômeno paradoxal. A cognição possui um poder criativo de qualidade de origem, criadora rastreira pela potência desse nível de sígnicas cadeias envolvimento nessa ressignificação do mundo crê-se que um pouco de cenário persecutório, resplandeça como plano filosófico pois para Peirce o raciocínio

deve levar à verdade, ao real. Com as manifestações infantis, reações são desencadeadas por conta da natureza dessa fragilidade natural constituidora do desenvolvimento da qual pode-se presumir a ação coordenadora da inteligência semiótica, assimilação, por excelência, transformadora. A inteligência piagetiana que para Peirce é correlata a mente, “criadora de sinais”. Na totalidade, a sintomática sensível à significância primordial, algo da terceiridade essencial. **“A mind...defined as sign-creator in connection with dis reaction-machine”** (C.P. 6229)

A mente como a personalidade às subjetivação, eu deriva na unidade possível como coordenação de idéias, “a lei da associação em atividade como lei da mente”. Da coordenação vem o caráter diagramático nas formas da interatividade, even and erasealment pelos quais as relações triádicas se realizam como significância conjuntural, em significado unitário de relevância nas exatas psico biológicas georeferenciadas, ruderal, competitividade ao desempenho e pensamento para uma mente interpretante humana.

Qualquer finita tornada automática deve possuir os três poderes distintivos. A mente para Peirce é uma acepção terminológica para caracterizar um sistema pensante subjetivo com coordenações especiais a partir de um eu que não se desenvolve do não-eu. Posso subjetivar um objeto computador, fornecendo-lhe o eixo semiótico: ou seja, ao presumir um “poder ser, o poder realizar-se”, mas estou já na cadeia semiótica, investindo poderes. O professor que não presumir que o aluno aprenda não está criando cadeias semiótica e não se pode forçá-lo. Para Peirce, o eu, porém, não é uma coisa é um poder ser, somos deuses. (COLAPIETRO, 1992, p. 88)

Resta a crença, a possibilidade de uma instância semiótica para o arranjo especial das partes inteligível em subjetivação para conceituar e desenvolver a captação da lei da associação da lei da mente, na qual a lei da matéria providencia o quantum tendendo a ser automatizado nos ciclos, epiciclos, fixadas “rugosidades” e limites de uma ação ao sentimento de inestimável perda desses poderes sutis na arquitetura desse mesmo conhecimento.

Na subjetividade peirceana dá-se vínculo entre a mente e o eu, constituidores da unidade de significação semiótica. A unicidade semiótica compõe-se das instâncias semióticas, arranjos, instâncias mentais as quais quando magicamente dispostas coordenativamente transformam-se sob lei da associação, da lei mental envolvem a experiência instância interpretante reflexa da existência como eu. Eu talvez instancial na cadeia da extencibilidade plasmática da possibilidade relacional da relação permeada na originalidade essencial da possibilidade de metatransformação do representâmen com o objeto e seu interpretante.

As instanciações sígnicas infantis estão em consideração às automatizações agenciamentos ao plano da centralizações e acentralizações ao sabor das competências envolvidas dos sentimentos para o objeto. Como dos cosmos o objeto faz-se ao recorte finito nas experiências infantis dessa paradoxal relação presume-se relações sígnicas para poderes substancializados distintamente como elementos de fixação e liberação de principais ativas conservadores dessa continuidade por afecção de poderes de sentir, experiência de realizar aportes, modificar coisas e poderes de adquirir hábitos, ou seja, aprender lei mental, envolvem essencial, relacional, a lei da associação, e por isso ganhar e perder-se nela como ao fluxo semiótico da sobrevivência como significância ao continuum complexo, uma espécie de saber aprendido por neguentropia.

Do estudar as condutas de crianças como pessoas que tratam ou manifestam sensibilidade para captar o princípio de continuidade, para Peirce “the supreme juice in framing phylosophical hypotheses...” ou seja, mentes sensibilizadas nas quais estão gravadas, à memória da interação de existência, na qual continuam ativas e sob “imagens” ou seja, hábitos, acostumadas às inclinações semióticas centralizadas nelas mas metatranspostas (jogo semiótico e lúdico) para formá-las e perdê-las como uma máquina reativa gradiente, “química genus” “of extreme complexa chemical genus instability”

Adquirir o degrau remarcável de um hábito de tomar e deixar as de hábito (6.101, 6277)

Para Peirce permanece uma lei original a ser reconhecida como lei da mente. (COLAPIETRO, 1992, p. 89)



Considerações finais

As possibilidades especulativas que emergiram da leitura dos textos as reflexões e observações de Jean Piaget à ordem de percepção de um esforço de dimensionamento de conjuntores ineterpretativos para aproximação de uma ordem bioescatológica de representatividade. As vicissitudes do enfrentamento dos objetos da realidade no cotidiano das crianças, marcam-se do indiciamento semiótico, naquelas formas de secundidade as relações comunicacionais enquanto esquemas mentais veiculados pela linguagem, enquanto leitura plurissêmica, asseguram as funções adaptativas suportáveis à realidade social, ampla biológica e multireferencial enquanto fazer, ação, trabalho energia, esforço, construção interativa com o mundo. À imperiosidade das condições espaço-temporalizadoras estimadas em nível de significância um domínio gerativo implicado de padrões definíveis ao quadro de arranjos na linguagem, de signos já com em univocidade de sentido. Formas icônicas conservam a acepção da qualidade, significam ao propósito geral de uma significância enquanto elementariedade e substância ao suporte da inteligência bioconexa tem o potencial do vago sentido, fixador das fontes geradoras das possíveis transformações da elementariedade, escalas biodegradativas ou não presentes nas relações cosmológicas gerais pelas quais se pode inferir abstrativamente um para alocar o cognoscível ao ser mundo organizado. É de perceber e da gama de gradação que se estabelece entre o sublimar pro contínuo e descontínuo de estados dá-se por uma espécie de essências dialógicas contemplativas e actantes que de si mesma conserva-se lei geral e perpetuam a condição transformativa do sentido inacessível dos seres no universo.

À filiação das interpretações de Heidegger a Nietzsche, Hegel, Kant, Descartes e à via lógica da cunha aristotélica ao fio contemplativo e da máxima de Platão. Dos aspectos assertivos que resultam como marcas dos movimentos inferenciais ao sujeito no universo do acomodativo e assimilativo é que um “saber fazer” adaptativo determina o sentido do arrebatamento uma nova representação primeiro que se traz



como segundo e conforme para o seu interpretante na infinita cadeia de semiose ao inteligível, se seu propósito trabalho na organização .

“A sentença de pensar só se deixa traduzir no diálogo do pensamento com o que nele é pronunciado. O pensar, contudo, é poetizar, e não somente no sentido da poesia e do conto. O pensar do ser é a maneira originária de poetizar. Somente nele, antes de tudo, a linguagem retorna a linguagem, isto é, atinge a sua essência. O pensar diz o ditado da verdade do ser. O pensar é o dictare originário. O pensar é o poematizar originário que procede toda a poesia, mas também o elemento poético da arte, na medida em que esta se torna obra, no seio do âmbito da linguagem. Todo o poematizar, tanto neste sentido mais amplo como no sentido mais restrito do poético, é, no seu fundo, um pensar.” [OHEIDEGGER, 1978, p.23]

Por Anaximandro, configura-se contemporaneamente ainda um quadro desse sensível, mantido de uma base oracular lapidada por Tales de Mileto aos primórdios do filosofar. Ao esgotar-se como fruto de seu exacerbamento, por vias do ultraimperialismo, explorando-se agora o capital do espírito, degradando possibilidades vislumbradas por Marx, ao esquematismo sociológico de um ser humano contudo regenera uma dimensão negativa, que se preste ao caráter soteriológico desse sentido paradoxal ao positivo da frágil à sensibilidade de Nietzsche poderia se entendida como possibilidade desafiadora “um estado elevado de humanidade” conforme-se pode observar da sua sentença de reafirmação de Anaximandro.

De onde as coisas têm seu nascimento, ali também devem ir ao fundo, segundo a necessidade; pois têm de pagar penitência e de ser julgadas por suas injustiças, conforme a ordem de tempo. Enunciado enigmático de um verdadeiro pessimista, inscrição oracular sobre a pedra limiar da filosofia grega, como te interpretaremos? [NIETZCHE, 1978, p.18]

Nesse sentido básico de integralidade e cominhão da natureza elementar das coisas a humanidade justifica-se por atos perfulcratórios nas possíveis essencialidades. Esses princípios ativos só discerníveis na lógica do contínuo por

instrumentos de legitimação refinados na semiótica peirceana, ela mesmo mostra sua base de eficiência em interpretação aberta às necessidades de uma terminologia às trilhas mentais ocultas à nova base lingüística que para dar concretude ao rastreamento de explicitação como Diasgno dessa vivência de um novo saber iluminista tem seu fundamento na realidade da construção cognoscitiva infantil do mundo. Nos textos que se seguem podem-se desdobrar as possibilidades hermenêuticas à uma competência epistemológica que se pode intuir à razão de observações epistemicamente pragmáticas por sua lingüística aplicada.

Assim é que esse novo modelo teórico surgido dessas “neblinas”, nas memórias de infância que se caracterizaram á paisagem cognitiva como natureza ativa e contemplativa, nas expressões devidas ao longo trabalho humano de filosofar aprender aos moldes de compulsividade estruturadora, das imperfeições e enigmas formas harmônicas são arduamente apreendidas como bases fixadoras sensíveis e catalisadoras determinaram modelos de narratividade para o interpretante entre o liminarmente místico, mágico, o lúdico, e o artístico, o científico, o tecnológico ao valor das equivalências possibilidades de ao idêntico, a talidade à idéia fonte do fluxo de criatividade ao domínio dos relativos no domínio do universo e desenvolvidos como pensamentos.

Elevam-se assim em nível epistêmico os saberes instruídos e construídos pelas crianças, o que inferem sobre o mundo relacional. Podem servir de suporte material do grande Signo, à base se um filosofar que pode conjugar pelo pensamento a motivação humana como vocação universal, legitimamente dimensionada por uma natural contaminação da prodigiosa natureza na bioreatividade, materialmente informacional na expressividade que fala ao Espírito, comunicativa aos princípios da linguagem da subjetividade possível a mais ampla da intimidade multirrelacional ao caótico e brutalizada inesperado quanto tão temporal ao mesmo tempo determinante de regularidades ao tempo inteligência da lógica fundacional cognitiva e subjetivamente correlata à singularização humana.

Assim dessa aspectualidade cibernética, entre entropia e neguentropia, cultura, natureza podem ser argumentos da razão para entender as das entradas nas relações de signos complexas e imbricadas formas naturais tomadas aos extremos,



como fundantes lingüísticos (éskhatons) proporcionados ao próprio rastreamento desse exercício sutil transformadora nas próprias alienações e reificações, nos artefatos. Resultam desenvolvidos do pensamento verbal os pontos insertivos, mediadores das relações de inclusão e pertença à significância que cifra essa possibilidade representacional para os sujeitos dos textos. Esses marcos cognitivos configuram-se como relevo semiótico da informação como núcleos apostos na interconectividade cibernética à estratégia intrínseca da natureza de resistência, ao peso brutal dessa resistência naturalizada reatividade na consecução das leis configuradoras desses valores axiológicos e da pedagogia viva, preservada em essência dessa natureza contemplativa de exterioridades e interioridade cosmológicamente correlacionadas, lugar inalienável e oculto do ínfimo ao privilégio.

Para situar bem as categorias semióticas em critério de análise de textos torna-se indispensável que a compleição terminológica se conforme à nova base cognoscitiva para sistemas cognitivos interativos. Entre o escatológico e o paradoxal o “complexo” qual uma lógica dos resultantes contínuos, desses princípios de plasticidade as moldagens das estruturas concretas a suportar da materialidade a generalidade dessa implicatura natureza adaptativa frequencial torna-se base de aprendizado para as possíveis da incursões na estrutura faneroscopia peirceana há de se considerar com Nietzsche esse aspecto ontológico enquanto denominador à razão da incerteza.

Na expressão, “escatológica do ser” não compreendemos a palavra “escatológica” como título de uma disciplina teológica ou filosófica. Não pensamos a escatologia do ser no sentido correspondente àquele no qual é preciso pensar para responder à História do ser, à Fenomenologia do Espírito. Esta constitui uma fase na escatologia do ser, na medida em que, enquanto subjetividade absoluta da vontade incondicionada, o ser se recolhe no último de seu modo de manifestação, marcada pela metafísica. [HEIDEGGER, 1978, p. 23]

Tornaram-se extremamente significativas para fins de explicitação de contextos de sensibilidade as disposições mentais que os sujeitos manifestaram em relação à aproximação da ordem biologicamente invasiva em que pese a significância uma que se conserva ao teor de quase-necessidade em relação aos objetos que conservam propriedades semióticas na representatividade cosmológica.

O ser originário assim denominado está acima do vir-a-ser e, justamente por isso, garante a eternidade e o curso ininterrupto do vir-a-ser. Essa unidade última naquele "indeterminado" matriz de todas as coisas por ser só. Pode ser designada negativamente pelo homem, como algo que não pode ser dado nenhum predicado do mundo do vir-a-ser que aí está, e poderia por isso, ser tomada como equivalente à "coisa-em-si kantiana [NIETZCHE, 1978, p.17]

Da cognição infantil Piaget reconsiderou arduamente a realização icônica dos esquematismos enquanto impliquem cognitivamente ao conjunto formas para descrever e fixar as imagens mentais interiorizadas enquanto conduta representativa da experiência espaço-temporal, enquanto causalidade, atributível, interpretável por uma inteligência que se faz cada vez mais à cobertura do extensivamente múltiplo, heteróclito e é em sua expressão, por vias da emergência incoativa das funções semióticas interpretativas da linguagem, que encontra o espaço significantes às formas que se simbolizam à força do pensamento. Sejam manifestações sob formas epi e metalingüísticas, sejam sob os esquemas de assimilação, formas metacognitivas conservam-se as bases legítimas para a assertividade, para o encadeamento interpretante na semiose universal marcada ela mesma por sinais naturais cosmológicos.

A semântica informacional segundo Drestke (1988) se coloca como procedimento desse processo de naturalizar e compreender a intencionalidade e o fenômeno mental como um aspecto de familiaridade com nosso mundo material.

Peirce proporcionou uma estrutura diagramática para essa leitura na realidade dos signos (1867) e constituída sob uma base lógico-relacional, de alguma forma teve o método de permanecer satisfatória e consistente às suas próprias avaliações posteriores. De algum modo contudo as alterações lhe pareciam se distanciar do fundamento no qual haviam sido introduzidas. Continuavam, como bem notou Peirce, bastante apropriados ao modelo das classificações de "sintomas naturais" entre os índices e símbolos. Para tal dimensão semântica seria importante a compreensão de

uma abertura na esfera dessa incompletude, possível ao domínio do entendimento, da terceiridade, restando enquanto possibilidade remática, a tradução sintética dessa gramaticalidade, e enquanto relação objetiva, induções no objetivo dos signos naturais, ao mesmo tempo próximos e distanciados dos signos simbólicos convencionais (PEIRCE, 340, 19, p.925)

Outra dimensão importante nessa reflexão, a seguir que pode ser equacionada à teoria peirceana, é a consideração da íntima aliança copulativa das qualidades no universo, ao objeto contínuo. Quando o objeto imediato dilui-se nada ou pouco se singulariza, como indiciais manifestações, de forma a não ressaltar completamente suas possibilidades, à incerteza que caracteriza a sua espacialidade ocupação mental tem a ver com o domínio dos aspectualidades no dicentes entendimento, tanto quanto desenvolve-se as implicações e explicações causalidades, espacialidade, temporalidades. Essa busca de um modelo característico específico da "vaguidade", ao raciocínio a dispersão que se profunda, da qual se atravessa a razão da atenção que concentra nos espaços cognitivos os elos lógicos mas pouco coerentes ao mesmo tempo, impõe-se ao pesquisador como um diasigno, um signo indicador produzido à própria materialização ao percurso de suas hipóteses abduativas. Estas surgem espontaneamente das próprios fontes dadas, à simples vivência desses fenômenos, uma forma especial de significação cola-se à experiência abstrativa.

A partir de uma dimensão que por abdução, as bases um modo representativo significativo a qual a faneroscopia peirceana crê possível pôr a caminho o interpretante lógico, mas em sua mais alta relação verdadeiramente subjetiva com o Universo. “[...] várias vezes observei, na história da filosofia, que os raciocínios que eram um tanto obscuros e formalmente imperfeitos eram, freqüentemente, os mais profundos” [PEIRCE, 333 p.905]

Tal a importância dos esquemas dedutivos sobre os quais se fundamenta a competência para o conhecimento lógico-formal e experimental que pode ser estimada, em aspecto em ótica peirceana de que “a verdade consiste na compulsão decisiva da inteligência investigadora” [PEIRCE, 333]

Por outro lado, ao relato de vivências das situações interativas, tem-se, nas vias da linguagem, as possibilidades abertas à relação cognitiva que esses sujeitos

manifestam em relação aos objetos imediatos da realidade. As deduções impõem-se ao espaço de prevalência à base das assimilações recognitivas da inteligência na memória. Havendo contudo uma organização de escala, nessa estrutura dada à recursividade lógica orgânica, a conduta determina-se aos fundantes das atividades dessa esquematização emotiva relacional: a experiência observativa. Desta forma a inteligência parece confirmar-se na vocação dessa reserva hipotética, dedutiva para o que contribuiu a lógica da cientificidade a implicação dessa racionalidade paradoxal nas formas que evolue emocionalmente correlatas às dimensões fundamentalmente apelativas persuasivas. “Pois uma vez feitas as deduções, ou quase predições, da teoria, requer-se uma volta à evidência retórica para se saber se essas deduções são verificadas pela observação ou não” [PEIRCE 333, p.905]

Como complementos dessa vasta gama prosopográfica de oscilações pelas quais se consolidam e são processadas as novas coligações, abrem-se as estruturas e tanto verticalizam-se ou se estendem os em planos axiológicos das significações. Convergem esses segmentos dos centros, aos efeitos indiretos da linguagem na fenotexto reportando-se na oportunização aos efeitos indiretos das possibilidades integrativas, em nível das funções complexas que vinculam na representação material abstrato da natureza ecossistêmica. Pode-se supor estarem por esses modos positivos, firmando-se os espaços aperceptivos e por amarras desse entendimento as pausas confirmadoras das formas dialógicas de pensamento sutil, pelos modos dos quais se subequacionam as predissoramente dimensões componenciais das transformativas das estruturações cognitivas de conjunto.

Por elementos afetivos a fisiologia da cognição processa-se intelectualmente enriquecidos aos esquemas de memória dimensão, atividade representacional na excelência mental da semiose enquanto esfera de expressão da inteligência comunicacional da consciência integrada, o pensamento geral versa pelas formas cambiantes em uma projeção escalonar às potencialidades da físico-sensível na imaginação. Pode-se supor que a percepção imediata mantenha efeito total à filiação estático fixativa da imagem, aspecto que prevalece ao interpretante contemplativo à dinâmica mais relacional por ela segregam estratos da fonte dos ideologemas da intuição científica. Nas possibilidades coordenativas permitidas nesse



entrelaçamento de cognição e nas idéias que resultam confirmadoras dessa integral adoção, implicam-se os valores de percurso questionamentos, em efeitos e re-significações para conduta ulterior.

A observação dessa potenciabilidade finamente coordenada talvez constitua-se em uma artéria vital para compreender as compensações como atividades de espacialização cognitiva. Trata-se de uma complexidade assumida na natureza material sutil, irradiativa e ondulatória dos fenômenos e surgem como possibilidades de interpretação dos fenômenos sígnicos aos freqüentativos de sincronizações ressonativas. Sob vias dessas coordenações demandadas por uma estrutura básica para coligações, a qualificação cognitiva dessa cibernética resolutive propaga-se igualmente nos tempos a serem reconhecidos em sua grandeza referencial cognitiva orgânica, alçando-se como ritmos e formas recorrentes na representabilidade conjuntural.

No espaço cognitivo dos estados mentais a referencia plausível se aponta das configurações em estocagem significativa dessas funções de léxica base na memória e desses espaços em reverssibilizações vão surgindo os novos gradientes formais reconfigurados na teia cognoscitiva. Constituem-se assim as complexidade indiretas da causalidade orgânica nas atividades sígnicas, os efeitos transcendentos do signo no objeto sobre o interpretante.

Ao exercício dessa condição correlacionadora da mente e do corpo, sob o instrumental da perspectivação peirceana a leitura da realidade ressignifica ao interpretar-se. Ao embrenhar-se pela sinuosidade desfocam-se esses espaços sob os percursos narrativos e descritivos. Resultaram destes alguns efeitos, dimensionamentos que apenas fazem sentido se os mesmos movimentos que permeiam essas naturezas e suas naturalizações forem compreendidos como parcamente estruturados, respeitados na compleição dessas recombinações específicas que permeiam a linguagem da evolução interpretativa por vias das elaborações conceituais seqüenciais às atividades biológicas implicadas as possibilidades dessa subjetividade relacional em qualquer conhecimento acabado.

As observações se seguem ao propósito de uma metarreflexão sobre o significado da hipertextualidade enquanto se impõe como busca de elementos para entender essa comunicabilidade que resta, deverbal, comprometida ao caráter



deslocativo de sua legibilidade enquanto modelo cognitivamente aceitável ao modo de produção a expressividade desses sujeitos. Importando como planos de cognoscibilidade e inscritas como relações interativas viabilizadas pela supra vitalização cultural admissível à linguagem escrita, às possibilidades de sua própria releitura à natureza dialógica matricial dessa arquitetura da representatividade viva ao signo em função do desenvolvimento e que puderam ser dirigidos como formas de prevalência teórica voltada a correlação dos espaços cognitivos na interpretação.

Resultaram como perturbadoras as seguintes aspectualidades, às quais reitera aquela expressividade funcional enquanto determinações de realidades organizadas, algumas isomórficas por correlação, ao agenciamento de subjetividades possíveis tendo em vista o desenvolvimento convergindo à vecção, ao sinecológico no qual se dimensiona um relativismo biológico de inspiração piagetiana.

Nesses textos os sujeitos dão expansão à atividade mental que procede das suas abstrações reflexivas. Como elementos lógicos dessas estruturações abstrativas são observados, à dinâmica funcional, enlaçamentos nos movimentos cognitivos, de cujas vilosidade se insinuam as orientações aperceptivas, cognitivas, em captação de níveis mais gerais que dão a qualidade quase harmônica em quanta, significativos à sustentabilidade integralizadora à organização continuamente processante da realidade.

Desse sistema fundacional para a estruturação do pensamento verbal intercalam, a relevância e a multidimensionalidade intencionais dos sujeitos, no nível da expressividade verbal e na decalagem desenvolvimental. Pode ser recuperada nos textos como dimensão semântica na leitura da bioquímica enquanto as enunciações desses sujeitos de nove a doze anos considerados como esforços cognitivos movidos pela dinâmica assimilativa de reconstrução da realidade multireferenciada impõem movimentos cognitivos no interpretante leitor. Em uma ordem que estima mesmo uma complexidade de quantificação por efeito nos conjuntos, possibilidades de apuramento condicional da plasticidade realizativa da compleição comunicativa em função dos estados disposicionais da características dessas modalidades interpretantes.

Assim é que, se pode usando de uma metáfora biológica, as formas são auto conservadas enquanto metabolizadas. Trata-se de indícios que podem ser citados às ocorrências e possibilidades de atividades sintéticas, as quais implicadas aos termos



piagetianos, comportam as estruturas simportes de núcleos fixos ao orgânicos funcionais do qual também se aportem os prolongamentos, axônios biológicos. Esses, contudo, ainda concebíveis aos moldes piagetianos, para os níveis de relação com uma natureza fusogenética mais primária, podem também ser tomados como minimizadores da indesejável perda de diversidade, aspecto que tomado como caráter utilitário ao estático formal do comprometimento teórico kantiano poderia vir a ser equivocado uma vez distanciando sem critério do efeito estético, absolutamente transcendental ao qual nesse sentido Piaget procurou distanciar-se valorizando “o fundo comum” em toda estrutura dialética, no seu sentido originário explorado por vias de Hegel.

Essa tese que implica o indivíduo para a extensão da subjetividade na colocação que pode ser defendida pelo mérito apreciativo da citação, da intencionalidade informacional enquanto núcleos concretos das polivalências e naturezas multiformes e sensíveis que se explicitam em uma rede de associações ao mesmo tempo reversíveis e precursoras, as que se fazem convergentes nos avanços, e apresentam-se congruentes e ressonantes, ao mesmo tempo em que ao espectro de possibilidades da leitura organização enquanto estrutura multi-agenciada. Se não existem formas a priori existem sincícios, suas possibilidades acessíveis na cognição porquanto derivação biogeoquímica, e a estrutura lógico-funcional reflexivizante unidades de sentido naturalizante.

A expressão cognitiva dessas relações por uma estética de recepção condiciona-se aos movimentos em que essas representações se fizeram organicamente desencadeadas na realização cognoscitiva que demanda atividades mentais intra e intersubjetivas de interpretação, a qual como toda aprendizagem impõe a codificação.

Por meio desses textos foi possível de alguma forma recuperar algumas circunstâncias de elaboração cognitiva, em que aspectos parecem ser incorporáveis situacionais exógenos permitem ou favorecem ao intérprete a aposta metacognitiva. Se é nova essa espacialidade cognitiva, seus elementos não o são. No novo espaço construído, a criação cognoscitiva parece antes ser correlacionadora das possibilidades do sistema que se integram ao momento de efeitos ao conjunto das formas cognitivas e nessas mesmas exercitar-se. Estas são viabilizadas por uma espécie de sugestão de imagens, primeiros diagrama de distribuição de estruturas simpátricas pelo qual se

compreende a complexidade na contenção plástica, em nível organizacional. Ressaltam-se as possibilidades relacionais dinâmicas sobre os parâmetros transformativos.

Nos planos imagéticos dessa materialidade abstraível, imagem vivida no sentido das assinalações naturais a qualquer aquisição da representatividade escrita por associabilidade dessas consonâncias fundamentais, por virtude de valores emergentes como um poder para com a realidade, uma determinação invariável em todas as condutas parece restar um domínio informacional que se define como conferidor de uma significância abrangente, um suporte interpretativo de síntese à complexidade, algo que se caracteriza como forma correponsiva com o que no modelo biológico Piaget assimilou como de natureza algébrico-topológica para as bases organizacionais biológicas em consideração a bases aperceptivas mais relacionais da Gestalt e das mônadas leibnizianas.

Assim, na expressão enunciativa desses sujeitos pode-se supor por efeito de construção indireta, arquetípica uma imensa gama de variáveis combinatórias, derivando-se contudo de um objeto em contexto do que individualmente se torna cristalizável para uma estrutura dispocional da subjetividade à subjetividade epistêmica, a relação da subjetividade em âmbito da complexidade cosmológica.

Ao comentarem o movimento configurativo, constituíram-se igualmente o processo de apercepção comutativa dos elementos propulsores de imagens da própria base transformativa. As conjugações são implicativas, paradigmáticas, expansivamente alternam-se ou fundem-se às interações e às coordenações explicativas aplicam-se como alternativas de expressão, do potencial apreciativo à extroversão lúdico naive e estética dos compositores. Integralizam a dimensão de plasticidade e conferem textura a essas formas autopoieticas, elas mesmas que conseqüentes ocorrências, aos modos subjetivos procedem como estruturações determinadoras de novas atribuições, metabolizadas ao percurso. Tal efeito de sentido parece consolidar-se em possibilidades dessa invariância funcional mais geral, em expressões que confirmam essa relação íntima do sujeito com a natureza dinâmica do universo, coligando elementos distribuídos simpráxicamente em formas dominantes de referências ecossistêmicas ao continuun organizacional. São aspectualidades sugestivas nessa coerência fundacional



à base evolucionária suportativa de interiorização complexa das estruturas lógico-matemáticas no fomento da compleição desenvolvimental em sentido lato e restrito dessa complexa apreensão das realidades subjetivas.

Nesses textos os sujeitos deram portanto expansão à atividade mental que procede das suas abstrações reflexivas inferidas à linguagem. Como do sistema fundacional vão emergindo fenômenos mentais ao longo do processo desenvolvimental, caracterizando-as metareflexivamente pelas estruturações lógico-formais. Potencializa-se a condição anagramática das arquetípicas imagens e as recombinações que se fazem fundamentalmente consolidadoras embora quase nunca precisamente inferíveis pois sujeitas às metarecomposições deslocativas dos aportes assimilativos e suportes acomodativos à atividade ao eixo dos esquemas da diagramatizada inclusividade na memória esquemas da narratividade. Enquanto pontos referenciais genuínos abduções dessa aplicabilidade fácil tramada as agulhas interferentes de um senso instintivo de simples aprumo a um cosmo referenciado, tais planos são sugestivos diferenciais teóricos que impliquem para a inteligibilidade de que as elaborações internas desses sujeitos também sejam parte constitutiva de sua base fenomênica, ao caráter externalista da realidade genética das funções transcendentais.

Este foi o foco eleito para interpretar os trabalhos a partir do conhecimento anterior sobre a linguagem, o objeto ao cunho expressivo da criança ao tentar envolvê-lo.

Nessa interação leitor-texto em que a atenção à expressividade determina-se pela afecção do movimento enunciativo desenvolvido como deslocamento existencial de inerências simbólicas ao espaço cognitivo, o qual à interface da linguagem com a memória a interpretação procede por vias em que a intersubjetividade se faz representativa do ideal comunicativo enquanto sentimento e pensamento em unidade de consciência como “narratividade”. A leitura dos textos pressupõem esse espaço não linear em que a palavra como texto da relação interconexional representa a idéia na apelatividade e fruição humana.

Usando-se do método observacional, ao modo de apurar as significações à filiação metodológica aproximada de Brown para o estudo sutil da aquisição da linguagem, da competência infantil e o modo de demonstrar, elegeram-se os dados de sua produção. Sob



essa perspectiva assegura-se algo daquela dimensão qualitativa inestimável, pelo acesso ao estilo e escrita da própria criança, e atende-se de alguma forma o objeto oculto na interação e na língua aparece ao fluxo da atividade narrativa em seu caráter topicalizante aproximativo aos fatos conforme lhes parecem à memória. A interpretação tem seu apoio teórico na crença piagetiana da continuidade dos esquemas mentais, contudo transformados no desenvolvimento pois ao se ignorar o esquema operacional, o pré-operatório, a sensório-motor não se pode assumir a complexidade da assimilação, a dinâmica incessante da interação biologicamente comprometida na organização inteligente. Os sujeitos e suas produções constituem-se em uma unidade significativa ao campo observacional referenciado em um contexto social e escolar. As narrativas e descrições marcam-se por relevos dessa ocupação do espaço cognitivo o qual ele mesmo não é soma das instâncias, mas uma instância singular da existência em grande monta como os anteriores que o compuseram naqueles níveis de assimilação. Nessa legibilidade, trata-se de um estudo dessa organização enquanto eixos de distribuição da sensibilidade ao cortar-se o seu cotidiano do escolar. O caráter unificador das contribuições interpretativas decorrem da legitimidade de um estudo preliminar dessa conjuntura abstrativa da coesão coerência.

Esse objeto situa-se fragmento de uma forma de consistência para o conhecimento da interação homem em conceitual da natureza conforme procedem das leituras infantis estimando como promissora. Prendendo-se aos limites instrumentais das da cultura de referências enquanto expressão das possibilidades comunicativas e ao clima de demanda de novos modelos alternativos, buscam-se promover um telos teórico ao consensual na ordem conjuntural de inquietações da própria sobrevivência dos valores humanos. Elege-se a na relação das crianças com as dimensões simbólicas da interação com a natureza sendo privilegiados os motivos existenciais dessa relação.

Adotou-se uma linguagem referencial para situar o objeto como fonte de univocidade interpretativa e uma linguagem de construção para configurar o recorte posto, conforme nos pareceu coerente ao efeito da familiaridade de entrada e saída, apreciativo de fatores de escala em relevância de continuidade ao trabalho investigativo de processos mentais com textos infantis, a seleção de traços dessa abdução qualitativa.



O contexto importa nos dados elementares à fixação de valores dessa geodesia mental, ao que signifique da emergência desse espaço em sua natureza em profundidade da arquitetura ecológica, e em cujo foco biodimensional uma atividade humana se coloca atuante, com a práxis sob uma perspectiva de estudo que se abre desse microcosmo da linguagem. Como espaço do envolvimento de intersubjetividades, preende-se a uma perspecção de valores antropogenéticos de reconhecer por suas representações, suas significâncias ao macrocosmo instituídos pelas alianças abertas com outros seres, multimediados sob a dimensão epistêmica das finalizações que se insinuam delineadas por esquemas, que esboçam direções aos centros de vitalidade quando acatados por sujeitos ao continuum. Como experiência abstrativa está disposta ao relevo dessa cadeia que se faz ao marcante de um universo imemorial dessa sinalização de seus limites nas emoções, à criação de espaços de autonomia ao longo do desenvolvimento e ao recrudescimento das possibilidades, pois defende-se dessas leis as quais paradoxalmente, ao prescindir do sujeito o retomam, e o supravitalizam, sendo a própria escrita o portal dessa forma mediadora que se quer das paisagens mentais ao ritualismo ingênuo dessa aproximação da excelência dessa simplicidade, dimensão emblemática dessa distributividades semióticas da inteligência naturalística se realizam.

O trabalho de buscar, coletar textos teve por apoio a transitividade nas bases de dados disponíveis no estudos de textos de reflexões sobre a linguagem, tendo por consideração a importante expectativa de contribuição alardeada por Chomsky e quanto às conexões entre a lingüística e a psicologia contou com referencial piagetiano sobre relação linguagem e pensamento. Nesse trabalho, os textos foram inferidos como fenômenos de manifestação semiótica da linguagem, interessando principalmente a dimensão prosódica residual ao sabor diferencial dos demais sistemas da linguagem. Enquanto referencialidade icônica Enquanto possibilidades conceituais de basear em um modo comunicativo esses níveis de inteligibilidade, essa investigação desenvolveu-se por uma ordem abstrativa a partir de categorias sufragadas à concepção dessa relatividade: por uma dimensão semantico- cartográfica, como perspecto e prospecto da semiose enquanto perspectiva evocativa de um possível acontecimento, ao verossímil

discursivo em fato de linguagem ordinária na escrita de crianças em idade entre nove e treze anos.

Os sujeitos falantes são nativos e as categorias são tais como lhes parecem em sua cultura antropológica, suas dificuldades na medida em que enunciam o mundo exterior e a si mesmo por momento de necessidade expressiva fazendo-o na maioria por narrações e descrições ao caráter subjetivo, quase ensaístico de um quê aproximando-se mais intelectualmente ao da crônica. À contemplação dessas elevações, os picos das subjetividades, as suas cotidianas buscas e desvios na pragmática de sua linguagem, discutem-se os vínculos heurísticos de que se servem na intermediação de significados, matrizes as polifônicas, os sentidos por quais atuam, aos esforços de desentranhamento, a expressão dos primeiros sofrimentos equívocos as percepções.

Trata-se da importância da condição relacional cossubjetiva natural complexificadora possível da biocibernética piagetiana que, enquanto processo de sujeitificação pode ser tomada da função denotativa para, função amplitude do signo pensamento; é a parte que o pensamento desempenha como índice. (Peirce, p.145).

O sujeito ao introduzir suas apercepções, “interpretações” perceptivas no sentido que Telles, V (1998) toma de empréstimo a Murray, para delimitar contextos explicativos de suas complementações, resultam das dinâmicas adaptativas piagetianas, para os sujeitos, são catalisadores e a partir dos quais tornam-se organizadores informacionais, com efeitos contundentes significativos à conduta. Em sua relevância podem ser vistos como construtores de externalidades, tendo em vista que o modo pragmático de sua consideração total, da objetividade axiológica, significado do ao suporte fundacional mais elevado de sua avaliação conformativa, como modelização admitida conceitual o mais latamente implicada no processo que se qualifica experiência da desenvolvimental humana.

Assim, nos arranjos possibilitados pela escrita como objeto imediato no qual realiza-se a potencialização do universal de representatividade da dinâmica do mundo. Como conjunto de processos cibernéticos, como signos segundo os quais a informação implica o veículo estabilizador desse signo primeiro no qual como sistema



de interatividade pode ser relacionado como signo interpretante, signo terceiro incorporado na cadeia semiótica com o significado vívido da sua desejabilidade.

Estudo de aprofundamento nos aspectos integradores pertinentes ao desenvolvimento em seu sentido lato conforme indicações teóricas elaboradas por Jean Piaget para as categorias intelectuais. Tem-se em vista os múltiplos planos interrelacionados em que esquemas sensoriomotores continuam sob os esquemas operacionais, operatório concreto, operatório formal sob o ponto de vista dos objetos das relações e que parecem resultar como fenômenos de processos mentais e poderiam realidades sob o plano biológico ao continuum fisiológico ser caracterizadas como dimensões de emergências, e aí destacando o caráter de “quase-necessidade” na deflagração de uma lógica em moda adaptativas da inteligência sob natureza semiótica. O abrangente escopo na ordem conceitual sobre a compensação do interativismo de equilíbrio na epistemologia do conhecimento, por via do racionalismo dinâmico. Jean Piaget.

Este trabalho situa-se por uma ordem inclusiva de especialização progressiva em fundamentos teóricos para entender mais profundamente a dinâmica dos processos interpretativos tendo em consideração a relatividade, ao espaço representacional à escrita. Privilegiando-se na base ambiências conceituais das naturezas ecológicas admitidas em suas progressivas definições as quais impõem novas, ordens discriminativas do saber adaptativo enquanto afeto à esfera de inteligibilidade das manifestações ao concreto expansivos de contextos e do percurso esvanecente ao aparecimento das possibilidades semióticas da inteligência. Em planos dessa convergência e divergências de fatores organizacionais e adaptativos nos aspectos desenvolvimentais que se destacam das bases observativas, esfera nas quais a do conhecimento filogenético detém uma natureza objetiva, crescente na subjetividade nessa mesma se pode conhecer melhor uma natureza reversível evanescente subjetivamente atuante no projeto. Estudar entidades mentais que se façam caracterizáveis aos processos biogeoreferenciados, talvez implique complexidades interativas de expressão sutil evolutivas, mas sinérgicas.

Privilegiou-se portanto a teoria peirceana como referencial de base na interpretação das bases semióticas enquanto possibilidades extremadas à dimensão de



integralidade da coordenação da inteligência enquanto aprendizagem do mundo teórico transpassível da qual se pretende minimamente, ao contemplá-la na abordagem das representações ao traduzir que signifiquem necessariamente sob uma base multidisciplinar, considerados contudo nos limites dos termos acadêmicos ao riscos de sua compleição descritiva,. Trata-se de uma aposta pessoal de investigação, comprometedora de uma ordem de fruição existencial, enfusão com os cosmos. Em aliança a interpretativos profissionais estão implicadas aspirações de maior respeito ao trato educacional enquanto situação humanamente relevante, aspirações científicas de aprimoramento nos conhecimentos no seio das instituições tradicionais no culto à ciência. À ordem de uma edificação do novo conhecimento resta como ponto essencial dado essa investigação acrescida na expressão da linguagem na integralidade do cognoscível cosmológico, a um modo evolutivo referenciado pela criança centrado no verbal estética cognitiva no âmbito simbólico da árvore e flor.

Por adoção desse modelo de estruturação diretamente disponível em sua referencialidade, ousou-se o enfrentamento de objetos conceituais e empíricos, ao que resultou em algo que faz dirimir-se assim a “fissura epistemológica entre aparência e realidade” **o plano das incertezas**, no qual **a existência de objetos externos** são postos em dúvida, como ao famoso “escândalo” kantiano para as condições epistêmicas de pesquisas.

À força interpretativa dessa orientação intencional dá-se um plano informacional cooperativo, reportando-os às intertextualidades acadêmicas importamos **esquemas presentativos, operatórios**, os quais teoricamente assentativos constituem o espaço e tempo relacional, ao cognitivo posto como explicação ontológica e epistemológica a submeter-se contudo ao processo enquanto pragmática com crianças, destacados os planos dinâmicos da interação real e relativa do pesquisador e seu objeto de pesquisa enquanto referenciais cognoscitivos, da compenetração dos processos intersemióticos enquanto esquemas de procedimentos a partir da centralidade da informação à inteligência verbal envolvendo extralingüisticamente modelos dos sistemas biofísicos ao que dos signos simbólicos enquanto consciência, signifique para o bem ou para o mal algo comum fluir intencionalidade da natureza do capital.

Nessas condições incoativas, delineiam-se, dos conteúdos as possibilidades de rever transcriptoanalíticas para sua aplicação em virtualidades de valores ecocosmológicos, partir de uma subjetividade invertida.

Bibliografia

- ABAURRE, M.B. Lingüística e psicopedagogia. In: _____ BARONE, (Org) **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
- ACOT, P. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ALMEIDA, M. C. Biologia social das emoções. [S.l.: s.n.] 2000. No prelo.
- ANAIS DOS SEMINÁRIOS E AUTO-ORGANIZAÇÃO. Campinas : CLE/UNICAMP, 1995
- ANDERSON, J. R. **The architecture of cognition**. Cambrige, MA : Harvard University Press, 1983 .
- ATLAN, H. **As finalidades inconscientes**. In: THOMPSON, M. I. (Org), *Gaia: uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Gaia, 1990.
- AUERBACH, E. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- AUSUBEL, A P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. A aquisição e o uso de conceitos. **Psicologia Educacional**, Rio de Janeiro, p. 73-95, 1980.
- AUSUBEL, D.P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune and Sttaraton, 1963.
- AUXIER, R. Concentric circles: an exploration of three concepts in process metaphysics. **SW Philosophy Review**, 1991, p.151 – 172.
- BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1965.
- BAILEY, B. Developmental theorises and instructional strategies. **Behavioral Development**; v.17, n.1, p.1-3, 1987.
- BAKTHIN, M. **Cultura popular na idade média e no renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- _____, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BARBARA, L. **Sintaxe transformacional do modo verbal**. São Paulo: Ática, 1975.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984.



- _____. **Novos ensaios críticos** : o grau zero da escritura. São Paulo : Cultrix , 1974
- _____. et al. **Masculino,feminino,neutro: ensaios de semiótica narrativa**. Porto Alegre : Globo,1976.
- BEGOSSO, L. C. **Ciência cognitiva: uma abordagem funcional da mente**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Marília
- BELL, D. The analytic tradition . **Philosophical Quaterley Monographs**, v.1.Cambridge: Cambridge Blackwell, 1990.
- BENJAMIN W.et al. **Textos escolhidos** .São Paulo: Abril Cultural, 1983.(Os Pensadores)
- BENJAMIN, W. **Humanismo e comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral** . Campinas: Pontes, 1995.
- BENNATON, J. **O que é cibernética** . São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1986.
- BERLINKY T.**A produção cultural para a criança**.Porto Alegre: Mercado Aberto,1984
- BIBLIOTECA INTERNACIONAL DE OBRAS CÉLEBRES. São Paulo , v.1, 1910
- BIZZO, N.N.V. História da ciência e ensino: onde paralelos possíveis? Em **Aberto** , Brasília, 1155 ,p.28-35, jul/set. 1992.
- BORDIEAU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983
- BROWN, R.W.; LENNENBERG, E.M. A study in language and cognition. **Journal of American Society Psychology** , p.454-462 , 1954.
- BROWN,T. Values and affectivity from a piagetian point of view. In: ANNUAL SYMPOSIUM OF THE JEAN PIAGET SOCIETY, 17., 1987, Philadelphia. **Proceedings...**Philadelphia, 1987.
- BUTOR , M. **Repertório** . São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil brasileira: histórias & histórias**; São Paulo; Ática, 1984.
- CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense 1987
- CAGLIARI, L.C. O príncipe que virou sapo: considerações a respeito da dificuldade de aprendizagem das crianças na alfabetização. **Cadernos de Pesquisa** , São Paulo, p.50-60, 1985.



- _____. **Alfabetização e lingüística** . São Paulo: Scipione ,1989 .
- CALDEIRA, A. M. A, SILVEIRA, L.F.B. O processo evolutivo: uma análise semiótica. **Ciência & Educação**, V.5, net , p. 95-100, 1998.
- CALDEIRA, J. N. **As nossas riquezas**: Município de Torrinha. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Irmãos Ferraz , 1929.
- CÂMARA , J. **Problemas de lingüística descritiva** . Petrópolis : Vozes, 1970 .
- CAMOCARDI, E. M. **Fernando Pessoa**: Mensagem : história ,mito, metáfora .São Paulo: Arte & Ciência, 1996.
- CÂNDIDO, A . **Os parceiros do Rio Bonito** . São Paulo, Editora 34, 1997.
- _____. **Tese e antítese** . São Paulo : Ed. Nacional , 1964
- CARONTINI, E. D.D. **O projeto semiótico** : elementos de semiótica geral . São Paulo : Cultrix, 1979.
- CARRAHER, T. et al. Desenvolvimento cognitivo e alfabetização . **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília , v.65 , n.149, p.35 – 38 ,1984 .
- CARRAHER, T. et al. O realismo nominal como obstáculo no aprendizagem da leitura . **Cadernos de Pesquisa** . São Paulo, n.39, 1981.
- CARVALHO, H. J. G. **Teoria da linguagem**: natureza do fenômeno lingüístico e a análise das línguas. 6ª ed. Coimbra : Coimbra Editora, V.1, 1983.
- CASTILHO, A .T. G. **Gramática do português falado**. Campinas. Ed. da UNICAMP, 1990
- CATANI, M. A . **O que é imperialismo**. São Paulo: Brasiliense 1992(Coleção Primeiros Passos) .
- CAVALCANTI , M. C. **Interação leitor–texto** : aspectos de interpretação pragmática .Campinas : Ed. da UNICAMP, 1988.
- CHALHUB , S. **Funções da linguagem**. São Paulo : Ática , 1987 (Série Princípios)
- CHIAROTTINO, Z. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget** . São Paulo: Ática, 1984.
- CHIBENI, S. S. **Aspectos da descrição da realidade** . Campinas : Centro de Lógica , Epistemologia e História da Ciência, 1997.
- _____. **Logica da sentença**. São Paulo: Perspectiva, 1974.



CHISHOLM, J.S. Developmental plasticity: an approach from evolutionary biology. In: MEHLER, J.S., FOX, R. (Ed). **Neonate cognition**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1985 p.417-434.

CHOMSKY, N. **Linguagem e pensamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971

_____. **Lingüística cartesiana**. Madrid: Cremos, 1972.

_____. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHURCHLAND, P. M. The ontological status of observables: In: praise of susperempirical virtues. **Churchland & Hooker**, 1985.

_____. Our self conception and the mind – body problem . In: _____ **Scientific realism and the plasticity of mind**. Cambridge: University Press , 1979 .

COHN, G. **Sociologia da comunicação** : teoria e ideologia . São Paulo : Pioneira , 1973 .

COLLI, G. **O nascimento da filosofia** . Campinas : Ed. da UNICAMP, 1988

COELHO , N. N. **Literatura e linguagem** : a obra literária e a expressão lingüística . Rio de Janeiro; José Olympio , 1974 .

_____. **Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira** : séculos XIX e XX . São Paulo : Edusp , 1995 .

COLAPIETRO , M.V. **Peirce's approach to the self** : a semiotic perspective on human subjectivity . New York : State University of New York Press , 1989 .

CÓRIA – SABINI, A . **Fundamentos de psicologia educacional** .São Paulo: Ática, 1990.

COUTINHO, A . **Crítica e poética**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

DASCAL , M. **Fundamentos metodológicos da lingüística** . Campinas : Ed. da UNICAMP , 1981 .

DAVIDSON , D .**Essais on action and events** . Oxford : Oxford University Press .

_____. D'ALESSIO, L. F. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1986.

DE LA TAILLE, Y.; et al. Construção da fronteira da intimidade: a humilhação e a vergonha na educação moral. **Cadernos de Pesquisa** ,São Paulo, n.82, p.43-55, ago.1992.

DELANEY, C. F. **Science, knowledge and mind**. London: Univerty of Nottre Dame Press, 1983.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo : Perspectiva, 1974.



- DELL 'ISOLA, R.L.P. **Leitura: inferências e contexto sócio-cultural**. Belo Horizonte, 1991.
- DENNET, D. C. **Kinds of minds: toward on understanding of consciousness**. New York: Basic Books, 1996.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DEWEY, J. **Democracia e educação**. São Paulo : Ed. Nacional, 1979
- DOLLE, J.M **Essas crianças que não aprendem: diagnósticos e terapias, cognitivas**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DRETSKE, F. **Knowledge and the flow of information**. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.
- DUPUY, J.P. **Nas origens das ciências cognitivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- DUVIGNAUD, J. **A sociologia: guia alfabético**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.
- ECO, U. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- EMEMECHE, C. A semiotical reflection on biology, living sings and artificial life. **Biol. Phil.**, p. 324-334, jl, 1991.
- ENCICLOPÉDIA TÉCNICA UNIVERSAL . Porto Alegre : Ed. Globo, 1958
- ENCICLOPÉDIA LABOR S.A . Montevideo: Editorial Labor, S., 1957
- FÉLIX, G. ROLNIK, S. **Micropolítica de atos**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FERRAZ e FERRAZ, M.G. **Religare: uma cartografia da fé** 1994. Tese (Doutorado) – Pontificia Universidade Católica, São Paulo.
- FIGUEIRA, R. A . **Causatividade**: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança. 1985. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: EDUSP, 1989.
- FISCH, M. H. The range of Peirce's relevance. **Monist** , v.65, p. 123-141, 1982.
- FOLHA DE SÃO PAULO: São Paulo : out. 1998.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas** . São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- FRAISSE, P.; PIAGET, J. **Tratado de psicologia experimental** .. São Paulo: Forense, 1972.
- FREIRE, P. **Sobre educação (diálogo)** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.



- FREITAG, B. Piagetianos brasileiros em desacordo?: contribuição para um debate : **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.53, p.33-44, maio, 1985.
- GARDNER, H. **Estruturas da mente**. A teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.
- GEERTZ, C. **O saber local** : novos ensaios de antropologia interpretativa . Petrópolis: Ed. Vozes ,1998.
- .GEORGE, F.H. **Semantics** . Edimburgh : The English Universities Press , 1964
- GHIRALDELLI J.P.; PRESTES, N, H. Filosofia, sociedade, educação. ano 1, n.1. 1997.
- GHIRALDELLI, Jr. P. **A filosofia da educação pós-moderna de Richard Rorty**. 1996.
- GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Bradford Books, 1981.
- GIÈRE, R. N. A natureza da ciência: uma perspectiva iluminista pós-moderna . **Colóquio de Ciências** , n.6, 1989.
- GIUSTA, A.S. **Processos de cognição e fracasso escolar**, 1989. Tese (Doutorado) . Universidade de São Paulo, São Paulo .
- GLASERSFELD, E. von.; STEFFE, L P. Conceptual models in educational research and practice. **Journal of Educational Thought**, 1998.
- _____. The construction of Knowledge : contributions to conceptual semantics. 1998
- GLEICK, J. **Caos** : a criação de uma nova ciência. Rio de Janeiro: Campo, 1991.
- GOLDMANN, L. **Epistemologia e filosofia política**. Lisboa. Ed. Presença, 1984.
- _____. **Introdução à sociologia** . São Paulo: Ed. Nova Crítica, 1967.
- _____. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1967.
- GONÇALVES, M.C.R. Bachelard e o materialismo racional. **Pensar a química**. Boletim SPQ, p.37, 1989.
- GRANGER, G.G. **Filosofia do estilo**. São Paulo : Perspectiva,1974
- GREIMAS, A . J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- GUIMARÃES, R. C. Lingüística de interações moleculares, In **trans/form/ação**, v. 14, São Paulo: Ed. Universidade de Estadual de São Paulo, 1991.



HAAPARANTA, L. . Peirce and the Logic of Scientific Discovery. In ____MOORE, E. (Ed.) ed- **Charles S. Peirce and the Philosophy of Science**. Tuscalloosa and London, The University of Alabama Press .1993; p. 105 – 118.

HACKING, I. **The taming of chance**. New York. Cambridge University Press, 1990.

HAUSMAN, C. In and out of Peirce's Percepto. **TRANS PEIRCE SOCIETY**, v. 26, m.3, p.271-308, 1990.

HAYAKAWA, S. I. . **A linguagem no pensamento e na ação** . São Paulo : Pioneira , 1977 .

HAVELOCK, E. A. . **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. São Paulo : EDUNESP , 1996.

HEIDEGGER, M.. **Os pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

HAVELOCK, E. A. . **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996 .

HITCH, Graham, J, de Ribaupierre, Anik. Preface . **International Journal of Behavioral Developent**; v.17, n.1, p.1-3, 1992.

HODSON,D. Investigación y experiencias didáticas. **Enseñanza de las ciencias** . , v.12 m.3, p. 299-343, 1994.

HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano** . São Paulo : Papyrus , 1972.

IBRI, J. A . **Kósmos noétos**. A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva.

INHELDER, B., PIAGET, J.. **O pensamento do adolescente** . da lógica da criança à lógica do adolescente . São Paulo: Pioneira, 1976.

ISER, W . **O ato da literatura** . São Paulo : Editora 34, 1996.

JAHODA, G. **A psicologia da superstição** .Rio de Janeiro :Paz e Terra , 1970 .

JAKOBSON, R. .**O que é poesia** . São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Fonema e fonologia** .Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1972.

JAUSS, H.R. **A literatura como provocação** .Vega: Passagens, 1993.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1987.

_____. **Estudos sobre psicologia analítica** . Petrópolis : Vozes , 1981 .



- KATO, M.A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.
- KANT, J. **Os progressos da metafísica.** Lisboa: Edições 70, 1985.
- KRISTEVA, J. **História da Linguagem.** Lisboa: Edições 70, 1969.
- KUHN, T. S. **As estruturas das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1994
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** São Paulo: Ática, 1984.
- LAWSON, A E. Is Piaget's epistemic subject dead? **Journal of Research in Science teaching**, New York, v.28, n.7,p.581-591, Sep. 1991
- LEÃO, L. **O labirinto da hipermídia.** São Paulo: Ed., 1999.
- LEMOS, G.T.G. de. A sintaxe no espelho. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.10., 1984.
- _____. de. Interacionismo e aquisição da linguagem. **Revista Delta**, São Paulo, v.5, n.2, 1985.
- _____. de. Teorias de diferenças e teorias de déficit, reflexão sobre programas de intervenção na pré-escola e na alfabetização. In: SEMINÁRIO MULTIDISCIPLINAR DE ALFABETIZAÇÃO, 1983. Brasília. **Anais...** Brasília:INEP, 1983. p.84
- LEMOS, G.T.G. de. Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 1., 1984, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre: CEAAL/PUCRS, 1984.
- LEMOS, M. A .B. **Reinventando o labirinto: o acaso na ciência e a crítica à modernidade.** In _____ J.L. (Org) Sociedade brasileira de história da ciência e da tecnologia. São Paulo: Annablume, 1993.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **O que é o virtual.** São Paulo : Ed., p. 34, 1996.
- _____. **A ideografia Dinâmica: rumo a uma inteligência artificial ?** São Paulo : Loyola, 1998.
- LEWIN, P. Construtivism and the epistemic objetct. In: ANNUAL SYMPOSIUM OF JEAN PIAGET SOCIETY,17., 1987, Philadelphia. **Proceedings...**Philadelphia, 1986.
- LEWIN, P. Reflective Abstraction and Representation. In: ANNUAL SYMPOSIUM OF JEAN PIAGET SOCIETY,16., 1987, Philadelphia. **Proceedings...**Philadelphia, 1986.



- LIGHTFOOT, C. Social contribution to the equilibration of action. In: ANNUAL SYMPOSIUM OF JEAN PIAGET SOCIETY, Philadelphia, 1987.
- LIZKA, J., Peirce and Jakobson: Towards a structuralist reconstruction of Peirce. In – TRANS PEIRCE SOCIETY., 17, 41-61, Wint 81-COM .
- LOBATO, M. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo : Editora Brasiliense, 1950
- LOURENÇO, O. Jean-Piaget : o psicólogo do necessário. **Revista de Educação**, Lisboa, v. 6, n. 2, 1997.
- MACEDO, L. Para uma aplicação da obra de Piaget: algumas considerações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.61, p.68-71, maio 1987.
- MACHERPE, M. **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português**. São Paulo: ECRT, 1970.
- MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**, 2. ed.; São Paulo: Summus, 1979.
- MENIN, M.S.S. **Autonomia e heteronomia às regras escolares: _ observações e entrevistas na escola**, 1985 .Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- MERCIER, P. **História da antropologia**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1974.
- MOISES, M. **A criação literária**. Poesia. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MONTOYA, A.O.D. **De que modo o meio social influi no desenvolvimento cognitivo da criança marginalizada?** 1983.Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MORAES, M.C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.
- MOREJON, J. G. **Límites de la estilística**. Assis: Faculdade de filosofia, ciências e letras, 1961.
- MORENO, A.R. **Wittgenstein: através das imagens**. Campinas: EDUNICAMP, 1993.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Portugal: Europa. América, 1996.
- _____. **Enigma do homem**. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.
- MORRIS, C. **Writings on the general theory of signs**. Paris: Mouton & Co., Printers, The Hague, 1971.
- NARDI, M. J. A . **A metáfora e a prática de leitura como evento social: instrumentos do pensar a biblioteconomia do futuro**, 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo .



- NIAZ, M. Role of the epistemic subject in Piaget's genetic epistemology and it's importance for science education. **Journal od Research in Science Teaching**, New York, v.28, n.7, p.569-580, sept. 1991.
- NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, Paidos, 1971.
- NIETZSCHE, F. Friedrich Nietzsche. In- **Os pré-socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NÖTH, W. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.
- _____. **Panorama da semiótica de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.
- OLIVEIRA, L. H. Ciência e magia dos fogos de artifício. In : **Superinteressante**. São Paulo. 04 dez, 1990.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. São Pulo : 8 –9. Jan. 2000 (Suplemento Feminino)
- _____. São Paulo : out. 1999
- PALMARINI, M.P. **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem** : o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky. São Paulo: Cultrix, 1995.
- PAPERT, S. **The Children's Machine: Rethinking School in the Age of the Computer**. 1993.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso** .Uma crítica à afirmação do óbvio . Campinas : Ed. da UNICAMP ,1988 .
- PEREIRA, W. Semiologia e pintura segundo René Passeron. **TRANS/FORM/AÇÃO**. São Paulo, p. 61-71, 1981.
- PEREZ, C. A . **Neomecanismo e aprendizagem na ciência cognitiva** , 1998. Dissertação (Mestrado).Universidade Estadual Paulista de Marília, 1998.
- PEIRCE, C. S. **Semiotic and signifiys**: the correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welb. Bloomington and London: Indiana University Press, 1977.
- _____. **Escritos coligidos** . São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores, v.36)
- _____. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- _____. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- PERROTTI, E. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone, 1986.
- PETERSON, J. Can Peirce be a pragmaticist and an idealist? **TRANS PEIRCE SOCIETY**, p. 221-235, 1991.



- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **A tomada de consciência**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- _____. **A linguagem e o pensamento da criança**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PIAGET, J. **A representação do mundo da criança**. Rio de Janeiro: Record, 1926.
- _____. **A construção do real na criança**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- _____. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro : Forense, 1973.
- _____. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro": Zahar, 1966.
- _____. **O raciocínio na criança**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- _____. **Para onde vai a educação**. 8, ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- _____. **Problemas de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- _____. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1967.
- _____. Coments to Vygotsky's critical remarks concerning the language and thought of the child. Trad. Odair Sass e Sônia Correa Marques. **Em Aberto**, Brasília, n. 48, out/dez, 1990.
- _____. **Le structuralisme**. Paris: Presses Universitaires de France , 1974 .
- PIAGET, J. Le langage et la pensée du point de vie genetique. In : **Acta Psychologica** , Amsterdam, v.10, n.51-60, 1954.
- _____. **Lógica e conhecimento científico**. Porto: liv. Civilização, v.1- 2, 1980.
- _____. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1970.
- _____. GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- _____. INHELDER, B. **Gênese das estruturas lógicas elementares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- _____. **O desenvolvimento das quantidades físicas na criança**: Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. Cognitive development in children: development and learning. **Journal of Research in Science Teaching**, New York, v.2,p.176,186, 1964.
- _____. et al. **Epistemoloia y psicologia de la identidad**. Bueno Aires: Paidos, 1971. (Pioneira da Ciências Sociais)
- PIJOAN, J. **Art in the modern world**. Chicago: University of Knowlwdge, 1940.



- PONTES FILHO. **Estudos de história do Amazonas**. São Paulo: Valer Editora, 2000.
- POTTIER, B. **Estruturas lingüísticas do português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- PRICE, R.E. A delineation of epistemic possibilities in explanations of cognitive development. In: ANNUAL CONVENTION OF THE AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 93., 1985, Los Angeles. **Proceedings**. Amsterdam: Psychologica, 1954, v.10., m..51/60, 1954.
- PRIGOGINE, J. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.
- RAMOZZI, C.H.Z. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget**. São Paulo: Ática, 1984.
- RICOEUR, P. **A metáfora viva**. Porto : Rés Editora, 1983.
- RIBEIRO, H. M. **Dois problemas da hipótese da interdisciplinaridade nas ciências cognitivas**, 2000 . Dissertação (Mestrado) . Faculdade de Filosofia e Ciência , Universidade Estadual de Marília .
- RICHARDS, I. A . **Princípios de crítica literária**. Porto Alegre : Globo, 1967.
- RICHARDSON, W. J. Atlantic Highlands, Humanities PR, 1980. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- TAVARES, M.G.T. **A visão do mundo através de um texto : a coerência como atividade epistêmica**, 1996.Dissertação(Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista de Marília .
- _____. As interfaces epistemológicas do hipertexto. Pièrre Lévy o pensamento da estrutura cibernética. **Estudos**. São Paulo Arte e Ciência , v.1, p.191-198, 1997.
- RONAN, C.A, **História ilustrada da ciência**. São Paulo: Círculo do Livro, v.1, cap.2, p.64-131, 1987.
- RORTY, R. Nietzsche, Sócrates e o pragmatismo . **Cadernos Nietzsche**, v. 4, p.7-16, 1998.
- ROSSI, P. **A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- ROTH, R. J. Anderson and Peirce's concept at abduction: further reflections .TRANS PEIRCE SOCIETY, v. 24, p. 131-139, 1988
- ROUSSEAU, J. J. **Rousseau** . São Paulo : Abril Cultural , 1983 . (Os pensadores) .



- RUYER, R. **La cibernética y el Orígem de la Informacion**. México, DF: Fonde de Cultura Economica, 1992.
- SANFORD, A S. **Fonologia gerativa**, Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SANTOS, J.M.R. **Alfabetização : uma questão epistemológica**, 1990.Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SARTRE, J. P. **A imaginação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- SHAPIRO, M. **The sense of grammar : language as semeiotic**. Indiana : University Press, 1983.
- SEARLE, J. **A redescoberta da mente**, São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SEBEOK, T. A. **Studies in semiótica**. Indiana: Indiana University Republications, 1976.
- SEBEOK, T. A. **Sherlok Holmes y Charles S. Peirce**. El metodo de la investigación. Barcelona : PAIDÓS, 1987.
- SHAFF, A. **A sociedade informática**. São Paulo; Editora Brasiliense, 1991
- SILVEIRA, A **iconicidade do signo lingüístico e algumas de suas conseqüências: o falar da linguagem**. São Paulo, Ed. Lovise, 1996.
- _____. Aprender versus ensinar: Charles Sanders Peirce e a universidade americana no final do século XIX. **Trans/form/ação**, São Paulo, v.5, p. 77-84, 1982.
- SILVEIRA, L. F. B. da Aprender versus ensinar: Charles Sanders Peirce: Ciência enquanto semiótica. **Trans/form/ação**. São Paulo, v. 12, p.71-84, 1989.
- _____. O caráter dialógico e social do signo e do pensamento em Peirce. São Paulo: **trans/form/ação**, v. 11, 1988.
- _____. Semiótica peirceana e produção poética. **trans/form/ação**. São Paulo, 1983.
- _____. Amazing Amazon : metáfora do pensamento/metaphor of thought. In Garcia, José Wagner (org.) – **Amazing Amazon, Estética Evolucionária/ Evolutionary Esthetics**. São Paulo. Estadão Cultura, 1999, p. 86 - 97
- _____. Charles Sanders Peirce e a Contemporânea Filosofia da Ciência : Uma difícil Conversação, **trans/form/ação**, vol. 1, 63 – 82, 1993.
- _____. Acaso, existência e lei num universo em evolução. **Cognitio**, São Paulo, m.1, p.127-137, 2000.



_____. A produção social da linguagem: uma leitura do texto de Mikhail Bakhtin (V.N. Volochinov), Marxismo e filosofia da linguagem. **Trans/form/ação**. São Paulo, p. 15-39, 1981.

_____. Semiose : diálogo e linguagem (xerocopiado) Marília, 2001 (no prelo)

SEMINÁRIOS DO GEL , XLIX ,2001 , Marília , **Anais ...** Assis : UNESP .

SMITH, J. **Purpose and thought** . New Haven Yale Univerty Press, 1978.

SMOLKA, A B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1988.

SMOLKA, A L.B. **A prática discursiva na sala de aula : uma perspectiva teórica e um esboço de análise**. Cadernos CEDES, São Paulo, n.24.

STETTER, C. Peirce and Saussure. KODIKAS/ CODE,v.1, p. 124-149, 1979. IN CUM SYMPOSIUM OF THE JEAN PIAGET SOCIETY, 17., 1987, **Proceedings**.

TAVARES , M. F. M. Conhecer os filósofos de Kant a Comte . Lisboa : Ed. Presença, 1916 .

THOMAS, H. ; THOMAS, D. L. **Vidas de grandes poetas**, Porto Alegre: Editora , 1958.

TODOROV , I . **Os gêneros do discurso** . São Paulo : Martins Fontes , 1980 .

TOUCHARD, P.A, São Paulo. **O teatro e angústia dos homens**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

TRIVINHO, E. **Epistemologia em ruínas: a implosão da teoria da comunicação na experiência da ciberespaço**.

TURSMAN, R. **Peirce's theory of scientific discovery: a system of logic conceived as semiotic**. Local: Bloomington Indiana Univ. Press, 1987.

ULMANN, S. Semântica. **Uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VON FOESTER , H . On self – organizing systems and their environments . In : _____

ZOPF, F.(Org.) **Principles of the self – organizing system** . Chicago : Pergamon , 1962.

VALSINER, J. **Culture and development of children's action**: a natural historical theory of development psychology. New York: John Wiley, 1987.

VON PFUHL RODRIGUES, P. M. A, Leis físicas e leis infantis: idéias de flutuação. **Cadernos de história e filosofia da ciência**, Campinas, 1980.



WIENER, N. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. São Paulo : Cultrix, 1968.

_____. **Cibernética** : controle e comunicação no animal e na máquina .São Paulo : Polígono , 1970 .

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ZAMBERLAN, M.A.T. **Julgamento da complexidade de padrões de figuras e de desempenho operatório em crianças de seis a oito anos**. São Paulo: USP,

ZILBERMAN, R.; CADERMATORI, L. M. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KEY- WORDS:

- 1 - communicational sensibility
- 2 - epistemic creativity
- 3 - piagetian epistemic subject

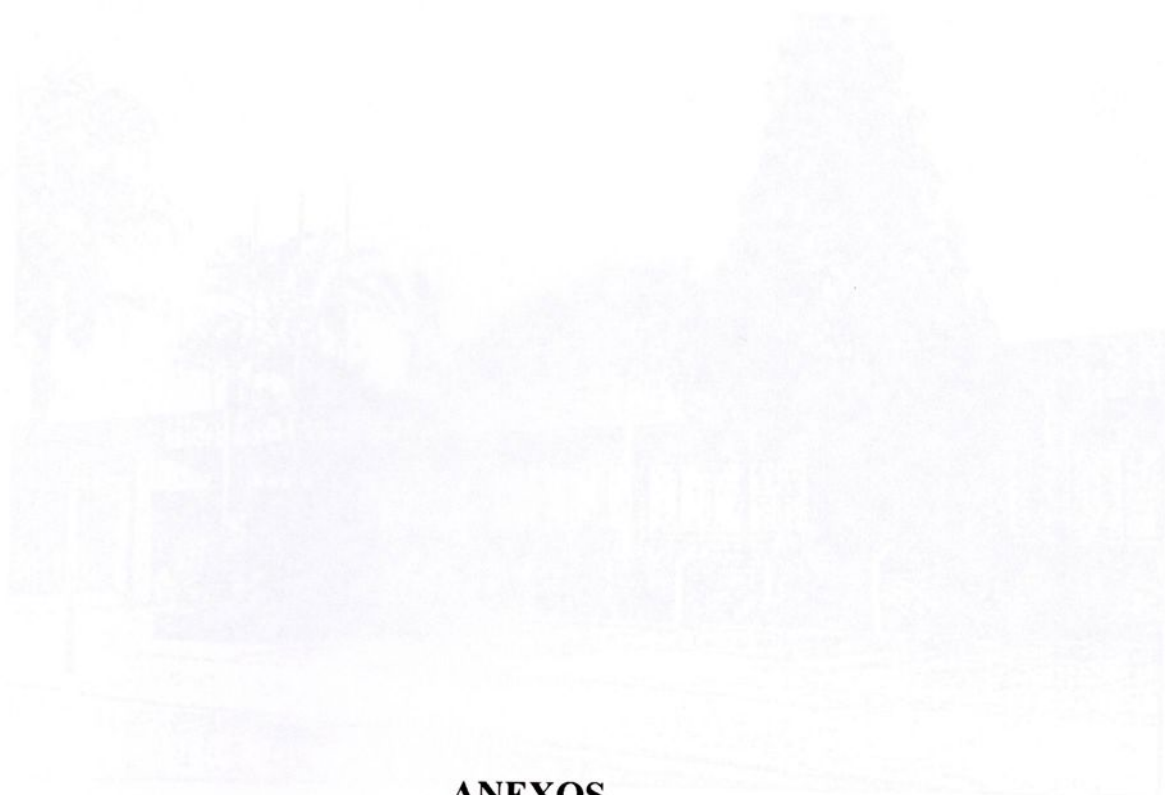
ABSTRACT

This work investigates grammatical aspects of rationality in communicational semiosis. While subsuming philosophically theoretical objects of interpretive transcendence for subjectivity, it concerns meaning effects which imply learning as manifestation of biological intelligence, and process and structure organically affected and correlated with relational reading of epistemic creativity. From abstract and complex theme on cybernetics and philosophy link-up in order to think deontologically nature and culture, it gave priority to an important amount of possibilities of that learning to be thought with regard to aspects which characterize peircean "scientific intelligence", to what from life and educational practices to daily routine means to developing children according to Piaget. It searched to recognize fulcral aspects of meaning, through ways of wholeness and joy in expliciting tacit knowledge in abstractive activity, and perlocutional effects are analysed in texts written by children ageing from 9 to 12 years.

That inherent quality was formed from critical reflection, microethnographic and heuristic procedures, based on arguments from which an explanatory and implying metalanguage is derived. It contributes by supporting and widening permanent investigation a little more in the field of cognitive aesthetics and ethics, by trying to understand as transcriptoanalytical possibilities scientific lines of affectionability toward language concerning with a more meaningful relationship in educational semiosis, and by thinking about what means in the axiological sphere theoretical foundations in legitimacy language a piagetian epistemic subject and a peircean cosmic subject.

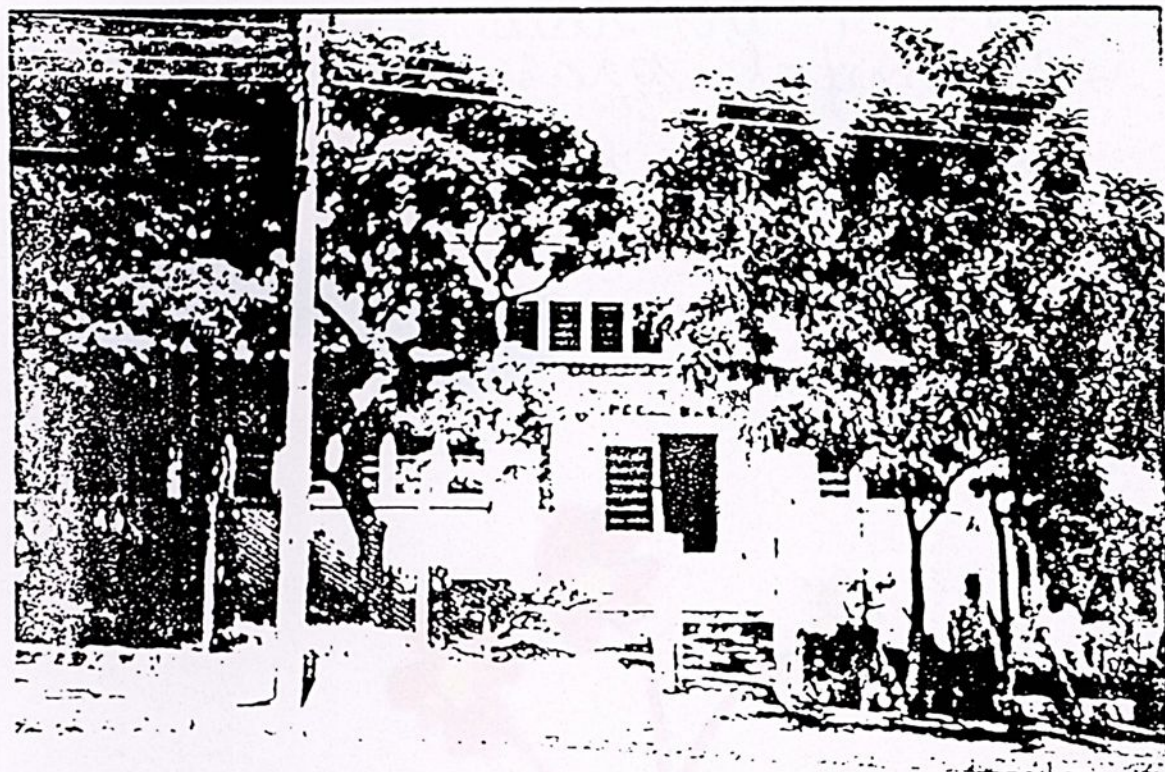
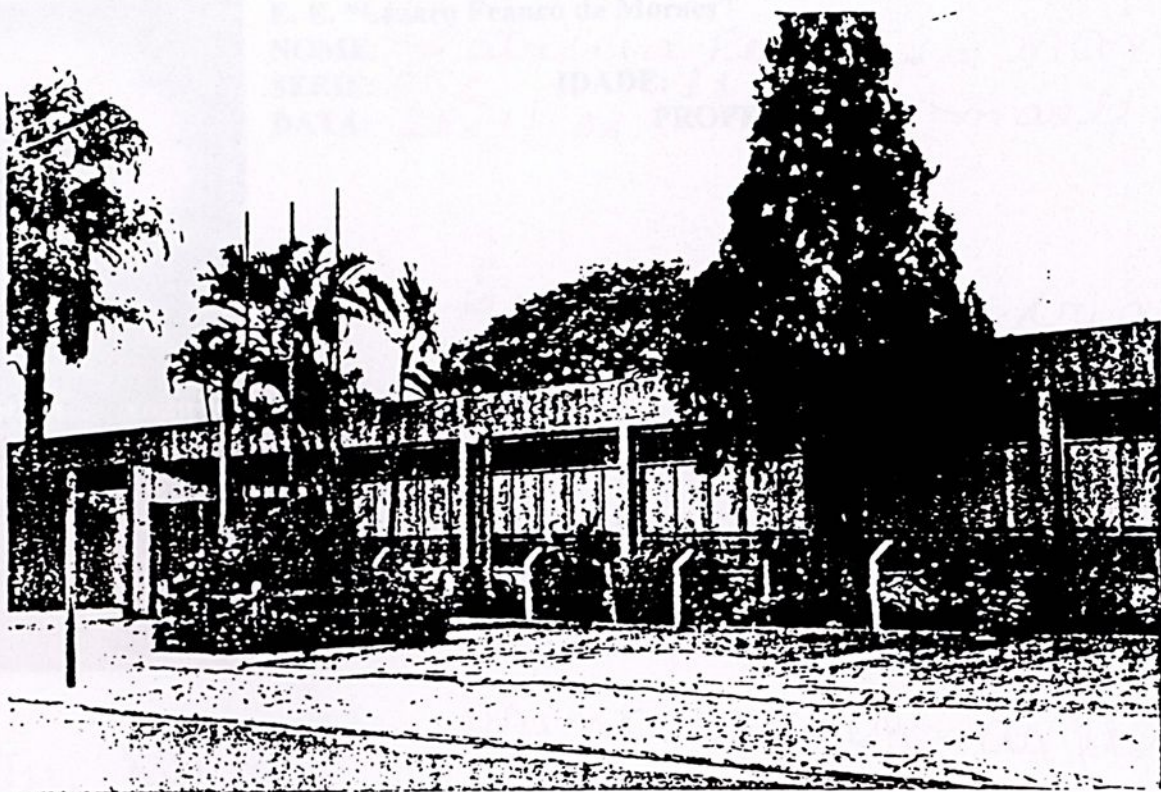
KEY- WORDS:

1. communicational semiosis
2. epistemic creativity
3. piagetian epistemic subject



ANEXOS





E. E. "Lázaro Franco de Moraes"

NOME: Patrícia Fernanda Mangan

SÉRIE: 5.º C IDADE: 11 anos

DATA: 25/11/88 PROFESSOR: D. Marlene

Ele some por aí... voando

Experiência de Criança

Quando eu era criança eu brincava de muitas coisas. As lembranças são ótimas.

Eu brincava com as flores e meu jardim com por exemplo: rosa, margarida, pipão etc.

Minha vida era se divertir e brincava todos dias. Na minha casa, no sítio, na praça enfim. Foi uma infância ótima.



Nome Lucas B.B. serie 2 idade 11 anos

EE Roque Pastor Luna - SP

Dente de leão

Describe

descreva
É uma planta que é
anualinha que tem um
talo muito fininho que se vende
e na base de onde
verdadeira e é redondinha
e quando o vento bate
ela sempre de um
lado amarela que
gruda na nossa roupa.





04.06.20

[illegible][illegible]

January 18th 1880. New York & Co.



